

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FLAVIO LUIZ LANDIM

A presença nigeriana na cidade de São Paulo: a experiência migratória entre a Nigéria e o Brasil

São Paulo

2023

FLAVIO LUIZ LANDIM

A presença nigeriana na cidade de São Paulo: a experiência migratória entre a Nigéria e o Brasil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades

Orientador: Prof. Dr. Paulo Daniel Elias Farah

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Lp Landim, Flávio Luiz
A presença nigeriana na cidade de São Paulo: a experiência migratória entre a Nigéria e o Brasil / Flávio Luiz Landim; orientador Paulo Elias Daniel Farah - São Paulo, 2023.
308 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Nigéria. 2. Imigração. 3. Africanos. 4. Boko Haram. 5. São Paulo. I. Farah, Paulo Elias Daniel, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Flavio Luiz Landim_____

Data da defesa: __21__ / __08__ / __2023__

Nome do Prof. (a) orientador (a): Paulo Daniel Elias Farah_____

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, __23__ / __10__ / __2023__

Paulo Farah

(Assinatura do (a) orientador (a))

FLAVIO LUIZ LANDIM

A presença nigeriana na cidade de São Paulo: a experiência migratória entre a Nigéria e o Brasil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: _____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedico este trabalho à memória dos meus amados avôs, Felipe Benicío Paes Landim e Arlinda Ribeiro de Santana, e a minha companheira maravilhosa, Débora Nery Spíndola.

AGRADECIMENTOS

Ao querido Professor Doutor Paulo Daniel Elias Farah pela atenção, paciência e apoio durante todo o processo de orientação.

Às minhas amadas filhas, Camila Landim e Bianca Landim, às minhas irmãs Rosângela, Solange e Rosana Landim.

Às minhas netas Isabella e Julia Landim.

Aos meus amigos que me ajudaram a fazer este trabalho.

A todos e todas nigerianas da cidade de São Paulo pela simpatia, receptividade e inestimável colaboração nesta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP).

E, sobretudo, a Deus que me guia em todos os momentos da minha vida.

Eneke, o pássaro, diz que, desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a mira, ele aprendeu a voar sem pousar.

(ACHABE, Chinua, 1958)

RESUMO

LANDIM, F. L. **A presença nigeriana na cidade de São Paulo:** a experiência migratória entre a Nigéria e o Brasil. 2023. 308 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O objetivo desta Dissertação de Mestrado foi empreender um estudo sobre a imigração nigeriana na cidade de São Paulo, constatando através da pesquisa de campo e de entrevistas com os próprios imigrantes nigerianos as principais motivações que os levaram a migrar para essa cidade e verificando quais são as reais condições de vida dessas pessoas. A hipótese inicialmente levantada sobre a vinda dos nigerianos para São Paulo diz respeito às ações radicais do grupo Boko Haram, intensificadas no final da década de 2010, que contribuíram intensamente para o aumento do número de refugiados do país, sobretudo da região norte da Nigéria, local de maioria muçulmana, principal território de atuação do movimento terrorista. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) – Tendências Globais (2023), os principais destinos destes imigrantes são: Camarões, Chade e Níger, entretanto, uma porcentagem desse montante migrou para o Brasil. Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e da Polícia Federal, a maior parte dos imigrantes e refugiados nigerianos que vivem em São Paulo mora no bairro de Guaianases, Zona Leste da cidade. Com base nas categorias imigração, refúgio e trabalho, pretende-se entender as causas dessa migração: o porquê da escolha pelo Brasil e especificamente pela cidade de São Paulo; apurar os problemas enfrentados pelos nigerianos ao sair do seu país de origem e sua adaptação na nova nação, sobretudo na capital paulista. Utilizando a metodologia de História Oral Temática, embasada por um abrangente questionário em português e inglês contendo 23 perguntas, abordou-se, sob diferentes ângulos, suas histórias de vidas pregressas na Nigéria, bem como os diversos aspectos que englobam seus desafios e lutas diárias, entremeadas por alegrias e tristezas, mas, sobretudo, pela superação das suas dificuldades na cidade de São Paulo. Através dessas entrevistas foi possível constatar que a causa principal da imigração dos nigerianos para a capital paulista não foi devido à atuação do grupo radical Boko Haram, na Nigéria, mas sim pela procura por trabalho e, principalmente, por melhores condições de vida.

Palavras-chave: Nigéria. Imigração. Africanos. Boko Haram. São Paulo. Trabalho.

ABSTRACT

LANDIM, F. L. **The Nigerian presence in the city of São Paulo**: the migratory experience between Nigeria and Brazil. 2023. 308 p. Masters Thesis (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The objective of this Master's Thesis was to undertake a study on Nigerian immigration in the city of São Paulo, verifying through field research and interviews with Nigerian immigrants themselves the main motivations that led them to migrate to this city and verifying what are the real living conditions of these people. The hypothesis initially raised about the arrival of Nigerians to São Paulo concerns the radical actions of the Boko Haram group, intensified at the end of the 2010s, which contributed intensely to the increase in the number of refugees in the country, especially from the northern region of Nigeria, place with a Muslim majority, the main territory where the terrorist movement operates. According to data from the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) — Global Trends (2023), the main destinations of these immigrants are: Cameroon, Chad and Niger, however, a percentage of this amount migrated to Brazil. According to data from the National Committee for Refugees (CONARE) and the Federal Police, the majority of Nigerian immigrants and refugees living in São Paulo live in the Guaianases neighborhood, East Zone of the city. Based on the categories of immigration, refuge and work, the aim is to understand the causes of this migration: why they chose Brazil and specifically the city of São Paulo; investigate the problems faced by Nigerians when leaving their country of origin and adapting to the new nation, especially in the capital of São Paulo. Using the Thematic Oral History methodology, based on a comprehensive questionnaire in Portuguese and English containing twenty-three²³ questions, which addressed, from different angles, their previous life stories in Nigeria, as well as the different aspects that encompass their challenges and daily struggles, interspersed with joys and sadness, but, above all, with overcoming difficulties in the city of São Paulo; Through these interviews, it was possible to confirm that the main cause of Nigerian immigration to the capital of São Paulo was not due to the actions of the radical group Boko Haram, in Nigeria, but rather the search for work and, mainly, better living conditions.

Keywords: Nigeria. Immigration. Africans. Boko Haram. São Paulo. Work.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa político da Nigéria.....	39
Figura 2 – Foto de estátua de girafa na entrada da loja, Praça da República	64
Figura 3 – Interior da loja, máscaras africanas e artigos diversos	65
Figura 4 – Foto de loja de produtos africanos, Praça da República.....	66
Figura 5 – Foto de entrada de loja, Praça da República	67
Figura 6 – Modelos nigerianas fotografadas na Lagos Fashion Week, em 2019	74
Figura 7 – Fachada do Centro Comercial Presidente, ou Galeria do Reggae.....	81
Figura 8 – Frente do prédio da Galeria Presidente	82
Figura 9 – Vista interna da Galeria Presidente	83
Figura 10 – Escadaria da Galeria Presidente	84
Figura 11 – Tecidos africanos e produtos nigerianos em geral	86
Figura 12 – Tecidos africanos e produtos nigerianos em gerall	87
Figura 13 – Cartaz do Filme Cidade Pássaro.....	88
Figura 14 – Mapa político da Nigéria.....	89
Figura 15 – Nigerianos fazendo passeata contra fechamento de seu Consulado.....	100
Figura 16 – Cartaz do filme “Era o Hotel Cambridge”	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pessoas forçadas a fugir para o mundo inteiro (2012-2022)	27
Gráfico 2- Fluxos de refugiados, pessoas em situações semelhantes a refugiados e outras pessoas que precisam de proteção internacional de sua região de origem para sua região de asilo. Período de 1975 a 2022	29
Gráfico 3 – Dados da solicitação de refúgio Tttal para o Brasil.....	34
Gráfico 4 Etnia dos nigerianos.	41
Gráfico 5 – Porcentagem entre mulheres e homens nigerianos.....	44
Gráfico 6 – Ano de nascimento dos nigerianos	45
Gráfico 7 – Cidade de origem dos imigrantes nigerianos.....	47
Gráfico 8 – Motivações para migração.....	48
Gráfico 9 – Conhecimentos sobre o Brasil.....	49
Gráfico 10 – Ajuda financeira	50
Gráfico 11 – Porque os nigerianos escolheram o Brasil.....	51
Gráfico 12 – Porque os nigerianos escolheram a cidade de São Paulo	52
Gráfico 13 – Região de São Paulo em que moram os nigerianos.....	53
Gráfico 14 – Adaptação à cultura brasileira	53
Gráfico 15 – Dificuldade com o idioma português	55
Gráfico 16 – Imigrantes nigerinos que tiveram alguma experiência com o racismo.....	56
Gráfico 17 – Profissões que os nigerianos exercem no Brasil.....	61
Gráfico 18 – Trabalho que os nigerianos exerceram na Nigéria	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
ACP	Grupo da África, Caraíbas e Pacífico
APC	Congresso de Todos os Progressistas
BIBLI-ASPA	Biblioteca e Centro de Pesquisa América do Sul-Países Árabes-África
CIA	Central Intelligence Agency
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
CRNM	Carteira de Registro Nacional Migratório
DIVERSITAS	Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos
ECOWAS	Economic Community of West African States
EDUCAFRO	Educação Afrobrasileiras
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
FE	Faculdade de Educação
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FLM	Frente de Luta por Moradia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPOB	Povo Indígena do Biafra
ISNA	Islamic State North African
MSTC	Movimento dos Sem-tetos da Capital
OCM	Organização Mundial do Comércio
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organizações das Nações Unidas
PAE	Programa de Ajuste Estrutural
PIB	Produto Interno Bruto
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	IMIGRAÇÕES E DESLOCAMENTOS INTERNACIONAIS.....	21
2.1	METODOLOGIA E BASE TEÓRICA	21
2.2	PANORAMA INTERNACIONAL DAS MIGRAÇÕES – ACNUR.....	24
2.3	NIGÉRIA: CARACTERÍSTICAS GERAIS E FATOS HISTÓRICOS	31
2.4	EMIGRAÇÃO NIGERIANA PARA SÃO PAULO, BRASIL	33
3	PERFIL DOS IMIGRANTES NIGERIANOS.....	39
3.1	ETNIAS DOS NIGERIANOS	40
3.2	GÊNEROS DOS NIGERIANOS	42
3.3	IDADE DOS NIGERIANOS.....	44
3.4	CIDADES DE ORIGEM DOS NIGERIANOS.....	45
3.5	MOTIVOS DA IMIGRAÇÃO NIGERIANA	47
3.6	CONHECIMENTOS PRÉVIOS SOBRE O BRASIL.....	48
3.7	AJUDA FINANCEIRA PARA MIGRAÇÃO AO BRASIL.....	49
3.8	OS MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO BRASIL E A DA CIDADE DE SÃO PAULO	50
3.9	REGIÕES DE SÃO PAULO EM QUE OS NIGERIANOS RESIDEM.....	52
3.10	ADAPTAÇÕES DOS IMIGRANTES NIGERIANOS À CULTURA BRASILEIRA.....	53
3.10.1	Dificuldades com a língua	54
3.10.2	Racismo e xenofobia	55
3.10.3	Religiões dos imigrantes nigerianos	57
3.11	TRABALHOS: AS PROFISSÕES EXERCIDAS PELOS IMIGRANTES NIGERIANOS (NIGÉRIA/BRASIL).....	60
4	DEPOIMENTO DOS ENTREVISTADOS NIGERIANOS.....	71
4.1	ETNIAS	71
4.2	GÊNEROS.....	69
4.3	FAMÍLIA/ AMIGOS.....	74
4.3.1	Família	74

4.3.2	Galeria Presidente	81
4.4	MOTIVOS DA IMIGRAÇÃO	89
4.5	CONHECIMENTOS PRÉVIOS DO BRASIL E A ESCOLHA PELA CIDADE DE SÃO PAULO	95
4.6	COMUNIDADE NIGERIANA EM SÃO PAULO.....	99
4.7	ADAPTAÇÃO CULTURAL: LÍNGUA PORTUGUESA, RACISMO E XENOFOBIA E RELIGIÃ	104
4.8	BOKO HARAM	120
4.9	COMPARAÇÃO ENTRE NIGÉRIA E BRASIL, SEGUNDO OS PRÓPRIOS ENTREVISTADOS	123
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS.....	134
	APÊNDICE A – Questionário da entrevista	141
	APÊNDICE B – INTERVIEW	143
	APÊNDICE C – Entrevistas	145

1 INTRODUÇÃO

Como será mostrado no presente trabalho, o tema do refúgio apresenta números relevantes na atualidade, inclusive maiores do que os registrados durante a Segunda Guerra Mundial, no que toca à quantidade de deslocamentos e de refúgios no âmbito internacional. No plano nacional, o tema merece maior destaque em decorrência dos obstáculos encontrados pelos refugiados durante os processos de integração em solo brasileiro.

As condições de chegada e o passado difícil enfrentado pelos imigrantes recepcionados na última década pelo Brasil compõem o quadro de vulnerabilidade que acompanha tais sujeitos no processo de acolhimento. Circunstâncias reais e inesperadas marcam de forma permanente a vida destas pessoas, as quais lidam com a desintegração familiar e com perdas materiais e emocionais enquanto se adaptam a um novo país, bem como uma nova cultura, língua e costumes diferentes.

Em um cenário migratório cada vez mais complexo, no qual se considera a condição vulnerável dos imigrantes, o processo de integração deveria ser estruturado com base em conceitos mais atuais e amplos do que o considerado conceito de assimilação como, por exemplo, o de multiculturalismo. Ou seja, com a adoção de medidas que promovam garantias e integração no pleno exercício de direitos, acesso aos serviços públicos e respeito à identidade e cultura dos imigrantes.

O presente trabalho tem como finalidade estudar os principais elementos do cenário migratório, estruturado na última década no Brasil, para que se possa ponderar sobre os conceitos adotados no processo de integração e as políticas públicas existentes. Dentro de uma metodologia teórico-dissertativa, pretende-se levantar os fundamentos teóricos existentes na matéria, com visões interdisciplinares, para colaborar com uma reflexão crítica sobre o tratamento desse assunto no país. Para tanto, abordaremos o panorama histórico migratório mundial recente, bem como paradigmas concretos observados nos depoimentos de imigrantes nigerianos na cidade de São Paulo. Acreditamos que a união de tais elementos trará bases para uma compreensão ampla e profunda sobre o tema da migração.

Em 2011 iniciei meus estudos no bacharelado de História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) na Universidade de São Paulo (USP), finalizando-os em 2015, quando me tornei bacharel em História. Já no ano seguinte, em 2016, concluí a licenciatura em História pela Faculdade de Educação (FE), igualmente na USP. No ano de 2019 realizei o processo de seleção no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, vinculado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e fui aprovado.

Quando iniciei o mestrado, já pensando em ter mais tempo hábil para realizar as pesquisas de campo, cumpri os meus créditos obrigatórios. Desde então, além de realizar minhas entrevistas, me

empenhei em participar de cursos de cultura e extensão, seminários e debates na busca de conhecimento e de um maior aprofundamento quanto ao meu tema de estudo.

Esta pesquisa tem por objetivo principal analisar as trajetórias e as histórias de vida empreendidas pelos imigrantes nigerianos no Brasil, mais especificamente, na cidade de São Paulo, especialmente a partir de 2010, ano em que, segundo dados da Polícia Federal, houve um aumento expressivo no fluxo migratório de africanos como um todo para o Brasil. Averiguamos que, nesse mesmo ano de 2010, houve também a propagação das ações extremistas do grupo Boko Haram em território nigeriano.

Com base na História Oral e em documentos que cruzaremos aos relatos, com dados governamentais do Brasil e da Nigéria e de agências internacionais como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) agência da Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC), a Organização Internacional das Migrações (OIM), dentre outras, pretendemos entender o processo de imigração nigeriana para o Brasil a partir de quatro eixos:

- a) Os motivos que levaram/levam os nigerianos a migrar de seu país. Temos como hipótese inicial que o principal motivo a ensejar a migração nesse país é a instabilidade política verificada por ações extremistas, a partir do norte da Nigéria, pelo grupo extremista Boko Haram, mas pretendemos ir mais a fundo nessa análise, identificando outros motivos relevantes;
- b) O porquê da escolha pelo Brasil e especificamente a cidade de São Paulo;
- c) Como se dá a relação entre o Estado brasileiro e estes imigrantes;
- d) As condições de vida e trabalho dos nigerianos em solo brasileiro.

Com base nos eixos de análise acima expostos, construímos nossa dissertação sobre este tema.

Justificamos nosso tema, primeiramente, pela relação secular existente entre o Brasil e a região da atual Nigéria, relação esta que precede a própria nação nigeriana. Boa parte dos escravizados transportados ao Brasil durante o período da escravidão provinha de nações situadas no atual estado da Nigéria, mais especificamente os Yorubás (também grafado como iorubás) e os Hauçás (também grafado como hauçás).¹ A cultura brasileira deve muito às tradições Yorubás e Hauçás, os

¹ “Os **sudaneses** dividiam-se em três subgrupos: Yorubás, gegês e fanti-ashantis. Esse grupo tinha origem do que hoje é representado pela Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e seu destino geralmente era a Bahia. Já os **bantus**, grupo mais numeroso, dividiam-se em dois subgrupos: angola-congoleses e moçambiques. A origem desse grupo estava ligada ao que hoje representa Angola, Zaire e Moçambique (correspondentes ao centro-sul do continente africano) e tinha como destino Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo. Os **guineanos-sudaneses muçulmanos** dividiam-se em quatro subgrupos: fula, mandinga, Hauçás e tapas. Esse grupo tinha a mesma origem e destino dos sudaneses, a diferença estava no fato de serem convertidos ao islamismo”. (Prisco, Yá comendadora Carmen S. As Religiões de Matriz Africana e a Escola. Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana. *ILÈ ASÉ E*

descendentes desses povos tiveram presença marcante em nossa história o que, a nosso ver, demanda um maior conhecimento sobre esses povos e sua relação com Brasil ao longo dos séculos. Governantes dos dois países já reconheceram essa proximidade e esse reconhecimento engendrou iniciativas como a Casa da Nigéria na Bahia² centro cultural apoiado pelo governo da Bahia e por representantes do governo nigeriano. Outra iniciativa semelhante é a Casa Brasil Nigéria³, localizada no Rio de Janeiro.

Outro ponto que salientamos para justificar o nosso projeto é a pouca produção acadêmica voltada ao tema em tela. Em nossa pesquisa inicial, encontramos a dissertação “Nigéria: história da política externa e das relações internacionais”, redigida por Guilherme Ziebell de Oliveira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2012. Pelo Departamento de Geografia da UnB, temos a monografia de Ian de Oliveira Nogueira: “MIGRAÇÃO E TRABALHO: Imigrantes nigerianos na cidade de São Paulo”, em 1980. Mais próximo à nossa perspectiva está o estudo de Afoluke Olabisi Atoyebi, nigeriano radicado no Brasil, que defendeu a dissertação de mestrado: “Um estudo das Relações Bilaterais entre o Brasil e a Nigéria sob a estrutura das Relações Sul-Sul”, pelo Departamento de Relações Internacionais da USP, também em 2012. No entanto, não encontramos nenhum trabalho referente ao nosso tema feito ou em andamento no Departamento de História da USP e acreditamos ser necessária pesquisa dessa natureza, pelos motivos que elencamos acima.

Este trabalho tem como objetivo principal tratar do tema referente à imigração nigeriana na cidade de São Paulo, que foi escolhido após sucessivas visitas à região central da cidade de São Paulo, mais especificamente ao bairro do Brás, local onde foi constatada a presença de muitos imigrantes africanos de diversas nacionalidades. Essa situação me sensibilizou, bem como moveu o meu lado humanitário no sentido de querer descobrir quem são essas pessoas, esses imigrantes, e quais as suas histórias de vida. Devido à constatação de múltiplas nacionalidades, achei por bem escolher um país específico, no caso a Nigéria, pelo fato de o país possuir uma relação histórica com Brasil, antes mesmo da sua constituição como nação e devido ao grande fluxo de escravizados advindos da região do Golfo da Guiné durante a Diáspora Negra entre os séculos XVI e XIX que provinham de nações situadas no atual estado da Nigéria, mais especificamente os iorubás, hauçás e igbos. Além disso, a cultura brasileira deve muito às tradições desses três povos que tiveram presença marcante em nossa história; a meu ver isto demanda um maior conhecimento sobre eles e suas relações com o Brasil ao

INSTITUTO OROMILADE, Praia Grande–SP, 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/02/As-Religoes-de-Matriz-Africana-e-a-Escola-Apostila-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.)

² Bahia e Nigéria: os fortes laços com religião, culinária e música. (*Ibahia*, Salvador, 2013. Disponível em: <https://www.ibahia.com/esportes/bahia-e-nigeria-os-fortes-lacos-com-religiao-culinaria-e-musica>. Acesso em: 20 out. 2023).

³ *INSTITUTO PALMARES de DIREITOS HUMANOS*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ipdh.blogspot.com/2010/07/casa-brasil-nigeria.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

longo dos séculos. Este tema foi motivo da minha escolha, igualmente, devido aos grandes fluxos migratórios atuais que, segundo o relatório de 2023 do ACNUR, são os maiores desde a II Guerra Mundial. Por consequência disso, decidi escolher a Nigéria e seus cidadãos residentes na cidade de São Paulo como objeto de estudo.

No primeiro capítulo desta dissertação, abordaremos a questão da imigração internacional, incluindo (a) grupos de refugiados em geral e (b) grupos de refugiados africanos, nigerianos e outras etnias do refúgio e da migração, estabelecendo uma diferenciação entre refugiado, imigrante e apátrida⁴⁴. Ainda nesta seção, apresentam-se números atualizados de refugiados no mundo e no Brasil.

O segundo capítulo versa sobre o perfil dos imigrantes nigerianos na cidade de São Paulo, caracterizando especificamente os dados colhidos no trabalho de campo junto a esses; apresentando tabelas e gráficos dos dados de acordo com os testemunhos.

É importante ressaltar que optei por usar nomes fictícios de cidades ou províncias nigerianas para garantir a privacidade e a segurança dos entrevistados.

A faixa etária, que abrange em sua grande maioria pessoas entre 30 e 42 anos e alguns poucos com mais de 50 anos, nos coloca a importância da recente onda migratória, que mobiliza todo o continente africano e as pessoas oriundas da Nigéria, país do sudoeste africano. Outro item relevante elencado neste capítulo é a questão de gênero a qual se comprova através do trabalho de campo uma maioria absoluta de homens em relação às mulheres que, apesar de serem minoria, são muito bem-sucedidas em suas profissões, sobretudo no setor de comércio e de serviços. Observa-se ainda o alto índice de escolaridade dos membros desta comunidade, sendo que a maior parte dos nigerianos possui curso superior completo em diversas áreas do conhecimento. Enfatizamos também neste capítulo as diversas profissões exercidas pelos nigerianos na capital paulista, que vão desde comerciantes a professores de inglês, além de trabalhadores da iniciativa privada com carteiras assinadas a trabalhadores autônomos. Registramos neste item as preferências religiosas destas pessoas que,

⁴ Segundo o ACNUR Brasil, o termo imigrante se refere em específico à pessoa que vem de um outro país, enquanto “emigrante” é quem deixa seu país de origem para viver em outro – ou seja, o imigrante é considerado um emigrante para seu país de origem e vice-versa. No Brasil a Lei nº 13.445, publicada em 2017, estabelece as regras para a entrada de imigrantes no país. Dentre as várias modalidades de visto temporário, por exemplo, há o de visto humanitário, utilizado para permitir a entrada de imigrantes em situação de vulnerabilidade social que não se enquadram na Lei de Refúgio. O refugiado é uma pessoa que abandonou o seu país em busca de segurança, fugindo de conflitos ou abusos graves aos direitos humanos. Assim, refugiado é aquele que sofre perseguição por raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas e que esteja fora do seu país natal; ou seja, sua vida, integridade física ou liberdade estava ameaçada. Já apátrida é a pessoa que não tem nacionalidade reconhecida por país nenhum, isso pode ocorrer quando há conflitos entre nações, ou a pessoa faz parte de uma minoria discriminada pela legislação vigente, ou porque há um processo de independência recente e nem todos os moradores foram reconhecidos como cidadãos da nova nação. A lei brasileira segue a Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas. (Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto UNHCR. *ACNUR. Brasil*. Out. 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>. Acesso em: 23 out. 2023).

segundo depoimentos, são em sua maioria cristãs e em seguida muçulmanas em que algumas se declaram praticantes de religiões afro-brasileiras como o candomblé, sendo que tivemos a honra de ter, entre nossas entrevistadas, uma mãe de santo, nascida e criada boa parte de sua vida na Nigéria, onde sua mãe e sua avó também tinham essa mesma distinção, todas provenientes da mesma linhagem. A cidade e a região destes imigrantes também são desveladas, sendo a maioria absoluta da região sudoeste daquele país e, conseqüentemente, a origem da etnia dos entrevistados ser distribuída, em proporções iguais, entre Yorubás e Igbos, como podemos observar em seus relatos. Outro aspecto significativo desta dissertação, destacado neste capítulo, são os locais de residência, os quais podemos constatar que os membros destas comunidades estão espalhados por todas as regiões da cidade de São Paulo, pelas zonas norte, oeste, mas sobretudo nas partes leste e sul da capital paulista e até mesmo em municípios vizinhos como Itaquecetuba, Guarulhos e Osasco.

No terceiro capítulo destacamos os depoimentos dos imigrantes nigerianos que residem na capital paulista, junto à análise e a comentários, com a visão deles a respeito do Brasil, antes mesmo de embarcarem para o nosso país, qual era a imagem que tinham do povo brasileiro e quais aspectos culturais foram ressaltados pelos mesmos. E agora, vivendo na metrópole paulistana, os nigerianos discorrem sobre suas vidas e a convivência com familiares e amigos na Nigéria, os problemas existentes em sua terra natal narrados, muitas das vezes com emoção e tristeza, bem como os desafios enfrentados diariamente na cidade, onde a maioria foi acolhida por familiares ou amigos e alguns contaram, tão somente, com o apoio de ONGs ou de entidades religiosas para poder sobreviver antes de se estabelecerem, mesmo que precariamente, na cidade de São Paulo. Neste capítulo, particularmente, podemos constatar por meio dos testemunhos, apesar dos inúmeros casos de racismo e preconceitos relatados, um sentimento de gratidão com o Brasil e, principalmente, pela cidade de São Paulo que proveio aos mesmos e a seus familiares tanto aqui quanto na Nigéria, através de remessas de numerários demonstrando condições de vida bem melhores do que as que desfrutavam no seu país de origem Segundo depoimentos, em vários casos careciam de condições básicas de saúde, educação e segurança e, ao mesmo tempo, padeciam em consequência de uma corrupção sistêmica em diversos setores daquela sociedade.

As considerações finais trazem reflexões sobre as condições de vida que envolvem os imigrantes nigerianos na cidade de São Paulo, abordando os conceitos de territorialidade, multiculturalidade e alteridade dentro dos processos de globalização, localismo e glocalismo. Ali comentaremos sobre os diversos aspectos sociais que dizem respeito à vida dos mesmos, referentes às dificuldades com a língua, questões que envolvem racismo, moradia, trabalho, religião e família. Colocaremos ainda nossas impressões a respeito das lutas pela sobrevivência, seus sonhos, a gratidão com o Brasil, em especial com a cidade de São Paulo, a saudade dos familiares, as alegrias e

decepções com a sua terra natal, bem como demais aspectos pertinentes que envolvem a vida e o cotidiano destes imigrantes na capital paulista.

No caso da Nigéria a situação revela-se bastante dramática, pois este país africano conta com uma porcentagem da população muito jovem e, de acordo com o depoimento da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019), a respeito do seu livro “O perigo de uma história única”, a concorrência para uma vaga de emprego geralmente chega a mais de 1/10.000 candidatos por vaga⁵. Nesse contexto, esta Dissertação analisa um importante motivo da imigração nigeriana, especificamente para a cidade de São Paulo, que ocorre devido à falta de trabalho no país de origem, bem como a busca por melhores condições de vida, tanto para os mesmos quanto para seus familiares que continuam na Nigéria.

⁵ ADICHIE, C. *O perigo da história única*. Oxford, England, jul. 2017. 1 vídeo (18 min. 49 s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 12 maio 2022.

2 IMIGRAÇÕES E DESLOCAMENTOS INTERNACIONAIS

2.1 METODOLOGIA E BASE TEÓRICA

O tema migração é algo mais corriqueiro na FFLCH/USP, mas a maioria dos trabalhos tem como foco a América Latina, sobretudo os bolivianos e os haitianos em se tratando de São Paulo. Dentre os grupos africanos, notamos um interesse maior pela parte da África que fala português. Pretendemos seguir as diretrizes metodológicas desse campo bastante cotejado. Para tornar mais claros nossos pressupostos teóricos, vamos a uma breve análise sobre este campo. No campo dos estudos migratórios existe uma pluralidade de correntes explicativas. De acordo com o geógrafo Celso Amorim Salim (1992), as propostas que procuram entender os estudos das migrações estão divididas em:

- a) modelos neoclássicos contemporâneos e a mobilidade da força de trabalho (Gaudemar, 1997);
- b) análises empiristas e escola histórico-estrutural (Gonzales, 1979);
- c) análises sociológicas derivadas dos enfoques histórico-estruturalistas e da modernização (Oliveira, Stern, 1980);
- d) modelo de equilíbrio da migração e a perspectiva histórico-estrutural (Wood, 1982);
- e) perspectivas demográficas, econômicas e sociológicas – incluindo a teoria da modernização – e histórico-estrutural (Raczynski, 1983);
- f) correntes da psicologia face à concepção comportamental-racionalista e correntes estruturais com enfoques da modernização e histórico-estrutural (Ferreira, 1986).

Dos modelos acima elencados, inclinamo-nos para o de análise histórico-estrutural que vê a migração não como um ato soberano do indivíduo ou soma de escolhas individuais, mas como um fenômeno, relação, processo social, em que a unidade é o fluxo composto por classes sociais ou grupos socioeconômicos que emanam de estruturas geograficamente delimitadas. A migração é “um fenômeno social cujos determinantes e consequências remetem a outros fenômenos sociais historicamente determinados e que se relacionam a processos de mudança estrutural em uma formação social particular” (Balan, 1978, p. 58-59).

Segundo Amadou Hampaté Bâ (1979), nenhuma hipótese de penetrar a história e o espírito dos povos africanos será válida a menos que se apóie na herança de todo tipo de conhecimentos transmitidos com muita paciência, do mestre ao discípulo ao longo dos séculos, pela tradição oral. Entre as nações do chamado Ocidente, a escrita tem precedência sobre a oralidade e o livro é visto como um dos principais agentes da herança cultural. Por isso, durante muito tempo, deduziu-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura e sem história. Para alguns estudiosos o problema é

saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita no que diz respeito ao testemunho de fatos passados.

De acordo com o autor,

o testemunho, seja ele escrito ou oral, é apenas um testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos, como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro do homem. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como foram narrados ou em particular, tal como ele mesmo o narra. (Ki-Zerbo, 2010, p. 168).

Para Hampaté Bâ (1979) nada prova, a priori, que a escrita seja fruto de um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração. As crônicas das guerras modernas mostram que cada nação escreve a história “como bem quer”, com base em seus próprios interesses ou para justificar um ponto de vista. Além disso, os próprios documentos escritos nunca estiveram livres de falsificações e alterações, intencionais ou não, tendo como exemplo os copistas e as controvérsias quanto às “Sagradas Escrituras”.

Portanto, o autor conclui que o que está por trás do testemunho é o próprio valor do homem que fez o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade numa determinada sociedade. Resumindo: a ligação entre o homem e a palavra. São nas sociedades orais que não só a função da memória é mais desenvolvida, bem como a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita o homem está intimamente ligado à palavra que profere. Está totalmente “comprometido” com ela. É a palavra e esta encerra um testemunho do que ele é. A própria coesão da sociedade está fundada no valor e no respeito pela palavra.

Nesta pesquisa trabalhei com a História Oral, utilizando os depoimentos dos nigerianos que residem na cidade de São Paulo; com esses relatos pude construir uma rede seguindo a metodologia proposta. Outras pessoas contempladas foram os religiosos comprometidos com centros de assistência aos imigrantes, além de voluntários e prestadores de serviço a ONGs e afins.

Tendo como base os pressupostos teóricos apresentados por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) dentro da tipologia História Oral Temática, esta é a que “mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação dos trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. Quase sempre ela equipara o uso da documentação oral ao uso de outras fontes” (Meihy, 2005, p. 162). Da mesma forma cruzei os relatos orais com outras fontes, de origens diversas. Ainda segundo Meihy (2005), a História Oral Temática, valendo-se “do produto da entrevista como se fosse mais um documento, compatível com a necessidade de busca de esclarecimentos, a atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos fica muito mais explícita” (Meihy, 2005, p. 162).

Alessandro Portelli (1997), outro teórico da História Oral, acerca da credibilidade das fontes orais, atesta que estas:

São aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” sai ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis. (Portelli, 1997, 32).

A metodologia empregada no trabalho tem como base a história oral, além de documentos que cruzaremos aos relatos dos imigrantes e dados governamentais brasileiros, nigerianos e de agências internacionais (ONU, OMC, OIM, dentre outras). Em relação à primeira, como apontado, trabalharemos com o pressuposto apresentado por José Carlos Bom Meihy (2005), dentro da tipologia de História Oral Temática. Nesse sentido, não trabalhamos apenas com História Oral de Vida, que privilegia os testemunhos e as narrativas; nossa proposta foi cruzar os relatos orais com outras fontes, de origens diversas.

Com base em dados estatísticos fizemos uma amostragem de imigrantes nigerianos para chegarmos a uma porcentagem significativa desse grupo. No trabalho de campo utilizamos como método principal o de obtenção de dados com técnicas de interlocução como questionários e entrevistas. Foram utilizados como material de apoio caderno para anotações e com a permissão do entrevistado o uso do gravador ou o registro da videoconferência, quando a entrevista era *online*, no contexto da pandemia.

Posteriormente ao trabalho de campo os dados foram estatisticamente comparados e analisados com os dados oficiais. Em relação às outras fontes pretendemos trabalhar com a legislação concernente ao tema que nos toca, em âmbito municipal, estadual, federal e global.

A metodologia principal desta pesquisa consistiu na realização de entrevistas com imigrantes nigerianos que vivem em São Paulo, além da revisão bibliográfica sobre o tema.

Adotou-se uma metodologia qualitativa cuja intenção foi compreender os sujeitos – imigrantes nigerianos – com base nos seus pontos de vista, experiências e concepções do real, a fim de compreender valores, crenças, motivações e sentimentos humanos dentro do seu contexto de significados.

Segundo Minayo (1994), “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade, apenas na vinculação dos sujeitos sociais mais significativos para o problema investigado” (Minayo, 1994, p. 43). Isto significa que a pesquisa qualitativa não necessita de um grande número de interlocutores para garantir a sua representatividade, ela depende da

qualidade da informação do tema a ser estudado.

Nossa definição de imigrante é a consubstanciada por Abdelmalek Sayad (1998), que define o imigrante como:

Essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária e em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante é, nesse caso, quase pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para migração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho (...). Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que a fez existir, é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. (Sayad, 1998, p. 54-55).

2.2 PANORAMA INTERNACIONAL DAS MIGRAÇÕES – ACNUR

Imigração é um termo que se refere ao deslocamento de uma pessoa ou de um grupo de um território em direção a outro com o objetivo de fixar moradia em uma localidade diferente do seu país de origem. Esse processo se dá por diferentes motivos: políticos, culturais, naturais e principalmente econômicos, sendo que uma das experiências da imigração é vivida com rupturas nos laços familiares, afetivos, linguísticos, simbólicos e constitutivos da pessoa; a experiência transcorre também no acumular de referências culturais, por vezes, contraditórias.

É importante apresentar os conceitos e as diferenças entre apátridas, refugiados e migrantes. A primeira palavra se refere à pessoa que não tem nacionalidade reconhecida por país nenhum; isso pode ocorrer quando há conflitos entre nações, ou a pessoa faz parte de uma minoria discriminada pela legislação vigente ou porque há um processo de independência recente e nem todos os moradores foram reconhecidos como cidadãos da nova nação. A lei brasileira segue a Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954. Já o refugiado é a pessoa abandonou o seu país em busca de segurança, fugindo de conflitos ou abusos graves aos direitos humanos. A lei brasileira classifica o refugiado como aquele que sofre perseguição por raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas que estejam fora do seu país natal. Uma pessoa também pode se enquadrar na lei de refúgio se for obrigada a deixar o seu país por grave e generalizada violação de direitos humanos, ou seja, se sua vida, integridade física ou liberdade estava ameaçada, mas só pode pedir refúgio quem já estiver em solo brasileiro. O migrante é toda e qualquer pessoa que sai de sua terra natal no seu país de origem; é considerado emigrante e no destino imigrante. Entre as várias modalidades de visto temporário, por exemplo, há o de acolhida humanitária utilizado para permitir a entrada de emigrantes em situação de vulnerabilidade social que não se enquadram na Lei do Refúgio.

O estatuto jurídico do imigrante é distinto, pois ele perde os direitos sociais de seu país de origem e, no novo ambiente, é considerado estrangeiro, tendo que submeter-se a leis que o colocam

em situação de apátrida.⁶

Quem imigra opta por essa medida em busca de melhores condições de vida. Os deslocamentos populacionais fazem parte de toda a trajetória da humanidade e o avanço das tecnologias e da comunicação foi importante para impulsionar esses movimentos.

Diferentes razões motivaram os deslocamentos populacionais ao longo da história, sejam forçados, sejam espontâneos. O migrante forçado, chamado de refugiado, é aquele que sofreu uma perseguição política, cultural ou por conflitos bélicos e crises políticas ou sociais. Já a migração espontânea parte de desejos de foro íntimo, sendo a economia a principal motivadora dos processos migratórios no mundo. A busca por oportunidades de trabalho e maior renda está no topo da lista de um movimento conhecido como “fuga de cérebros” (a saída de profissionais qualificados para outras nações). Há países que incentivam o recebimento de imigrantes para ampliar a oferta de mão de obra ou diminuir os efeitos do envelhecimento na própria população. Assim, conseguem controlar os problemas da economia local e equilibrar o oferecimento de políticas públicas.

O empreendimento que envolve os deslocamentos populacionais sempre foi coberto de perigos e riscos. Além da partida, viagem e impactos da chegada, há a questão do relacionamento entre culturas diferentes, divergências por vezes duradouras, um campo de tensões com a sociedade receptora. Os processos migratórios, dependentes de numerosas causas, muitas vezes se enquadram por motivações políticas, econômicas, étnico-culturais, emergenciais, consequências de desastres naturais, dos recrutamentos de empresas, além das familiares e pessoais.

Como “outros”, ou minorias, os estrangeiros são vistos como “não nós” em franca produção de alteridade. A análise transnacional representa novo campo analítico ao interpretar o fenômeno da migração como constituído por múltiplas relações entre os imigrantes com seus locais de origem e de destino. Esse lugar transnacional de relações sociais conecta grupos e indivíduos de distintos pontos de vista sociais, religiosos, familiares, econômicos, políticos e organizacionais e faz com que se acentuem processos locais e globais, extrapolando fronteiras geográficas, culturais e políticas. Supera-se, deste modo, a terminologia tradicional que dividia os imigrantes em três categorias, os temporários, os retornados e os permanentes. O imigrante é visto agora como transmigrante, vivenciando múltiplos contatos não só com o seu país de origem, mas também com o ambiente receptor e sem modificar necessariamente seu sistema de vida, bem como os hábitos e valores de sua terra natal (Glick-Schiller *et al.*, 1992 apud Silveira, 2014).

Os mercados de trabalho, atualmente, têm um caráter mistificador da liberdade, pois esta existe, na verdade, apenas por detrás dos muros (físicos e jurídicos) que regulam os fluxos migratórios

⁶ Ver, entre outros, Sayad, 1998, Rocha-Trindade, 1995.

ao fixarem os emigrantes e inferiorizarem os imigrantes (Corsini, 2010). Vivenciamos uma época de transição, na qual inúmeras possibilidades se revelam possíveis em busca de uma cidadania global transformando circulação em liberdade. Os fluxos migratórios no mundo têm colocado na pauta global a importância das nações e seus líderes estarem atentos ao que se passa em diferentes territórios. Crises econômicas, sociais e ambientais estão sendo debatidas de modo que as pessoas se sintam menos propensas a sair da região onde vivem.

A Organização das Nações Unidas (ONU) vem estudando junto aos Estados-membros para que esse fenômeno global seja feito de modo que impacte positivamente. Em 2018 foi publicado o texto Pacto Global⁷ para Migração Segura, Ordenada e Regular, que foi fruto da cooperação multilateral entre 160 países membros das Nações Unidas sobre os Refugiados para uma migração ordenada, regular e segura, a fim de aumentar a cooperação internacional permitindo que haja ordem, segurança e progresso econômico para todos.

A migração ordenada gera impactos muito importantes para as sociedades contemporâneas, em especial na cultura e nos costumes, além de um possível crescimento econômico. Todas as grandes nações se valeram dos processos migratórios, razão que torna fundamental a proteção dos direitos dessas pessoas.

A migração é um fenômeno que nas últimas décadas tem se intensificado e várias são as causas, dentre elas as questões políticas, culturais, econômicas e sociais, caracterizadas por guerras, perseguições políticas e procura por melhores condições de vida.

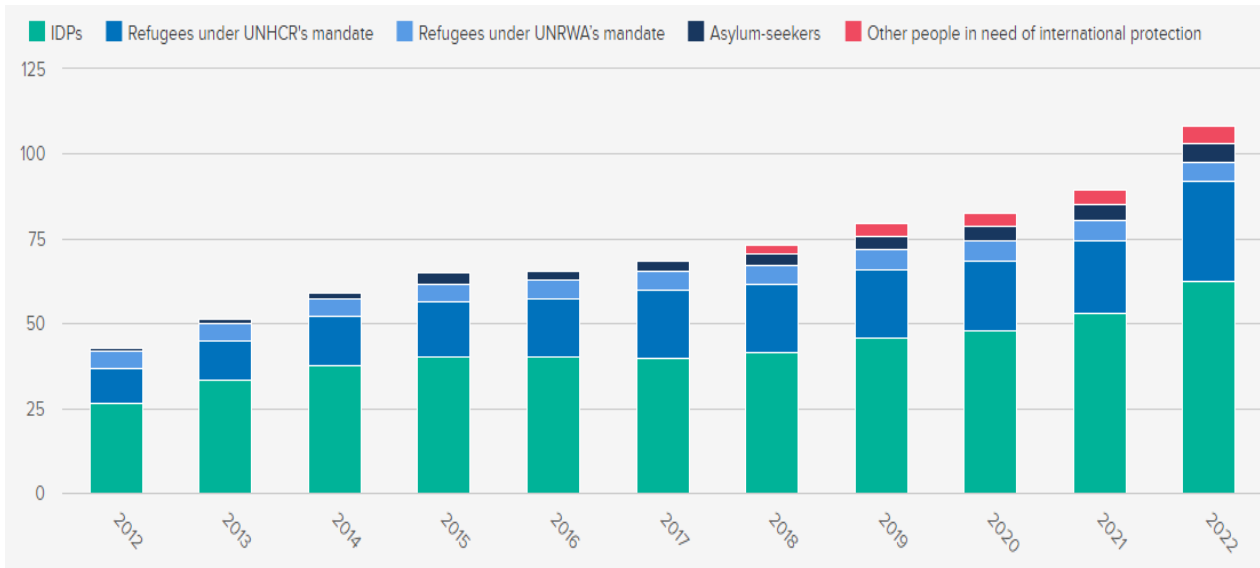
Segundo Villen (2016), o aumento no número de imigrantes começou a ser mais visível nos períodos entre 2006 e 2014, pois o momento econômico brasileiro apresentava certas oportunidades de negócios. De acordo com o autor, para entender o movimento migratório, deve-se olhar o mercado de trabalho; segundo ele, o mercado de trabalho funciona como sendo o termômetro para a medição desses números. Villen (2016) entende que nesse período o Brasil estava se projetando internacionalmente, o que justifica a procura de empregos. O Brasil passou a ser visto como terra das oportunidades e local que atraía os imigrantes que estavam à procura de empregos e chances de uma nova vida.

Em relatório emitido pelo ACNUR em junho de 2023, aponta-se que, no final de 2022, 108,4 milhões de pessoas em todo o mundo foram deslocadas à força como resultado de perseguição, conflito, violência, violações de direitos humanos e eventos que perturbam seriamente a ordem

⁷ Pacto Global sobre os Refugiados: Em que aspecto é diferente do pacto dos migrantes e como ajuda as pessoas forçadas a fugir? Nações Unidas *ONU News*. Perspectiva Global Reportagens Humanas. dez. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/12/1652121>. Acesso em: 22 out. 2023.

pública⁸. Todos esses dados trazem grande repercussão mundial e incitam à reflexão da opinião pública, além de exigirem uma maior atenção das autoridades e Estados, demandando mobilizações globais e respostas imediatas⁹.

Gráfico 1 – Pessoas forçadas a fugir para o mundo inteiro (2012-2022)



Fonte: UNHCR ACNUR, 2023.

A cor verde corresponde às pessoas deslocadas internamente; a cor azul corresponde aos refugiados sob a responsabilidade do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados da ACNUR; a cor azul claro corresponde à Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina; a cor azul escuro corresponde a requerimentos por exílio; a cor vermelha corresponde a outras pessoas que precisam de proteção internacional.

O número de refugiados em todo o mundo aumentou de 27,1 milhões em 2021 para 35,3 milhões no final de 2022, o maior aumento anual já registrado, de acordo com as estatísticas do ACNUR sobre deslocamento forçado. O aumento ocorreu em grande parte devido aos refugiados da Ucrânia que fugiram do conflito armado internacional em seu país. No geral, 52% de todos os refugiados e outras pessoas que precisam de proteção internacional vieram de apenas três países: a República Árabe da Síria (6,5 milhões), a Ucrânia (5,7 milhões) e o Afeganistão (5,7 milhões).

A maioria das pessoas que são forçadas a fugir nunca atravessa uma fronteira internacional, permanecendo deslocadas dentro de seus próprios países. Conhecidas como pessoas deslocadas

⁸ GLOBAL TRENDS FORCED DISPLACEMENT IN 2022. 2023. *UNHCR*. ACNUR. Disponível em: <https://www.unhcr.org/sites/default/files/2023-06/global-trends-report-2022.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

⁹ Como foi o caso da Declaração de Nova Iorque para Refugiados e Imigrantes de 2016 da ONU e o Pacto Global para Refugiados, que serão analisados no próximo capítulo.

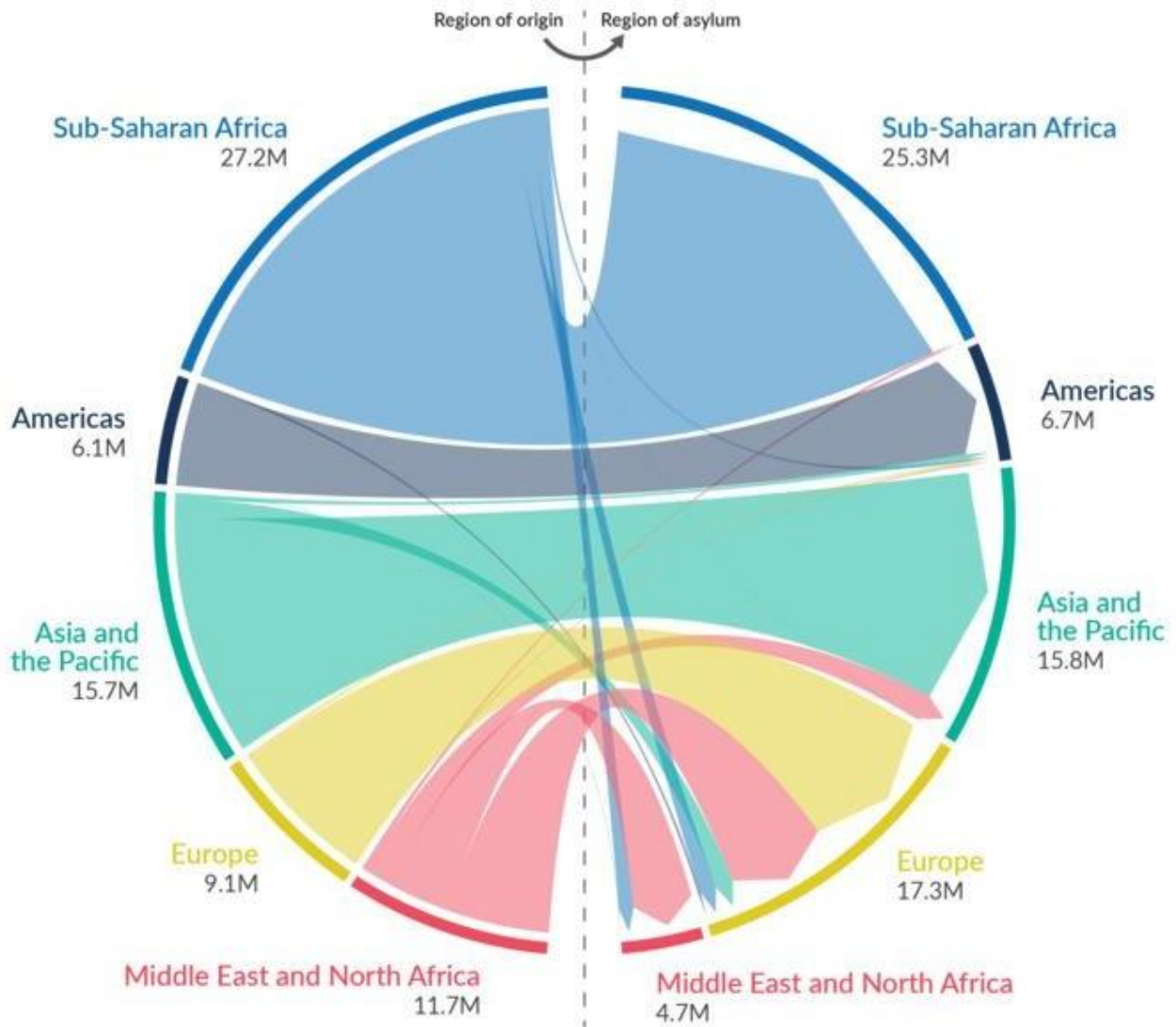
internamente, ou deslocados internos, representam 58% de todas as pessoas deslocadas à força. O maior número de pessoas deslocadas em seu próprio país foi de 6,8 milhões na Síria, consistente com o final do ano anterior. Isso significa que 1 em cada 3 sírios que permanecem em seu país ainda estavam deslocados internamente no final de 2022, após mais de uma década de conflitos.

Além de conflitos e violência, as pessoas foram deslocadas em seus países devido a desastres. Durante o ano foram relatados 32,6 milhões de deslocamentos internos devido a desastres, com 8,7 milhões de pessoas permanecendo deslocadas no final de 2022, de acordo com o Centro de Monitoramento de Deslocamentos Internos. O deslocamento interno relacionado a desastres representou mais da metade (54%) de todos os novos deslocamentos em 2022.

Esse quadro foi agravado pelo impacto persistente da pandemia de COVID-19. Apesar desses riscos sistêmicos, uma coisa que dificilmente mudará em 2023 é que a maioria dos refugiados e pessoas deslocadas ficam o mais próximo possível de seus países. No final de 2022, 70% dos refugiados, incluindo pessoas em situações semelhantes a refugiados e outras pessoas que precisam de proteção internacional, eram hospedados por países vizinhos. Nas últimas cinco décadas, três quartos dessas mesmas populações permaneceram em sua região de origem.

Como podemos observar no gráfico a seguir, referente à Região de origem e à Região de asilo, o mesmo demonstra que a África Subsaariana é a região de onde mais saem pessoas em situação de refúgio, e a que mais acolhe. Seguida pela Ásia e pela região do Pacífico, além de Oriente Médio e norte da África; vindo em sequência a Europa e as Américas.

Gráfico 2- Fluxos de refugiados, pessoas em situações semelhantes a refugiados e outras pessoas que precisam de proteção internacional de sua região de origem para sua região de asilo. Período de 1975 a 2022



Fonte: UNHCR ACNUR, 2023.

A última publicação do relatório “Tendências Globais” do ACNUR, em 2023, traz relatos de que houve crescimento no número de pessoas deslocadas quer pela guerra quer por outros fatores sociais. Em maio de 2022, mais de 100 milhões de pessoas deixaram as suas regiões de origem devido a problemas políticos, sociais e culturais. No Brasil, o primeiro movimento migratório é associado ao comércio de pessoas escravizadas vindas da África. Passadas décadas, vieram outros povos, da Europa e da Ásia. Isso mostra que o Brasil sempre foi destino final da migração.

Em junho de 2022, havia 3,1 milhões de pessoas deslocadas internamente na Nigéria, forçadas a deixar suas casas no nordeste devido a mais de uma década de insurgência e conflitos. Elas fogem do conflito entre fazendeiros e pastores em outras partes dos seus países.

Segundo a ACNUR¹⁰, a Nigéria também abriga mais de 85.000 refugiados e requerentes de asilo. A maioria dos refugiados – cerca de 78.000 mulheres, homens e crianças – fugiu da violência nos Camarões. Com o apoio do ACNUR, a Nigéria permite que os refugiados se movam livremente e trabalhem legalmente. Eles recebem cuidados primários de saúde como nacionais e seus filhos podem ir para escolas locais. O governo também forneceu terras para assentamentos de refugiados. O trabalho do ACNUR para deslocados internos na Nigéria se concentra em proteção, abrigo e itens não alimentares como cobertores, enquanto parte da resposta humanitária conjunta. O ACNUR Nigéria também fornece apoio aos meios de subsistência para autoconfiança, assistência em dinheiro, além de apoiar a água, o saneamento, a saúde e a educação como áreas prioritárias.

Atualmente, o ACNUR desenvolve um projeto piloto chamado Labondo Integração Local, na cidade de mesmo nome, que visa mostrar que soluções duráveis para populações deslocadas em termos de integração local podem ser realizadas pelo governo e outras partes interessadas da Nigéria. Essa iniciativa tem em vista contribuir para a abordagem holística do governo nigeriano de soluções duráveis para pessoas deslocadas internamente e refugiados nigerianos, retornados de mais de 454 famílias no Estado de Adamawa, promover a integração local, atendendo às necessidades da comunidade anfitriã e promovendo a coesão social.

O projeto está alinhado com a agenda de ação do Secretário-Geral da ONU sobre deslocamento interno. É necessária uma abordagem abrangente donexo, vinculando atividades humanitárias de desenvolvimento e de construção da paz. O objetivo é fornecer apoio que vá além da assistência de curto prazo para ajudar as pessoas a reconstruir suas vidas e se manterem em pé. Isso inclui encontrar maneiras de acessar moradias permanentes, levando em consideração a necessidade de fortalecer a segurança da posse, oportunidades econômicas e serviços governamentais para promover a reconstrução, resiliência e inclusão.

Os resultados específicos a serem alcançados através do projeto incluem o estabelecimento de estruturas funcionais para coordenar soluções lideradas pelo Estado, a aquisição de moradias permanentes e o direito de possuir os abrigos designados para deslocados internos, melhor acesso aos sistemas e estruturas de mercado existentes para promover meios de subsistência e inclusão econômica, provisão de ativos produtivos para participação em várias empresas e outras iniciativas de subsistência, aumento de oportunidades de trabalho de curto prazo para deslocados internos e membros da comunidade anfitriã, maior capacidade nos níveis do governo e da comunidade para promover soluções duráveis, capacitação das comunidades afetadas e acesso a serviços aprimorados. Atualmente, o projeto é financiado pelo Fundo Central de Resposta de Emergência das Nações

¹⁰ Nigéria. ACNUR. [2022]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/countries/nigeria>. Acesso em: 24 maio 2023.

Unidas, Fundo Humanitário da Nigéria (NHF) e ACNUR.

2.3 NIGÉRIA: CARACTERÍSTICAS GERAIS E FATOS HISTÓRICOS

A Nigéria se localiza no oeste do continente africano no chamado Golfo da Guiné, possuindo 923.768 km² de extensão territorial; seu litoral, banhado pelo oceano Atlântico, estende-se por 853 km. O país faz fronteira com Benim (773 km) a oeste, Camarões (1.690km) a sudeste, Chade (87 km) a nordeste e Níger (1.497km) ao norte, possui uma extensa rede hidrográfica cujos rios mais importantes são o Níger, sendo este o qual etnologicamente designa o nome do atual país, da palavra *ger-n-ger*, um termo antigo que significa “rio dos rios”, então Níger é o “rio dos rios”, e Nigéria, “terra do rio dos rios” e o seu afluente, o Benue. (Oliveira, 2012). O país possui mais de 222,1 milhões de habitantes, sendo o mais populoso do continente africano e o sexto do mundo. A população é composta por mais de 250 grupos étnicos diferentes que se dividem em quatro grandes grupos: os Hauçás (também grafado como Hauçás) que constituem majoritariamente os quadros governamentais e os principais postos de comandos do país; os Fulani, predominantes no Norte e majoritariamente muçulmanos que representam aproximadamente 29% da população; os Yorubás, no sudoeste, que se dividem entre praticantes da religião tradicional Yorubá, cristãos e muçulmanos constituindo 21% da população; e os Igbos, no sudeste, predominantemente cristãos, que representam cerca de 18% da população. Assim como em relação às etnias, há também uma grande diversidade de idiomas utilizados no país, predominando o Hauçá, o Fulani, o Igbo, o Yorubá e o inglês que é o idioma oficial.

A Nigéria passou a ser um protetorado inglês a partir de meados do século XIX, a colonização de fato se efetivou em finais do mesmo século, após a famigerada Conferência de Berlim (1883-1885)¹¹. A colonização inglesa teve como centro Lagos, em uma região cercada de colônias francesas, sendo essas Benin, Camarões, Chade e Niger.

Entre a primeira e a segunda guerra mundial os britânicos realizaram obras de infra-estrutura no país, especialmente nas regiões ao sul, onde se desenvolveram culturas agrícolas como o óleo de palma, amendoim e cacau, e uma incipiente exploração petrolífera. A administração britânica na Nigéria diferia em relação a seus vizinhos franceses, era descentralizada e conferia maior poder político às elites locais. Dessa forma, foram se consolidando três regiões de poder no país, uma ao norte, de maioria muçulmana (Hauçás e Fulanis), de tendências mais conservadoras e sectárias, uma

¹¹ A Conferência de Berlim, proposta pelo Chanceler alemão Otto von Bismarck (1815-1898), foi uma reunião entre países para dividir o continente africano. Estiveram presentes as nações imperialistas do século XIX: Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha, Dinamarca, Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Itália, Império Alemão, Suécia, Noruega, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano

ao oeste, na região de Lagos (Yorubá), europeizada, majoritariamente cristã, e outra a oeste (Igbos), com mais proximidade a Lagos. Essa diferenciação foi explorada pelos britânicos de modo a retardar a independência do país e suas consequências ecoam ainda hoje, com uma profunda divisão étnica, cultural e social entre Hauças, Igbos e Yorubás, sendo os primeiros abominados pelos demais grupos. O processo de independência dos nigerianos também diferiu de seus vizinhos, consolidou-se sem grandes choques com a metrópole inglesa, o que garantiu os interesses britânicos sobre a nova nação.

A independência da Nigéria de fato ocorreu em 1º de outubro de 1960 e o novo Estado passou a integrar a Commonwealth britânica. O primeiro governante nigeriano foi Abubakar Tafawa Balewa, com o título de Primeiro Ministro. Nessa mesma década, no governo de Yakubu Gowon (1966-1975), ocorreu um evento extremamente significativo para o povo nigeriano, visando a libertação do jugo imperialista, sobretudo inglês: a Guerra de Biafra, ou Guerra Civil Nigeriana. Biafra era uma região separatista na região sudoeste do país, de maioria Igbo. O conflito terminou com o genocídio de parte da população local, em uma província rica em poços de petróleo que, segundo depoimento dos entrevistados e amplamente divulgado pela imprensa internacional, é ainda hoje extensamente explorada por companhias petrolíferas transnacionais inglesas, francesas e americanas, sempre em comum acordo com políticos corruptos locais que facilitam em acordos escusos o escoamento do petróleo e de seus derivados, bem como as principais riquezas naturais da Nigéria. Tendo como consequência, segundo seus próprios cidadãos, a falta de investimentos públicos básicos em infraestrutura como estradas e construções, impactando diretamente o mercado local de trabalho e especialmente a saúde e a educação, muito caras. De modo que não existem sistemas públicos gratuitos que dêem suporte às pessoas de baixa renda, de fato, a grande maioria da população não tem recursos próprios para bancar suas próprias despesas. Os próximos presidentes militares foram Murtala Mohammed (1975 - 1976), e Olusegun Obasanjo (1976-1979). Entre essas duas presidências a Nigéria se consolidou como grande *player* regional, influenciando toda a política do continente africano e seus esforços político-diplomáticos foram fundamentais para a criação da Comunidade Econômica dos Estados do Oeste Africano (*Economic Community of West African States – ECOWAS*)¹².

Após essa fase militar o país assistiu a um breve retorno à democracia com o presidente Shehu Shagari (1979-1983), eleito com voto popular. O período de crescimento econômico motivado pelo petróleo, na década anterior, sucumbiu aos anos 1980, década de crise global. A instabilidade política gerada pela crise econômica levou a mais um período não democrático. Nessa fase se realizou o

¹² ECOWAS COMMISSION. COMISSÃO CEDEAD. [2023]. Disponível em: <https://ecowas.int/sobre-a-cedeao/?lang=pt-pt>. Acesso em: 08 maio 2022.

famigerado Programa de Ajuste Estrutural (PAE), comparado a uma catástrofe natural pelo escritor nigeriano Fidelis Balogun. Segundo Mike Davis, o “lamento de Balogun sobre ‘privatizar a todo vapor e ficar mais faminto a cada dia’ e sua enumeração das consequências malévolas do PAE soariam instantaneamente familiares aos sobreviventes não só dos outros trinta PAEs africanos como também de centenas de milhões de asiáticos e latino-americanos” (Davis, 2013, p. 203).

No final da década de 1990 a Nigéria retornou à democracia com a eleição de Olusegun Obasanjo que já governara o país na segunda metade dos anos 1970. Embora seu governo tenha dado continuidade à política desestatizante do PAE, o país atingiu índices consideráveis de crescimento econômico, sobretudo graças aos preços internacionais do petróleo, em alta durante essa fase. Ainda que o setor do petróleo tenha se mantido como o mais importante na economia nigeriana, os setores não ligados ao produto registraram um crescimento significativo, sobretudo a partir de 2004, atingindo um crescimento de cerca de 9% em 2006 (Falola, Heaton, 2008). Nesse sentido, em 2008 o setor agrícola voltou a representar parte significativa do PIB nigeriano, com cerca de 40%, além de empregar aproximadamente 70% da população do país (Oliveira, 2012). Os Anos 2010 assistiram a uma diminuição nos índices de crescimento na Nigéria como reflexo da crise de 2008. Somado a isso, há a rebelião do grupo extremista Boko Haram, que tem desestabilizado a região norte do território, levando a migrações em massa.

Recentemente, a Comissão Eleitoral da Nigéria declarou o candidato do partido governista Bola Tinubu como presidente eleito após uma disputada eleição no início de março de 2023. Entretanto, os dois principais partidos de oposição rejeitaram o resultado dessa eleição. A vitória de Tinubu ampliou o poder do partido governista Congresso de Todos os Progressistas (APC) no maior país produtor de petróleo da África. Tinubu tem procedência dos quadros de uma empresa petrolífera dos Estados Unidos e atualmente é um dos políticos mais ricos da Nigéria, tendo sido o principal fiador e apoiador do governo do seu antecessor, Muhammadu Buhari.

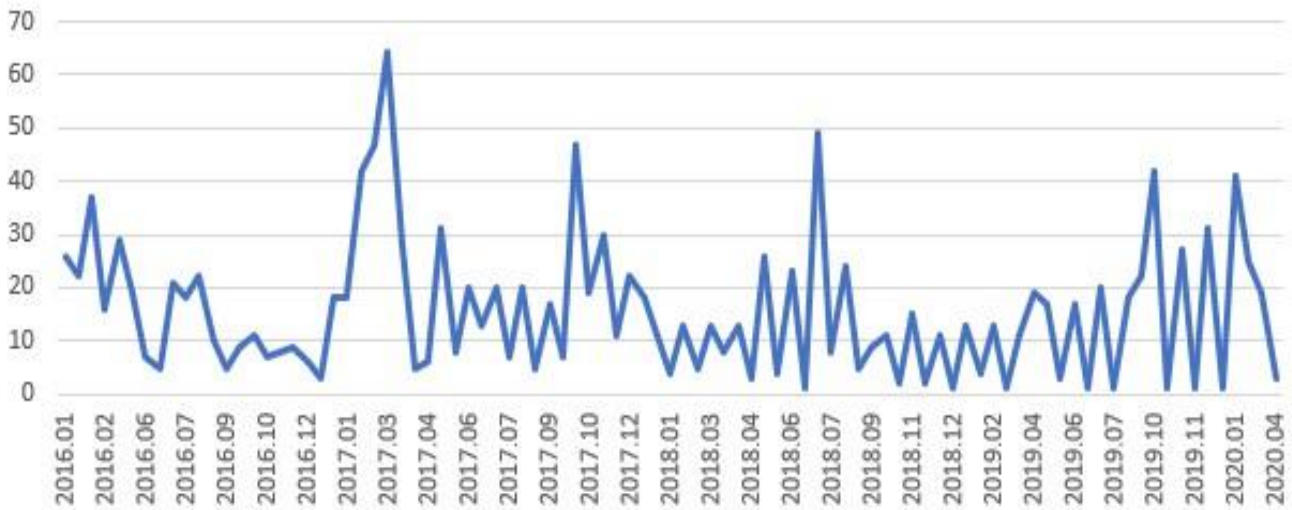
2.4 EMIGRAÇÃO NIGERIANA PARA SÃO PAULO, BRASIL

Segundo dados da Polícia Federal, entre 2010 e 2020, a imigração africana em direção ao Brasil aumentou trinta vezes e a maioria é de países lusófonos, como Angola e Cabo Verde, com 11.027 e 4.257 cidadãos respectivamente até 2012 – anos dos dados consolidados mais recentes – seguidos pela Nigéria, com 3.072 imigrantes que regularizaram sua situação¹³.

¹³ Imigração africana no Brasil aumenta 30 vezes entre 2000 e 2012. **Portal Terra. Brasil**, maio 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigracao-africana-no-brasil-aumenta-30-vezes-entre-2000-e-2012,bcdedc77d62e5410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> Acesso em: 05 abr. 2023.

Gráfico 3 – Dados da solicitação de refúgio Total para o Brasil

Dados da Solicitação de Refúgio Total de nigerianos para a cidade de São Paulo (01/2016 - 04/2020)



Fonte: Portal Terra. Brasil, 2014.

O eixo Y quantifica o número de pedidos de Solicitação de Refúgio para o Brasil; o eixo X mostra os anos (2016-2020) e meses em que os mesmos ocorreram, de acordo com os dados da Polícia Federal.

A Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, que estabelece mecanismos para implementar o Estatuto dos Refugiados de 1951 define o refugiado como:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

- Devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;
- Não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;
- Devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (BRASIL, 1997, p. 15.822).

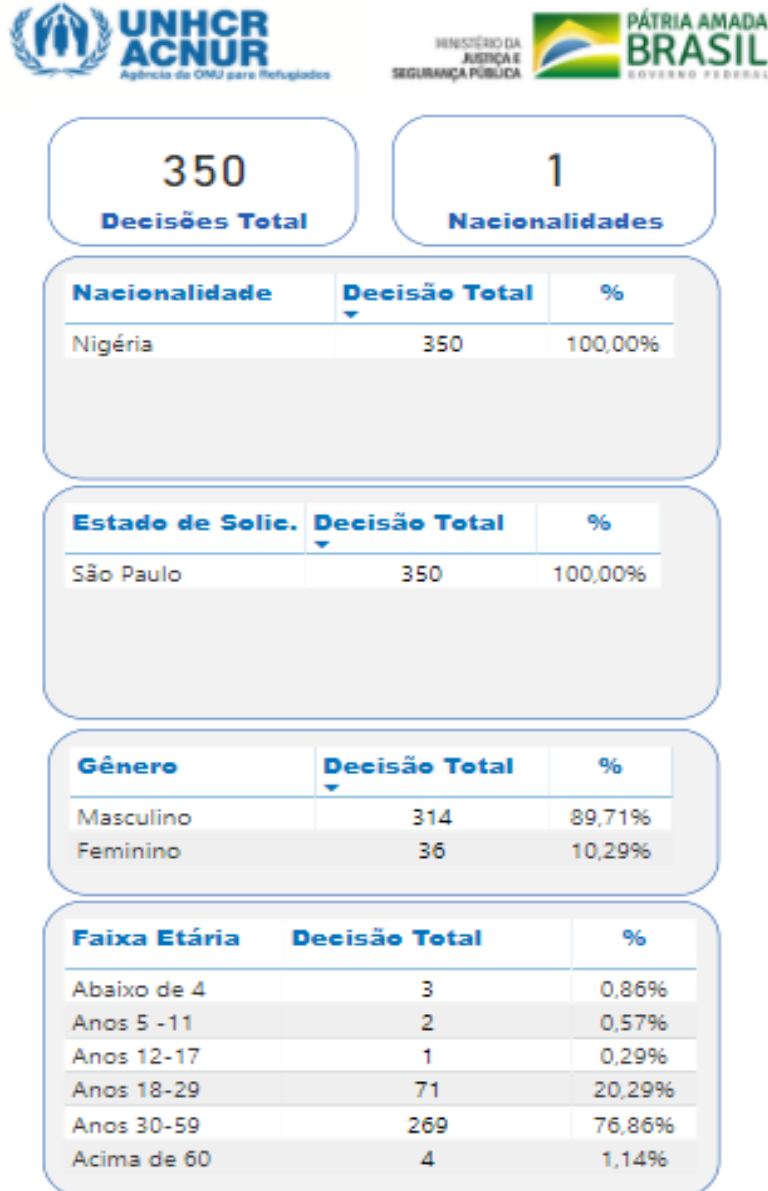
Em termos institucionais, o movimento de imigrantes e refugiados no Brasil envolve um conjunto variado de ministérios e autarquias: Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Trabalho, Ministério da Justiça e Cidadania, Polícia Federal, dentre outros. Os operadores da lei, no âmbito do Ministério Público e do Ministério Público do Trabalho, têm realizado ações para

combater, prevenir e punir crimes relativos ao tráfico de pessoas. Esses têm se defrontado com problemas relacionados à exploração de imigrantes e refugiados, entre os quais se destaca negativamente o contexto da exploração do trabalho análogo à escravidão no Brasil.

A política imigratória para o Brasil teve um crescimento a partir dos governos de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), quando também foram priorizadas políticas de cunho desenvolvimentista autorizando a construção de grandes projetos no setor de energia e infraestrutura no Brasil. A expansão econômica atraiu contingentes de pessoas da América do Sul e do Caribe. A crise financeira que atingiu os Estados Unidos e a zona do euro em 2008 e 2009 também trouxe pessoas, em sua maioria portadoras de diplomas universitários, que desejavam manter o padrão financeiro em um país tido como emergente. A imigração de haitianos, africanos e asiáticos aumentou sua inserção pelas fronteiras da região norte do Brasil, assim como cresceu o número de pedidos de refúgio (Moreira, 2012).

Tabela 1– Dados referentes à solicitação de refúgio dos imigrantes nigerianos, segundo a Polícia Federal e o ACNUR/ONU

Decisões Plenária Conare



Fonte: Portal Terra. Brasil, 2014.

Estes dados não contabilizam os imigrantes nigerianos que se encontram em situação de indocumentação. Apesar de os números indicarem um crescente populacional, a gestão da política migratória para o Brasil foi limitada em termos qualitativos, com uma estrutura de assistência social quase nula. A exceção se deu na prefeitura da cidade de São Paulo, que desenvolveu uma pasta de políticas públicas para imigrantes durante a gestão Fernando Haddad (2012-2016), em parceria com instituições não governamentais e grupos filiados à igreja católica. Dentre as ações dessa política se encontraram o mapeamento da população imigrante de São Paulo e uma campanha de conscientização

e prevenção à xenofobia com o lema: “São Paulo tem lugar para todos, menos para intolerância”.

Também foram oferecidos cursos de português para imigrantes, medidas para a promoção e regularização migratória e do trabalho decente; medidas para a inserção da população imigrante no sistema bancário; valorização das festividades e da cultura das comunidades; inauguração de novos centros de acolhida. Um ponto importante foi a criação do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-SP). Para consolidar/legitimar a política pública para população imigrante na cidade de São Paulo, sendo que em 8 de julho de 2016 foi promulgada a Lei nº 16.478, sancionando a Política Municipal para a População Imigrante. Até o momento do depósito desta dissertação, em junho de 2023, pode-se constatar que não houve empenho por parte dos governos municipais subsequentes, quanto às políticas migratórias.

No Brasil o contexto migratório na década de 2010 (2011-2020) é tido como sendo uma das décadas mais dinâmicas e multifacetadas, pois ocorreram mudanças significativas no cenário das migrações e refúgio no país.

As migrações internacionais, entendidas por Sayad como um “fato social total” e como um tema presente nas agendas de primeiro escalão dos governos nacionais, fóruns internacionais e nos discursos políticos, midiáticos e acadêmicos, ganhou um protagonismo significativo no Brasil ao longo da década de 2010. Trata-se de um período dinâmico acompanhado por significativas mudanças no cenário migratório do país. Historicamente, a mão de obra imigrante fez com que o mercado de trabalho no Brasil progredisse e a população brasileira é produto dessa imigração. (Cavalcanti *et al.*, 2020, p. 8).

Há de se salientar que o discurso da política externa adotado pelo governo de então tinha como elementos importantes o realinhamento econômico, político e social. Ao adotar essa estratégia o Brasil queria ter maior capacidade de barganha internacional. Todavia, a tendência era aumentar o número de imigrantes no Brasil, tendo no comércio informal o local que a maioria encontrava como meio de sobrevivência.

As crises que abalaram o mundo tornaram o Brasil um destino importante na última década. Segundo os dados do ACNUR, estima-se que entre 2017 e 2022 aproximadamente 700 mil pessoas tiveram o Brasil como seu destino e desse número metade permaneceu. Desde 2010 o Brasil passou por esta experiência com a chegada numerosa de haitianos que se viam forçados a deixar seu país devastado por um terremoto e eram atraídos pelo momento favorável da economia brasileira.

As migrações internacionais assumiram uma dimensão de destaque expressa não só na atitude repressiva do Estado em relação aos povos migrantes e em situação de refúgio, mas também no aumento da sua importância na cena política.

Entre os séculos XVI e XIX, durante a Diáspora africana, o Brasil recebeu poucos

contingentes de expatriados em contraposição ao número gigante de africanos escravizados. Felipe Alencastro, (2000) em seu artigo “África, números do tráfico negreiro” calcula que o total de africanos desembarcados no Brasil, em cerca de 19.410 viagens transcorridas em três séculos, 1550-1880, atinja 4,8 milhões. Globalmente, as importações brasileiras no período representam 46% do total dos escravizados desembarcados, como relatado no livro organizado por Lilia M. Schwarcz e Flávio Gomes (2018, p. 57-63) “Dicionário da Escravidão e Liberdade”. Já na segunda metade do século XIX, com a pressão externa pelo fim da escravidão o governo brasileiro criou um sistema, o colonato, o qual muitos estrangeiros chegaram ao Brasil, especialmente portugueses. O último quarto do século foi marcado pela chegada de italianos, alemães e japoneses em grandes levas impulsionadas pela necessidade de ocupar a terra para manter a unidade da federação, segundo o discurso propulgado, além de ter pessoas aptas ao trabalho no campo como parte de uma tese eugenista de branqueamento da população brasileira.

Entretanto, ao longo do século XX, novos povos acabaram chegando ao país sem que houvesse necessariamente políticas de incentivo como sírios, libaneses e novas levas de europeus, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. No século XXI bolivianos, colombianos, haitianos, chineses e venezuelanos representam as principais origens de imigração no Brasil, em termos quantitativos.

Além disso, pode-se destacar que a maioria dos entrevistados possui nível superior, no entanto, estão exercendo um trabalho de nível inferior, geralmente com carteira assinada e outros exercem emprego informal nas ruas da cidade ou atuam no comércio local.

3 PERFIL DOS IMIGRANTES NIGERIANOS

A metodologia principal desta pesquisa consiste na realização de entrevistas com imigrantes nigerianos que vivem em São Paulo, além da revisão bibliográfica sobre o tema. Adotou-se uma metodologia qualitativa, cuja intenção foi compreender os sujeitos – imigrantes nigerianos – com base nos seus pontos de vista, experiências e concepções do real, a fim de compreender valores, crenças, motivações e sentimentos humanos dentro do seu contexto de significados.

Segundo Minayo (1994), “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade, apenas na vinculação dos sujeitos sociais mais significativos para o problema investigado” (Minayo, 1994, p. 43). Isso significa que a pesquisa qualitativa não necessita de um grande número de interlocutores para garantir a sua representatividade, ela depende da qualidade da informação do tema a ser estudado.

Figura 1 – Mapa político da Nigéria.



Fonte: *Maps of Word*, 2023.

3.1 ETNIAS DOS NIGERIANOS

Entre os anos de 1525 e 1851, aproximadamente mais de cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil na condição de escravos e não estão incluídos nesse número que é uma aproximação em relação a aqueles que morreram ainda em solo africano vitimados pela violência da caça escravista, nem os que pereceram na travessia oceânica.

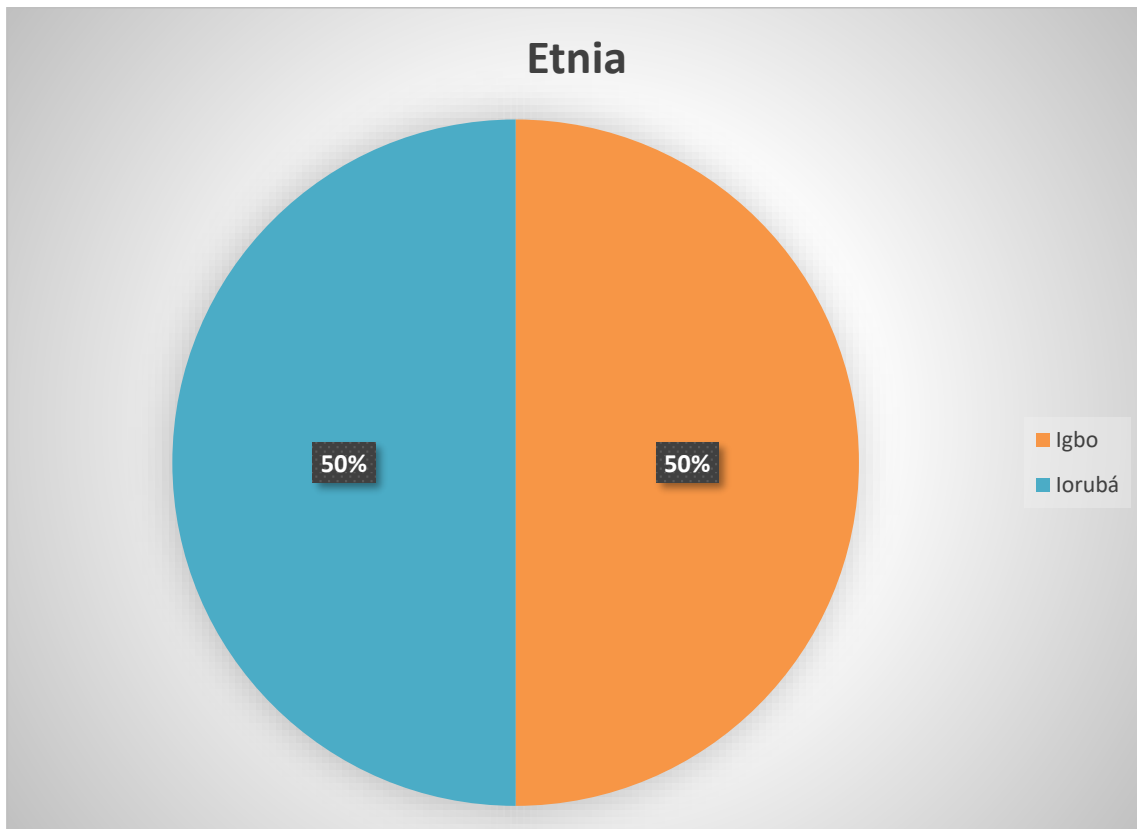
Dessa forma, a origem dos africanos trazidos para o Brasil dependia de acordos e tratados realizados entre Portugal, Brasil e potências europeias, sobretudo a Inglaterra e a África, também como celeiro de mão de obra que era evidentemente loteado entre os países coloniais-escravistas. A origem do tráfico mudou muito em três séculos, em função dos interesses das potências envolvidas, suas disputas, guerras e tratados (Oliveira, 1999).

De acordo com Reginaldo Prandi (1991), não se tratava apenas de um povo, mas de uma multiplicidade de etnias, nações, línguas e culturas; segundo o mesmo, os povos da África Negra eram classificados, de modo geral, em dois grandes grupos linguísticos: sudaneses e bantos. Os sudaneses constituem os povos situados nas regiões que hoje vão da Etiópia ao Chade e do sul do Egito a Uganda, mais o norte da Tanzânia. Ao norte há a subdivisão do grupo sudanês oriental (que compreende os núbios, nilóticos e báris) e abaixo o grupo sudanês central formado por inúmeros grupos linguísticos e culturais que compuseram diversas etnias que abasteceram de escravos o Brasil, sobretudo os localizados na região do Golfo da Guiné e que no Brasil conhecemos pelos nomes, de forma abrangente, de nagôs ou Yorubás (que compreendem vários povos de língua e cultura Yorubá, entre os quais os oyó, ijexá, ketu, ijebu, egbá, ifé, oxogbô, etc.), os fon-jejes (que agregam os fon-jejes daomeanos e os mahi, entre outros) e os Hauçás, sendo esses últimos famosos na Bahia por sua civilização islamizada, dentre mais outros grupos que tiveram importância menor na formação de nossa cultura como os grúncis, tapas, mandingos, fântis, achântis e outros não significativos para a nossa história.

Sendo assim, dentro do contexto atual das imigrações nigerianas para São Paulo, as etnias que foram identificadas durante o trabalho de campo são constituídas de Yorubás e Igbos. Com um total de vinte e quatro imigrantes entrevistados, com vinte nigerianos e quatro nigerianas; dentre eles constatamos que houve uma equivalência na quantidade de etnias entre Yorubás e Igbos. Segundo os depoimentos, as pessoas da etnia Hauçá geralmente ocupam cargos administrativos ou de confiança em embaixadas ou em estatais nigerianas fora do país e, desta forma, não encontramos imigrantes da etnia Hauçá no chamado centro velho da cidade¹⁴.

¹⁴ O Centro Histórico de São Paulo (ou simplesmente Centro) é um bairro da Zona Central do município de São Paulo, no Brasil. Corresponde à região onde a cidade foi fundada, em 25 de janeiro de 1554, pelos padres jesuítas António Vieira, José de Anchieta e Manuel da Nobrega. É formada pelos distritos da Sé e República. Nele, se encontra a maior

Gráfico 4 Etnia dos nigerianos.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Podemos constatar uma porcentagem igual, 50%, entre as etnias Yorubá somada a 50% da etnia Igbo que convivem fraternalmente em espaços vizinhos no chamado centro velho da capital paulista. Podemos comprovar, presencialmente, enquanto fazíamos nossas entrevistas, o respeito que há entre os membros destas duas comunidades, que têm como origem as regiões sudoeste e sudeste da Nigéria, com destaque para a cidade de Lagos, a mais populosa do continente africano e importante centro comercial e financeiro da Nigéria, semelhante em influência no que a cidade de São Paulo é para o Brasil, onde membros de um grupo indicavam amigavelmente os demais grupos para que pudéssemos colher seus depoimentos. A exceção é feita aos membros da etnia Hauçá que, segundo os depoimentos colhidos junto a estas comunidades são execráveis e, os mesmos, com origem nas regiões norte daquele país foram duramente criticados por suas atuações em todos os segmentos da sociedade nigeriana, com destaque para a política, a qual são acusados por seus compatriotas pela corrupção generalizada e por ligações íntimas com grupos extremistas muçulmanos que aterrorizam

parte dos edifícios que retratam a história da cidade, como o Pátio do Colégio, local de sua fundação. Na região, localizam-se vários centros culturais, bares, restaurantes, museus, grande parte dos pontos de interesse turístico da cidade e escritórios governamentais do município e do estado.

a população nigeriana de maneira geral, sobretudo na região norte daquele país.

Esses relatos vão ao encontro com os estudos do professor André Luiz Reis da Silva em seu artigo “Os estados africanos nos séculos XVI-XVIII desenvolvimento desigual na África Ocidental”. Silva (2008) informa que o contato com os europeus interferiu e rearticulou diretamente diversas organizações políticas africanas em processo de formação. As novas organizações econômicas passaram a ter de contar com a variável das relações com os europeus os quais poderiam se tornar aliados ou inimigos em uma complexa relação de alianças, federações e sucessão de domínios e hegemonias. O autor ainda ressalta que nesse processo houve uma incapacidade das potências europeias quanto ao domínio imediato do continente africano, bem como a impossibilidade de derrotar/submeter diversos impérios poderosos que contavam com armamento suficiente para repelir as investidas europeias ou promover alianças com esses. Uma das etnias que se beneficiou com essas relações foram os Hauçás, pois as cidades com a maioria desse povo como os Kano, Katsina e Zária se tornaram importantes centros comerciais e manufatureiros, sobretudo com produtos de couro. De acordo com Silva (2008), durante os séculos XVI e XVII ocorreu um grande desenvolvimento das cidades Hauçás; a organização social das cidades era urbanizada e nela morava a nobreza, os letrados islamizados e os artesãos, tendo alcançado grande importância.

3.2 GÊNEROS DOS NIGERIANOS

Segundo Oyèwùmí (2021), a temática de gênero é derivada do Ocidente, uma velha herança do pensamento ocidental e trata-se de um problema importado e não autóctone para os povos nigerianos. As categorias de “mulher” e “homem” – que são fundamentais nos discursos de gênero ocidentais – simplesmente não existiam nos povos étnicos da Nigéria antes do contato mantido com o Ocidente. Não havia grupos caracterizados e unidos por interesses partilhados, desejos ou posição social, esta lógica cultural das categorias sociais ocidentais é baseada em uma ideologia do determinismo biológico. Para Oyèwùmí (2021), a concepção de que a biologia fornece a base lógica para a organização do mundo social ocidental e categorias sociais como “mulher” são baseadas em um tipo de corpo e é elaborada em relação e em oposição a outra categoria: homem. A presença ou ausência de alguns órgãos determina a posição social.

A afirmação de que a “mulher” como categoria social não exista em comunidades nigerianas não deve ser lida como uma hermenêutica anti-materialista, um modo de desconstrução pós-estruturalista do corpo em dissolução. Entretanto, o corpo é bastante material em povos nigerianos. Antes da instalação de noções ocidentais na cultura dessas tribos o corpo não era a base de papéis sociais, inclusões ou exclusões; não foi o fundamento do pensamento e da identidade sociais.

Diante disso, para aplicar esta lógica ocidental ao mundo social dos nigerianos (ou seja,

utilizar a biologia como uma ideologia para a organização do mundo social) teria que, primeiro, inventar a categoria “mulher” no discurso desses povos.

Nas sociedades de etnias como o Yorubá o papel e o impacto do Ocidente são de extrema importância, não apenas porque a maioria das sociedades africanas estava sob o domínio europeu até o final do século XIX, mas também em função do domínio contínuo do Ocidente na produção do conhecimento. Com isso, o raciocínio corporal e o papel de gênero que derivam do determinismo biológico inerente ao pensamento ocidental foram impostos às sociedades africanas.

No Ocidente as categorias sociais têm uma longa história de incorporação e, portanto, de “generificação”. Neste contexto, Oyěwùmí (2021) aborda o estudo da antropóloga Shelly Errington, “Sexo (com um ‘S’ maiúsculo) sobre o sistema de gênero do Ocidente.

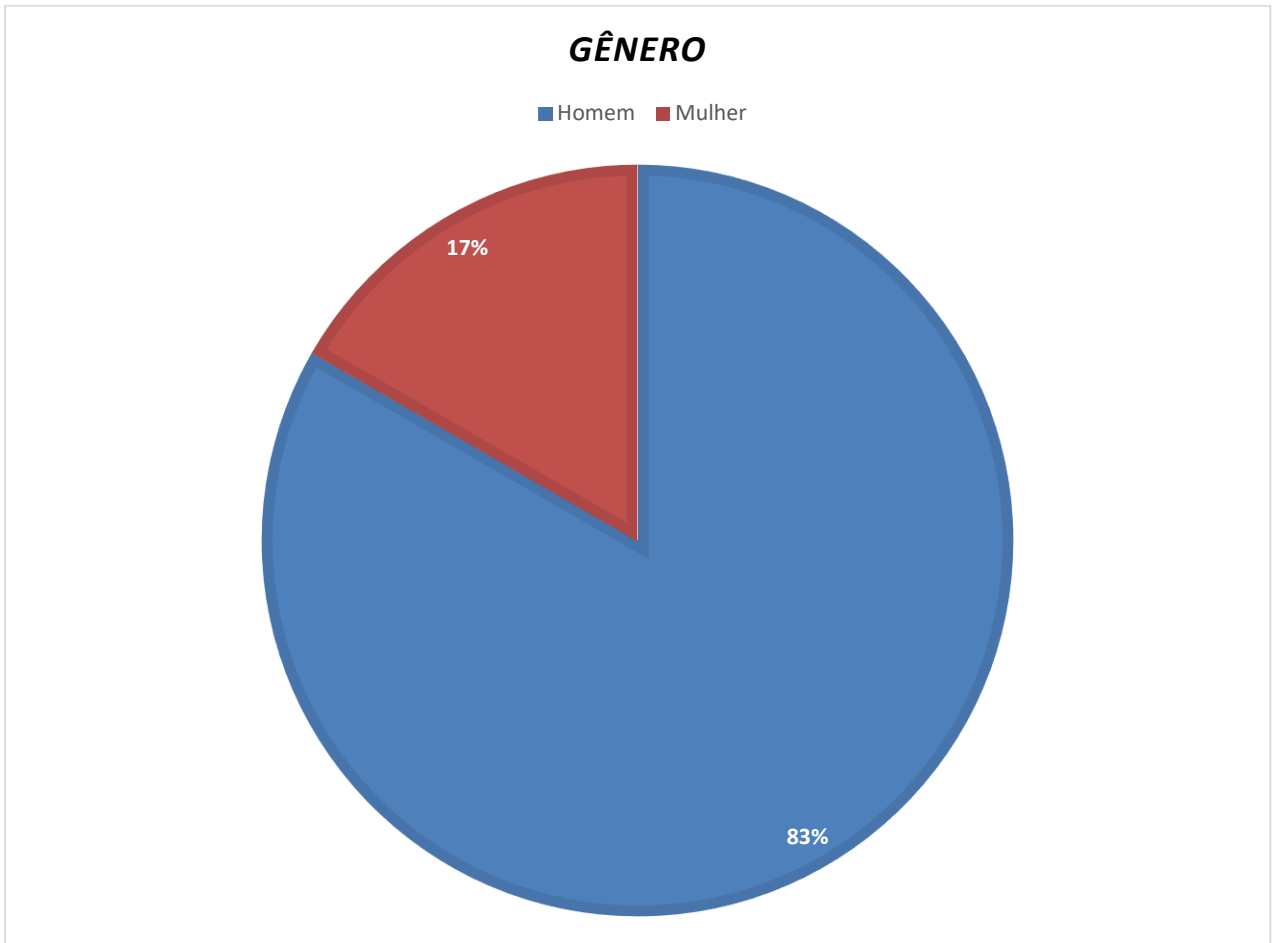
Mas o Sexo não é a única maneira de classificar os corpos humanos nem a única maneira de significar o sexo. É fácil imaginar diferentes classificações e justificativas culturais para categorias de gênero, cenários diferentes que igualmente levem em consideração as evidências que nossos corpos fornecem (Errington, 1990 apud Oyěwùmí 2021).

No caso das etnias nigerianas esta situação é bem diferente, além de mostrar que o corpo humano não precisa ser constituído como generificado ou ser percebido como evidência para a classificação social em todos os tempos. Na sociedade nigeriana pré-colonial, o tipo de corpo não era a base da hierarquia social: machos e fêmeas não eram estratificados de acordo com a distinção anatômica. A ordem social possuía um tipo diferente de estrutura popular, da qual não pressupunha que o gênero biológico era a base para a classificação social, portanto, o gênero simplesmente não era inerente à organização social humana.

Diante deste estudo, Oyěwùmí (2021) reitera que o conceito de “mulher” e “homem” foi pronunciado antes das mudanças radicais que ocorreram na guerra civil e nos períodos coloniais e posteriores ao século XIX e isto é resultado das derivações das experiências e histórias dos ocidentais em todas as especificidades culturais locais.

Entretanto, podemos notar a imposição cultural de gênero sobre a perspectiva ocidental nas entrevistas realizadas, das quais 83% foram respondidas por homens e 17% por mulheres, como mostra o gráfico 5 sobre o gênero dos entrevistados.

Gráfico 5 – Porcentagem entre mulheres e homens nigerianos

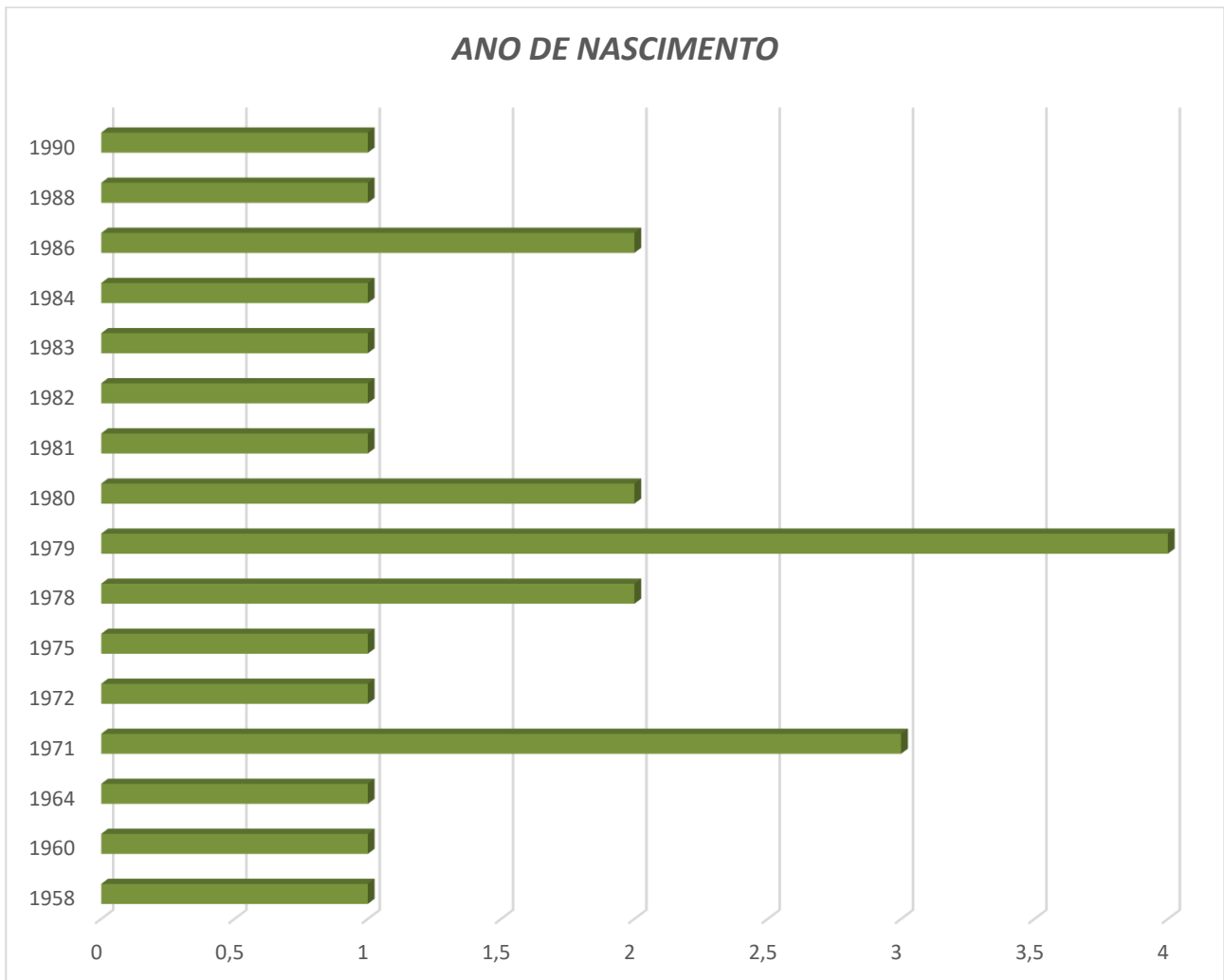


Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.3 IDADE DOS NIGERIANOS

Quanto à faixa etária geral dos entrevistados, podemos verificar que a grande maioria, cerca de 90%, está situada acima dos 30 anos até os 50 anos, conforme o gráfico 6. O Eixo X corresponde ao ano de nascimento e o eixo Y à quantidade dos entrevistados.

Gráfico 6 – Ano de nascimento dos nigerianos



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Isso se deve ao fato destas pessoas, em sua grande parte já terem concluído o ensino médio ou superior e também de já terem trabalhado em profissões diversas. Isso posto, podemos concluir que é a partir dos 30 anos, ou na fase adulta, que os imigrantes nigerianos realmente, tomaram a decisão de migrar para o Brasil em busca de uma condição melhor de vida, tanto para eles quanto para a sua família, uma das maiores motivações para a mudança.

3.4 CIDADES DE ORIGEM DOS NIGERIANOS

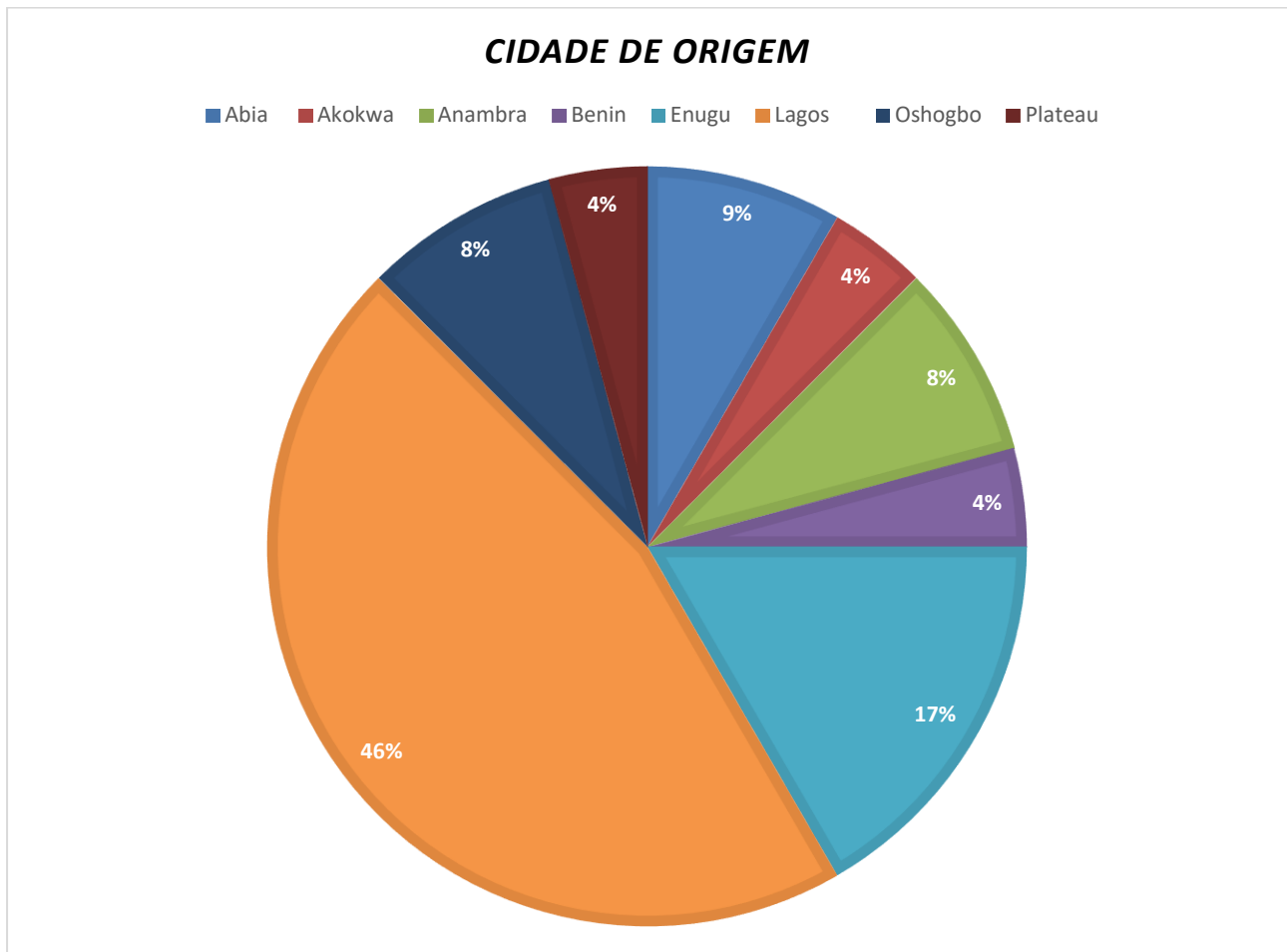
As entrevistas colhidas junto a essa comunidade revelaram que a maioria tem como origem a cidade de Lagos, a maior cidade da Nigéria situada na região na região sudoeste, na costa do Atlântico, junto ao Golfo da Guiné sendo a mais populosa do continente africano com uma população estimada em 14.234.000 habitantes, destacando-se como o maior centro comercial e financeiro do país¹⁵. Em

¹⁵ Lagos (em iorubá: Èkó) é uma cidade localizada no sudoeste da Nigéria, na costa do Atlântico, no Golfo da Guiné. É a maior cidade do país, com 7 937 932 de habitantes (censo de 2006), e a segunda maior cidade africana logo depois

termos comparativos, podemos observar que há uma simetria em relação desta com a cidade de São Paulo por sua relevância comercial, financeira e política, tanto regional, quanto nacional para aquele país, situação semelhante à capital paulista em relação ao Brasil. Aferimos, através dos testemunhos dos nigerianos que 46% por cento dos entrevistados são oriundos daquela cidade constituindo, portanto, quase a metade dos mesmos. Podemos constatar também, através dos testemunhos, que uma parcela expressiva desses imigrantes tem como origem de partida a cidade a qual se localiza, no sudoeste do país, próxima a Lagos, como Oshogbo, 10% ou no sudeste como Eneju, 18%, Abia, cerca de 10%, Anambra 10%, Benin City e Awka em menores proporções, o que demonstra um intenso fluxo comercial e de pessoas, assim como o dinamismo econômico entre estas duas regiões do país. A exceção é quanto a uma de nossas entrevistadas que tem como origem o estado de Plateau, localizado na região central do país, conforme se observa no gráfico 7.

de Cairo, capital do Egito. É também o principal centro financeiro, econômico e mercantil do país. Foi capital da Nigéria até 1991, quando foi substituída por Abuja. Foi também capital do estado de Lagos até 1975, quando foi substituída por Ikeja. Em 2014, estimou-se que a aglomeração urbana abrigava cerca de 21 milhões de pessoas, o que a tornaria a maior área metropolitana do continente africano. (Lagos. *In*: Wikipédia, Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lagos_\(Nig%C3%A9ria\)#:~:text=Lagos%20\(em%20iorub%C3%A1%3A%20%C3%88k%C3%B3\),de%20Cairo%2C%20capital%20do%20Egito](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lagos_(Nig%C3%A9ria)#:~:text=Lagos%20(em%20iorub%C3%A1%3A%20%C3%88k%C3%B3),de%20Cairo%2C%20capital%20do%20Egito). Acesso em: 21 out. 2023).

Gráfico 7 – Cidade de origem dos imigrantes nigerianos

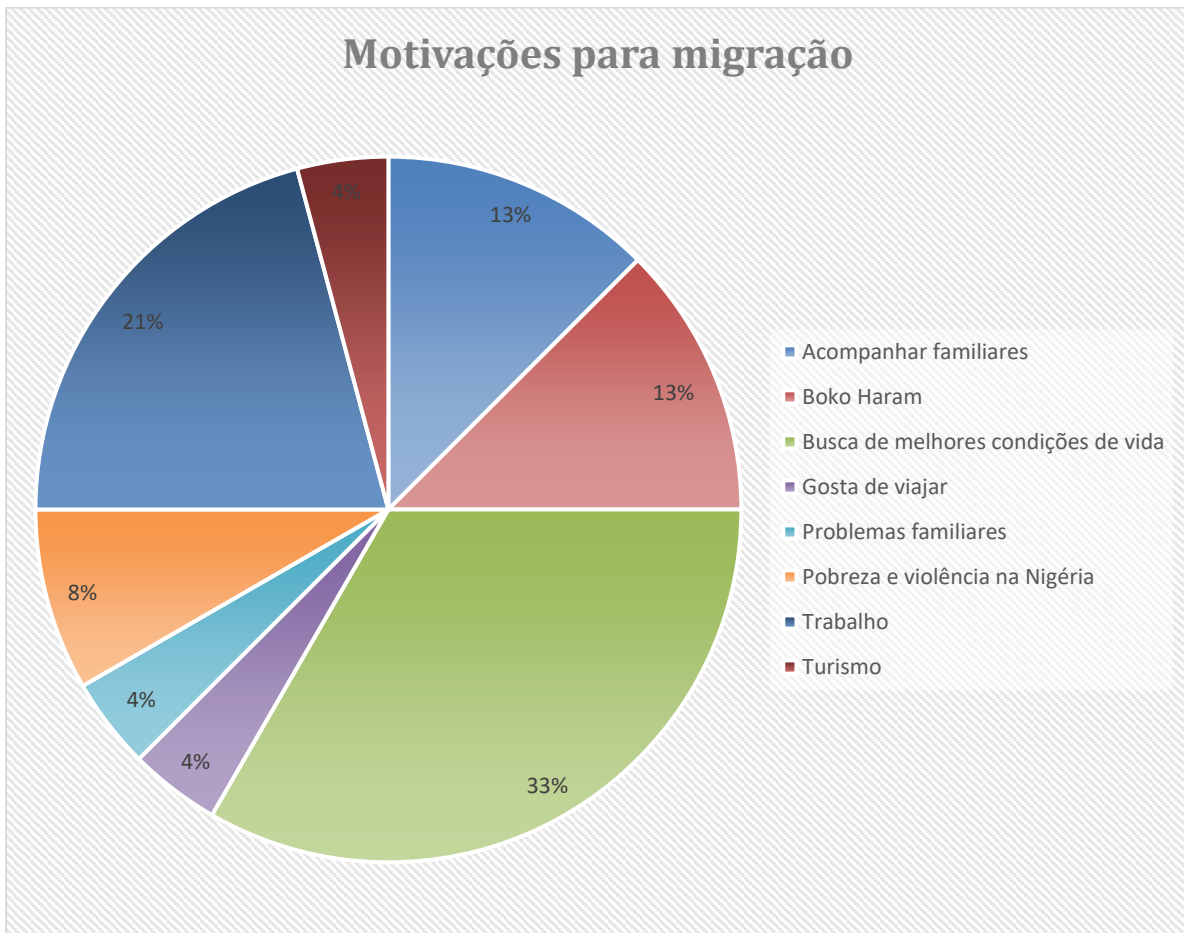


Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.5 MOTIVOS DA IMIGRAÇÃO NIGERIANA

Neste cenário podemos comprovar através dos depoimentos colhidos junto aos entrevistados a escolha dos imigrantes nigerianos, justamente para a cidade de São Paulo, por se tratar da cidade mais rica do país, bem como o principal centro financeiro e comercial da América Latina, inserida inteiramente no contexto da economia global. Em busca de melhores condições de vida identificou-se cerca de 33% dos entrevistados, somando-se a 21% que vieram para a capital paulista em busca de trabalho, perfazendo estes dois motivos um número expressivo de 54% do total, conforme o gráfico 8, a seguir.

Gráfico 8 – Motivações para migração



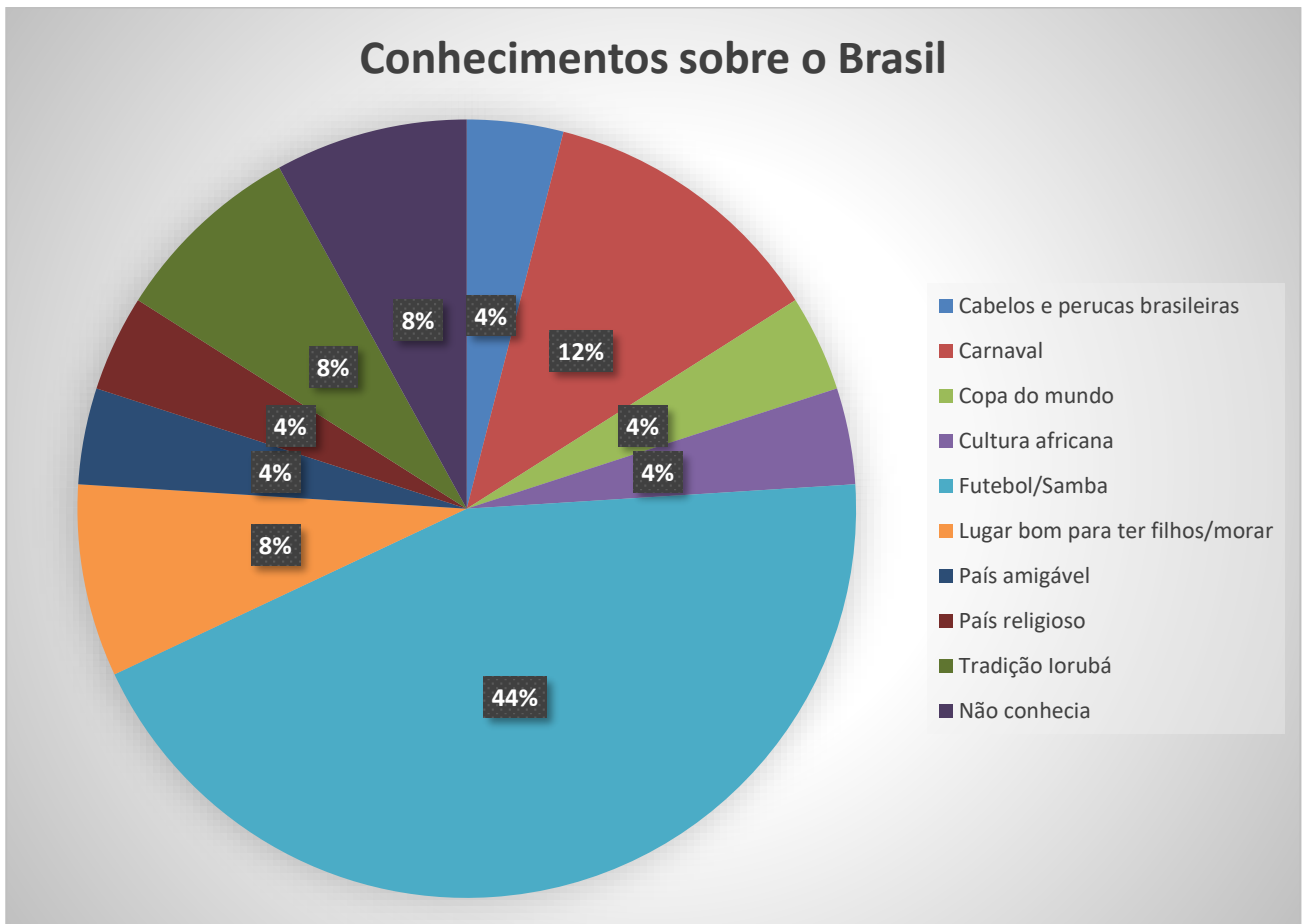
Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.6 CONHECIMENTOS PRÉVIOS SOBRE O BRASIL

Quanto aos conhecimentos preexistentes sobre o Brasil, podemos verificar que a pesquisa atesta que a grande maioria dos nigerianos, 44%, declaram conhecer o país por meio do futebol, do samba e do carnaval brasileiro, seguido por 8% que consideram um bom país para ter filhos ou morar, 8% citam conhecer a tradição Yuorubá existente no Brasil; 8% não conheciam nada a respeito do país e 20% alegaram motivos diversos.

Por meio dos números elencados nas entrevistas junto aos nigerianos podemos constatar que o futebol e o samba/carnaval são para estes os principais produtos de exportação cultural brasileira, pois tanto homens quanto mulheres citam com empolgação estes dois relevantes elementos constitutivos da cultura nacional, que de maneira geral demonstram um sentimento de alegria e descontração passando uma imagem bastante positiva e calorosa do povo brasileiro, na visão destes imigrantes, como mostra o gráfico 9.

Gráfico 9 – Conhecimentos sobre o Brasil

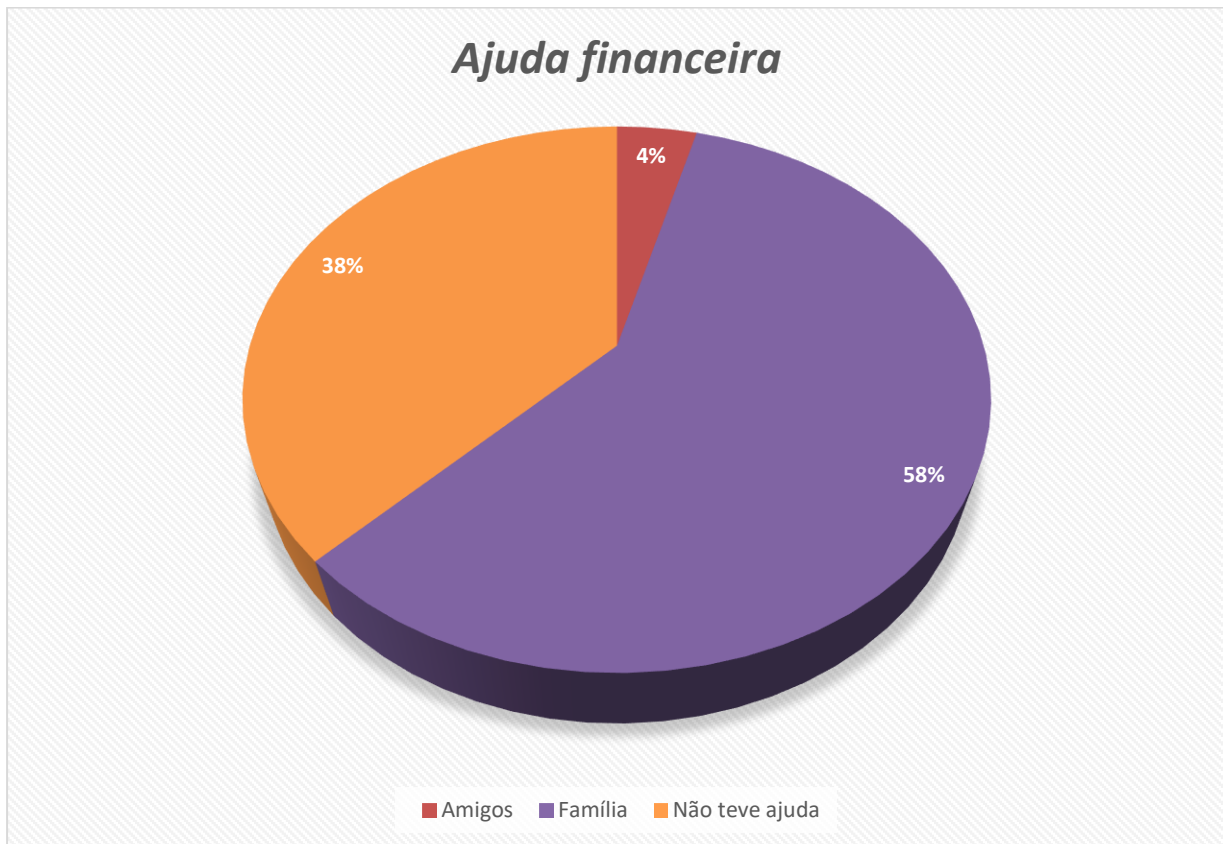


Fonte: Autoria própria, 2023.

3.7 AJUDA FINANCEIRA PARA MIGRAÇÃO AO BRASIL

Neste contexto, temos que destacar, igualmente, a importância da ajuda financeira recebida dos nigerianos por integrantes das suas famílias para poderem migrar para o Brasil; constatamos que 58% deles receberam auxílio monetário de familiares para efetuar a mudança de país enquanto 38% não receberam ajuda e apenas 4% contaram com a ajuda de amigos, conforme o gráfico 10.

Gráfico 10 – Ajuda financeira

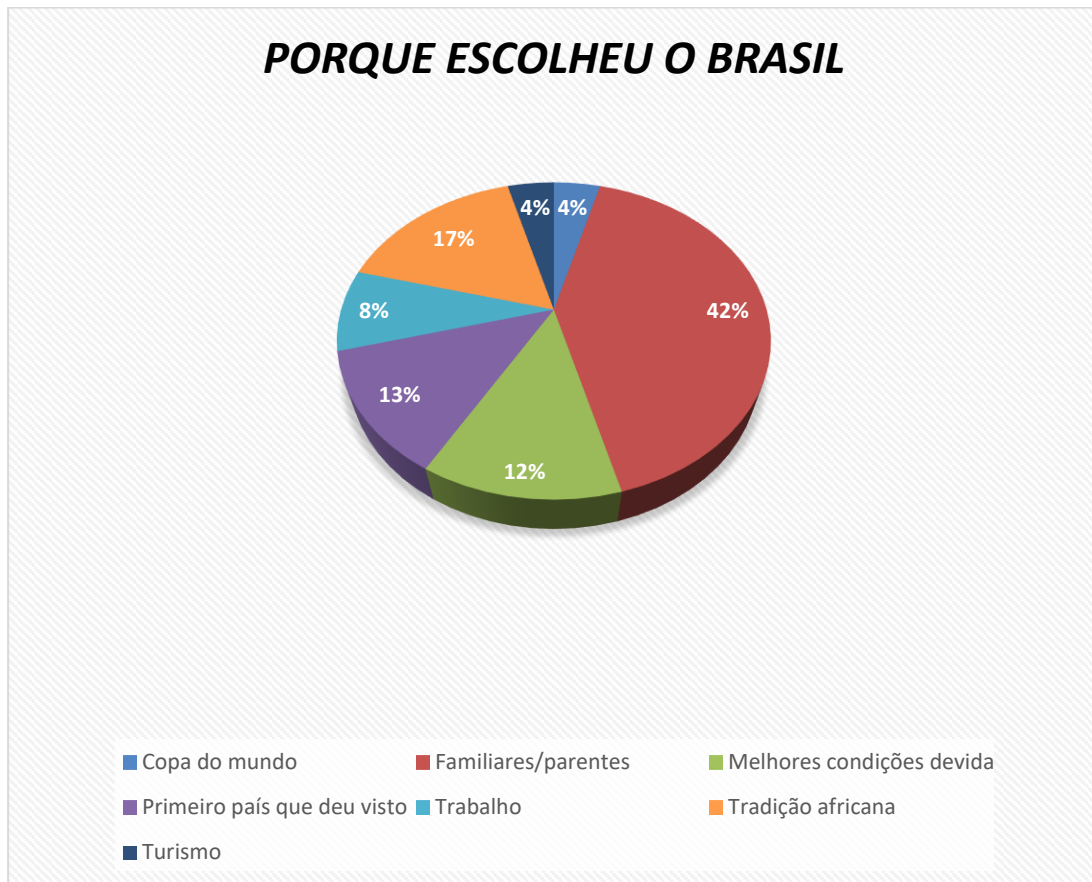


Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.8 OS MOTIVOS PARA A ESCOLHA DO BRASIL E A DA CIDADE DE SÃO PAULO

Segundo os depoimentos colhidos junto aos entrevistados, a maior parte deles, 42%, escolheu o Brasil pelo fato de já haver no país uma rede de familiares ou amigos que já residiam no país. Outro fator destacado pelos nigerianos deve-se ao fato de haver no Brasil, segundo os mesmos, uma importante tradição africana citada por 17% dos entrevistados. Em seguida vem o fato de o Brasil ser o país com maior facilidade para obtenção do visto. Complementando este quadro, ressaltamos a busca por melhores condições de vida, 12% e de oportunidade de trabalho 8%. Os motivos menos relevantes apresentados pelos entrevistados foram o turismo e a Copa do Mundo de 2014, ambos possuindo o mesmo valor de 4%. O gráfico 11 evidencia as escolhas e sua porcentagem.

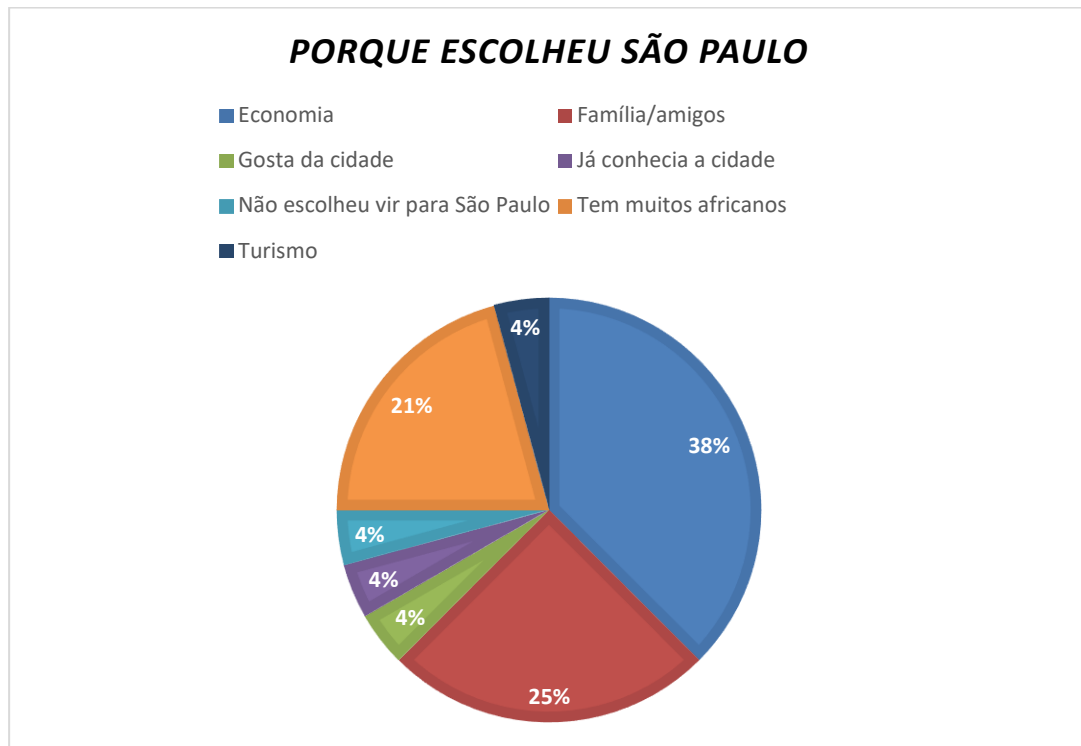
Gráfico 11 – Porque os nigerianos escolheram o Brasil



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Desta maneira, podemos compreender as escolhas dos imigrantes pelo fato de que os mesmos já contavam com uma rede de amigos ou familiares residentes na capital paulista e já vieram na expectativa de arrumarem um emprego ou montar um pequeno negócio, pois ao migrarem os nigerianos já sabiam do potencial de empregabilidade, serviços e comércio que a cidade possui, podendo mais do que em qualquer outro lugar do Brasil arrumar uma ocupação e, inicialmente, um meio de subsistência, bem como um emprego para ajudar seus familiares no país de origem. Portanto, podemos destacar o aspecto econômico de 38% citado pelos entrevistados como o principal motivo da escolha pela cidade de São Paulo, seguida pela importância da presença de familiares e parentes com 25%, além de ser uma escolha importante para os nigerianos, bem como o fato de São Paulo possuir a maior comunidade africana do país, de acordo com os depoimentos colhidos junto aos mesmos, exposto no gráfico 12.

Gráfico 12 – Porque os nigerianos escolheram a cidade de São Paulo



Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.9 REGIÕES DE SÃO PAULO EM QUE OS NIGERIANOS RESIDEM

Segundo dados do CONARE e da Polícia Federal, a maior parte dos imigrantes e refugiados nigerianos que vivem em São Paulo moram no bairro de Guaianases, zona leste da cidade. No entanto, através do trabalho de campo e das entrevistas podemos atestar que os imigrantes nigerianos estão espalhados e que eles residem em todas as cinco regiões da cidade como no centro, nas zonas sul, norte, leste e oeste e em diversos municípios vizinhos da região metropolitana de São Paulo como Guarulhos, Osasco, Itaquaquecetuba, Taboão da Serra, Cotia e Embu das Artes. A maioria deles reside na zona sul, 21% e zona leste, 21%, ambas com o mesmo percentual seguido da zona norte de 13% e centro 13% cada, zona oeste 5% e os demais 27% residem em outros municípios, próximos à capital paulista, como evidenciado no gráfico 13 em que Eixo X representa a quantidade de entrevistados; eixo Y a região que mora em São Paulo.

Gráfico 13 – Região de São Paulo em que moram os nigerianos

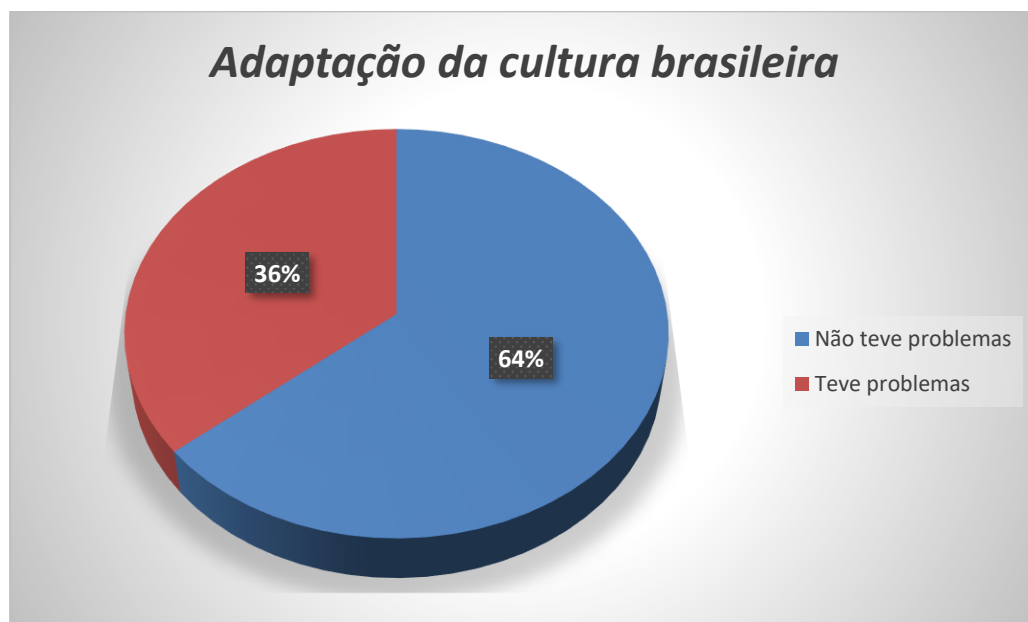


Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.10 ADAPTAÇÕES DOS IMIGRANTES NIGERIANOS À CULTURA BRASILEIRA

Quanto à adaptação cultural no Brasil, a maior parte dos entrevistados, 64% afirmou não ter problemas com ela, contra um total de 36% que afirmou ter tido dificuldades em adaptar-se em terras brasileiras, mostrado no gráfico 14.

Gráfico 14 – Adaptação à cultura brasileira



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Segundo impressões colhidas junto aos nossos entrevistados, podemos captar que, com exceção da questão da língua e do racismo estrutural existente em nossa sociedade, que devido à sua importância esses assuntos serão abordados em itens à parte neste trabalho. Como atestam os números acima, em sua maioria, os nigerianos não tiveram maiores problemas quanto à adaptação ao contexto cultural em nosso país. Segundo depoimentos podemos aferir que, obviamente, na chegada deste imigrante, num primeiro momento, há certo estranhamento com as normas e costumes, bem como com as tradições e valores vigentes em nossa cultura e até mesmo com a alimentação. Mas, com o passar do tempo e com a convivência social com a comunidade local e o domínio territorial, esta adaptação vai se ajustando.

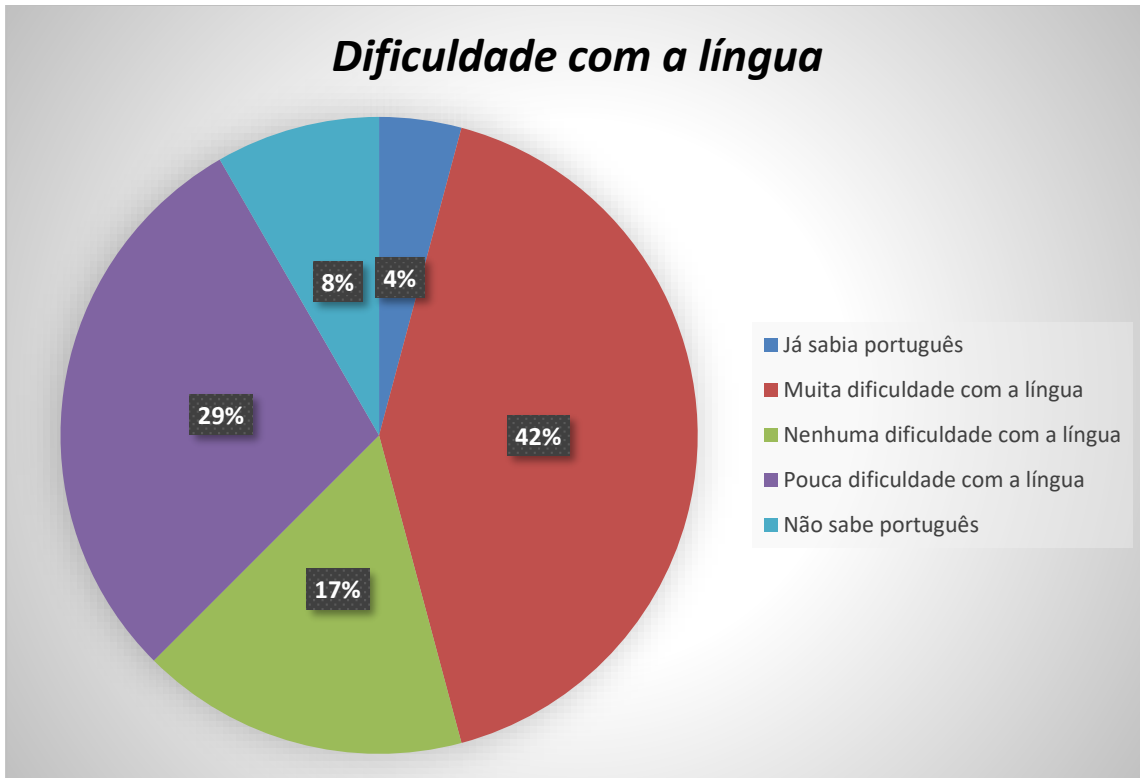
Um aspecto amplamente destacado pelos entrevistados é a simpatia e a receptividade do povo brasileiro, que segundo os mesmos ajudam muito neste processo, tanto que muitos deles possuem diversos laços de amizade com brasileiros, especialmente com as brasileiras, como já citado nesta Dissertação, em que muitos são casados e possuem filhos com as mesmas. Neste aspecto as mulheres brasileiras são muito elogiadas por seus pares nigerianos por serem, segundo os mesmos, muito trabalhadeiras, guerreiras, dedicadas aos filhos e boas companheiras. A capital paulista também foi amplamente elogiada quanto ao aspecto religioso, pois segundo relato dos entrevistados não há problemas para que estes possam praticar suas religiões sejam eles cristãos, muçulmanos ou praticantes de cultos de origem afro-brasileira, como o candomblé ou a umbanda.

3.10.1 Dificuldades com a língua

Podemos atestar que a maior dificuldade dos imigrantes nigerianos em solo brasileiro é a questão da língua pelo fato do Brasil ser um país monolíngue, diferentemente da maioria dos países do continente africano como a Nigéria, que possui mais de 526 línguas, com destaque para os idiomas Yorubá, Igbo e Hauçá, pertencentes às maiores etnias do país, sendo o inglês o idioma oficial e que é usualmente falado, sobretudo nos centros urbanos dos quais derivam a maioria dos nossos entrevistados, bem como de outras regiões do mundo. Essa dificuldade vivida diariamente pelos nigerianos na cidade de São Paulo torna-se, de fato, uma barreira que afeta a vidas destas pessoas em todos os aspectos da sua vida cotidiana; tanto no aspecto cultural quanto social, pois sem o domínio mínimo do idioma local as mesmas não conseguem comunicar-se com as pessoas nos lugares onde residem e, tampouco, arrumar um trabalho para a sua subsistência ou para a melhoria da sua condição de vida, sendo esse o maior desafio a ser enfrentado pelos nigerianos. Muitos deles acreditavam que, ao chegar aqui, encontrariam as pessoas falando inglês e sequer pensaram neste aspecto. Sendo assim, o relato das dificuldades com o aprendizado da língua portuguesa são diversos e, por vezes,

dramáticos ou comoventes, como podemos observar no gráfico 15.

Gráfico 15 – Dificuldade com o idioma português

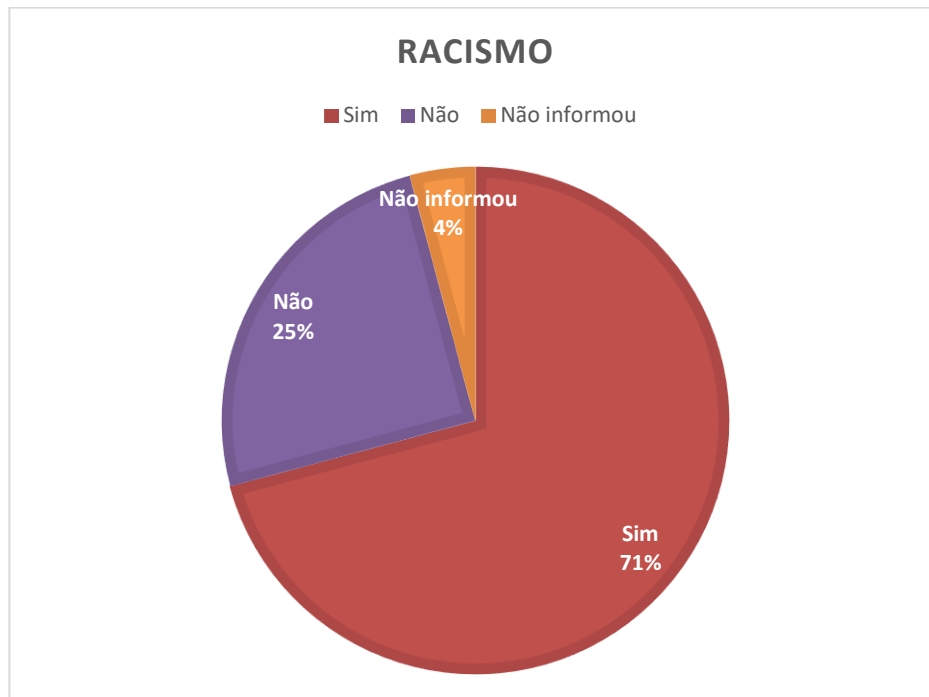


Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.10.2 Racismo e xenofobia

Um tema crucial desta pesquisa é compreender como o racismo estrutural afeta os membros da colônia nigeriana na cidade de São Paulo. Pudemos comprovar pelos relatos, às vezes dramáticos e outras vezes comoventes, como esse problema, profundamente arraigado nas estruturas sociais brasileiras, não poupa ninguém que tenha a cor da pele preta, independentemente de sua origem ou classe social, pois a maioria dos nossos entrevistados advém de famílias estruturadas e com certo poder aquisitivo para poder bancar todos os custos que envolvem a sua migração para o Brasil, como passagens de avião, hospedagem, alimentação e todas as despesas referentes à vida dos mesmos, até que esses possam, efetivamente, arrumar um emprego e estabelecerem-se na capital paulista que, segundo a FIPE, tem uma das maiores taxas de inflação, bem como um dos custos de vida mais altos do país, como mostra o gráfico 16.

Gráfico 16 – Imigrantes nigerinos que tiveram alguma experiência com o racismo



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Os números apurados atestam o problema elencado o qual a maioria dos nigerianos, 71% do total, afirmaram ter sofrido algum tipo de racismo e xenofobia e que os mesmos estavam expostos a todos os tipos de racismo existentes que um cidadão de cor preta pode sofrer diariamente em locais comuns como nas ruas, no transporte público, em ônibus, trens metropolitanos e, principalmente, nas linhas do metrô, que fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas. O atendimento, muitas das vezes, é discriminatório ou xenófobo em ambientes distintos como supermercados, bancos e lojas em geral, nos ambientes de trabalho, hospitais e escolas, que por sua vez contribuem para que a maior parte destes imigrantes tenha a visão do Brasil como um país racista, diferentemente da imagem vendida a eles, de um lugar multirracial, tolerante e amigável com as pessoas pretas, como descreve o mito da democracia racial. Na verdade grande parte deles descobre de uma forma muitas vezes dolorosa e também cruel que existe preconceito, pois colhemos relatos de pessoas que sofreram preconceitos por parte de outras pessoas, também pretas, pelo fato de serem estrangeiros.

Os números desvelam que apenas 25% dessas pessoas manifestaram não ter sofrido nenhum tipo de racismo ou não terem percebido qualquer manifestação, neste sentido, em terras brasileiras bem como na capital paulista, enquanto 4% não comentou a respeito desse assunto. Nas linhas seguintes poderemos acompanhar vários testemunhos dos nigerianos que envolvem casos de racismo, velados ou explícitos, vividos no seu cotidiano, na cidade de São Paulo.

3.10.3 Religiões dos imigrantes nigerianos

Sabe-se que é histórica a influência da religião na vida do ser humano por ser a religiosidade um fio condutor para os modos de agir e pensar, sendo parte inerente de formações identitárias. A intolerância, fenômeno quase sempre pautado por disputas de territórios, culturas ou aspectos econômicos e sociais assume características de violência quando há desrespeito aos que professam cultos e rituais religiosos diferentes daqueles das religiões predominantes (Romão, 2005).

No ordenamento jurídico brasileiro estão inseridas as garantias de liberdade de culto, mas a questão da intolerância religiosa precisa ser amadurecida para ser melhor compreendida e combatida. A relevância do estudo reside no fato de que reflexões e pesquisas contínuas são necessárias para a melhoria de medidas jurídicas e educativas que sirvam de amparo contra violências sofridas por praticantes de grupos religiosos minoritários, vítimas da intolerância em nosso país há muito tempo.

O Brasil possui significativa pluralidade de raças, culturas e religiões, mas ao falar sobre intolerância religiosa, reporta-se, via de regra, às religiões afro-brasileiras. A violência se manifesta no momento em que alguém é agredido, insultado, ameaçado ou discriminado em razão do seu credo religioso (Silva, 2018, Cardoso, Sales, 2017, Silva, Soares, 2015 apud Portela *et al.*, 2021). Nesse sentido, os direitos insculpidos no texto Constitucional são violados, configurando-se crime previsto no Código Penal Brasileiro.

De acordo com as autoras, quanto às religiões de origem afro-brasileiras o termo Umbanda é derivado de “umbana”, que significa “curandeirismo” na língua banta falada em Angola, o quimbundo. A Umbanda é uma religião brasileira fundada através de elementos de outras religiões como o catolicismo e o espiritismo, agregados a elementos da cultura africana e indígena. A Umbanda lida com conceitos do kardecismo, como o de “evolução” e “reencarnação” e tem a figura de Jesus como referência espiritual.

Mesmo esta religião tendo sua origem nas senzalas, onde em reuniões os escravos louvavam os seus deuses com danças e cânticos e incorporavam espíritos no Brasil, a mesma, foi iniciada oficialmente nos subúrbios do Rio de Janeiro por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes, a partir de 15 de novembro de 1908, com uma mescla de elementos do catolicismo, dos cultos africanos e do Espiritismo kardecista (Bezerra, 2010). A religião umbandista crê na imortalidade dos espíritos, ancestrais e próximos, que se comunicam com os encarnados, mais comumente pela incorporação através dos médiuns. Os trabalhos, rituais e assistências ocorrem com a manifestação dos “orixás”, vocábulo que na Umbanda designa os espíritos, que são de berço e tempos diversos, como pretos velhos das antigas senzalas caboclas, índios, fidalgos, viajores e crianças (Bezerra, 2010). Na Umbanda há correntes conhecidas como a Umbanda branca, linha que trabalha com aprendizados e curas, em cujas sessões os seus membros usam roupas brancas, também conhecida como Umbanda

de cáritas (caridade) e Umbanda de Angola, linha influenciada pelo Candomblé. O Candomblé foi inserido no Brasil nos primórdios do século XIX pelos nagôs e bantos, através do tráfico de escravos, que em suas cerimônias secretas ou públicas demonstravam forte ligação com os ancestrais e os orixás que são, para eles, representações dos elementos da natureza (Michaelis, 2020).

No que diz respeito aos cultos religiosos de natureza afro-brasileira, somente no ano de 1984 foi legalizado em nosso país o primeiro terreiro de Candomblé e Umbanda, chamado em Yorubá (língua ritual) de ilê Axé Iyá Nossô Oká, ou Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador (BA), um dos primeiros e mais respeitados santuários da religião dos Orixás que deu origem a centenas de outros terreiros em todo o país. Fundado na década de 1830, foi o monumento pioneiro da cultura negra considerado Patrimônio Histórico do Brasil, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 1984). O fato da Umbanda e o Candomblé conservar elementos da cultura africana faz com que os preconceitos se propaguem de forma muitas vezes irreversível, pois é nítido que a intolerância religiosa anda lado a lado com o racismo, conforme Silva, Soares (2015).

Do ponto de vista de Silva e Soares (2015), foi nessa conjunção que a população negra sobreviveu e praticou sua crença e sua fé. As autoras ressaltam que o fato de as religiões afro-brasileiras e africanas realizarem seus cultos com música, danças e seus mistérios causavam repulsa e indignação e medo nos outros segmentos religiosos, derivados de religiões “oficiais” e socialmente aceitas, cuja origem é branca e burguesa.

Quanto ao aspecto religioso, nossa pesquisa de campo mostra, entre o grupo de entrevistados, que a maioria é formada por cristãos, sendo 20% católicos e 17% evangélicos, muçulmanos com 25% do total e 9% de umbandistas e, os que não declararam o seu credo são constituídos por 29%. É interessante observar que as porcentagens de cada religião dos imigrantes nigerianos em São Paulo são muito semelhantes às proporções demonstradas na Nigéria, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Religião dos imigrantes nigerianos e a quantidade de entrevistado

Religião		Quantidade¹⁴
Candomblé/ Umbanda		2
Cristão	Católico	5
	Evangélico	4
	Não especificou	5
Muçulmano		6
Não informou		4

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Desse grupo, todos os que professam sua religião mostraram-se satisfeitos com a demanda existente de igrejas, templos evangélicos, terreiros de candomblé ou mesquitas na capital paulista, onde se sentem acolhidos pelos católicos em especial, pois existe uma missa aos domingos pela manhã, ministrada em inglês por um padre nigeriano na Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada no Largo do Paissandú, no centro da cidade de São Paulo, um local de fácil acesso tanto de metrô quanto de ônibus.

Os números comprovam a grande importância das religiões cristã e islâmica no país mais populoso do continente africano, mas embora existam muitas religiões na Nigéria, este país é dividido principalmente entre as duas mais dominantes do mundo, o Cristianismo e Islamismo. É difícil nomear a proporção exata, mas segundo algumas estimativas, essa proporção é de 53% a 45% ou 50% a 49, sendo que esta diferença não é tão alta, pois atualmente, na Nigéria, predominam como as maiores religiões o cristianismo e o islamismo.

Podemos compreender que na comunidade nigeriana residente na capital paulista existe uma convivência religiosa muito respeitosa entre muçulmanos, católicos e pessoas do candomblé, em que cada qual professa a sua fé e convivem amistosamente, com alguns usando o seu tasbih como colar ou no pulso, bem como outros com crucifixos no pescoço convivendo todos no mesmo espaço sem segregação ou qualquer tipo de preconceito entre os mesmos.

3.11 TRABALHOS: AS PROFISSÕES EXERCIDAS PELOS IMIGRANTES NIGERIANOS (NIGÉRIA/BRASIL)

Segundo Paula Montagner e Sandra Márcia Chagas Brandão (1996), o movimento de deslocamento populacional inter e intrarregional, ou seja, a migração, é normalmente associada à busca, por indivíduos e famílias, de melhores possibilidades socioeconômicas. Para as autoras, além dos fatores de expulsão identificáveis na região de origem, este estímulo pode ser associado a diversos fatores de atração, dentre os quais cabe destacar o acesso a bens e serviços de consumo coletivos mais modernos e/ou adequados. Na década de 80, a direção desse movimento sofreu relativa alteração e as cidades de porte médio adquiriram maior importância como destino dos fluxos migratórios. De certa forma, essa mudança pode ser relacionada aos crescentes custos em termos de qualidade de vida, de morar em grandes metrópoles. Há a iniciativa de obter um posto de trabalho qualitativamente ideal que viabilize maior renda individual e familiar, possibilitando ampliação da cesta de consumo passível de aquisição e que permita a ascensão social, movimento que, no Brasil, tem sido determinado essencialmente pela forma de inserção no mercado de trabalho.

A crise econômica experimentada pela economia mundial com seu início no ano de 2008 e foco nas sociedades centrais do capitalismo vai promover alterações nos fluxos da migração internacional em praticamente todos os países. Regiões de destino de migração deixaram de ser atrativas e, em alguns casos, passaram a ser locais de expulsão de mão de obra migrante e também de seus nacionais, invertendo tendências presentes no cenário mundial, prevalentes há mais de 30 anos. Nessa nova situação, que também atinge o Brasil, o processo de emigração, tendo os grandes centros do Hemisfério Norte como local de destino, passam por uma reversão que inclui a migração de retorno às regiões de origem dos antigos imigrantes e o aparecimento de um novo fluxo composto de imigrantes naturais dos países com maior nível de desenvolvimento que, em sua maior parte, possuíam nível de instrução elevado e estavam em busca de colocação no mercado de trabalho, na maioria dos casos, em países emergentes, por conta de avanços na economia que geraram postos de trabalho não ocupados por nacionais.

Para Duval Fernandes (2015) cada vez mais a questão da imigração ganha destaque no cotidiano social, seja nos noticiários midiáticos, ao circular por algum centro urbano ou até em seu local de trabalho e, nesse sentido, a presença de pessoas provenientes de outros lugares do planeta se faz notória. Para o autor, o Brasil é um exemplo de país que vive um *boom* imigratório desde o início do século XXI. Entre 2000 e 2010 o número de imigrantes internacionais aumentou em 451,18% no Brasil.

Em relação ao trabalho, Fernandes (2015) informa que os imigrantes têm sido atingidos massivamente pela precarização. No contexto do novo complexo de reestruturação produtiva do

capital, o exemplo dos imigrantes talvez seja o mais exacerbado da tendência estrutural das más condições de trabalho e uma pequena parte desse fenômeno é visível, pois eles têm, em geral, os horários mais desconfortáveis como jornadas noturnas e nos finais de semana, combinando salários mais depauperados, superexploração e discriminação. Ou seja, a inserção dos imigrantes no mundo do trabalho e nas sociedades receptoras pode trazer desafios significativos para a saúde pública.

Neste contexto, no tocante à migração nigeriana, especificamente quanto às profissões exercidas na cidade de São Paulo, pode-se observar, através dos depoimentos colhidos junto aos nossos entrevistados, que há uma característica muito peculiar, ou seja, o fato de haver uma propensão maior destes imigrantes no setor de comércio e serviços em cerca de 75% dos entrevistados. As profissões exercidas pelos mesmos, conforme aferimos em depoimentos, são diversas, mas podemos observar que existe uma boa parcela destes que são comerciantes de loja, 13%, o mesmo percentual apresentado por vendedores, também 13%. A mesma proporção é verificada seguida por proprietários de lojas e 9% os demais. Estes três grupos representam as maiores porcentagens, sendo que os demais, 75%, encontram-se atuando em profissões bem diversas como professores de inglês, conforme o gráfico 17 a seguir em que o Eixo X corresponde a profissões e o Eixo Y à quantidade de entrevistados.

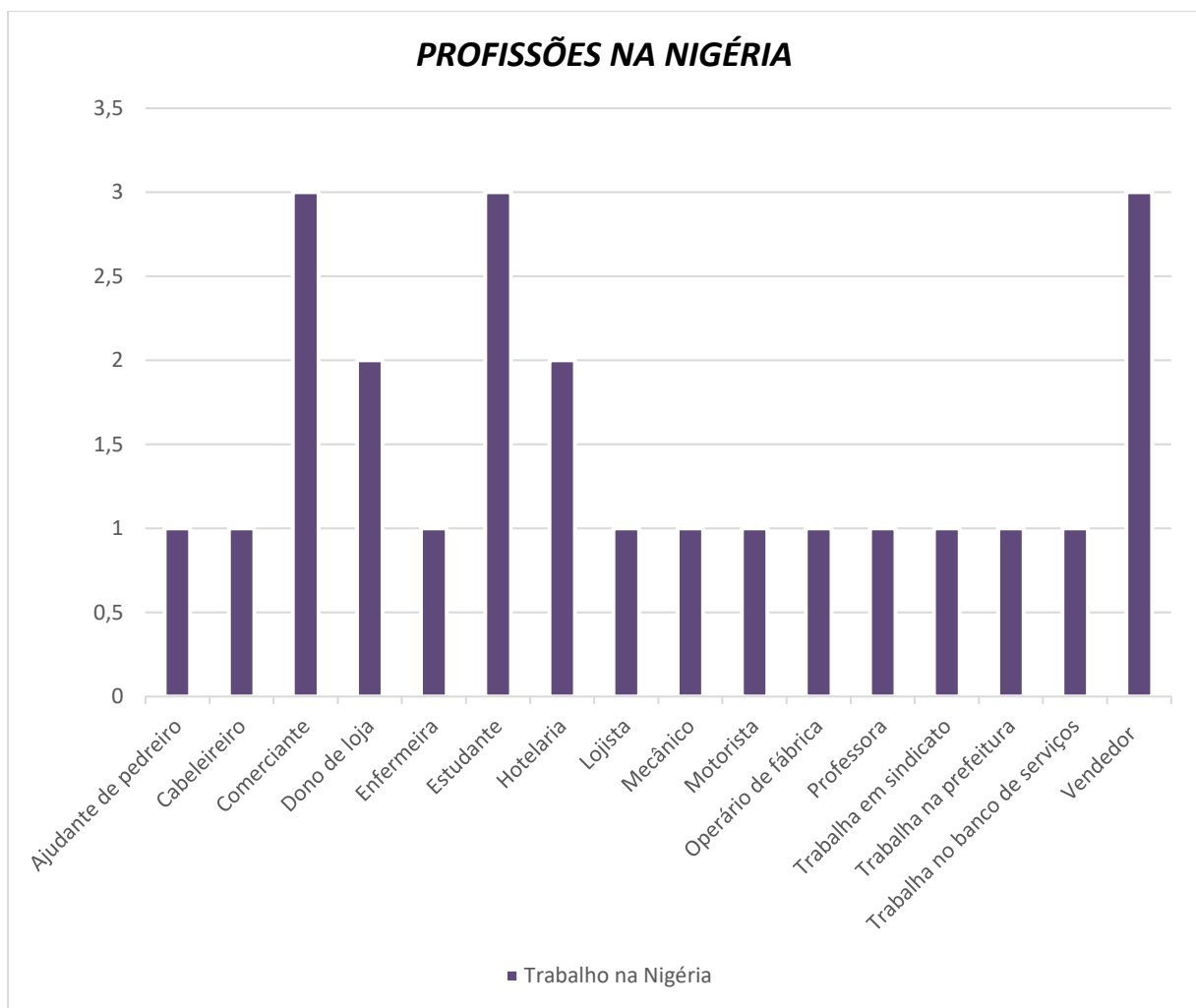
Gráfico 17 – Profissões que os nigerianos exercem no Brasil



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Através dos dados colhidos em depoimentos junto aos nossos entrevistados podemos concluir que o grupo formado por esta comunidade na cidade São Paulo é constituído por pessoas trabalhadoras e honestas, formado, em sua maioria, por pais e mães dedicados que lutam com muita garra e disposição para sustentarem suas famílias no Brasil. Incluem-se neste grupo também os poucos solteiros, que como os demais citados, ainda enviam, na medida do possível, numerários para ajudar seus familiares na Nigéria. O gráfico 18 exibe os trabalhos exercidos na Nigéria e o Eixo X: representa a quantidade de entrevistados e eixo Y as profissões.

Gráfico 18 – Trabalho que os nigerianos exerceram na Nigéria



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Quanto às profissões exercidas pelos mesmos na Nigéria, podemos constatar segundo o gráfico 18, que em sua grande maioria atuavam também no comércio, perfazendo um total entre comerciantes, donos de loja e vendedores, 34%, existindo assim uma similaridade entre as porcentagens apresentadas por este grupo tanto no Brasil quanto na Nigéria, seguidos por estudantes

com 13% enquanto 53% deste total são formados por profissões diversas.

Destacamos que através destes testemunhos constatamos uma situação vivida por esses imigrantes na capital paulista que, na realidade, mostra-se totalmente inversa à apresentada nas reportagens exibidas nos programas sensacionalistas da televisão brasileira que focam, em geral, um grupo minoritário que atua em ações ilícitas, mas como prova documental deixamos todas as entrevistas concedidas pelos imigrantes nigerianos, na íntegra, no Apêndice III desta Dissertação para que possamos justificar nossos argumentos a favor dessas pessoas, homens e mulheres, que trabalham honestamente tanto para sobreviverem quanto para ajudar seus familiares, como já citado, e mais, colaboram, trabalhando em diversas profissões de forma legal, com o seu trabalho honesto e, sobretudo, com os seus comércios, para dinamizar e fortalecer ainda mais a economia da capital paulista e, conseqüentemente do nosso país. Da nossa parte queremos explicitar todo respeito, admiração e gratidão, a essas pessoas que deixaram sua terra natal para viver uma vida nova na cidade de São Paulo.

Como podemos observar, no gráfico 18, as profissões exercidas por esses imigrantes são bem diversificadas, sendo que, segundo relatos colhidos junto aos mesmos, alguns deles empreendem uma jornada dupla atuando na mesma função como, por exemplo, enfermeiros e professores de inglês que podem atuar diuturnamente em horários alterados. Os que atuam no comércio, como podemos observar, formam a maioria desse grupo e trabalham geralmente de segunda-feira a sábado e, conseqüentemente, tendo pouco tempo para desfrutar do lazer junto aos seus familiares e amigos. Podemos salientar, através dos testemunhos dos mesmos, a importância destes rendimentos para que os imigrantes possam, na medida do possível, ajudar seus familiares que se encontram na Nigéria por meio da remessa de numerários, fator que a grande maioria dos entrevistados, leva muito a sério. A exceção é feita aos estudantes que vivem de forma autônoma ou até mesmo contam com a ajuda de seus familiares que residem tanto na Nigéria quanto no Brasil.

Em comparação com as atividades exercidas pelos mesmos trabalhadores no país de origem podemos compreender o porquê da busca por atividades nos ramos de comércio e de serviços, com cerca de 55%, já que a maioria desses trabalhadores atuavam nesses segmentos na Nigéria, além de cerca de 13% serem estudantes e os demais atuarem em diversos ramos.

Figura 2 – Foto de estátua de girafa na entrada da loja, Praça da República



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Um aspecto a ser destacado entre os membros dessa comunidade é que a maioria dos nigerianos trabalha em empregos formais ou com carteira assinada, sendo que 25% deles são donos dos seus próprios negócios como restaurantes, lanchonetes, lojas de artigos religiosos e profissionais liberais autônomos. Portanto, no geral, podemos verificar que em relação (comparação) a outras nacionalidades provenientes do continente africano como, por exemplo, Senegaleses, Angolanos e Moçambicanos, países de língua lusófona, não são expressivos os números de nigerianos trabalhando no comércio informal na cidade de São Paulo, pois entre os entrevistados havia apenas uma pessoa que trabalhava no comércio informal no bairro do Brás 8% informou estar procurando emprego e apenas 1% não informou a sua profissão.

Figura 3 – Interior da loja, máscaras africanas e artigos diversos



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Outro aspecto positivo da imigração nigerina a ser evidenciado é o alto nível de escolarização apresentado por este grupo o qual a grande maioria possui diploma de cursos superiores em várias áreas como Pedagogia, Administração, Economia, Letras e Matemática, mas como já demonstrado nos quadros anteriores, nenhum deles atua em sua área de formação.

Figura 4 – Foto de loja de produtos africanos, Praça da República



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Figura 5 – Foto de entrada de loja, Praça da República



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Constatamos que existe na cidade de São Paulo uma convivência amigável e pacífica entre os membros das comunidades Yorubá e Igbo que migraram de cidades localizadas nas regiões sudoeste e sudeste da Nigéria e interagem sob um sentimento de pertencimento, reconhecendo-se como irmãos nigerianos, convivendo no mesmo espaço e interagindo uns com os outros sendo que membros de uma comunidade até indicaram para entrevistarmos, sem nenhuma restrição, pessoas da outra etnia. Segundo os depoimentos a exceção é feita, francamente, aos Hauçás/Fulanis que residem na região norte do país e, de maneira geral são execrados tanto por Yorubás quanto por Igbos devido aos seus mandos e desmandos executados em todas as esferas de poder e foram acusados pelos entrevistados por corrupção, violência e, sobretudo, pela péssima administração e má gestão do dinheiro público

que martiriza pela pobreza, desemprego, educação e saúde precárias à maior parte da população nigeriana, como demonstra a fala a seguir: “*Você encontrar hauçás só na embaixada. Então, você quer ajuda lá no meu país ir no consolado... muito difícil. Todos lá Yorubá e Igbo ele, Hauçás não quer escutar nada, não quer que ninguém fale nada... ninguém, só eles*” (Gboko).

Por outro lado, de acordo com os relatos dos entrevistados, há um grande sentimento de irmandade e solidariedade entre os membros da comunidade Yorubá e sentimos o orgulho e a distinção por parte dessas pessoas por fazerem parte dessa cultura milenar e tão rica.

Durante o nosso trabalho de campo podemos constatar que existe até mesmo uma plataforma digital muito utilizada pelas comunidades Yorubás e Igbos em São Paulo, chamada OPU, na qual estas comunidades se informam dos acontecimentos diários em toda a América do Sul participam dos debates e comentam assuntos diversos referentes ao continente africano, em especial, os que dizem respeito à Nigéria, de acordo com os interesses de cada comunidade.

Tem... tem... tem Yorubá, comunidade que faz é... que comunica cultura Yorubá pra que você precisar, pra o que você tem. É... tem esse no meu celular pra conversar, esse tem plataforma é... que chama OPU. Esse Yorubá plataforma que a gente conversa que tudo pessoa que tem problema esse é aberto pra você africano, tudo o que tá acontecendo... na South America a gente conversa. Tem... tem Igbo também, que faz tudo... Yorubá tem, Igbo tem em comunicar, mas tudo é no seu idioma, ele não vai escutar meu idioma aqui a gente conversar, se ele conversar na plataforma a gente não escuta. (risos) (Ijero).

Através dos depoimentos conseguimos constatar que há em comum um sentimento de exaltação e amor próprio por parte dos membros da comunidade Yorubá na capital paulista, conforme depoimentos colhidos. “*Graças a Deus Nigéria tá ótimo, lá tem cultura... tem cultura Yorubá...*” (Nsukka).

Corroborando com este sentimento o depoimento acima o qual a entrevistada, que é mãe de santo, exalta a cultura de sua terra natal em sua entrevista, sobretudo, a cidade de Ilè-Ifè (casa do Amor), a cidade sagrada dos Yorubás.

(...) então, ainda tem aquelas culturas Yorubá... e Yorubá são muito pacífico, eles não são terroristas, eles são muito políticos, assim, muito intelectual... eles são muito estudiosos, então lá não tem... o que tá tendo hoje... se está tendo explosão hoje é esse povo do norte que tá trazendo... a região sul é mais tranquilo porque nós temos outra mentalidade e nós não somos terroristas, somos guerreiros que tá brigando pra independência nossa... então, nós estamos protegendo nosso território pra esses povos de norte não vir (Socoto).

Podemos observar, de acordo com o testemunho dos entrevistados acima, que é Igbo a admiração e a irmandade que existem entre estes povos da região sul da Nigéria, onde o mesmo

destaca a cultura Yorubá, bem como a relevância intelectual dos mesmos para a cultura nigeriana.

Huassa é difícil você ver aqui porque eles são os povos que tão... tão muito na política; então, eles que estão estragando o país, então como eles tão muito... são muito beneficiados da... da política, então eles não gostam de sair. Se você ver o povo saindo é porque não é beneficiário... (Socoto).

Conforme o depoimento, podemos observar a visão sobre os membros da etnia Hauçá quanto a pertencerem a um grupo privilegiado, formando um retrato em comum entre os Yorubás e Igbos na cidade de São Paulo.

Podemos asseverar que, de fato, existe na cidade de São Paulo uma convivência amigável e pacífica entre os membros das comunidades Yorubá e Igbo, exceto com pessoas da etnia dos Hauçás/Fulanis, da região norte do país, por motivos de envolvimento com corrupção, violência, péssima administração e má gestão do dinheiro público, conforme exposto anteriormente.

Eu Yorubá. Então, Yorubá e Igbo menores... entende né? Então, Hauçás maiores, domina todo mundo; aqui na São Paulo não tem Hauçás, todo mundo não Hauçás, só ficar na Nigéria, só dominar tudo; Yorubá e Igbo benefício nada... todo mundo que sair pra outro país (Gboko).

De acordo com os testemunhos das entrevistadas, podemos ressaltar uma característica relevante da cultura africana como o patriarcalismo, citado pela maioria das mulheres durante o trabalho de campo tanto na questão da figura paterna como de autoridade familiar e, sobretudo como elencado nestes exemplos, exercida pela representação de poder simbólico pela autoridade do marido e, nos casos citados, foram os mesmos que decidiram o destino do casal quanto à vinda ao Brasil, como podemos observar no depoimento da entrevistada a seguir.

Olha, África já falou, qualquer lugar que marido tá mulher tem que ir atrás... é assim que é a cultura, marido é que manda "Porque meu marido vem aqui... onde ele vai eu vai com ele,.. Eu tenho tudo aqui até filho... meu filho já faz isso também, ele faz pós-graduação agora (Nsukka).

O mesmo é corroborado por outra imigrante nigeriana que também destaca a vinda ao Brasil, não por escolha própria, mas por decisão do seu companheiro. Em ambos os depoimentos ficam explícitas a questão cultural e patriarcal que geralmente envolve a vinda de mulheres ao Brasil acompanhando seus cônjuges por decisão desses, não por elas. “Ah, porque meu marido resolveu morar aqui” (Zaria).

Essa visão ficou evidenciada ainda mais, durante o nosso trabalho de campo, quando nos deparamos com alguns casais nigerianos e o homem nos concedeu sua entrevista gentilmente, mas não autorizou que sua mulher, que estava ao seu lado falasse conosco. Em outras duas ocasiões

quando abordamos duas mulheres nigerianas que se encontravam sozinhas elas nos comunicaram que precisavam falar ou pedir aos seus maridos se podiam conceder-nos a entrevista e, segundo as mesmas, seus companheiros negaram a autorização e não pudemos concluí-las.

No entanto, podemos salientar toda a simpatia e boa vontade daquelas que tivemos o prazer de entrevistar. Outro traço muito evidente destas mulheres é que elas são muito sérias, esforçadas, focadas e absolutamente comprometidas com seus trabalhos independentemente do ramo que atuem ou de suas ocupações sejam elas lojistas ou cozinheiras, como podemos constatar, de acordo com os testemunhos, a seguir.

Então, decidi não. A minha tia tinha uma loja na época, loja é... hum... 1,99, então ela me trazer para trabalhar com ela, aí eu saio para trabalhar, que ela tava sozinha aqui, ela precisar alguém pra ajudar de família, aí ela me trouxe (Warri).

Um exemplo claro dessa determinação e superação das mulheres africanas que vieram para São Paulo é o da entrevistada acima, que veio ao Brasil para, segundo ela, trabalhar na loja de sua tia e hoje é proprietária de uma próspera loja de produtos típicos da Nigéria, em um andar privilegiado e de fácil acesso na Galeria Presidente. *“Eu abri a minha loja, essa é a minha loja de comida. [...] Eu vim para o Brasil ano passado. Essa loja tem só um ano. Eu sou ocupada (risos). [...] Ah, comida é nigeriana”* (Futua).

Outro bom exemplo é o da entrevistada que chegou ao Brasil por conta própria, não conhecendo ninguém e, principalmente sem o domínio da língua portuguesa, sendo uma das poucas entrevistas feita no idioma inglês. A entrevistada também é proprietária de um pequeno restaurante de comidas típicas nigerianas na mesma galeria. Essa mesma situação ocorreu com outra de nossas entrevistadas que possui uma loja de artigos religiosos e trabalha em família no centro da capital paulista, além de exercer a função de mãe de santo. Concluindo, três das nossas entrevistadas são proprietárias de comércios na região central da cidade de São Paulo sendo uma que apenas uma delas trabalha diariamente em uma cozinha industrial como cozinheira.

4 DEPOIMENTO DOS ENTREVISTADOS NIGERIANOS

4.1 ETNIAS

Constatamos que existe, na cidade de São Paulo, uma convivência amigável e pacífica entre os membros das comunidades Yorubá e Igbo, que migraram de cidades localizadas nas regiões sudoeste e sudeste da Nigéria, e interagem sob um sentimento de pertencimento, reconhecendo-se como irmãos nigerianos, convivendo no mesmo espaço e interagindo uns com os outros, como membros de uma comunidade e, até mesmo, indicaram para entrevistarmos, sem nenhuma restrição, pessoas da outra etnia. Segundo os depoimentos, a exceção é feita, francamente, aos Haucás/Fulanis, que residem na região norte do país, que, de maneira geral, são execrados, tanto por Yorubás quanto por Igbos, devido, segundo os mesmos, aos mandos e desmandos executados em todas as esferas de poder e acusados, pelos entrevistados, pela corrupção, violência e, sobretudo, pela péssima administração e má gestão do dinheiro público que martiriza, pela pobreza, pelo desemprego, pela educação e pela saúde precária a maior parte da população nigeriana.

Você encontrar hauçás só na embaixada. Então, você quer ajuda lá no meu país ir no consolado... muito difícil. Todos lá Yorubá e Igbo ele, Hauçás não quer escutar nada, não quer que ninguém fale nada... ninguém, só eles (Gboko).

Por outro lado, de acordo com os relatos dos entrevistados, há um grande sentimento de irmandade e solidariedade entre os membros da comunidade Yorubá e sentimos o orgulho e a distinção por parte dessas pessoas por fazerem parte dessa cultura, milenar, tão rica.

Durante o nosso trabalho de campo, podemos constatar que existe até mesmo uma plataforma digital muito utilizada pela comunidade Yorubás e por Igbos em São Paulo, chamada OPU, onde essas comunidades se informam dos acontecimentos diários, em toda a América do Sul, e participam dos debates, e comentam assuntos diversos referentes ao continente africano, em especial, os que dizem respeito a Nigéria, de acordo com os interesses de cada comunidade.

Tem... tem... tem Yorubá, comunidade que faz é... que comunica cultura Yorubá pra que você precisar, pra o que você tem. É... tem esse no meu celular pra conversar, esse tem plataforma é... que chama OPU. Esse Yorubá plataforma que a gente conversa que tudo pessoa que tem problema esse é aberto pra você africano, tudo o que tá acontecendo... na South America a gente conversa. Tem... tem Igbo também, que faz tudo... Yorubá tem, Igbo tem em comunicar, mas tudo é no seu idioma, ele não vai escutar meu idioma aqui a gente conversar, se ele conversar na plataforma a gente não escuta. (risos) (Ijero).

Através dos depoimentos, conseguimos constatar que há em comum um sentimento de exaltação e amor-próprio por parte dos membros da comunidade Yorubá na capital paulista conforme

depoimentos colhidos. “*Graças a Deus Nigéria tá ótimo, lá tem cultura... tem cultura Yorubá...*” (Nsukka).

Corroborar esse sentimento o depoimento acima, no qual a entrevistada, que é mãe de santo, exalta a cultura de sua terra natal, em sua entrevista, sobretudo, a cidade de Ilè-Ifè (Casa do Amor), a cidade sagrada dos Yorubás.

(...) então, ainda tem aquelas culturas Yorubá... e Yorubá são muito pacífico, eles não são terroristas, eles são muito políticos, assim, muito intelectual... eles são muito estudiosos, então lá não tem... o que tá tendo hoje... se está tendo explosão hoje é esse povo do norte que tá trazendo... a região sul é mais tranquilo porque nós temos outra mentalidade e nós não somos terroristas, somos guerreiros que tá brigando pra independência nossa... então, nós estamos protegendo nosso território pra esses povos de norte não vir (Socoto).

Podemos observar, conforme o testemunho dos entrevistados acima, que são Igbos, a admiração e a irmandade que existem entre esses povos da região sul da Nigéria, pois eles destacam a cultura Yorubá, bem como a relevância intelectual deles, para a cultura nigeriana.

Huassa é difícil você ver aqui porque eles são os povos que tão... tão muito na política; então, eles que estão estragando o país, então como eles tão muito... são muito beneficiados da... da política, então eles não gostam de sair. Se você ver o povo saindo é porque não é beneficiário... (Socoto).

Conforme depoimento abaixo, a visão sobre os membros da etnia Hauçá, quanto a estes pertencerem a um grupo privilegiado, formam um retrato em comum, entre os Yorubás e Igbos na cidade de São Paulo.

Eu Yorubá. Então, Yorubá e Igbo menores... entende né? Então, Hauçás maiores, domina todo mundo; aqui na São Paulo não tem Hauçás, todo mundo não Hauçás, só ficar na Nigéria, só dominar tudo; Yorubá e Igbo benefício nada... todo mundo que sair pra outro país (Gboko).

4.2 GÊNEROS

De acordo com os testemunhos das entrevistadas, podemos ressaltar uma característica relevante da cultura africana, o patriarcalismo, citado pela maioria das mulheres durante o trabalho de campo, tanto na questão da figura paterna, como autoridade familiar, quanto e, sobretudo, como elencado, nesses exemplos, exercida pela representação de poder simbólica, a autoridade do marido. Nos casos citados, foram eles que decidiram o destino do casal quanto à vinda ao Brasil, como podemos observar no depoimento da entrevistada abaixo:

Olha, África já falou, qualquer lugar que marido tá mulher tem que ir atrás... é assim que é a cultura, marido é que manda “Porque meu marido vem aqui... onde ele vai eu vai com

ele... Eu tenho tudo aqui até filho... meu filho já faz isso também, ele faz pós-graduação agora (Nsukka).

Isso é corroborado por outra imigrante nigeriana, que também destaca a vinda ao Brasil, não por escolha própria, mas por decisão do seu companheiro. Em ambos os depoimentos, fica clara a questão cultural e patriarcal que, geralmente, envolve a vinda de mulheres ao Brasil, acompanhando-os, por decisão deles, não por elas: “Ah, porque meu marido resolveu morar aqui” (Zaria).

Esta visão ficou evidenciada, ainda mais, durante o nosso trabalho de campo, quando nos deparamos com alguns casais nigerianos, quando o homem nos concedeu, gentilmente, sua entrevista, mas não autorizou que sua mulher, que estava ao seu lado falasse conosco. Em outras duas ocasiões, quando abordamos duas mulheres nigerianas que se encontravam sozinhas, elas nos comunicaram que precisavam falar ou pedir aos seus maridos se podiam conceder-nos a entrevista, e como, segundo elas, seus companheiros negaram a autorização, e não podemos concluí-las.

No entanto, podemos salientar toda a simpatia e boa vontade daquelas que tivemos o prazer de entrevistar. Outro traço muito evidente dessas mulheres é que elas são muito sérias, esforçadas, focadas e absolutamente comprometidas com seus trabalhos, independentemente do ramo que atuem, ou de suas ocupações, sejam elas lojistas ou cozinheiras, como podemos constatar de acordo com os testemunhos abaixo:

Então, decidi não. A minha tia tinha uma loja na época, loja é... hum... 1,99, então ela me trazer para trabalhar com ela, aí eu saio para trabalhar, que ela tava sozinha aqui, ela precisar alguém pra ajudar de família, aí ela me trouxe (Warri).

Um exemplo claro dessa determinação e superação das mulheres africanas que vieram para São Paulo é o da entrevistada acima, que veio ao Brasil para, segundo ela, trabalhar na loja de sua tia e hoje é a proprietária de uma próspera loja de produtos típicos da Nigéria, em um andar privilegiado e de fácil acesso na Galeria Presidente. “*Eu abri a minha loja, essa é a minha loja de comida. [...] Eu vim para o Brasil ano passado. Essa loja tem só um ano. Eu sou ocupada (risos). [...] Ah, comida é nigeriana*” (Futua).

Outro bom exemplo é o da entrevistada, que chegou ao Brasil, por conta própria, não conhecendo ninguém, e principalmente, sem o domínio da língua portuguesa, sendo uma das poucas entrevistas feitas no idioma inglês, que hoje também é proprietária de um pequeno restaurante de comidas típicas nigerianas na mesma galeria. Essa mesma situação ocorreu com outra de nossas entrevistadas, que possui uma loja de artigos religiosos, e que trabalha em família, no centro da capital paulista, além de exercer a função de mãe de santo. Concluindo, três das nossas entrevistadas, são

proprietárias de comércios, na região central da cidade de São Paulo, sendo uma que apenas uma delas, trabalha diariamente, em uma cozinha industrial, como cozinheira.

Figura 6 – Modelos nigerianas fotografadas na Lagos Fashion Week, em 2019



Fonte: Foto de Stephen Tayo/Lagos Fashion Week, 2023

4.3 FAMÍLIA/ AMIGOS

4.3.1 Família

Segundo Fábio Leite (1996), a família negro-africana tradicional em sociedades agrárias, conhecida pela denominação de família extensa, é formada por um grande número de pessoas ligadas pelo parentesco. Nas sociedades de organização matrilinear, figura que aqui serve de exemplo, o parentesco elabora-se pelos laços uterinos de sangue, razão pela qual a mulher é a única fonte de legitimação das descendências. Estas constituem, assim, o núcleo essencial que define a família, sendo que, em suas bases, situam-se as ancestrais-mulheres que lhes deram origem. Para Leite (1996), é devido a essa configuração de parentesco que os deveres e os direitos são institucionalmente transmitidos de mãe a filha, de irmã a irmã, de tia a sobrinha e, quanto aos homens, de irmão a irmão, e de tio a sobrinho. Essas hipóteses são válidas também para a sucessão nas chefias, até mesmo para a sucessão do rei naquelas sociedades dotadas de Estado, sendo aspirantes legítimos ao exercício dessas tarefas os indivíduos ligados à ascendência uterina. Essa fórmula tende a conservar o patrimônio genético estabelecido pela mulher para fins institucionais, pois que, na organização

matrilinear, uma proposição básica é a de que homem algum pode provar que é o pai de seus filhos, os quais, contudo, contêm obrigatoriamente o sangue de suas mães. Sob o prisma de sua formulação sanguínea, a família extensa de organização matrilinear supera, portanto, o espaço físico, abarcando todos os indivíduos ligados pelo parentesco uterino a ancestrais mulheres comuns.

Em termos de sua estrutura física, Leite (1996) comenta que a família extensa compreende a família do patriarca-chefe e as famílias conjugais a ela ligadas. A primeira é formada pelo patriarca-chefe, sua esposa ou esposas e filhos, seus irmãos, mulheres e filhos daqueles, suas irmãs, tias e sobrinhas solteiras ou vivas, bem como os filhos destas últimas. Quanto às famílias conjugais, elas são constituídas pelo esposo, esposa ou esposas e respectivos filhos. Reunidas em um mesmo espaço físico para práticas comuns ligadas à produção, essas famílias fazem caracterizar a família-aldeia, unidade de produção dotada de aparatos políticos, jurídicos e materiais destinados à sua administração. Deve ser acrescido que a família extensa pode constituir-se – além dos descendentes de ancestrais-mulheres comuns – de indivíduos pertencentes a outras descendências, dos descendentes de cativos agregados e ainda de pessoas pertencentes a outros grupos étnicos que se filiam a uma aldeia em busca de concessão de terra para cultivo. Porém, qualquer que seja o número de estrangeiros eventualmente incorporados, a família receptora detém os direitos e deveres ligados à administração.

Nesse quesito, podemos testemunhar outro aspecto relevante que diz respeito à ajuda financeira que os nigerianos obtiveram junto aos seus familiares, pois 58% por cento afirmaram ter vindo ao Brasil com o suporte financeiro de familiares, sobretudo, de seus pais, alguns já falecidos e lembrados com muita reverência e respeito, conforme a tradição africana; e, em alguns casos, de tios, tias ou irmãos; enquanto 38% não obtiveram nenhum tipo de ajuda, migrando por conta própria, e apenas 4% teve ajuda de amigos próximos.

Das entrevistadas, 80% são casadas e têm filhos, estando na faixa etária de quarenta anos ou mais e apenas 20% são solteiras situadas abaixo dessa faixa etária. As nigerianas estão sempre preocupadas com seus filhos, esposos e com a família de modo geral, tanto aqui, quanto na Nigéria. Segundo depoimentos: *“Eu tenho dois homens... dois meninos. Tem um menino que nasceu na USP com 13 anos e o outro com 10 [...] meu marido é nigeriano”* (Warri).

As imigrantes nigerianas casadas destacaram, com orgulho e alegria, o fato de terem filhos e dos mesmos terem nascido em São Paulo, bem como a importância dos seus companheiros, que são nigerianos, como podemos constatar no caso dessas entrevistadas. Ao contrário dos homens, que, em sua maioria, vivem ou são casados com mulheres brasileiras, e em menor parte com nigerianas ou pessoas outras nacionalidades. *“Eu tenho tudo aqui até filho... meu filho já faz isso também, ele faz pós-graduação agora”* (Nsukka).

Quadro 2 – Quantidades e nacionalidade de cônjuges dos imigrantes nigerianos

Esposa/ marido	Quantidade			
	Nigerianos	Brasileiros	Outros países	Quantidade de entrevistado
Sim	5	7	1	13
Não	-----			11

Fonte: Elaboração própria, 2023.

O depoimento da entrevistada destaca a importância da família e o apoio dado pelo seu marido durante a vinda e a sua estadia no Brasil: “*Meu marido, por causa do meu marido, ele me ajudou*” (Zaria)

O entrevistado a seguir, destacando também a sua família, cita um antigo ditado africano que seu pai lhe contou quando era ainda criança, que o mesmo repetiu durante toda a vida e que carrega consigo, na memória e na lembrança, ainda hoje, que relata um ensinamento sábio sobre paciência, típico da tradição oral africana, como podemos observar no depoimento abaixo:

Então mais pelo menos tendo uma palavra que meu pai sempre usa: a gente tem um palmeira... é palmeira, que é tem um jeito que a gente faz de consegui vinho e se chama vinho branca de árvore palmeira, e esse vinho é cai assim: pinga, pingando. Para você sabe já tá tem muito dois, três litros e você não sabe com chegar lá, então meu pai diz que tendo um truque que ele mata árvore de palmeira que fica cai muito, mas esse que cai muito fecha rápido, seca e acabou. Mas aquela que pinga sempre demora três, cinco meses antes de fechar, então ele sempre quando me lembra isso é melhor di ficar pegar aquela vinho pingando devagar, mas do que o outro que caiu rapidinho que pode fechar e morrer (Jalingo).

Esse é mais um dado, colhido junto aos entrevistados, que demonstra os laços de união, solidariedade e empatia entre os membros das famílias africanas, pois tal auxílio foi disponibilizado não só por pais ou mães, mas também por tios e parentes mais próximos, todos empenhados em apoiar a iniciativa de um de seus familiares em busca de uma vida melhor, bem como um futuro mais próspero no Brasil, para ele e, se possível, para a sua família que permanece na Nigéria.

As relações familiares são descritas, pelo nosso entrevistado, com muita alegria, com festas e passeios na praia, muito diferente das imagens estereotipadas veiculadas diariamente pela televisão, bem como pelos veículos de comunicação em geral do continente africano, mesmo os mais modernos,

como a Internet, que, de um modo geral, retratam apenas fome, pobreza, guerras e conflitos em geral. Podemos compreender que independentemente da situação social não ser das mais privilegiadas, naquele país, existe, entre as famílias nigerianas, muitas brincadeiras e diversão, conforme se verifica no depoimento a seguir:

Na terra da Nigéria é... ah... é muito... é muito que a gente sempre tem... ahh... alegria. Família... família ficava junto, por exemplo, pra mim eu tenho mais irmãos também e minha irmãs nos outros estados e também na mesma estado estamos juntos e as vezes ir no praia, ah... tem muito festa e isso tem muito vida nigeriano que a gente fazer isso (Okene).

Este fato é revalidado por outro depoimento de uma de nossas entrevistadas que tem uma grande família na Nigéria, como é típico naquele continente, e que também destaca a reunião entre familiares como momentos envolvidos por felicidade e união. Ela relata que mantém, por telefone, contatos constantes com seus familiares. Muitos entrevistados atestaram, através dos depoimentos, que esse é o principal meio de contato entre os imigrantes nigerianos com seus familiares naquele país, e que os telefonemas, apesar de não serem, em todos os casos, diários, são regulares e frequentes, sendo através deles que os imigrantes matam suas saudades e se atualizam a respeito da vida de seus familiares e contam como estão suas condições de vida, na capital paulista: *“Eu tenho memórias felizes... de andar onde eu morava... meus pais estão bens; eu tenho quatro irmão e dois filhos [...] eu falo com eles pelo telefone... eu sou muito próxima com a minha família, eu falo com eles todos os dias”* (Futua).

O tema da saudade da família, deixada na terra natal, é também recorrente entre os entrevistados, sobretudo, dos filhos, que ficaram com suas mães, pois, como veremos em outro tópico deste trabalho, uma boa parte desses imigrantes possuem filhos, tanto na Nigéria, quanto no Brasil. Constatamos, junto a eles, que a idade de suas proles varia da pouca idade, por volta de até cinco anos, a adolescência e juventude, os quais em boa medida dependem do dinheiro obtido no trabalho pelo imigrante e da remessa ao seu país de origem. A preocupação com a família é destacada no próximo depoimento: *“Sim, sim. Lá é meu terra (risos). Eu tenho muito saudade do familiar... mas é meu filho, entendeu? Eu tenho demais”* (Jalingo).

Através do trabalho de campo, empreendido nesta Dissertação, podemos realçar como traços marcantes a grande receptividade, humanidade, simpatia, empatia e respeito pelo modo que fomos recebidos e tratados pelos membros dessa comunidade por homens e mulheres, durante a realização das entrevistas que foram permeadas, muitas vezes, por momentos de emoção, tristezas e muitas alegrias quando essas pessoas recordavam de seus familiares e de sua terra natal, segundo impressões colhidas, junto aos nossos entrevistados: *“Ah... um monte de coisa... minha família, eu ter família lá... lá tem muito festa de cultura de... de... indígena, eu participava, depois eu junto... eu... ativista pra*

minha igual Biafra, Yorubá, que é uma divindade que fala Oduá” (Ojó), “É... África tem comida que bom, sabe? O que você tem, o que você vê, vai comer e você vai e gosta... África tem coisa boa, só isso” (Owo).

Nos depoimentos acima, podemos constatar a emoção dos nossos entrevistados ao relembrar suas vidas em suas terras natal, sendo a família um elemento primordial na cultura africana, citada por todos os entrevistados, indistintamente, sempre com muito carinho, respeito e emoção. Ele destaca que o continente africano, tem muitas coisas boas, sobretudo, quanto a alimentação destaca também a importância da cultura Yorubá, através da figura divina de Oduá. Constatamos que não apenas nesse caso em específico, mas também em outros depoimentos, o ativismo, a luta e a esperança pela independência de Biafra, são recorrentes, pois, mesmo com sua anexação, após a Guerra do Biafra (1967-1970), quando esse território, o mais rico em reservas de petróleo, localizado no sudeste da Nigéria, foi anexado pelo Governo Federal Nigeriano, prevalece, ainda atualmente, um sentimento de revolta e indignação por parte de Igbos, que são apoiados nessa causa também por Yorubás, como no caso do nosso entrevistado . Pela anexação e a constante exploração das riquezas naturais, por parte do governo nigeriano e de empresas transnacionais dessa região, na qual, de acordo com os testemunhos, a maior parte da população, de maioria Igbo, padece, economicamente, com a falta de trabalho, recursos e de investimentos sociais. Esse importante acontecimento da história nigeriana, suas implicações e consequências, para os moradores dessa região são amplamente discutidos e denunciados pela escritora de etnia Igbo, Chimanda Adichie, em seu romance, premiado e mundialmente conhecido: “Meio Sol Amarelo”, que também, foi adaptado ao cinema no ano de 2013.

Além da saudade de familiares, outro tema citado amplamente, em nossas entrevistas. é a vontade de retornar à terra natal, mas, acima de tudo, se fosse possível, enviar dinheiro para que seus familiares pudessem vir morar com eles, no Brasil, e que pudessem também residir na cidade de São Paulo, onde encontrariam, segundo os entrevistados, condições de vida melhores dos que as apresentadas no seu país de origem. Mas, como podemos observar, o testemunho a seguir, que resume, em grande parte a dura realidade enfrentada por essas pessoas: “Ah... eu quero, mas tudo isso é muito difícil, é muito dinheiro, por isso eu ficar calma pra mandar dinheiro, manda escola lá” (Ijero).

Nesse contexto, muitos desses imigrantes, que, em sua maioria, foram ajudados por familiares, preferem não relatar, a eles as difíceis condições de vida, bem como os percalço que enfrentam cotidianamente na cidade de São Paulo, conforme observaremos no seguinte relato: “Minha mãe ajudou... muito, muito. Ah... eu não falar para ela no... não falar pra ela, o que eu falar pra ela “eu quero sair daqui” ela vai falar “o que você vem aqui...”, sabe? Eu não poder falar porque lá não ficar com cabeça...” (Owo).

Podemos observar, segundo os depoimentos, que, mesmo com toda saudade e boas recordações familiares, e também irmanados por um sentimento patriótico, os nigerianos deixaram de criticar as mazelas existentes no seu país de origem, como a pobreza a que é submetida a maioria da população, incluindo, em especial, família, parentes e amigos mais próximos, bem como a falta de condições básicas de saúde e de educação, e a dramática falta de empregos que assola a população naquele país; bem como a falta de investimentos sociais, pois, segundo relato de um dos entrevistados, na Nigéria, nação que conta, atualmente, com uma população estimada em cerca de 220 milhões de habitantes, não há sequer um documento como o CPF, (Cadastro de Pessoas Físicas), portanto não há nem mesmo um controle oficial de nascimentos e mortes naquele país e muito menos um órgão como o IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que possa fazer um levantamento de dados estatísticos, para a implementação de políticas públicas, voltadas, a saúde, educação, segurança e bem-estar social da maioria da maioria da população nigeriana.

Quanto a relacionamentos, 13 entrevistados, cerca de 55% dos imigrantes declararam possuir um(a), parceiro(a), sendo que, das 4 mulheres entrevistadas, 03 (cerca de 80% delas) são casadas com nigerianos, sendo apenas uma solteira (cerca de 20%). Quanto aos homens, 7 deles, cerca de 65%, são casados com brasileiras, 2 deles (cerca de 15%) com mulheres de outras nacionalidades e 1 apenas (cerca de 20%) é casado com nigeriana.

Quadro 3 – Quantidades e nacionalidade de filhos dos imigrantes nigerianos

Filhos	Quantidade		
	Nigerianos	Brasileiros	Quantidade de entrevistados
Sim	7	9	15
Não	-----		9

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Vale destacar o papel da mulher dentro da tradição nigeriana, pois, conforme constatado, são casadas com nigerianos, e uma das entrevistadas expõe claramente como funciona a relação entre homens e mulheres naquele país: *“Olha, África já falou, qualquer lugar que marido tá mulher tem que ir atrás... é assim que é a cultura, marido é que manda”* (Nsukka).

Um aspecto a ser frisado entre os imigrantes nigerianos é que 63% deles possuem filhos tanto na Nigéria, quanto no Brasil, sendo que 47% dessas crianças e/ou adolescentes nigerianas vivem com suas mães no país de origem, e outras 53% delas nasceram na cidade de São Paulo. Todos destacam a importância de ter uma companheira aqui no Brasil, como ressaltado no trecho abaixo:

Agora eu... eu tenho um... como falar nome... um brasileiro amigo, ele me ajuda muito... eu casada com ela. Eu chamo ela de Deusa... Desuítã... ela me ajuda muito... porque... agora eu não faço nada ela tá trabalhando... eu chego a noite ela também vai chegar... ela vai... ela não vai... ela sabe que eu sou... eu gosto de trabalhar, só que não tem trabalho... ela sabe que eu tento... ela tem cabeça boa, porque eu não posso gostar do... é... eu não vou comer... eu não vou... ela me ajuda muito... muito, muito, muito (Owo).

Nesse contexto de auxílio familiar, conforme os depoimentos colhidos junto aos nossos entrevistados, pode-se ressaltar a importância da figura materna, sempre preocupada com o futuro de seus filhos dentre os nigerianos, a ajuda financeira, em especial da mãe, foi fundamental para que eles pudessem arcar com as despesas necessárias para chegarem e estabelecerem-se no Brasil. Elencamos alguns testemunhos, como os exemplos apresentados: *“Minha mãe ajudou... muito, muito.”* (Owo)

A mesma opinião podemos observar no testemunho, no qual o imigrante destaca a importância da matriarca, bem como de seu irmão: *“Minha mãe ajuda pra vim aqui, minha mãe... meu irmão”* (Sagamu).

A importância da família e, sobretudo, a ajuda maternal é destacada também pelo depoimento, comovente, de um dos nossos entrevistados. Nesse caso, ele comenta, com tristeza, o falecimento de sua mãe, e resalta que esse foi um dos motivos para que ele viesse para o Brasil, segundo ele, para que não enlouquecesse após a ausência da genitora no país de origem, como podemos observar no trecho abaixo: *“Ah... quando eu vir recebi ajuda meu mãe... mãe falecer... então ela ajuda pra vim, não ficar louco no país de lá... só ir pra aí, ajudo pra mim tenho ajuda”* (Okpoko).

No próximo testemunho, um de nossos interlocutores, que era estudante e não trabalhava na Nigéria, cita a ajuda de toda a família e reconhece que, sem o apoio financeiro familiar, não seria possível sua vinda ao Brasil: *“Ah, minha família mesmo. Porque eu não trabalhava, claro que não tinha dinheiro, então...”* (Otukpo).

Um dos membros da família também é destacado pela ajuda recebida para a vinda ao Brasil. Nesse caso, a figura do pai desse entrevistado, já falecido, é mencionada com pesar e muito respeito,

conforme podemos observar nesse testemunho: *“Meu pai...meu pai está morto agora...há três anos...”* (Oxobô).

No último testemunho desse item evidenciamos o sentimento familiar que envolve a nossa entrevistada e sua tia, que, segundo a mesma, bancou todas as suas despesas referentes à viagem e ajudou-a a estabelecer-se no Brasil, onde atualmente é casada com um nigeriano, possui filhos e o seu próprio negócio: *“Ela comprou tudo pra mim, ela fez tudo. Sim é minha tia, tia de sangue”* (Warri).

4.3.2 Galeria Presidente

Figura 7 – Fachada do Centro Comercial Presidente, ou Galeria do Reggae



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Figura 8 – Frente do prédio da Galeria Presidente



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Devemos ressaltar que há uma grande circulação de imigrantes africanos, de diversas nacionalidades que vivem, estudam e principalmente, trabalham no chamado “centro velho” da cidade de São Paulo, onde foi realizada a maior parte das entrevistas apresentadas nesta dissertação de mestrado; nela, podemos localizar um número expressivo de nigerianos e nigerianas, os quais compartilham os mesmos espaços, em restaurantes, cabeleireiros, esquinas e templos, localizados, particularmente, na Avenida Rio Branco e no Largo do Paissandú.

Figura 9 – Vista interna da Galeria Presidente



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Tratando-se de convivência, temos que enfatizar um local de grande importância para a comunidade africana na cidade de São Paulo: o Centro Comercial Presidente, popularmente conhecido como Galeria do Reggae, localizado na Rua 24 de Maio, República, no chamado “centro velho”, que possui 05 andares, incluindo ainda o térreo e o subsolo, onde podemos encontrar uma vasta e maravilhosa “torre de babel” africana, que congrega, em suas dependências, quase todas as nacionalidades do continente africano, bem como de outros países, como haitianos, jamaicanos, etc.

Foi nesse ambiente, agitado e pulsante da Galeria Presidente, que tivemos a felicidade de encontrarmos os membros da comunidade nigeriana, homens e mulheres, que trabalham em busca de uma vida melhor para si e também visando a ajudar seus familiares que vivem na Nigéria, e onde fomos acolhidos com muito respeito, carinho e cortesia durante vários dias, e onde, geralmente no final da tarde, após o expediente do trabalho, essas pessoas, se dispunham, pacientemente, uma a uma a sentar-se e relataram as suas histórias de vidas, que eram entremeadas, com momentos de alegrias, tristezas e muitas vezes com emoções, que levavam tanto o entrevistado, quanto o entrevistador a ficarem com os olhos marejados de lágrimas.

É nesse espaço, efervescente, colorido e multicultural que encontramos uma parcela significativa da comunidade nigeriana de São Paulo, formada por Yorubás e Igbos que convivem, lado a lado, de forma pacífica e amigável e que se encontram diariamente, sobretudo, no final da tarde, após o trabalho, ficando, geralmente, até o fechamento da galeria por volta das 19:00 horas; entre muitos sorrisos e discussões acaloradas, falando sempre bem alto, mas sempre com muito respeito entre si, os nigerianos matam saudades, discutem sobre a atual situação econômica e política da Nigéria, bebem o “Jede-Jede” e comem o seus bolinhos de “Fufu”, pois existe no local dois bares e, em frente, um restaurante de comidas típicas, onde o cheiro de comidas nigerianas, sempre frescas, exala pelo ar.

Figura 10 – Escadaria da Galeria Presidente



Fonte: Elaboração própria, 2023.

O depoimento do entrevistado elucidava a convivência pacífica e amigável, que existe entre Yorubás e Igbos, irmanados pelo mesmo sentimento de pertencimento patriótico, na Galeria Presidente, e também comenta os hábitos existentes entre as duas comunidades, formadas principalmente por cristãos e muçulmanos:

Ah, a gente conversar em Yorubá, se todo mundo senta aqui e tem em loja e tem Igbo, outro lá é Igbo, mas tudo é Nigéria a gente fica lá e ele fica comigo, mas ele não escuta meu Yorubá, eu não escuta Igbo, mas tudo é Nigéria, mas a gente fica junto, é tudo família.

Flavio: Entendo, então vocês bebem... Comem fofu?

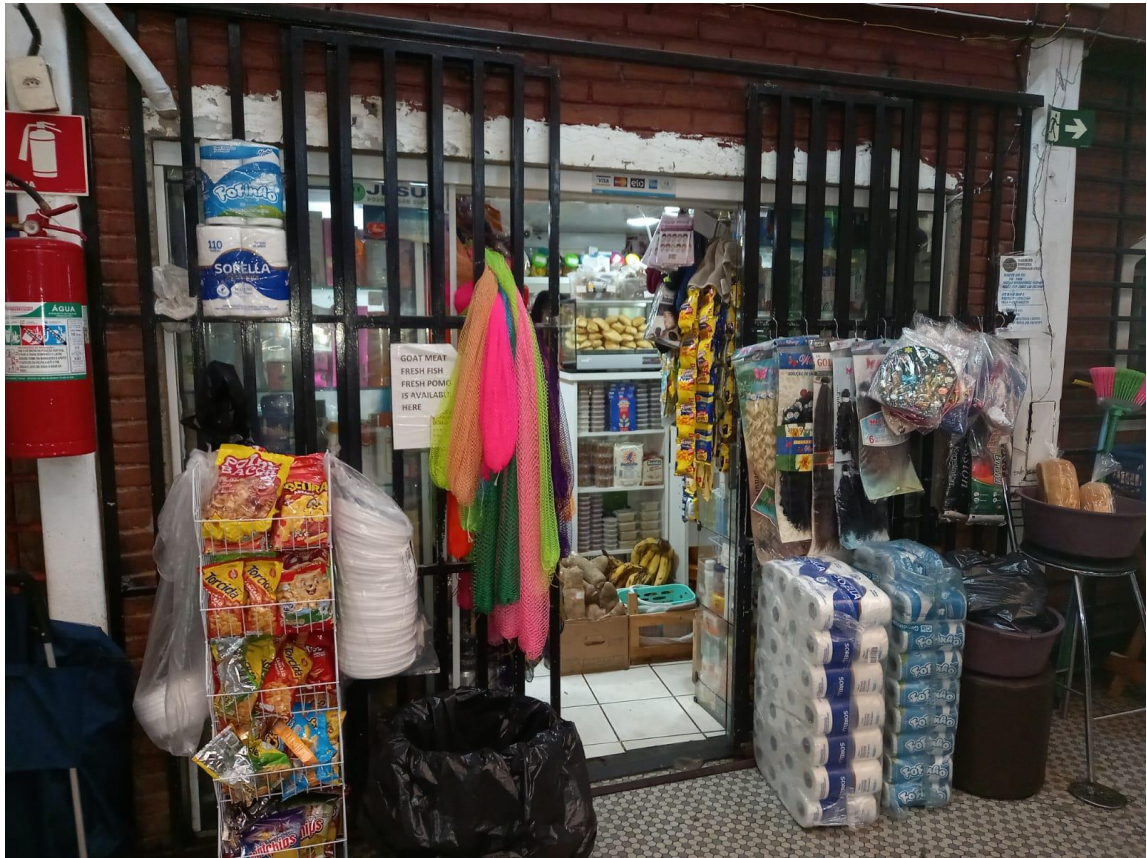
Comem... comem tudo, agora tudo fechado pra bebe, ninguém bebe só alguém que vem aqui bebe é cristão; tudo muçulmano não bebe... não gosta. É, todo cristão, todo Igbo que bebe e toma (Ijero).

Essa visão de irmandade e igualdade é corroborada pelo lindo depoimento da imigrante nigeriana, que descreve o planeta terra como um lugar comum a todos os seres humanos, e cada qual possui seu lugar, sem distinções:

Hum... nada não, eu só sei que nós somos tudo uma, vem de terra e vai na terra mesmo, então eu não achar uma pessoa superior de que eu né e eu de superior de que ninguém... não existe diferença nós somos todo igual, só isso, vem da Nigéria, vem do Brasil, vem de EUA... não importa é a onde Deus jogou você, mas é igual a todo nois, entendeu? (Warri).

Na mesma galeria encontramos e entrevistamos a senhora que possui uma loja com diversos produtos típicos da Nigéria, como bebidas, muitos temperos, doces e sementes, além de tecidos africanos, artigos religiosos, como bíblias em inglês, e até mesmo cabelos.

Figura 11 – Tecidos africanos e produtos nigerianos em geral



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Figura 12 – Tecidos africanos e produtos nigerianos em geral



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Essa galeria foi o cenário principal de um importante filme: “Cidade Pássaro”, comercializado mundialmente por uma importante distribuidora de conteúdos em *streaming* como a Netflix, o qual destaca diversas nuances, narrativas e percepções da imigração nigeriana na cidade de São Paulo. Ele tem como enredo a história do nigeriano Amadi, que vem à cidade procurar pelo seu irmão Ikenna. Amadi vem para o Brasil e, em uma missão pela cidade, aos poucos, ele percebe que o supostamente bem-sucedido professor de matemática inventou para a família uma narrativa imaginária de sua vida na capital paulista. esse filme lida com um dos temas mais importantes e fundamentais da tradição africana, a família; pois, dentro dessa estrutura, as figuras maternas e paternas, bem como, e sobretudo, os mais velhos, avôs e avós, são considerados figuras sagradas.

Figura 13 – Cartaz do Filme Cidade Pássaro



Fonte: *Facebook* Tabuleiro Filmes, 2023.

É nesse contexto que o irmão mais novo Amadi vem à procura de seu irmão mais velho Ikenna, o primogênito, o abençoado e mais querido pela mãe, que, na tradição africana, na ausência do pai, é o que fica responsável pela subsistência da família e da criação dos irmãos mais novos, portanto, como chefe do clã familiar. Amadi descobre, em diversas incursões pela cidade, a farsa do irmão, que relatara à família na Nigéria ser um profissional bem sucedido. A trama contextualiza uma face real da questão migratória, na qual, por vezes, o imigrante depara-se com uma situação muito adversa no país para o qual migrou, vivendo inúmeras dificuldades, inicialmente quanto ao idioma, posteriormente a questões referentes ao trabalho, ao ficar muitas vezes desempregado ou em subempregos, enfrentando falta de uma moradia digna, discriminação racial, dentre outras; mesmo assim o imigrante não quer passar esta impressão para sua família, nem tampouco preocupá-la, optando por relatar, por vezes, uma situação, melhor do que a existente.

Mas o filme “Cidade Pássaro” também relata aspectos muito relevantes da imigração nigeriana na cidade de São Paulo, como: a solidariedade, a amizade, a confraternização e,

especialmente, um traço muito forte da cultura nigeriana e africana: a alegria, a festa, as cores e a multiculturalidade que esta colônia traz consigo, contribuindo ricamente para a vida cultural da cidade; e termina com uma linda canção tradicional Yorubá, entoada pelos dois irmãos, na qual se destaca a frase de Chinua Achebe (2009) no livro: “O mundo se despedaça”, que narra a colonização inglesa na Nigéria e todos os malefícios trazidos por ela, junto à comunidade local; mas que nessa frase resume toda a resistência do povo nigeriano, tanto em sua terra natal, frente à opressão inglesa, quanto dos imigrantes nigerianos, que resistem às agruras e adversidades, com muita luta, fé e esperança, vivendo numa terra distante que mostra a sua face, muitas vezes inóspita e hostil: “Eneke, o pássaro, diz que, desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a mira, ele aprendeu a voar sem pousar. (Achabe, 2009).

4.4 MOTIVOS DA IMIGRAÇÃO

Figura 14 – Mapa político da Nigéria



Fonte: *Maps of World*, 2023.

Oliveira (2017) traz como proposta de reflexão a questão da identidade, em especial, a questão da identidade nacional, problematizando essa ideia à luz dos processos de i/emigração. Atualmente, o volume de pessoas que circulam o mundo abandonando seus países de nascença para habitar em outras localidades é sem precedentes. Parte se movimenta de forma involuntária, consequência de guerras e perseguições. Esses casos têm sido relatados de forma intensa nos últimos anos, levando muitas pessoas à comoção quando imagens como a do menino Aylan Kurdi, de três anos, estirado na areia de uma praia turca, já sem vida, são veiculadas. Aylan morreu afogado tentando chegar à Ilha de Kos, na Grécia, com sua família que fugia dos conflitos na Síria. Ou então imagens como os inúmeros barcos repletos de refugiados e imigrantes navegando no Mar Mediterrâneo, pretendendo aportar em algum destino como Grécia ou Itália; ou, mais recentemente, o caso de dois homens nigerianos, nacionalidade estudada nesta tese de mestrado, que se penduram no leme de um navio de carga, durante dias e que conseguiram sobreviver, até que a embarcação ancorasse no Porto de Santos, em São Paulo, onde foram regatados e encaminhados para um abrigo. Tais episódios receberam o nome de “crise dos refugiados” pelos meios de comunicação. Simultaneamente a esse cenário, por vezes assolador, outras tantas pessoas partem de forma voluntária, buscando novos recomeços e oportunidades de trabalho e renda, melhor qualidade de vida, enfim, uma vida mais digna, mais segura, que, por razões imensuráveis, não conseguiram atingir em seus países de nascimento.

São inúmeras as condições que contribuem para isso, como o desenvolvimento das condições tecnológicas de transporte e comunicação, o conhecimento globalizado de como se vive em países que atraem um enorme número de imigrantes, especialmente os países ocidentais do norte, a formação de redes de apoio e informação à emigração e ao imigrante em si, etc.

Dentro desse enfático momento em que as migrações se pautam como uma das principais questões das relações internacionais e das ciências sociais, dentre tantas outras disciplinas, cabe a questão de como podemos repensar essas dinâmicas. Como conceber esse mundo em movimento? Quais as condições que caracterizam tais deslocamentos? Como podemos nos situar diante de um mundo em plena aceleração dos deslocamentos humanos, onde, por outro lado, os movimentos de acirramento da intolerância também parecem estar aumentando? Partindo de tais concepções, esses questionamentos pretendem trazer à discussão alguns subsídios que poderão nos ajudar a pensar sobre essa realidade que tende a se tornar mais intrincada a cada dia.

A palavra “migrar” vem do latim *migraree*, significa:

[vint] 1 Passar de uma região para outra. 2 (Zool) Passar periodicamente de uma região ou clima a outro, para procurar alimentação ou para procriar. 3 (Inform) Movimentar-se (dados) entre um dispositivo de alta prioridade ou em linha e um dispositivo de baixa prioridade ou fora de linha. (Oliveira, 2017, p. 94).

Na extensão de todos esses termos possíveis, até pouco tempo atrás, não era atípico que a primeira vez em que ouvíamos a palavra “migração”, ainda nos bancos escolares, estivéssemos em uma aula de biologia, aprendendo sobre a migração dos pássaros. Hoje, a migração humana está frequentemente nos meios de comunicação, quase sempre em tom dramático e evocando alguma situação desesperadora ou mesmo crítica. Mas, se o significado da palavra “migrar” é tão somente deslocar-se para outra região, país ou local, assim como os pássaros, os seres humanos também vêm utilizando esse conceito há milênios. Pensando bem, não foi a nossa capacidade de transformação e adaptação em busca de melhores condições de vida e sobrevivência que nos colocou como a única espécie animal povoando integralmente todos os cantos do planeta? E essa conquista não se deveu, essencialmente, à nossa capacidade de nos transportarmos pelo globo terrestre, ou seja, de migrar? Recordando que começamos nossa jornada aqui neste planeta como nômades, e que assim seguimos por milhares de anos. Entre essa realidade vivida por nossos ancestrais, desde a expansão do *Homo sapiens* pela Terra, até a realidade migratória de hoje, vivida por nós, processa-se a história da civilização humana.

A humanidade, além de ter dominado o planeta, foi capaz de produzir, ao longo de sua história, noções de pertencimento e de não pertencimento, de inclusão e exclusão, de iguais e diferentes, de nós e outros. O sentimento de pertencer a algum grupo é primitivo em nós e nos posiciona em condição de luta pela própria sobrevivência, como é fato em tantos outros grupos animais, inclusive. Embora, as capacidades humanas foram capazes de racionalizar e refinar esse sentimento dentro de perspectivas historicamente construídas, baseadas, especialmente, em laços sanguíneos e simbólicos. Assim, ao longo da história humana, fomos criando, percepções, compreensões classificações e conceitos de parentesco, grupo, clã, tribo, horda, nação, raça, etnia, etc. A necessidade de classificação e ordem do ser humano (Levi-Strauss, 2010) foi também capaz de gerar laços de pertencimento e segregação, a partir do próprio contato em si, uma vez que as fronteiras que demarcam o “eu” e o “outro” são definidoras daquilo que nos define como iguais ou diferentes:

[...] a fronteira étnica orienta a vida social – ela determina de um modo frequente uma organização muito complexa da comportamentais e sociais. A identificação de uma outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica divisão de critérios de julgamento e avaliação. Assim sendo, isso leva à aceitação de que os dois estão ‘jogando o mesmo jogo’, e isso significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividades. De outro modo, uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como componentes de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações na compreensão comum, distinções de critérios de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesses mútuos” (Barth, 1995, p. 196).

No trecho de Barth, acima citado, a referência de grupo são os grupos étnicos. Isso não significa, todavia, que essa avaliação das fronteiras que marcam as dimensões limítrofes, distinguindo iguais e diferentes, não possa ser aplicada a outras percepções de coletivos igualmente relevantes nas classificações humanas. Tais temas são amplamente abordados principalmente pela antropologia e pela psicologia social.

Fato é que, desde tempos imemoriáveis, sabemos que fazemos parte de um grupo e que aqueles que não pertencem a esse grupo são, em consequência, diferentes de nós. Esse sentimento resiste ao longo da história humana, lembrando constantemente a percepção daqueles que são meus iguais, com os quais se elaboram relações de reciprocidade e confiança, vínculos solidários, e os diferentes, aos quais cabe a desconfiança, o estranhamento e, por vezes, a repulsa. Na modernidade, tais percepções serão consolidadas singularmente em torno da interpretação do pertencimento aos Estados-nação, coexistindo, em diferentes níveis, com outras formas de identificação coletiva. Mas o Estado-nação determinará, por excelência, os vínculos de pertencimento no sistema internacional que a modernidade é capaz de ordenar.

É, é tudo, é, por exemplo: para você tomar água potável é difícil e estrada, tudo tá ruim, eletricidade você não consegue, então todos, todos. O governo não ajuda nenhum e eu vim aqui vi que é o povo de nós crianças aqui estuda de graça; lá meu três filhos estuda na escola particular, é muito caro, eu tenho que pagar todos para ele consegui... ter educação bom. Entendeu? [...] Porque da África eu não conheço do outro lugar, mas Nigéria é um inferno, muito (risos). (Jalingo)

Como podemos observar, o testemunho acima compara literalmente a vida na Nigéria a um inferno, ressaltando algumas das mazelas enfrentadas, diariamente, pelas pessoas que moram naquele país. Essa declaração é respaldada por outro imigrante, que destaca as riquezas naturais existentes na Nigéria e a má administração desses recursos por parte do governo local, conforme o testemunho abaixo:

É governo... todo problema lá é governo, sabe? Sabe, que eu sabe tudo... eu entende... quem conhece dinheiro lá no meu país, tem tudo, tem água... petróleo. Depois que eu desceu tudo quebrada, governo acabou com tudo... não tem nada, não tem nada, não tem luz, não tem água... por isso eu sair de lá. (Owo)

Outro depoimento ratifica as condições precárias que afetam a população nigeriana, no qual o quesito educação é negligenciado pelo poder público, destacando a falta de dinheiro e de recursos financeiros que afligem a maioria das pessoas que vivem em sua terra natal e cita que, se as pessoas de seu país tivessem melhores condições de vida, elas, certamente, não migrariam para outro país, e

justifica em seu testemunho, que isso ocorre, justamente, pela falta de ação dos políticos, que só agem em causa própria, fazendo com que as pessoas sejam privadas de quase tudo, inclusive, passando todo tipo de necessidades, até mesmo fome. O nosso entrevistado compara também a Nigéria a um inferno; e as dificuldades no Brasil a uma festa, segundo depoimento a seguir:

Ah, porque se povo tem dinheiro ele vai gastar, ele vai ter vida boa, mas quando eles não tem como ele vai comprar galinha para comer, frango pra comer na... se não tem trabalho, você não tem dinheiro. Então, outra coisa... ah... alunos, educação também, porque educação forma base de sociedade, então educação é merda... educação é merda; as vezes... já vê quatro meses sem pagar professores... aí quando vai pagar professores as vezes vai anunciar na rádio igual ele tá fazendo favor pra professor, mas isso é direito deles, entendeu? Então, educação terrível, aí eu... é uma oportunidade, cada posição de governo é uma oportunidade pra tomar vantagem de... se é bom candidato, se é um bom candidato, por exemplo se é trabalhador... como se chama... tomar vantagem deles, se foi alunos você precisa dá propinas para da nota boa, entendeu? Então eles lá é só pra fazer drama, fazer teatro e depois ir embora. Então por isso porque ninguém quer, ninguém gosta sair da casa dele, se você não tá sentindo fome você não vai sair, você vai ficar boa em casa, mas quando você sente fome e você sair de casa para trabalhar, então por isso eu não sai da nossa país pra vim aqui; mas, pode ser eu fazer turismo, visitar aqui depois volta pra lá, mas você vai ver nigerianos que mora aqui e já fica aqui quase 10 anos. Então, eu sei aqui tá difícil, mas lá é um inferno... pra mim considerar dificuldade aqui é a nossa festa... assim, é o que eu penso de Nigéria (Damaturu).

Nesse contexto, podemos constatar, segundo levantamento da OIM junto ao Banco Mundial, que a Nigéria é o único país ACP que figura entre os 10 países que lideram a classificação mundial dos países destinatários: recebe um terço do total das remessas destinadas aos países ACP, ou seja, um montante estimado em 7,2 mil milhões de euros em 2010; dados do Banco Mundial, 2010, e taxa de câmbio de novembro de 2010 das Nações Unidas (ACP, 2011), entre os anos de 2005 até 2020. Essa remessa contribui com uma parcela significativa do PIB nigeriano, conforme o seguinte depoimento: “*Na minha país São Paulo é o dinheiro, São Paulo e Bahia todo mundo... lá conhece, São Paulo é o dinheiro e Bahia... entendeu? Só não conheço não, só no meu país eu conheço São Paulo é dinheiro e Bahia...*” (Oxobô).

Segundo as impressões colhidas de nossos entrevistados, é justamente o fato de poder ajudar os familiares que ficaram na Nigéria, que padecem com inúmeros problemas e condições de vida precárias que abatem o povo daquele país, como a falta de empregos, bem como a ausência de uma boa administração pública, de investimentos em infraestrutura e de programas sociais voltados às pessoas mais carentes. Os depoimentos dos entrevistados atestam que, além da corrupção

generalizada nos meios políticos, críticas a todas as esferas governamentais a nível, federal, estadual e local são recorrentes.

A situação na Nigéria, atual, pelo que podemos constatar através dos testemunhos, é fruto de um processo histórico, no qual a corrupção generalizada no meio político está atrelada a interesses econômicos de empresas transnacionais, que exploram não só os poços de petróleo, as jazidas de minérios de ferro, abundantes naquele país, e toda a riqueza natural, como consequência do famigerado processo de colonização inglesa, que, de acordo com os testemunhos, saqueiam as riquezas locais, obtendo, dessa forma, um lucro absurdo, exportando essas divisas milionárias para diversos países e deixando uma ínfima parte desses dividendos em solo nigeriano, portanto, segundo vários depoimentos colhidos, a Nigéria é um país muito rico em recursos naturais, que possui uma população pobre, a qual sofre com as agruras imposta por uma classe dominante privilegiada, que se aproveita de sua posição política, para, através da corrupção, manter tanto o seu poder, quanto o seus privilégios econômicos e social. Podemos reconhecer esses fatos, nos depoimentos citados abaixo:

Essa é corrupção geral porque se você não trabalha ou... ou recebe através deles eles vai fazer tudo para se não corromper e se tirar da posição, todo dinheiro tá na mãos deles, todo... todo e nós sofremos (Modakeke).

A mesma situação é corroborada pelo testemunho da nossa entrevistada abaixo, o que também reforça a corrupção sistêmica existente naquele país, bem como o alto nível educacional lá existente, mas que, apesar de uma mão de obra qualificada, não há trabalho para todos, especialmente, para os jovens:

Ah... eu me lembro é... na Nigéria... é um país que tem muita corrupção... é muito corrupção da política, então a trabalhar não tem na Nigéria... muito tem... tem muito graduado, graduado que lá na Nigéria não tem trabalho... graduada, mas não tem trabalho... são pessoas muito inteligente não ter trabalho (Gombe).

De acordo com os testemunhos, a corrupção arraigada na cultura dos políticos nigerianos executivos do governo federal e comandantes de postos estratégicos como citados, são em sua grande maioria Hauçás, que compõem, a elite dominante do país, que, segundo os depoimentos, estão preocupados apenas com seus próprios interesses, deixando em situação precária a grande maioria da população, que, como poderemos observar, sofre, ainda, com a inexistência de direitos humanos, atuação de grupos paramilitares e também com uma polícia local, extremamente violenta, que, em muitos casos, já chega atirando nas pessoas nas ruas, sem motivo algum, como podemos perceber no depoimento que segue abaixo:

O que eu lembro é sobre política, problema... política não ajuda povo nada, é tudo ruim; antes é tudo boa, mas agora é muito ruim... não ajuda povo, não ajuda nada, nada, nada... Aqui funcionar bem... lá não, direitos humanos não funcionar lá... policia matar pessoa. Política usa policia para matar o povo, se você vai e fala, policia vai lá e pah! Pessoa vai correr, outro vai correr... é foda (Amaigbo).

Outro exemplo que manifesta a situação caótica da Nigéria, atualmente, é relatado por um de nossos entrevistados, que problemas de origens diversas, sociais, econômicos, políticos e de toda monta, afligem o povo nigeriano. Ele chega a comparar a Nigéria a um “inferno” e sonha com dias melhores no Brasil, conforme esse novo depoimento:

Então, eu sei aqui tá difícil, mas lá é um inferno... pra mim considerar dificuldade aqui é a nossa festa... assim, é o que eu penso de Nigéria. Então... é... eu sair de lá porque problema político, problema econômica e problema social também e outras coisas. Então eu não tava vendo aquele esperança que eu pode resgatar o meu sonho na vida (Damaturu).

O depoimento a seguir reforça a visão elencada nos testemunhos anteriores, assim como resumem de maneira geral o ponto de vista da maioria dos nossos entrevistados, que confirmam ser a Nigéria um país rico em recursos naturais, que, se bem administrados, a grande parte do povo daquele país, possivelmente, poderia desfrutar de condições de vida bem mais dignas do que as que se apresentam, atualmente, que são precárias, em relação a segurança, educação, saúde e demais aspectos, mas que, devido à corrupção generalizada, instalada por mandatários em todos os níveis na sociedade nigeriana, condena à penúria e ao sofrimento a maioria de sua população: “*nós tem ouro, tem gasolina, tem tudo, só o... o... governo roubou tudo, deixar povo sofre...*” (Ojó).

4,5 CONHECIMENTOS PRÉVIOS DO BRASIL E A ESCOLHA PELA CIDADE DE SÃO PAULO

Eu vi na televisão acho que povo do Brasil simples, comum... isso que eu consegui perceber do Brasil, o Brasil é... é um país alegre e porque alegria de verdade é quando você é alegre na situação difícil, entendeu? Não pode falar que país da Europa tá feliz, deixa eles ficar na dificuldade pra saber se tá alegre mesmo; então eu ver Brasil como um país alegre, aí eu encontrei minha esposa aqui também (Damaturu).

No depoimento acima, o entrevistado confirma que o Brasil, em sua visão, é um país realmente alegre, pois as pessoas aqui vivem em situação difícil, mas demonstram alegria em viver, em contraposição com a Europa, onde, de fato, as pessoas de modo geral mesmo as mais humildes, desfrutam de uma condição socioeconômica e de vida melhores do que em nosso país. Ele ainda indaga sobre a posição dos europeus e se estes viveriam felizes caso enfrentassem as mesmas condições adversas vividas pelos brasileiros.

Segundo depoimentos colhidos junto aos nossos entrevistados, muitos se identificam com a nossa música, e em especial com o samba, o carnaval, pois existem inúmeros festivais que são típicos da Nigéria, como o dedicado ao mito da cultura nigeriana Fela Kuti, que ocorre todos os anos na Nigéria e mobiliza milhares de pessoas em todo o país e também pelo mundo, que prestam homenagens a este ícone da cultura nigerina, além de outros muito importantes, como, por exemplo, o festival de origem Yorubá em homenagem a Oxum, que ocorre há décadas durante o mês de agosto no estado de Osun, situada na região sudoeste daquele país, para reverenciar essa divindade fulgurante do candomblé, como destacamos neste depoimento: “*Geralmente, futebol e samba, é... se eles gostar de música, samba, dança, festival, carnaval...*” (Okene).

De acordo com os testemunhos, podemos aferir essa convergência, esse imbricamento cultural entre nigerianos e brasileiros, pois, como sabemos, a festa, a dança e o batuque são elementos ancestrais presentes na cultura africana, e foram também incorporados a nossa realidade, a partir da convivência com os nossos irmãos africanos, desde a Diáspora Africana até a atualidade. Esta alma africana, que felizmente nos influenciou culturalmente e que faz parte da nossa cultura atual, com a qual tanto eles, quanto nós aprendemos a sorrir diante das adversidades, é retratada fielmente no filme *Cidade Pássaro*, de Matias Mariani, no qual mesmo recém-chegados, instalados nas dependências da Missão Paz, no centro da capital paulista, onde os aguarda um futuro incerto, os imigrantes africanos, nigerianos ou não, cantam, dançam e celebram a vida. Nesse outro depoimento, observamos um ponto de vista semelhante ao anterior: “*É, carnaval e futebol, só isso*” (Ijero).

Podemos constatar, através da nossa pesquisa, esta convergência cultural através do samba, da música e de outro elemento, fundamental da cultura nigeriana e também brasileira, o futebol. Os nigerianos adoram o futebol, tanto quanto os brasileiros, possivelmente pela influência da colonização inglesa naquele país, esporte que praticam e acompanham os diversos campeonatos regionais e internacionais. Inclusive, em um determinado dia, durante nossas entrevistas, houve uma grande movimentação, muito barulho e vibração intensa entre os nigerianos, pois estava sendo transmitido um jogo, ao vivo, da liga dos campeões da Europa, um campeonato europeu, que reúne os principais times daquele continente, o qual tem suas partidas transmitidas para o mundo inteiro; fato que evidencia um processo de aculturação em massa, tendo como principal agente o processo de globalização vigente, que tem nesse produto enorme sucesso comercial, tanto na Nigéria, quanto no Brasil e também a nível mundial.

De acordo com os testemunhos abaixo e os demais já citados anteriormente, um imigrante destaca as duas principais imagens, amplamente citadas pela maior parte dos(as) entrevistado(as) que

povoam o imaginário dessa comunidade: *“Ah, que eu conhece tudo, quando eu tá lá de Nigéria daqui eu sabe Brasil jogar futebol... é carnaval... só futebol... só isso”* (Ondo).

Segundo a afirmação de um dos entrevistados, a imagem que é destacada na Nigéria e no Brasil está totalmente associada ao futebol e aos diversos jogadores da seleção brasileira de futebol, os quais foram, de forma recorrente, citados: Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e, segundo os mesmos, o maior deles, Pelé. *“... eles sempre mostra que o Brasil só sabe viver através de futebol...”* (Socoto).

Para encerrarmos este capítulo, usaremos a frase de um de nossos entrevistados, que resume, em poucas palavras, o conhecimento prévio sobre o Brasil, independentemente, do gênero junto à comunidade nigeriana, na cidade de São Paulo: *“Ah... ha.. segundo nome do Brasil, futebol e samba ...”* (Damaturu).

Como podemos comprovar, tanto nesse depoimento quanto nos demais, os imigrantes nigerianos, em sua maioria, já tinham um conhecimento prévio a respeito da cidade de São Paulo e de seu potencial econômico e financeiro, bem como da maior possibilidade de trabalho que poderiam encontrar na capital paulista: *“Na minha país São Paulo é o dinheiro, São Paulo e Bahia todo mundo... lá conhece, São Paulo é o dinheiro e Bahia... entendeu? Só não conheço não, só no meu país eu conheço São Paulo é dinheiro e Bahia...”* (Oxobô).

O trecho a seguir corrobora a opinião do nosso entrevistado acima, que destaca o potencial comercial e financeiro da cidade de São Paulo: *“São Paulo é o centro de comércio de Brasil, ah... ah! Porque tem... mais oportunidades aqui, por isso eu escolhi São Paulo, mas tem outros estados que eu gosta mais, mas São Paulo... como, ah... é estado de comércio, prefere aqui, eu trabalho aqui”* (Damaturu).

Nesse outro depoimento, podemos encontrar elementos sobre o conhecimento existente da cidade como um local de oportunidades e de trabalho, sobretudo, no comércio, tanto formal, como proprietários de estabelecimentos comerciais, quanto de maneira informal: *“São Paulo é o centro de comércio de Brasil, ah... ah! Porque tem... mais oportunidades aqui, por isso eu escolhi São Paulo, mas têm outros estados que eu gosta mais, mas São Paulo... como, ah... é estado de comércio, prefere aqui, eu trabalho aqui”* (Damaturu).

Um dos entrevistados cita o seu conhecimento prévio através das cunhadas, que já eram estabelecidas em São Paulo, na zona leste da cidade, mais exatamente no bairro de Guaianazes, havia muitos anos, e que arrumaram emprego de professor de inglês para ele e também para sua esposa, e que eles obtiveram vistos de trabalho para atuarem no mercado formal de trabalho. *“Minha mulher ter três irmãs que moravam aqui há muito tempo, há 18 anos, elas arrumaram trabalho para mim e minha mulher aqui como professor de inglês, eu e minha mulher ter visto de trabalho”* (Gusau).

Podemos observar, nesse outro testemunho, a influência dos amigos que já residiam na capital paulista e que conversavam com seus conterrâneos, na Nigéria, que o convenceram a vir, para a cidade de São Paulo, por esta apresentar, melhores condições de vida do que as existentes em sua terra natal: *“Decidi lá... amigos me convenceram vir aqui... aqui é um pouco melhor que Nigéria”* (Otukpo)

Além de uma parte dos entrevistados salientarem também o grande número de africanos que residem na cidade, destacando saber da tradição africana existente no país, mas, especialmente, na cidade de São Paulo, podendo, dessa forma, conviver com pessoas e matar saudades não só das suas tradições culturais e de comidas típicas da sua terra natal, mas também, conviver com outros membros, oriundos dos demais países do continente africano. Esses testemunhos confirmam o multiculturalismo da cidade que, desde meados do século passado, recebe imigrantes de todo o mundo e, como já citado nesta dissertação, muitos deles, oriundos do continente africano, destacado a presença nigeriana, neste trabalho, particularmente, a partir do ano de 2010, quando, segundo dados da Polícia Federal, houve um incremento das migrações, originárias de diversos países do continente africano.

Podemos demonstrar essa preferência em termos não só econômicos, mas também culturais pela cidade de São Paulo, através de depoimentos colhidos, junto à comunidade nigeriana, como o exemplificado abaixo:

Eu escolhe aqui porque aqui tá bem concentrado africanos aqui, então outras cidades não tem pessoas assim... outras cidades entendeu... até outro estado não tem, aqui que tá maior concentração da África, aqui em São Paulo, entendeu? Então é por isso, aqui da pra você vê seus irmãos, primos, amigos... então outras cidades não é assim, é complicado de viver sabe? Sem das suas família perto de você, entendeu? (Maiduguri).

As grandes concentrações de irmãos de diversas nacionalidades africanas, segundo os depoimentos colhidos, fazem com que os nigerianos se sintam mais acolhidos, em especial em algumas regiões onde há uma circulação intensa de africanos, como no chamado centro velho da capital paulista, com na Praça da República, onde semanalmente há apresentações culturais diversas, de membros da comunidade africana; bem como na Galeria Presidente, mais conhecida na cidade como Galeria do Reggae, e suas adjacências, na qual os membros dessas comunidades se encontram e se relacionam, numa profusão intensa de línguas, sotaques, culturas e sabores, e onde os africanos podem desfrutar de suas culturas e também matar saudades de amigos, bem como recordarem de sua terra natal, e até mesmo em bairros da capital paulista, conforme testemunhos: *“Ah... São Paulo... é uma cidade muito boa, onde eu encontro os meus irmãos “africanos”, uma minoria fala inglês e eu*

moro no Campo Limpo, na zona sul... eu ficar 8 anos fica lá... todo mundo conhece... eu tá lá 8 anos e todo mundo conhece meus filhos” (Gboko).

Essa mesma ideia de proximidade e amizade com membros da comunidade nigeriana na cidade é atestada por outro depoimento a seguir: *“Eu mora aqui na São Paulo... escolhe aqui pela... as pessoas que me convenceram vier aqui, morava aqui no São Paulo. Então, você tem que vim onde conhecer alguma pessoa”* (Otukpo).

4.6 COMUNIDADE NIGERIANA EM SÃO PAULO

Os testemunhos desvendam que os nigerianos, de forma geral, não fazem ideia de qual seria o número, mesmo que aproximado, de seus compatriotas que vivem na cidade de São Paulo, podendo ser de centenas a milhares. Segundo as entrevistas, é possível observar que a maioria entende que há um grande número deles vivendo na cidade, conforme os seguintes relatos: *“É mais ou menos 1.200, mais que 1000... 1000 ou 2000”* (Okpoko). Podemos verificar, entre alguns testemunhos certa similaridade, como a citada pelo imigrante acima e outra pelo seu compatriota. Nas linhas que se seguem abaixo, observamos que, independentemente da etnia da qual fazem parte, eles não sabem estimar o número de nigerianos que residem na cidade de São Paulo. *“Ah... não sabe 1100 ou 1150... tem muito... Hauçás, Yorubá, Igbo... tem muito”* (Gboko).

Muitos dos entrevistados responderam, em nossa pesquisa de campo, não saberem, nem tampouco, imaginarem a quantidade de membros dessa comunidade existente na capital paulista, segundo alguns dos entrevistados: *“Não tem como, é muita gente”* (Warri), *“Não sei, mas tem bastante”* (Sagamu).

Podemos constatar que as imprecisões nos números citados continuam nos dois próximos depoimentos, que são totalmente discrepantes, nos quais verificamos que o número apontado pela entrevistada abaixo representa, percentualmente, apenas dez por cento do apresentado no depoimento seguinte, sendo de etnias diferentes e exercendo atividades que não possuem nenhum ponto em comum. Ainda assim, as divergências persistem, e a falta de consenso subsiste em todos os depoimentos, como os dois apresentados a seguir: *“Eu não sei... pode ser 5.000, pode ser 6.000. Não sei”* (Nsukka), *“Ah... uns 60 mil, por aí”* (Gusau). Já o entrevistado a seguir, estima o número dessa população na casa de milhares, como podemos identificar no excerto abaixo: *“Ah... se vai citar... ah, mais ou menos eu acho 100.000 ou 200... muita gente”* (Ondo).

As frases citadas, somadas às demais relatadas, definem de modo geral a imprecisão que comprovamos no nosso trabalho de campo quanto à grande divergência que existe entre os membros dessa comunidade, sobre o número exato ou até mesmo aproximado, em relação à quantidade de nigerianos existentes na cidade de São Paulo: *“Realidade? Não tem número definido, mas eu sei que*

tem bastante nigerianos aqui, se contamos bem... eu creio que passamos cinco mil pessoas” (Modakeke).

Podemos evidenciar, através das entrevistas, que não há consenso, entre os imigrantes nigerianos, a respeito de um número aproximadamente exato de imigrantes desta comunidade residentes na capital paulista, mas observamos que, em sua maioria, eles têm consigo a ideia de que existe um grande contingente de compatriotas que residem na cidade, enquanto uma parcela afirma, categoricamente, não saber.

Figura 15 – Nigerianos fazendo passeata contra fechamento de seu Consulado



Fonte: Brasil de Fato, 2017.

Com exceção da região central, onde reside uma pequena parte de imigrantes, podemos apurar, que a grande maioria mora em bairros distantes tanto da zona leste, como Guaianazes ou Itaquera, quanto da zona sul, como Campo Limpo ou Capão Redondo, ou em outros municípios da região metropolitana, devido aos exorbitantes preços dos aluguéis na região central da cidade e do famigerado processo de gentrificação que foi iniciado desde os anos de 1990 e instalado pelas grandes agentes imobiliários na cidade de São Paulo, levando muitos moradores de baixa renda a

abandonarem seus imóveis por falta de condições financeiras, se mudando para os bairros mais afastados do centro. Esse processo atinge a todos, indiscriminadamente, sobretudo os imigrantes africanos de todas as nacionalidades, e também alguns nigerianos, que são obrigados a morarem em ocupações, não só no centro da cidade de São Paulo como em invasões em outras regiões ou municípios, de acordo com o testemunho do nosso entrevistado: “*Eu morar no Tiete, no Rua Voluntários da Pátria, uma prédio invadido, eu já tá 5 anos lá*” (Jalingo).

Figura 16 - Cartaz do filme “Era o Hotel Cambridge”



Fonte: Valkírias, 2017.

Segundo Pereira (2014), o termo "gentrificação" configurou-se como uma categoria central para se pensar as modificações vivenciadas nas cidades contemporâneas. Apesar dos diferentes entendimentos quanto às forças motrizes, à dinâmica e ao sentido das transformações urbanas que vêm sendo chamada de “gentrificação”, a expressiva difusão do uso desse termo evidencia por si só uma convergência na percepção de um fenômeno que vem assumindo características semelhantes em diferentes contextos geográficos.

Esse termo foi empregado pela primeira vez num conhecido estudo da socióloga britânica Ruth Glass (1964), que cunhou tal expressão para caracterizar o início de uma onda de invasão dos *mews* na área central de Londres, tradicionalmente ocupados por classes trabalhadoras, por novos moradores de classe média e alta. A expressão deriva do substantivo inglês *gentry*, que designa indivíduos ou grupos "bem-nascidos", de "origem nobre". Assim, foi concebida originalmente para fazer referência a um processo de elitização ou de "enobrecimento" de determinados lugares da cidade, anteriormente caracterizados como áreas predominantemente populares.

Pereira (2014) propõe uma definição preliminar desse fenômeno como uma entrada de capitais privados e de moradores de classe média e alta em bairros populares localizados em antigos centros urbanos que passaram por períodos prolongados de carência de investimentos. Esse movimento do capital seria guiado fundamentalmente pelo que o autor chama de diferencial de renda.

Após o transcurso de um lapso de tempo razoavelmente longo em que tais localidades permanecem fora dos focos prioritários de investimento nos espaços construídos, então direcionados preferencialmente às frentes de expansão suburbana, a renda recebida com a exploração econômica dos imóveis localizados na área central se reduz até o momento em que a diferença entre a renda potencial e a renda efetivamente capitalizada com os atuais usos da terra ultrapassa um patamar crítico. Alcançado esse estágio, os possíveis acréscimos de renda com o reinvestimento no antigo centro passam a suplantam aqueles que poderiam ser obtidos com a abertura de novas frentes de urbanização nas franjas periféricas. Configurado esse cenário, a direção dos fluxos de capital se inverte, e o antigo centro desponta como nova "fronteira". Junto com os investimentos, essas localidades passam a receber um público por quem haviam sido abandonadas em virtude de sua alegada degradação. O retorno do capital e dos segmentos sociais de maior poder aquisitivo ao centro, por sua vez, resulta numa paulatina substituição de seus antigos moradores e frequentadores, que dificilmente conseguem resistir à pressão decorrentes das mudanças a que essas localidades são submetidas no bojo de seu enobrecimento.

Esse processo resulta na luta de diversos movimentos sociais por habitação, moradia digna e pela terra, encampada como, por exemplo, a Frente de Luta por Moradia (FLM), dentre outros, que tem se intensificado nos últimos. Assim sendo, a apropriação de imóveis desabitados, ou abandonados, no Brasil e em especial na região central da cidade de São Paulo tornou-se uma questão de sobrevivência para inúmeras famílias, que, mesmo antes da onda da COVID 19, e, sobretudo, durante e após a pandemia, já sofriam com a falta de recursos para sobreviverem e ainda pagarem aluguel. Nesse contexto, as ocupações são, por vezes, a única alternativa restante para grande parte de imigrantes recém-chegados à capital paulista, vindos de diversas nacionalidades que chegam sozinhos ou acompanhados com suas famílias, muito deles de origem africana. Essa questão é

abordada pelo filme “Era o Hotel Cambridge”, da cineasta Eliane Caffé; que mescla ficção e realidade e estreou no ano de 2016, com o intuito de mostrar a luta por moradia de moradores ditos “sem teto”. Muitos deles fazem parte de movimentos sociais, e o filme discute um problema que afeta milhares de pessoas no país e no mundo.

As imagens mostram prédios abandonados na região central de São Paulo, com bandeiras de diversos movimentos penduradas nas janelas. Ainda que a cena já tenha sido tomada, mesmo que instantaneamente, pelo olhar de milhares de pessoas que circulam diariamente pelas ruas da capital, há nesses espaços uma luta que chegou às telas do cinema, abordando questões relevantes como: o direito à moradia digna. O filme retrata, através da ficção, a luta que une brasileiros e refugiados num cotidiano real. Segundo Caffé:

Hoje a questão da moradia predomina no mundo inteiro como o problema que caracteriza talvez o maior conflito que vamos viver nesse século, com o êxodo das pessoas para as grandes cidades, primeiro porque esse crescimento de fluxo chega muito mais rápido que qualquer plano de organização e construção e, o mais grave de tudo, é que pelo fato do nosso sistema político ser muito calcado na especulação imobiliária, não existe a preocupação de se fazer políticas públicas para lidar com esse problema. A tendência é que isso fique cada vez pior e a importância do filme está em tornar visível e conscientizar as pessoas de que existe esse problema. (Caffé, 2017 apud Brandino, 2017).

O cenário que dá nome ao filme era um antigo hotel, situado na Avenida Nove de Julho e que se tornou ponto de despejo de lixo e focos de dengue, até ser ocupado em novembro de 2012 pela Frente de Luta por Moradia (FLM). Sob a coordenação do Movimento dos Sem Teto do Centro (MSTC), hoje habitam no edifício 170 famílias brasileiras, imigrantes e refugiadas, com histórias diversas, algumas vindas de áreas de risco, outras que moravam de favor ou foram despejadas pela impossibilidade de pagar aluguéis cada vez mais altos. Por meio do movimento de ocupação, elas batalham por políticas públicas de moradia que lhes permitam realizar o sonho de ter o próprio lar. Ao mesmo tempo, essas pessoas defrontam-se com a agressividade e a truculência da polícia, recorrentes nos atos de reintegração de posse, denúncia que aparece no filme por meio de imagens cedidas por jornalistas que documentaram uma das ações da tropa de choque no centro da capital paulista.

Outro exemplo, que está no depoimento de um dos nossos entrevistados, relata a crueldade da lógica imposta pelo sistema imobiliário, que, visando apenas o lucro, excluiu na cidade de São Paulo milhões de pessoas em busca de moradia e de melhores condições de vida, sejam elas imigrantes refugiados ou brasileiros, que não têm condições financeiras de arcar com os valores elevados dos aluguéis e, menos ainda, com as exigências requeridas por esse sistema, como podemos observar em seguida:

É... todo minha dinheiro já acabou pra pagar aluguel... só (risos), mas tá tudo bem... esse eu construí sozinho, eu nunca fiz isso na minha vida... esse é meu barraco, eu fiz isso, eu quero fazer a minha casa aqui, parede de tijolo... parede de bloco. Eu morar no... dentro da meu barraco. agora eu já sai do aluguel, eu morar em invasão... eu morar em barraco... barraco... eu fazer casa com madeira, eu fez sozinho... não tem dinheiro, eu comprar madeira, eu fiz. É... todo minha dinheiro já acabou pra pagar aluguel... só (risos), mas tá tudo bem... esse eu construí sozinho, eu nunca fiz isso na minha vida... esse é meu barraco, eu fiz isso, eu quero fazer a minha casa aqui, parede de tijolo... parede de bloco. Eu morar no... dentro da meu barraco (Ojó).

4.7 ADAPTAÇÃO CULTURAL: LÍNGUA PORTUGUESA, RACISMO E XENOFOBIA E RELIGIÃO

Segundo Farah (2017), num cenário nacional de crescente xenofobia, racismo, discriminações e generalizações contra imigrantes e refugiados, são usuais os questionamentos sobre como mudar esse quadro e acerca do papel e do posicionamento do Sul global nessas relações. De fato, faz-se necessário debater mais – no Brasil e no mundo – sobre xenofobia, racismo e intolerâncias diversas e sobre formas de enfrentá-los em contextos que não se limitem a ações imediatistas pós-assassinatos e outras desumanidades. De um lado, observam-se tentativas no campo da judicialização que visam a deter pessoas que incitam ao ódio e à violência. De outro, ações educativas possibilitam conscientização e humanização, ao mesmo tempo em que restringem estranhamentos e preconceitos. Analisar-se-ão alguns desses procedimentos no âmbito da atuação de um centro de pesquisa, ações sociais, cultura e educação, a Bibli-ASPA, que tem como uma de suas temáticas essenciais a das migrações, refúgios e deslocamentos. Sabe-se que o fluxo migratório de refugiados no Brasil, além de trazer novas dificuldades estruturais, tem incentivado o país a repensar mitos como o da “democracia racial” e o de que no país “todos são bem-vindos” sem discriminação de cor, origem, religião, gênero, identidade de gênero, orientação sexual etc. Com efeito, bastam alguns números para desconstruir a idealizada autoimagem do Brasil. Muitos africanos e haitianos vêm ao Brasil na esperança de viver em um ambiente

sem ou com pouco racismo, ao adotar como residência um país majoritariamente negro, mas o dia a dia lhes revela espaços segregados, políticas segregativas e racismo estrutural, adicionados de xenofobia. Por certo, a repulsa ao estrangeiro, a xenofobia, revela o traço comum a discriminações que incluem, conforme o grupo, racismo (no caso de africanos e haitianos) e intolerância religiosa (especialmente no caso de muçulmanos e adeptos de religiões de matriz africana).

Pesquisadoras e pesquisadores devem buscar estratégias para combater, o racismo, a xenofobia e quaisquer outras formas de discriminação. Assim sendo, o estudo da integração de refugiados deve objetivar a formulação de estratégias e ações que envolvam sociedade e políticas públicas eficientes para desenvolver ações afirmativas e integrativas. Inserido no contexto

internacional e complexo das migrações, o Brasil passou a receber, a partir de 2010, de maneira progressiva, e num cenário migratório que se estende até a atualidade, imigrantes e refugiados em alto grau de vulnerabilidade. No período compreendido entre 2010 e 2015, as solicitações de refúgio aumentaram 2.868% no Brasil e passaram de 966 em 2010 para 28.670 em 2015. Até 2010, havia apenas 3.904 refugiados reconhecidos no Brasil e, ao final do ano de 2015, computavam-se 8.863 refugiados. Percebe-se uma alteração significativa nos números e dados relacionados ao refúgio apresentados por autoridades/agências governamentais que lidam com a matéria, a saber: Ministério da Justiça, Polícia Federal, Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) e escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) no Brasil, ainda que os números absolutos sejam muito pequenos se comparados às cifras internacionais.

Através dos números emitidos, pode-se contatar que o Brasil não é mais um “país de imigrantes”, ao contrário do que dita e preconiza o imaginário nacional, uma vez que menos de 1% da população brasileira é estrangeira (há aproximadamente 1,7 milhões de estrangeiros no país). A partir da década de 1990, o Brasil passou a ser um país de emigrantes, de modo que o número de brasileiros no exterior ultrapassou a quantidade de estrangeiros no país. Mesmo assim, os discursos xenófobos persistem, embora não incluam recomendações aos países que acolhem brasileiros para que os expulsem ou os tratem de forma discriminada. Marcado por um histórico de humilhações e massacres contra indígenas e negros (contraposto por resistências e dignidade), priorizando um projeto de embranquecimento da população, o Brasil perde a oportunidade de redimir um pouco essa mácula e por fim tratar de forma digna e integrativa indígenas brasileiros e sul-americanos em geral e negros brasileiros, africanos, haitianos e de qualquer outra origem, além de imigrantes e refugiados como um todo.

Quanto ao imigrante, não obstante as dificuldades enfrentadas, tanto na partida do país de origem quanto na adaptação ao país receptor, a imigração ainda está condicionada à decisão do indivíduo. Ou seja, requer uma reflexão prévia e um planejamento pessoal e financeiro. É, sobretudo, o poder de decisão e a reflexão e o planejamento prévios que diferenciam o imigrante do refugiado. Percebe-se que, pela descrição legal, os refugiados são, em resumo, a “consequência humana” de graves crises que geram violações de direitos humanos. Nesse cenário, a urgência da circunstância não permite que o refugiado planeje ou pondere sobre a sua partida, a decisão é tomada como consequência de um fenômeno extremo e se apresenta como fuga. Assim, é o aspecto de emergência e fuga que reveste o instituto do refúgio com um alto grau de vulnerabilidade do indivíduo, justificando a existência de estruturas normativas e institucionais distintas para lidar com a situação, distintas da conjuntura imigratória.

O Brasil, ao aderir no cenário internacional aos fundamentais tratados voltados aos refugiados e aos direitos humanos, bem como ao internalizar tais princípios em sua Constituição Federal e ao discutir e aprovar (ainda que com vetos) um novo projeto de lei destinado ao migrante, atesta certo engajamento institucional para praticar referidos direitos sociais aos refugiados no país. Resta entender se as prioridades da regularização dos refugiados em território nacional atingirão diretamente a formulação de ações na área da educação, tanto em âmbito local e regional, quanto nacional. Atualmente, não parece haver indícios disso.

Construída por migrantes internos e externos, além de refugiados, a maior cidade do Brasil, São Paulo, que é objeto de nossa pesquisa, junto à comunidade nigeriana, é retrato da miscelânea multicultural característica do país. Atualmente, é também morada de milhares de imigrantes e refugiados de aproximadamente 80 nacionalidades e representa a cidade da América Latina que mais acolhe refugiados e solicitantes de refúgio. Em relação ainda à cidade de São Paulo, como se sabe, a prefeitura do município tem a sua estrutura formada por secretarias temáticas, entre as quais a Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), que foi criada pelo Decreto Municipal n. 53.685 de 1º de janeiro de 2013, pelo prefeito Fernando Haddad, este de origem libanesa, e teve por objetivo “aprimorar a articulação e a gestão transversal das políticas de direitos humanos e participação social na prefeitura de São Paulo” (Brasil, 2013). Por sua parte, a SMDHC é estruturada em unidades específicas que compõem coordenadorias, entre as quais a Coordenadoria de Promoção e Defesa de Direitos Humanos. Inserida nessa coordenadoria, encontra-se a Coordenação de Políticas para Migrantes (CPMig), onde a criação é fundamentada no artigo 242, VII, da Lei Municipal n. 15.764/2013. A CPMig tem por objetivo “articular as políticas públicas migratórias no município de São Paulo e criar e implementar as políticas municipais para migrantes e de enfrentamento à xenofobia”. Cabe ressaltar que esta iniciativa foi pioneira na história da imigração do país.

Segundo Farah (2017), infelizmente crescem as manifestações de intolerância no Brasil e no mundo. Situações de racismo, preconceito e xenofobia contra imigrantes e refugiados incluem discursos de ódio em mídias sociais e agressões verbais e físicas. Para citar um entre vários exemplos das violações observadas e pesquisadas, nos valem do trabalho sério e engajado de uma ONG, acompanhada de perto por nós, durante o período vigente, de nossa pesquisa acadêmica na Bibli-ASPA – centro de pesquisa, cultura e ações sociais dedicado a temáticas árabes, africanas e sul-americanas, migração, refúgio e deslocamentos –, registra-se que muitas ações dessa instituição recebem manifestações de apoio nas mídias sociais. No entanto, os discursos de incitação à violência e de ódio contra refugiados e imigrantes aumentaram significativamente nos últimos anos. A Bibli-ASPA desenvolve desde 2003 programas diversos, educativos, sociais e culturais que envolvem imigrantes e refugiados. Esses programas, desde o princípio, aliam o ensino de idiomas ao ensino de

culturas, no entendimento de que é essencial conhecer os aspectos culturais de uma sociedade para uma comunicação plena e efetiva e também para obter inclusão e integração. O intercâmbio cultural entre brasileiros e refugiados/migrantes enriquece ambos os lados, na medida em que permite aproximação e troca de experiências, dizeres, fazeres e saberes. A Bibli-ASPA desenvolve o Programa de Língua e Cultura Árabe, Programa de Língua Francesa e Cultura Africana, Programa de Língua Francesa e Cultura Árabe, Programa de Língua Francesa e Cultura Árabe e Magrebina, Programa de Língua Inglesa e Cultura Africana, Programa de Língua Inglesa e Cultura Árabe, Programa de Língua Espanhola e Cultura Sul-Americana, Programa de Língua Francesa e Cultura Haitiana, Crioulo Haitiano e Cultura Haitiana, História do Oriente Médio, História da África, Arqueologia do Oriente Médio, Caligrafia Árabe, entre outros programas/ cursos (Bibli-ASPA, 2023). Os professores e professoras provêm da Nigéria, (país pesquisado por nós, neste trabalho) e de outros como, Senegal, Camarões, Síria, Palestina, Haiti, Marrocos e Chile, entre várias localidades. Se, no passado, ao divulgar esses programas, havia poucas manifestações de intolerância, nos últimos cinco anos essa realidade modificou. Ilustrações de bombas, comentários, racistas, xenófobos religiosamente intolerantes, seguidos de imagens depreciativas e discursos de incitação à violência marcaram algumas das manifestações nas mídias sociais da instituição. Como reação, adotaram-se medidas judiciais contra alguns dos incitadores ao ódio e um fortalecimento das campanhas educativas. Isto é, seguiu-se a fórmula de educação/ conscientização e judicialização. A pergunta que se faz ante os exemplos citados e o quadro atual no Brasil e no mundo é: “Como combater intolerâncias, racismo e xenofobia?”. A resposta inclui obrigatoriamente os princípios de promoção da não violência, da cultura de paz e das expressões culturais de povos árabes, africanos e sul-americanos, entre outros, em benefício do respeito mútuo e da diversidade.

Cultura de paz significa, na definição da Unesco, o engajamento de promover e vivenciar o respeito à vida e à dignidade de cada pessoa sem preconceito ou discriminação, refutar qualquer forma de violência, o compartilhar de tempo e recursos com generosidade a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão econômica e política, desenvolver a liberdade de expressão e diversidade cultural através do diálogo e da compreensão do pluralismo, manter um consumo responsável respeitando todas as formas de vida e contribuir para o desenvolvimento da área, comunidade país e planeta. A Bibli-ASPA compartilha essa visão e tem se esforçado para que esses princípios permeiem todas as ações que desenvolve, de forma interdisciplinar. Há mais de quinze anos, desenvolve programas e culturais e educativos tendo como visão a promoção da cultura de paz. Como consequência, do trabalho realizado com perseverança e determinação, obteve reconhecimento de órgãos nacionais e internacionais, como a ONU, a Unesco, o Mecanismo Aspa (por meio de declarações firmadas por chefes de Estado e ministros árabes e sul-americanos), a Presidência do

Brasil, Ministérios da Cultura, Educação e Relações Exteriores e universidades do Brasil em particular e da América do Sul em geral, da África, do Oriente Médio e de outras regiões. A Bibli-ASPA promove conscientização acerca de migração e refúgio por meio de debates, palestras, rodas de conversa, publicações, seminários, exposições e ações culturais. O que significa ser refugiado? Por que alguém se torna refugiado? Para onde essas pessoas vão e de onde elas vêm? Que direitos possuem? Como o Brasil tem se posicionado? Quais os principais grupos de migrantes e refugiados que vivem no Brasil, na América do Sul, no Oriente Médio e na África? Como suas culturas se caracterizam? Como é possível apoiar a integração e o bem-estar dessas pessoas e que iniciativas são promovidas com esse intuito? Como combater toda e qualquer forma de xenofobia, racismo e intolerância? Essas questões, amplamente debatidas, nos dias 29 e 30 de março e 1º de abril de 2017, no “Seminário Internacional sobre Migrações, Refúgios e Deslocamentos” – organizado pela Bibli-ASPA (2023), pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil e pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP) Brasil-África da USP, com a participação de Unesco, Acnur, Ministério das Relações Exteriores, Ministério Público Federal, Ministério Público Estadual, Defensoria Pública da União, Ministério da Justiça, USP e outras universidades, centros de pesquisa e instituições vinculadas ao tema, além da fundamental participação dos próprios imigrantes e refugiados –, aludem a uma inquietação transversal às várias temáticas: a xenofobia, que, sob diferentes óticas, foi tema de reflexão em muitas das oito mesas (e nas falas de vários dos 50 palestrantes) que compuseram o seminário. Teve um papel importante na realização do seminário o grupo de pesquisa Temáticas, Narrativas e Representações Árabes, Asiáticas, Africanas, Sul-Americanas e de Comunidades Diaspóricas, que contempla, entre suas linhas de pesquisa:

- 1) refugiados, educação, aprendizado de português e aspectos linguísticos;
- 2) refugiados e inserção na sociedade;
- 3) refugiados, infraestrutura e ocupação urbana;
- 4) refugiados e representação na mídia;
- 5) refugiados, direitos humanos e aspectos jurídicos;
- 6) refugiados e democratização do acesso aos serviços públicos;
- 7) refúgio e política externa brasileira;
- 8) refugiados, aspectos culturais e produção artística;
- 9) turismo afro-árabe e refugiados;
- 10) refugiados, generalizações e discriminação;
- 11) refugiados e aspectos psicológicos: do deslocamento à integração e inserção;
- 12) refugiados: saúde, cultura e educação;
- 13) refugiados e culinária.

A instituição reúne artistas, acadêmicos e pesquisadores de mais de 40 países num esforço de análise crítica. Em outubro de 2016, a Bibli-ASPA ajudou a coordenar, com entidades, como o NAP Brasil-África da USP, a DPU e a Secretaria Municipal de Direitos Humanos dentre outras, o ciclo de debates “Muçulmanas e Muçulmanos no Brasil e Violações de seus Direitos Humanos”, que tiveram como propósito fundamental:

- a) analisar as configurações socioculturais do islã no Brasil;
- b) desconstruir o vínculo entre islã e terrorismo;
- c) denunciar manifestações de intolerância religiosa, xenofobia e racismo no Brasil, particularmente contra imigrantes oriundos do continente africano.

Os debates realizaram-se em três dias de atividades com os seguintes temas: “Lei antiterrorismo e seus efeitos sobre a migração e o refúgio”; “Construção histórica da ideia de terrorismo”; “Configurações socioculturais do islã no Brasil”. Dois meses antes, em agosto de 2016, grupo similar havia emitido uma declaração “Em Prol dos Direitos Humanos”: “Considerando os marcos legais que asseguram os direitos humanos, o direito à liberdade religiosa, à igualdade racial, à mobilidade e à migração, expressamos preocupação com as crescentes manifestações de intolerância religiosa, xenofobia e racismo no Brasil [...]. Repudiamos as ameaças, as discriminações, os atos racistas, os constrangimentos e todas as violações enfrentadas por espaços religiosos, migrantes e refugiados, muçulmanas e muçulmanos, particularmente imigrantes oriundos do continente africano [...]. Manifestamo-nos a favor dos direitos humanos em sua plenitude, da cultura de paz e contra qualquer forma de violência, seja em razão de intolerância religiosa, racismo ou questões de gênero”.

Quanto à adaptação cultural no Brasil, a maior parte dos entrevistados 64% (sessenta e quatro por cento), afirmaram não ter problemas com ela; contra um total de 36% (trinta e seis por cento) que afirmam ter tido dificuldades em adaptar-se em terras brasileiras. Segundo impressões colhidas junto aos nossos entrevistados, podemos captar, que com exceção a questão da língua, e do racismo estrutural existente em nossa sociedade, que devido as suas importâncias,

Como atestam os números acima, em sua maioria, não tiveram maiores problemas quanto à adaptação ao contexto cultural em nosso país. Segundo depoimentos, podemos aferir que, obviamente, na chegada desse imigrante, num primeiro momento, há certo estranhamento com as normas, costumes, bem como com as tradições e valores, vigentes em nossa cultura e até mesmo com a alimentação. Mas, com o passar do tempo, e com a convivência social com a comunidade local, com o domínio territorial, esta adaptação vai se ajustando; um aspecto amplamente destacado pelos entrevistados é a simpatia e a receptividade do povo brasileiro, que, segundos os mesmos, ajudam muito nesse processo, tanto que muitos deles possuem diversos laços de amizade com brasileiros,

especialmente, com as brasileiras, como já citado nesta Dissertação, pois muitos são casados e possuem filhos com elas. Nesse aspecto, as mulheres brasileiras são muito elogiadas por seus pares nigerianos, por serem, segundo os mesmos, muito trabalhadoras, guerreiras, dedicadas aos filhos e boas companheiras. A capital paulista também foi amplamente elogiada, quanto ao aspecto religioso, pois, segundo relato dos entrevistados, não há problemas, para que os migrantes possam praticar suas religiões, sejam eles cristãos, muçulmanos, ou praticantes de cultos de origem afro-brasileiros, como o candomblé ou a umbanda.

Mas uma ressalva é feita quanto ao comportamento do(a)s brasileiro(a)s pela maior parte dos membros dessa comunidade, que causam estranhamento e certa perplexidade, no qual os mesmos citaram certa falsidade, por parte das pessoas, que, segundo eles, sorriem constantemente, mas que, muitas das vezes, nem se importam, nem simpatizam, de fato, com suas pessoas, deixando em dúvida, para os mesmos, se esse comportamento, geralmente gentil é verdadeiro ou não.

Outro item muito destacado, em nossas entrevistas, diz respeito à alimentação, como podemos observar nas declarações a seguir: *“Comida? Não, não precisa não... não sofre nada disso, só foi à diferença porque nosso país não fala o português, né, então nós já chegar aqui com os olhos abertos pra conseguir falar alguma coisa.”* (Warri).

Esse outro depoimento, sanciona o anterior, afirmando que não há problemas, para essa comunidade, quanto à alimentação na capital paulista: *“Não, porque... porque deixar morar aqui, morar chegar aqui eu vi comida que tá aqui muita é... arroz feijão... é normal, esse é comida internacional também... então só isso.”* (Okpoko)

Outro testemunho resume, em grande parte, os depoimentos prestados por nigeriano(s) e nigeriana(s), pois demonstra que não houve problemas de adaptação, destacando, primeiramente, a busca pelo trabalho e depois, já adaptada, a melhoria das condições de vida; ele destaca que adora viver na cidade de São Paulo, fato também elencado pela maioria dos entrevistados: *“Quando eu chegou eu acho que vai ter trabalha pra depois... pra depois é melhorar. Não tive ... eu gostar daqui ... eu adoro aqui...também...”* (Ondo).

Para contrastar, apresentamos também uma opinião, que representa a menor parte dos nossos entrevistados, que reclama abertamente, tanto dos costumes, quanto da nossa culinária e diz sentir muita falta do fufu, comida esta, presente, diariamente, à mesa nigeriana. Cabe aqui destacar, que esse entrevistado também criticou a suposta simpatia dos brasileiros, bem como o racismo existente na capital paulista, como podemos atestar a seguir:

Muito... muito! Dificuldade de costume, dificuldade de culinária, entendeu? Culinária não tanto porque arroz e feijão tem lá; claro que o nosso prato principal não é arroz e feijão. É... chama... fufu , entendeu? ? Muito diferente! Muito diferente. No Brasil todo... o Brasil

todo é o costume... aqui, claro, o sul tem outro costume, que é costume europeu, né... ainda mais Rio Grande do Sul, Santa Catarina... aqueles costumes de Alemanha... Itália, entendeu? Então... o Rio – São Paulo que é sul, né? Sul, sudeste, né? (Socoto).

As dificuldades geradas pelo não domínio do idioma reverberam na vida desses imigrantes, sobretudo, na chegada ao Brasil, quando, segundo depoimentos, eles, ao saírem dos aeroportos internacionais, em todo o Brasil, mas em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, dificilmente, conseguem encontrar, nas ruas dessas cidades, pessoas que tenham o idioma inglês, como segunda língua, a não ser em hotéis ou restaurantes, localizados nos bairros mais elitizados ou em regiões turísticas. “Ah! Sofri, falaram pessoa chegou... se você fala pessoa fica rindo... é pessoa que não conhece você ai fica “o que você tá falando?”... difícil pra entende nós. Porque nós... é... ah... tudo mesmo, nós fala alto... é forte... porque pessoal fica... assustado com nós” (Okpoko).

Essa barreira, segundo os depoimentos, além de gerar situações embaraçosas, engendram preconceitos em relação aos mesmos, em situações cotidianas, em supermercados, bancos, feiras e comércios em geral; mas o maior problema, constatado em relação aos imigrantes dessa comunidade é quanto ao trabalho, pois, mesmo com o fato de grande parte de eles possuírem diploma em formação superior, setenta e cinco por cento, do total de entrevistados, além dos problemas referentes à validação destes, devido ao alto custo, em que a maioria não tem acesso, os problemas referentes à língua, também dificultam o acesso deles ao mundo do trabalho. O depoimento abaixo resume a situação em que se encontram muito desses imigrantes:

Sim, é, porque, por exemplo, quando eu, ah... inscrição pra trabalho as vezes coisas que eu lê pra... ah... coisas que, exemplo coisas pra contador, administração eu não posso fazer porque eu já fiz no Nigéria, a pois, mas aqui porque eu não pode falar muito bem, ah... eles não vai aceitar meu trabalho lá, porque eu ainda não falo escrevo bem o português, entendeu? (Okene).

Em relação ao processo de inserção dos imigrantes na sociedade brasileira, Silva e Fernandes (2017) comenta que alguns obstáculos foram verificados, tais como o acolhimento, o domínio da língua e a questão da discriminação racial e xenofobia. Esses fatos em conjuntos ou isolados acabam se tornando em empecilho para os imigrantes não se inserirem na sociedade brasileira ou viverem excluídos do convívio social. Para os autores, a primeira barreira a ser vencida é o acolhimento. O fluxo recente de imigrantes para o território brasileiro gerou uma demanda de ampliação ou criação de infraestrutura para acolhimento desses imigrantes, porém observamos que o Estado Brasileiro não possui nenhum preparo para acolher dignamente esses imigrantes. No âmbito da lei, várias alterações foram e são realizadas para acolherem legalmente esses imigrantes, mas o que parece é que cabe ao Estado realizar somente instrumentos jurídicos que autorizam a permanência desses imigrantes em

solo brasileiro, sem criar instrumentos socioculturais, que promovam o acolhimento, a inserção e integração dos imigrantes na sociedade.

Segundo a pesquisa de Silva e Fernandes (2017), o IPEA/Ministério da Justiça (2015), alguns estados vêm enfrentando dificuldade na prestação de serviços básicos como: escola, saúde, assistência social em geral nos órgãos públicos, devido ao idioma. Por sermos um país monolíngue, grande parte da população brasileira não domina o segundo idioma, o que se reflete diretamente no atendimento dos imigrantes nesses locais públicos. A comunicação, em particular, a prática do idioma, tem um papel de destaque na inserção dos imigrantes, pois através do domínio do idioma local os migrantes conseguem desenvolver laços com novos atores, incorporando assim a cultura brasileira e tornando possível a ascensão profissional. Quando o idioma é aprendido, estreitam-se os laços com a sociedade, o que ajuda na definição de uma nova identidade que é incorporada ao longo dos anos em que vão assimilando a nova cultura.

Alguns dos entrevistados recorrem à ajuda de seus filhos, e destacam também a importância de terem filhos brasileiros, pois eles auxiliam frequentemente seus pais quanto ao idioma, por serem nativos e, sobretudo, por frequentarem a escola, compartilhando com os mesmos, o modo formal da língua bem como o uso correto da sua expressão, partilhando diariamente os diversos aspectos culturais, sociais e históricos referentes à sociedade brasileira e em contrapartida, pelo fato de seus pais por serem nativos da língua inglesa, também ensinam e praticam em casa com seus filhos um segundo idioma, tendo nessa relação idiomática familiar, uma constante troca de saberes e conhecimentos, tanto da cultura africana, quanto brasileira, como observaremos no depoimento abaixo: *“Eu tive muita dificuldade para falar o português, mas meus filhos iam para escola e quando saiam comigo traduziam as conversas com outras pessoas, as crianças me ajudaram muito.”* (Gusau), *“É normal... é qui tem muitas coisas que acha dificuldade, pra nós é normal... porque nada é fácil, é normal, é esperado. [...] Hum... não sabia falar português, então você obrigado a comunicar, você se virava”* (Otukpo).

Constatamos, através dos testemunhos, que muitos dos nossos entrevistados recorreram aos cursos de Língua Portuguesa e de Cultura Brasileira, oferecidos gratuitamente por ONGs, como a Bibli-ASPA, dentre outras, bem como a instituições religiosas, que também oferecem esse curso para auxiliar os imigrantes, na chegada e durante e durante a sua estadia na capital paulista, como observaremos no trecho a seguir: *“Sim.. ah... (risos). Primeiro dia que chegou aqui foi na escola pra... pra sabe mais falar português, mas muito difícil, tem um irmão que tá no casa agora e não falar nada português, mas ele precisa pra fala aí vai mandar esse papel pra ele “você tem que ir pra lá, vai aprender”* (Ijero).

Conseguimos captar, no depoimento acima, que existe uma, até mesmo, certa cobrança, entre os próprios nigerianos, para que seus pares procurem escolas ou lugares, como as entidades, citadas acima, que oferecem gratuitamente, o ensino da língua portuguesa, pois os mesmos têm segundo depoimentos colhidos, que há uma dificuldade de adaptação muito grande, sem o domínio básico do idioma; mesmo assim, alguns dos entrevistados, mostraram-se, indignados, pelo fato de existir, compatriotas, que já se encontram a dois ou mais anos no Brasil e que, segundo os testemunhos, não se esforçam para aprenderem o idioma local, motivo que chega a gerar, um certo inconformismo, em alguns membros, desta comunidade; mas de acordo com os depoimentos colhidos, conseguimos aferir, que para a maioria dos nigerianos, que residem na cidade de São Paulo, o domínio, tanto da fala, quanto da escrita, de maneira correta é indispensável, para que, tenham êxito, quanto à integração social.

Segundo depoimentos colhidos junto aos nossos entrevistados, são comuns os casos, tanto de racismo, quanto de xenofobia, sobretudo, quanto ao primeiro, que atingem diariamente, esses imigrantes na capital paulista, um dos vários exemplos de situação de racismo refere-se às discriminações e preconceitos sofridas no transporte público, como no caso dos trens do metrô e também em ônibus, em que, segundo relatos, outros passageiros deixam de sentar-se ao lado de nigerianos mesmo, estando o assento ao lado destes desocupado, ao mesmo tempo as pessoas olhando, com desconfiança, ou medo para os mesmos, preferindo ir para a parte de trás do ônibus ou do vagão de metrô ou até mesmo ficar em pé. O entrevistado relata no excerto a seguir, que esse comportamento ocorre também com as crianças, sendo assim, podemos constatar, trata-se de um comportamento ensinado a elas, para que, quando se depararem, com pessoas pretas e estrangeiras, fiquem mais atentas; esse tipo de comportamento por parte das crianças causa um grande estranhamento, bem como desconforto, em um dos nossos entrevistados, como observaremos a seguir:

No metrô, mesmo se tem lugar vazio, de preferência, a pessoa não senta e fica olhando pra seu rosto. Eu percebo, você fica calmo; alguns pessoas no ônibus têm vaga na sua lado, alguns preferem ficar longe, alguns vai e volta, é outra coisa, as vezes no lugar você vê criança, eles ficam olhando você no jeito e de uma coisa... (Acurê).

Outro relato, que vai ao encontro do anterior, e que resume a condição de muitos dos nossos entrevistados, diz respeito à questão da xenofobia existente, que aflige diariamente esses imigrantes, que têm consciência de sofrerem essas injustiças e o duplo preconceito, pelo fato de serem ao mesmo tempo pretos e estrangeiros, fato que é relevado pela maioria destes imigrantes, como uma questão de proteção para com eles mesmo, pois também possuem ciência de sua condição de vulnerabilidade

social em que se encontram, sendo assim, evitam envolverem-se em qualquer tipo de situação que possa trazer confusão ou mal estar a suas vidas

É... hum... só que eu não liga, mas sofre, sofre todo dia. Você é estrangeiro, você sabe que você é diferente... é... você é negro, você é diferente, todo dia você passa por alguma, mas você tem que passar sim por essas coisas... eu não dá bola não. Enquanto isso não te prejudica na suas coisas você continua a sua vida (Otukpo).

Converge com o depoimento citado acima, outro testemunho, referente a fatos ocorridos no transporte público, na capital paulista, onde, segundo relatos, dois amigos nigerianos, estavam em um ônibus e aconteceu uma briga com um rapaz brasileiro por ofendê-los, e até o motorista teve que intervir e fazer com que todos os envolvidos descessem, para acalmar os ânimos, como podemos observar:

Sim, eu tenho alguma experiência... eu e meu amigo, é preto também, ele é nigeriano também, eu tá no ônibus ele brigar com aquele rapaz... brigar com ele... polícia chegou... ele é... motorista descer ele junto com aquele rapaz... é porque eu só ficar pertinho, eu não sabe bem o que ele tá falando, aquele cara ali sabe tudo... ele brigar com ele... bater nele (Owo).

Os casos que envolvem crimes típicos de racismo e de xenofobia são relatos em profusão, como o da nossa entrevistada a seguir, a qual relata que, ao chegar ao supermercado, o segurança do estabelecimento parte, automaticamente, atrás da mesma e como ela mesma descreve em seu testemunho, esse comportamento, ocorre não pelo fato dela ser estrangeira no caso pela xenofobia, mas por ela ser preta. Surpreendeu-nos e também nos estarreceu o depoimento dessa mulher nigeriana, comerciante, mãe de família, o fato da mesma nos relatar em sua entrevista, que sofre discriminação racial, dos próprios pretos(as) brasileiros, num caso explícito de xenofobia, que, segundo ela mesmo relata, a olham com desprezo e a tratam como lixo:

Se eu já sofri? Ah, sim, esse daqui é parte do nosso dia, todo dia, né, é todo dia se sofre pela cor se não você sofre pela país que você vem... você já sofre pela cor que você... é né, então é assim mesmo... sempre, todo dia, na rua, no mercado você entra e o cara já levanta e fica de olho, parece que você já vai colocar uma coisa no bolso, sabe... só por causa de cor entendeu? Não é porque ele já sabe que eu sou uma estrangeira, não, mas pela cor ele já vai atrás. O Brasil é (racista). O pior é que a mesma cor é igual nois que olha parece “que lixo”, nois sempre tem aquela outro lado né, mas eu acho que não podia ter naquele lado o que é nosso também, porque não tem nenhuma diferença, mas sempre tem, sempre tem... (Warri).

No próximo depoimento, seguindo os exemplos de racismo e xenofobia relatados por nossos entrevistados(as), poderemos acompanhar mais um caso de racismo explícito que ocorreu em uma rua do bairro do Brás, importante centro comercial da capital paulista, frequentado diariamente por milhares de pessoas, onde um, como nos conta este imigrante nigeriano, que trabalha como profissional autônomo, transportando mercadorias nas ruas daquele bairro, quando foi ofendido,

mesmo trabalhando, carregando peso em seu carrinho, por uma senhora que o chamou de “macaco”, foi acolhido por transeuntes nesse mesmo momento, que cercaram a referida mulher, cobrando explicações da mesma e ameaçando chamar a polícia. Mas, devido à interferência do nosso entrevistado a situação, foi contornada, para que não gerasse, maiores proporções, pois ele precisava trabalhar e buscar o seu sustento, tanto para ele, quanto para seus dois filhos que moram com a mãe na Nigéria:

Entendeu, mas aqui é outra realidade, aqui a racismo daqui tá muito escondido, por causa da lei; o que eu perceber a lei já tá quebrando tudo e tudo tá muito preocupado de vamos supor por exemplo um dia que eu tá com carreto, eu to falando “o pesado, o pesado” uma senhor que já tinha quase tipo 50 anos aí eu falo “o pesado, senhora, dá licença” ela vira assim e fala “macaco”, “meu Deus, eu macaco?!” em momento que eu falar isso ela fecha o cara dela, é tipo que não foi ela, aí outras pessoa pergunta “o que ela falar?” “, aí eu já sei que é uma problema, porque já tá chamando atenção de outro, de branca de negro, aí, mas eu não quero nada, aí eu saio, então esse foi o mais alto, mas onde que eu aprende que um sabe que tem racismo, eu foi no sala de aula (Jalingo).

Outra visão que pode ser mencionada, quando se trata do racismo, é a branquitude, ou seja, traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento. Acerca disso, Bento (2002) aponta que os aspectos mais importantes da branquitude são o medo que alimenta a projeção do branco sobre o negro, os pactos narcísicos entre os brancos e as conexões possíveis entre ascensão negra e branqueamento serão abordados.

Para a autora, no Brasil, o branqueamento é comumente considerado como um problema do negro que, desconfortável e descontente com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir seus atributos raciais. Quando se estuda o branqueamento, nota-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, ainda que apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Bento (2002) afirma que esses grupos se consideram como padrão de inferência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica fundamental que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em malefício dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia social, política e econômica.

No entanto, temos essa mesma elite investindo na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que prejudica sua identidade racial, afeta sua autoestima, culpa-o pela discriminação que padece e, por fim, justifica as desigualdades raciais.

Um nigeriano relata em depoimento que deu um conselho para que o seu amigo imigrante, não perdesse o juízo, ao ser ofendido com a expressão: “macaco”; pedindo para que ele se retirasse do local, para evitar maiores consequências para o amigo ofendido. Como podemos observar, segundo os testemunhos desses imigrantes, o termo ofensivo e desumano: “macaco” é, infelizmente, usualmente, proferido as pessoas de cor preta, sobretudo imigrantes, nas ruas de São Paulo;

contraditoriamente, os brasileiros, também reclamam abertamente, desta situação, quando a mesma expressão de preconceito racial é proferida contra jogadores e torcedores brasileiros, que ocorrem, mormente, em partidas de futebol, contra times da Argentina e sobretudo, na Europa, como é o caso atualmente, amplamente noticiado pela mídia mundial, do racismo sofrido pelo jogador brasileiro, Vinicius Júnior, que atualmente joga no time do Real Madrid, na Espanha. Provavelmente, se o jogador não atuasse em uma liga de futebol forte, bem como em um time tão importante daquele continente, essa questão, sequer viria a público: *Hum... não, mas eu tem pessoa que já faz... que alguém chama ele “macaco”, aí ele briga pra matar pessoa aí eu falo “ei, deixa ele em paz, deixa ele” é... tem pessoa que não gosto preto, pessoa que faz assim, mas se você olhar pessoa que não gosta de você sai da frente, vai embora e deixa ele em paz (Ijero).*

Mais um exemplo do racismo estrutural e da xenofobia na sociedade brasileira, sancionado, pelos depoimentos anteriores, ocorreu com outro de nossos entrevistados que foi, para nossa surpresa e indignação, discriminado, maltratado por um outro estrangeiro, no caso, uma médica chinesa, que o tratou desdenhosamente como “gringo negro”; esse episódio lamentável, bem como os demais citados anteriormente, mostram a que nível encontram-se as questões raciais no Brasil, onde estrangeiros, por serem brancos ou, nesse caso, designado como amarelo, discriminam pessoas, simplesmente por terem a pele de cor preta e, ainda, as próprias pessoas pretas discriminando pessoas, da mesma cor, este quadro, triste e deplorável, constatado junto aos nossos entrevistados, no parecer:

Eu quero contar... é... aquele dia eu fui pagar imposto... é... eu tenho problema de aprender, na hora que eu chegue lá a fila do “doctor” eu falar “ah, moça, por favor, eu não consegui dormir... aqui tá doendo” ela me deixa eu fala “por que?”, eu vi ela, é chines, ela falar, ela não me entende, eu falar “você me entende olá cumprimentar você, você me cumprimentar” depois ele falar “gringo negro”... ela falar isso... eu ficar nervosa, só o que tá lá chamar eu logo até eu fazer operação, ela só corta eu de qualquer jeito... corta de qualquer jeito, sabe? Só isso que fez, depois disso não fazer (Okpoko).

Sobre racismo estrutural, podemos mencionar a obra de Silvio Almeida (2019): “Racismo estrutural”; o autor explica as semelhanças e especificidades entre os termos, racismo, preconceito e discriminação reforçando como, ao longo da história, a discriminação se desmembrou em “estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado” (Almeida *apud* Yamanaka, 2021).

No depoimento abaixo, o nosso entrevistado, declara ser o racismo uma questão de fórum íntimo de cada um e que pode ser um fator social apreendido, que atingem a uns, mas não a todos, conforme o relato do mesmo, que convive com um casal, proprietário de seu imóvel:

Ah... é normal, normal... tem pessoas aqui que tem racismo é... natural, pessoa que nasce com racismo, sempre... só que tem pessoas que não nascem com esse racismo. Esse racismo... uma coisa que esse pessoa nasceu com isso, aí não pensar nesse que existem... uma coisa pessoa que nasce com racismo, imagina, é... Brasil não fazer racismo, não fazer racismo; pessoa que nasce com racismo porque onde eu mora, dono de casa muito bom, ele não é racista, sua mulher não racista... ele caseiro muito bom, não ter racismo, mas vizinho, filha de ela, mulher de ela que morar na mesma casa que é racista (Gombe).

Nessa outra entrevista, nosso interlocutor, em mais um caso de racismo e discriminação racial, relata que foi acompanhado de perto por um segurança no shopping assim que chegou ao Brasil, e que, após se estabelecer, sofreu inúmeras vezes, pelo mesmo fato, de ser negro, nas ruas, no mercado é até mesmo foi parado pela polícia local como suspeito, após um assalto que ele sequer sabia que havia ocorrido. Nesse caso, o imigrante nigeriano ressalta a sua opinião, que, de modo geral, confirma o grande número de pessoas que podemos constatar que existe racismo no Brasil:

Ah, eu posso contar quantos que eu não sofri... é muito, porque eu cheguei em um país é... eu cheguei nesse país em 2003, hoje tá melhor, o povo que tá vindo hoje até tá sofrendo menos. Na época você entra no shopping você vai ser perseguido por segurança, você entra na loja e quer comprar as vezes eles não atendem você porque é negro e não tem dinheiro pra comprar, você entra num restaurante, e não é nem um restaurante clássico, até um restaurante normal só o fato de você ser negro... é já te olha de ser negro ser pobre, bandido, é tudo, entendeu? Sofrimento é... é... é muito, muito, muito... racismo... vixe, várias experiências... no mercado, rua... as vezes polícia te para não porque... só porque você é negro “é eu vi um assalto, não sei o que”, mas o que eu tenho haver se teve um assalto nessa região, entendeu? E por que não para todo mundo? Revistando tudo... então, eu já sofri por muito... assim, não só é... muita gente também, inclusive muitos africanos passaram por... mais ou menos, tem assim... da mesma coisa que eu passei da questão de racismo e assim o... me desculpa, brasileiro é muito falso... (Socoto).

Almeida (2019) apresenta três abordagens do racismo: individualista, institucional e estrutural. O objetivo é realçar a importância de se compreender o racismo para além da questão de desarranjo ou anormalidade, desvio ou comportamental de um único indivíduo ou grupo, mas sim como um conjunto de práticas conscientes, inconscientes e até mesmo institucionalizadas, que se relacionam sofisticadamente de modo a normalizar “relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares” (Almeida, 2019, p. 52).

Segundo o autor, a perpetuação do racismo é plausível na medida em que (i) produz um sistema de explicação específico para as desigualdades e (ii) constitui subjetividades insensíveis diante da discriminação e da violência racial. Nessa operação ideológica, cultura e ciência ocupam papéis importantes. A primeira, produzindo discursos de autoridade, elevados à categoria de verdade, que se aprimoram ao longo do desenvolvimento do capitalismo e dos avanços tecnológicos de modo, por exemplo, a trocar o racismo científico pelo “relativismo cultural” e pelo “multiculturalismo” que

passam a evocar; a segunda, a partir de um modelo de humanidade controlável, no qual a prática de dissolução cultural é confundida pelo poder de determinação de valor e significado.

A Teoria Social apresentada por Almeida (2019) permite-nos perceber que a possibilidade de determinar valor e significado é sempre realizada numa operação relacional que simultaneamente constrói brancos e negros de modos diversos na esfera social, sobretudo no que diz respeito à questão do direito e dos regimes de exploração da força de trabalho. Por esse motivo, Almeida (2019) enfatiza que é primordial questionar a meritocracia enquanto perspectiva que justifica igualdade de oportunidades entre todos os sujeitos sociais em uma sociedade rompida pelo capitalismo.

Para o autor, não é possível entender o racismo sem pensar seu desenvolvimento a partir das estruturas estatais, pois é por meio do Estado que se opera com a divisão e classificação de pessoas. A ideologia nacionalista, por sua vez, apresenta-se como funcional à tentativa de reestruturar uma identidade comum numa tentativa de apagar os conflitos entre os diversos grupos/classes e as contradições do sistema capitalista, o qual, ao longo do tempo, aprimora suas estratégias e técnicas de reprodução. Como exemplo disso, o autor indica os limites da representatividade em instituições compostas em sua maioria por pessoas brancas; o exercício disciplinar e regulamentador da vida ou de sua suspensão; e a reprodução de um sistema burocrático letal, que se diz exceção, mas que determina como política o aniquilamento da população negra brasileira.

Aludindo a outro caso de racismo, um dos entrevistados, relata ter sido ofendido e maltratado pela primeira vez no Brasil, justamente por uma brasileira, também preta. Em seu depoimento, podemos averiguar a sua perplexidade diante dessa situação e indaga sobre o as situações de racismo que são mostradas na televisão brasileira, como veremos a seguir:

Na verdade não vou chamar isso racismo porque primeira pessoa que me tratou mal foi uma negra... primeira pessoa que me tratou mal aqui no Brasil foi uma negra brasileira; então, se fosse branca eu chamaria de racismo, você está me entendendo? eu não posso falar que não tem racismo no Brasil, tem racismo, entendeu? Porque na televisão você vai ver uma vizinha, na televisão, uma vizinha que chama a outra vizinha macaca, então, vários casos, entendeu? (Damaturu).

Em novo relato, verificamos outro caso de xenofobia, mas que se torna interessante, pelo fato de ter sido rebatido prontamente pelo nosso entrevistado, que demonstra ter orgulho tanto da sua procedência nigeriana, quanto da sua etnia, no caso Igbo, citando, mesmo que indiretamente, a miscigenação racial que faz parte da origem nacional: *Ah... pessoa faz racismo e eu vai perguntar o porquê “você é o seu o que? A onde sua vovó chegou?”, “cadê...”, “eu sou nigeriano, eu sou Igbo, eu ter vovó, mas você tem o que? Você só é brasileiro, e sua vovó é o que?” porque brasileiro aqui é estrangeiro (Amaigbo).*

Esse último testemunha relatado por um de nossos entrevistados resume, em bom tom, as incontáveis situações de racismo e xenofobia a qual estão expostos os (as) imigrantes, diariamente na cidade de São Paulo e aferidas nas diversas passagens apresentadas neste item até o momento: *“Um monte, eu sinto perder meu humor... Não, não, eu não quero lembrar mais. (risos)”* (Ijero).

Resumindo, como podemos testificar, segundo os testemunhos colhidos junto aos nossos entrevistados, os casos de racismo e xenofobia são contatados, diariamente, entre os membros dessa comunidade, independentemente do gênero a qual pertencem. O racismo muitas das vezes é manifestado contra os mesmos, de forma velada ou não; o que nos surpreendeu, nesses testemunhos, foram os casos tanto de xenofobia, quanto de racismo, serem explicitados por pessoas da mesma cor, por homens e mulheres, contra estes imigrantes, que por se encontrarem, segundo relato dos mesmos, em posição de vulnerabilidade social, geralmente, não revidam a esses ataques, tentando evitar consequências que possam voltar-se contra si mesmos; mas que, em alguns casos, também são respondidas na mesma medida, forma e intensidade, visando uma auto proteção. Concluindo, segundo relatos colhidos junto aos nossos entrevistados, dos quais 71% deles sofreram em maior ou menor grau, com os problemas listados acima, contatamos que, para a maioria deles, o Brasil se apresenta como um país racista e xenófobo.

Abordando o aspecto religioso dos entrevistados nigerianos(as), colhemos relatos de que alguns foram criados com pais que praticavam diferentes religiões, havendo uma tolerância religiosa e respeitosa dentre eles, sendo que dois dos entrevistados relataram frequentar tanto um terreiro de Candomblé quanto uma igreja ou mesquita; também encontramos pessoas que transitaram entre as religiões, em busca de uma espiritualidade maior, como constataremos no depoimento a seguir: *“Não, cultura da Nigéria, costume da Nigéria brasileiro também faz aqui... então eu tenho religião de candomblé aqui... meu parte tem uma parte candomblé outra parte de muçulmano”* (Okpoko).

Outro exemplo de convivência multirreligiosa pode ser atestado nesse outro depoimento, que reforça esse aspecto da cultura nigeriana, na qual, em um movimento contrário, como podemos observar, o nosso próximo entrevistado que frequenta habitualmente a mesquita, mas também o terreiro de candomblé, sem sofrer nenhuma discriminação, onde cada membro pode praticar a sua fé, independentemente de sua religião:

Eu sou muçulmano... eu oro dia e noite. Eu pratico... todo muçulmano precisa praticar... meu pai é muçulmano e minha mãe cristã, então não tem problema com a minha família... se você é muçulmano tudo bem, se você é cristão tudo bem. Ah... Yorubá religião, os... é...

Oxum, Ogum, Oyá¹⁶ é... pouco tempo eu passei foi lá fazer festa com... ah, todo brasileira e Yorubá junto” (Gboko).

O depoimento abaixo revalida os anteriores, quanto a questão multirreligiosa, na qual é possível observar entre essas famílias a prática de mais de uma religião, como o entrevistado que esclarece sobre essa convivência de transição entre as religiões de seus familiares, sendo o seu pai muçulmano e a sua mãe católica: *“Eu vou a muito tempo, desde criança vou lá com meu pai, ele muçulmano, eu vai mesquita desde criança, minha mãe é... é só católica” (Oxobô).*

Nesse último testemunho, podemos verificar que tanto a questão da fé quanto a da espiritualidade vão além das religiões tradicionais como, por exemplo, a católica, a islâmica ou as de origem afro-brasileiras, como o candomblé ou a umbanda, tal como descreve o nosso entrevistado, que cresceu frequentando a igreja católica, posteriormente transitou pela igreja evangélica. Ele afirma que cada ser humano deve buscar a sua espiritualidade dentro de si mesmo:

Ok, ah... eu nasci na igreja católica, eu fazer o batismo, receber comunhão com formação da igreja católica e sair... não é que saiu, mas eu começar a buscar mais espiritualidade; até chegar na evangélica, fazer um tempos com os evangélicos, mas eu continuar buscando, porque não sei, tem algo em mim que diz que a nossa espiritualidade não começa e acaba na igreja, tá dentro de nós mesmo, cada uma tem que buscar o que é... o que realmente significa ser o humano (Modakeke).

Porém, com mais de 220 milhões de habitantes, a Nigéria responde não somente pelo cristianismo e pelo islamismo, mas também por vários outros tipos de crenças, tendo como uma de suas principais religiões o candomblé, nativo desse país, que é amplamente praticado na região sudoeste, sobretudo, pelos Yorubás como mostra o relato de Cida, mãe de santo, que segue uma tradição familiar de mãe para filha, que segundo ela, vem desde sua avó. No caso, Cida faz consultas e orientações para seus(as) clientes, de acordo com cada necessidade individualmente, sejam elas de cunho material, emocional ou espiritual: *“Eu sou de dois, umbanda e candomblé. Na Nigéria minha avó era mãe de santo, minha mãe era mãe de santo e eu também sou mãe de santo é tradição na minha família...” (Nsukka).*

Resumindo, dessa maneira, possuindo mais de 371 grupos étnicos e mais de 520 dialetos que coexistem, há uma grande diversidade de crenças, culturas, etnias e filosofias as quais demonstram a grande riqueza multicultural que abrange a Nigéria.

4.8 BOKO HARAM

¹⁶ Da água doce, dona dos rios e cachoeiras, cultuada no candomblé e na umbanda, religiões de origem africana. Na África Ocidental, Ogum significa guerra.

Outras motivações explicam também a vinda desses imigrantes, como a ação do grupo radical Boko Haram, mencionado por cerca de 4% dos entrevistados, conforme a hipótese inicial aventada por esta pesquisa. Aliás, tivemos a oportunidade de colher o depoimento de pessoas que sofreram todo o tipo de violências físicas, psicológicas e emocionais cometidas contra si e demais membros do lugar em que vivia, conforme depoimentos destacados abaixo:

Só... Boko Haram só problema de... é... política... foi política que trouxe o Boko Haram, quando é... é... outra pessoa... Igbo fica presidente, pessoa quer mandar zona norte, vai mandar Boko Haram pra lá... ah... da problema vai destruir a política dele, vai destruir o cargo dele. Essa política, política que deixa Boko Haram para lá... destruir Igbo e Yorubá... Igbo é católica... Hauçá usar Boko Haram para destruir tudo (Amaigbo).

Outro testemunho que ratifica o depoimento dado acima, no qual o nosso entrevistado cita a omissão do governo nigeriano e mais ainda, que o mesmo presta ajuda, na área educacional, bem como auxilia os membros do grupo Boko Haram, em um aspecto difícil para a maioria da população daquele país, o emprego, e ainda remunera em dinheiro aos integrantes desse grupo, para que eles migrem para outros países. Além de o governo federal pagar vultosas quantias em espécie, e ser coagido e pressionado, pela opinião pública, tanto internamente, quanto internacionalmente, em consequência das ações desse mesmo grupo, para resgatar crianças que são raptadas nas escolas, sobretudo ao norte do país, fato amplamente noticiado na imprensa local e mormente estrangeira:

Bem... sobre Boko Haram é... governo Nigéria não faz nada, o que governo faz é ajudar pessoas que trabalha no Boko Haram, governo dá educação, emprego, trabalho até paga para pessoas de Boko Haram ir morar em outro país, só que não faz nada para cidadão comum, não ajuda as pessoa em nada, é... inclusive governo pagar resgate de crianças que são tiradas da escola; então, pra mim, este problema não ter solução porque o governo apoio o Boko Haram, ajudar eles (Acurê).

E, corroborando o exemplo acima, temos outro testemunho que critica veementemente, as ações terroristas, implementadas, por esse grupo, que, segundo ele e seus conterrâneos, todos de etnia Igbo, originários de Biafra, não fazem parte da Nigéria, responsável pela existência do grupo Boko Haram, que tem sua origem muçulmana, e foi fundado na região ao norte daquele país, o mesmo clama, pela separação de sua região localizada à sudeste do país, que segundo o mesmo é pacífica e clama por ajuda internacional, para defendê-los, das ações terroristas deste grupo:

Ah... esse polícia... Nigéria? Nigéria Boko Haram, mas porque nós que Biafra... nome Igbo, porque é que nós que é... ficar independente, não querer ficar junto com nigeriano, porque Nigéria tem Boko Haram não Biafra. Essas coisas é muçulmano que mata, é... Boko Haram mata, é... é... Biafra não é assim não, Biafra é outro lugar, tranquilo... não com problema, Biafra fica... é... Boko Haram gosta de matar pessoa Biafra... gosta de matar cristão, gosta de matar Biafra. Por isso nós tentar falar com todo mundo pra todo mundo vir ajudar nosso

pra defender Biafra. Eles não tem que pegar Biafra, Biafra não Nigéria... nós não nigeriano” (Gombe).

O depoimento do nosso entrevistado abaixo, não só confirma os depoimentos anteriores, como revela uma situação ainda mais catastrófica, destacando atuações de extrema violência e terroristas, contra populares na Nigéria, não apenas, pela atuação do Boko Haram, mas também, ele nos revela a atuação de outros grupos extremistas que tem, igualmente, suas origens na região norte e que agem não só em terras nigerianas, mas também, partindo dela para outros países do continente africano: *“Olha, na África... na Nigéria tem... não só na África, mas vamos falar da Nigéria, é... tem vários grupos islâmicos... terrorista... vários; tem Boko Haram, tem o Ansaro¹⁷, tem Fulani Herdsmen¹⁸... tem... bom, tem a Al-Qaeda da África, que tem na Nigéria... tem um monte e todos esses povos são do partido norte da Nigéria, entendeu? É financiado por governo” (Socoto).*

Destacamos um depoimento, em especial, no qual o entrevistado convive, diariamente, com dores, pois levou tiros em ambos os joelhos e ele relata as dificuldades, tanto para caminhar, quanto para trabalhar e se emociona, ao falar da exposição à violência, enfrentada por seus familiares na Nigéria, mesmo, morando em uma grande cidade como Lagos. Ele testemunha, com tristeza a morte se seu pai, devido à violência empregada pelos membros do grupo Boko Haram e relata, também o problema crônico, de mobilidade que possui, devido a estilhaços de balas existentes em ambos os joelhos, marcas, impressionantes, que ele faz questão de nos mostrar. Ao mesmo tempo, nos impressionou a maneira de como o nosso entrevistado demonstrou uma grande gratidão ao Brasil pelo atendimento prestado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), em São Paulo, onde foi operado, destacando que não foi ofertado na Nigéria socorro algum e que lá, devido aos altos custos, o mesmo não teria como arcar com as despesas, referentes a essas operações;

Ojó: Oh... Bauchi... eu vai pra lá pra deixar tudo problema, depois dia... ah... 2009, esse ano eu fui lá, eu ficar lá... depois da... começa Boko Haram... Boko Haram começa lá... Boko Haram mata muito pessoa, só vê a noite já mata pessoa. Muita violência... tudo morador minha mãe morar em Lagos, minha pai já morreu lá com essa guerra do Boko Haram. Antes eu já trabalhei muito, sobre muito... eu tenho chumbo aqui... hum... tudo isso... esse tiro.¹⁹

Flavio: Você tem problema no joelho?

Ojó: Não é problema... é tiro.

Flavio: Nossa, quem te deu esse tiro?

Ojó: Boko Haram... antes eu não conseguia caminhar muito... aqui também tem”.

Também podemos citar a questão da pobreza e as condições precárias de vida dos imigrantes; assim como a questão referente a vários tipos de violência que hoje afligem os cidadãos e as famílias

¹⁷ Também são conhecidos por realizar ataques na República Centro-Africana.

¹⁸ Chade, que incluem partes do Mali, Burkina Faso, Níger, Chade e Nigéria.

daqueles países, não só a ação do grupo Boko Haram (que significa não à cultura ocidental), cuja atuação inicial tinha como alvo principal a região ao norte da Nigéria, mas que, com o passar do tempo, foi se espalhando por países vizinhos e, sobretudo, direcionando suas ações, rumo à região sul do país, chegando até efetuar ataques, e libertar presos, até mesmo na capital do Abuja, como nos relata um de nossos entrevistados:

Muhammadu Buhari, ele foi um ditador na época de 1983; e quando o Boko Haram estava negociando com o governo anterior, que foi o governo do presidente Goodluck Jonathan, o Boko Haram chamar alguém para representar eles em negociação com o governo e ele chamaram Muhammadu Buhari, esse é o presidente atual que representa eles. Ok, na semana passada o Boko Haram chegar na capital da Nigéria que é Abuja e eles conseguiram entrar no... a... na prisão e libertaram mais de 300 pessoas, membros deles... ninguém fez nada; até hoje ninguém foi preso, foi capturado... até esse minuto que falamos, se ligarmos Nigéria agora aposto... sabe, quantas pessoas já foram matadas pelo Boko Haram (Modakeke).

O depoimento acima é ratificado por uma de nossas entrevistadas abaixo, que descreve as ações violentas, praticadas, não só pelo Boko Haram, mas inclusive, segundo ela, e em outros depoimentos colhidos em nossa pesquisa, pela polícia nigeriana, para a qual a truculência e as arbitrariedades são usuais contra a população local:

Ah... primeiro porque era meu desejo ficar com o meu marido aqui, segundo por causa da crise que está acontecendo lá... crise econômica... hum... Boko Haram, guerra... matam pessoas e queimam as casas deles... não existe homem bom, a polícia pega uma pessoa que se destaca no grupo e mata, queima as casas... eles cobrem a identificação... é muita violência. Mas o Boko Haram não é muito no meu estado é de Abuja pra cima (Zaria).

Concluindo esse item, segundo relatos de nossos entrevistados, essas movimentações de grupos extremistas que promovem ataques, promovendo mortes e destruição total a cidades e vilarejos, além do rapto de meninas em escolas em busca de resgates que sempre são pagos pelo governo federal mediante a pressões locais e de governos internacionais, diante da repercussão pública de imagens e informações veiculadas na imprensa nacional e, sobretudo, internacional. Dessa forma, segundo os depoimentos colhidos junto aos imigrantes nigerianos, ainda mais, financeiramente, esses grupos extremistas, de origem muçulmana, que devemos destacar, deturpa totalmente os ensinamentos e a doutrina ministrada pelos preceitos do Islã, contidas no Nobre Alcorão Sagrado.

4.9 COMPARAÇÃO ENTRE NIGÉRIA E BRASIL, SEGUNDO OS PRÓPRIOS ENTREVISTADOS

Tanto os números elencados nesta Dissertação, quanto os testemunhos evidenciam, os laços de união, amizade e solidariedade que envolve os membros das famílias africanas, pois, sem ajuda familiar, a grande maioria dos imigrantes não teriam recursos suficientes para realizarem tal empreitada. Esse aspecto corrobora a preocupação que eles têm com seus familiares, em todos os aspectos, referindo-se as suas famílias sempre com muito amor, carinho e saudosismo; mas fica evidente a preocupação quanto aos aspectos financeiros, o que justifica também a remessa de numerários, citada anteriormente, neste trabalho, com o intuito de auxiliar as diversas pessoas do núcleo familiar, como pais, mães, em especial, os que deixaram mulheres e filhos que, ainda, padecessem de necessidades diversas na Nigéria, devido à falta de infraestruturas básicas e problemas sociais; assim sendo, os nigerianos, não poupam elogios aos programas sociais e assistenciais existentes no Brasil; bem como a gratuidade, tanto do sistema SUS do Ministério da Saúde, quanto da Educação Pública, que atende a todos, universalmente, inclusive aos imigrantes e seus filhos, deste a creche, passando pelos ensinamentos fundamental ao médio e até mesmo oferecendo acesso às universidades públicas com ensino de qualidade como a USP; dentre outras; estes são aspectos, que impressionam muito positivamente, estes imigrantes, em nosso país, por serem serviços muito caros e inacessíveis a população de baixa renda na Nigéria. Nesse sentido, as comparações e diferenças entre se viver no Brasil ou na Nigéria são inevitáveis e constantemente citadas.

Nosso entrevistado, destaca em seu depoimento, a já citada, corrupção generalizada, em todos os níveis, que martiriza a vida da população daquele importante país, bem como o alto nível educacional existente entre as pessoas em sua terra natal, mas que padecem, segundo ele, com a falta de empregos e vagas no mercado de trabalho local. Em contrapartida, ele elogia muito o governo do Brasil, que, segundo o mesmo, se importa com as pessoas mais pobres ou de baixa renda, ajudando todos, sem distinção, ele destaca até mesmo o programa “BOM PRATO, implantado pelo Governo do Estado de São Paulo, que serve refeições, em diversos bairros da capital paulista, inclusive no bairro do Brás, a baixo custo, (atualmente a R\$ 2,00), sendo portanto, acessível, às pessoas mais carentes e necessitadas, inclusive, aos imigrantes que residem na capital paulista. Ele destaca também o desejo de trazer sua família para morar no Brasil, para que ela possa desfrutar de benefícios presentes em nossa sociedade, que não fazem parte da realidade nigeriana e, por conseguinte, não contemplam o(a)s cidadão(a)s naquele país.

Ah... eu me lembra é... na Nigéria... é um país que tem muita corrupção... é muito corrupção da política, então a trabalha não ter na Nigéria... muito tem... tem muito graduado, graduado que lá na Nigéria não tem trabalho... graduada mas não tem trabalho... são pessoas muito inteligente não ter trabalho.... Brasil tem coração bem, gosta de ajudar quem não tem nada... No meu país se a pessoa morrer governo não ajuda nada... imagina quanto pessoa que está aqui na Brasil governo ajuda todo mundo... imagina, poder comprar Bom Prato um real...

imagina, mas no meu país não acha isso. Pois aí eu querer trazer minha família pra Brasil, eu gostar muito de Brasil (Gombe).

A mesma situação, que atesta a corrupção governamental e também que expressa o desejo de trazer sua família para morar no Brasil, é compartilhada, por outro de nossos entrevistados, no depoimento a seguir: *“Eu sair da Nigéria porque... ah, lá não é muito bom, sabe? Governo roubar tudo, não tem nada no benefício no governo... não ajuda pobre. Aqui eu vi... meu mãe tá lá, minha família tá lá, eu quero trazer todo mundo pra cá porque lá é muito roubar... lá é fogo...”* (Owo).

Corroborando a opinião do nosso entrevistado, acima as opiniões das nossas duas próximas entrevistadas, que destacam a ajuda do governo brasileiro, citando o Brasil como um país abençoado em relação a sua terra natal, como observaremos a seguir: *“Sim... Brasil também ajuda mais. Brasileiro ajuda muito... cada país é diferente né, pessoas da Nigéria é diferente daqui”* (Nsukka), *“Brasil é um país amável, abençoado, precisamos de ajuda e saúde...”* (Futua).

No depoimento a seguir, o nosso entrevistado destaca a falta de infraestrutura no setor educacional nigeriano:

Então, se educação não é boa não tem energia, como país vai crescer? Não tem energia pra pessoa que quer trabalhar, que quer estudar; então, salário para professor que vai... até no... no... laboratório de... na escola, nas faculdades não tem facilidades, não tem máquinas pra ensinar... a sala vai ser muito lotado, muito lotado com alunos, então... as vezes você fica meio... no fundo não escuta direito, você sabe que a África tem muito com calor ou as vezes fome, como você vai aprender? (Damaturu).

A opinião acima é sancionada, a seguir, por outro entrevistado, que aponta a infraestrutura existente no Brasil em oposição, a atual situação na Nigéria: *“Ah, eu procurar trabalhando em outro país, aqui tá no Brasil está mais melhor, muito legal... aqui tem infraestrutura, eletricidade, água... tudo você tem, entendeu?”* (Gboko).

Para finalizar, colocamos, em sequência um novo depoimento, que resume, de maneira geral, o ponto de vista da maioria, absoluta, dos nigerianos em relação às diferenças entre Nigéria e Brasil, destacando positivamente a imagem do Brasil, junto a essa comunidade na cidade de São Paulo:

É, é tudo, é, por exemplo: para você tomar água potável é difícil e estrada, tudo tá ruim, eletricidade você não consegue, então todos, todos. O governo não ajuda nenhum e eu vim aqui vi que é o povo de nós crianças aqui estuda de graça; lá meu três filhos estuda na escola particular, é muito caro, eu tenho que pagar todos para ele consegui... ter educação bom. Entendeu? É, mas Brasil é um paraíso no céu (risos), no mundo... um paraíso entendeu? É que existe no mundo, você entendeu? (Jalingo).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da imigração tem merecido inúmeros estudos e aprofundamentos desenvolvidos pelas transformações contemporâneas. O mercado de trabalho, hoje globalizado, promove fluxos constantes de pessoas pelo mundo. Novas ondas de (i)migrantes se agregam àquelas tradicionais no Brasil do princípio do século XX, agora contextualizadas na mundialização. Sob outro enfoque, relações capitalistas no momento atual modificaram as aglomerações urbanas, combinando processos sociais de competição e exclusão de diferentes segmentos das populações que se distinguiram, assim, pela mobilidade, deslocamentos e expulsão, em movimentos de (des) e (re)territorialização contínuos. Tais ocorrências têm tornado as cidades espaços de grande desigualdade social, visto que, além dos efeitos perversos ocasionados pela competição econômica na aquisição do solo urbano, realçam formas diversas de elitização, degradação de áreas e de pessoas, fragmentação e segregação e, principalmente, discriminação, preconceito, obstáculos quanto ao reconhecimento dos direitos considerando as políticas sociais.

O Brasil urbano tem se sustentado, com suas inúmeras faces, de intensos fluxos migratórios, com múltiplas origens, com diferentes dramas e trajetórias pessoais e familiares das mais diversas modalidades, cores e contextos tendo, como conjuntura, dificuldades econômicas, a luta por moradia, terra, saúde, educação, emprego, cidadania, em suma; a esse conjunto, acrescentam-se deslocamentos claramente involuntários de refugiados, pessoas obrigadas a deixar suas pátrias por violência, conflitos armados, perseguições étnicas, políticas, ausência de lei ou ainda, desastres naturais. O fluxo de cativos africanos trazidos de maneira arbitrária e desumana para o Brasil na escravidão, durante a Diáspora africana, é um fator relevante que não pode ser ignorado na estruturação desse panorama dos deslocamentos populacionais.

Em São Paulo, principalmente, e mais especificamente na capital, onde realizamos o nosso trabalho de campo e entrevistas, foram bem definidos os movimentos da imigração estrangeira que ajudaram a delinear a urbanização e a industrialização na passagem para o século XX (especialmente italianos, portugueses, espanhóis e japoneses) e perduraram até meados do século XX, quando a Segunda Guerra Mundial suscitou a vinda de novos grupos europeus e de outros lugares para a capital paulista. Nas décadas de 1960 e 1970, migrações em massa de população das regiões empobrecidas e menos industrializadas do Brasil descolaram-se ao Sudeste, para a cidade de São Paulo, em fenomenologia bastante estudada (Véras, 2003). Dentro das condições contemporâneas de transnacionalização e reorganização da economia mundial, a concepção sobre os processos migratórios, em que incluíram-se diversas nacionalidades, fundamenta-se com maior complexidade. A movimentação de trabalhadores, como a imigração nigeriana abordada neste trabalho, é vista como

mais um dos fluxos que mobilizam as relações internacionais, impulsionando a circulação de capital, informações, serviços e mercadorias.

Por essa linha explicativa percebe-se que antigos e tradicionais sistemas de trabalho terminam sendo substituídos parcialmente por novos arranjos e espaços no mercado para subcontratações organizadas e oportunidades de empreendimento de pequenos negócios. Consequentemente, os fluxos migratórios promoveriam tais sistemas, antes de base familiar e artesanal, para sua internacionalização. Frequentemente, essa expansão converte-se em redes clandestinas, voltadas ao mercado informal e consequências desumanas para os imigrantes (Sassen, 1990).

Esta dissertação teve como objetivo compreender alguns aspectos de como vivem e como se relacionam os imigrantes nigerianos na cidade, em temas que se inter-relacionam como a territorialidade, processos de interculturalidade, aproximação e afastamento, em uma cartografia da alteridade e segregação. Investigando este grupo de imigrantes, de refugiados ou migrantes, por sua integração subalterna, muitos não documentados, mesmo que acolhidos por políticas públicas e direitos sociais, encontram-se em situação de vulnerabilidade social. Isso se refere às pessoas em situação de risco e privação, sobretudo em termos socioeconômicos.

A cidade de São Paulo representa um ponto estratégico do capitalismo financeiro globalizado em que oportunidades de trabalho, moradia e acesso ao ambiente construído são intrincadas, privilegiando alguns mais abastados e dificultando o acesso para a grande maioria de seus habitantes e, entre estes, os imigrantes nigerianos. Pretendeu-se, nesta pesquisa, comentar e analisar os aspectos relevantes que norteiam a presença desses imigrantes na capital paulista.

No tocante à imigração, sendo uma das referências mais importantes, destaca-se o conceito de território ao seu sentido mais amplo, à ocupação de determinado espaço por determinado grupo, constituído por critério social: origem e nacionalidade (área de poder e jurisdição de um Estado), condição socioeconômica, étnica e cultural, cor, local de moradia, dentre outros. Concebe-se, portanto, uma intensa relação entre territorialidade e segregação socioespacial. No contexto da territorialidade burguesa, comandada pelo capital advindo do mercado imobiliário, somam-se efeitos de discriminação étnica e preconceitos relacionados, consequentemente, não apenas à pobreza, mas também à cor, cultura e traços fenotípicos, que carregam tanto os nigerianos, quanto qualquer indivíduo originário do continente africano, bem como qualquer ascendência que provenha desta linhagem. Segundo o IBGE, 56,1% dos brasileiros se declaram negros ou pardos, portanto, excluindo a maior parte da população que vive no Brasil. Se território figura como categoria ligada a espaço nacional, identitário, local, em oposição à descaracterização trazida pela globalização, esse veio sofrendo deslizamentos conceituais na expressão de Carvalho (2017) e recebendo, especialmente, o significado acrescido da territorialidade, ou seja, fluxos de população marcam itinerários e

evidenciam tais lugares de sua identidade, de sua raiz, de nova territorialização, espaço de suporte de sobrevivência, dependências entre pares e/ou conterrâneos, sendo esse o seu “pedaço”.

Portanto, território é espaço da memória, identitário, um “lugar”, impregnado de cultura, forma de comunicação dos residentes com seu entorno, com seu grupo, e permite a consciência da pertinência. Contemporaneamente, a par de certa homogeneização trazida pela globalização, paradoxalmente, veio junto um “espetáculo de diferenças” e a “afirmação das etnicidades”. Como nos diz Santos (2005), há glocalismos e localismos.

Laços locais muito fortes convivendo com a unificação econômica, ou seja, novas nacionalidades, certa tribalização e, ainda, o lado sombrio do racismo que ainda não se apagou, mesmo após o forte impacto da Segunda Guerra Mundial (Wieviorka, 2006). A localização em determinados bairros, como “ponte” que oferece suporte de língua e costumes entre conterrâneos e que pode ofertar aos imigrantes maior acesso aos serviços de saúde e educação, muitas vezes acabou sendo vista como a formação de guetos e de segregação. Preferimos entender a ocupação territorial em sua conexão com redes que podem conceder a transposição de fronteiras. A âncora de fixação no território é a moradia, razão pela qual determinamos este aspecto como essencial na abordagem sobre os nigerianos em São Paulo que têm, segundo IBGE, uma comunidade expressiva no bairro de Guaianazes, localizado na zona leste da cidade.

Seria a territorialidade da contingência possível por causa das redes de amigos, familiares e da conterraneidade e que são capazes de permitir a transposição das fronteiras demarcadoras de sua inserção na nova sociedade.

No caso dos (i) migrantes, o tempo de residência e a localização no novo espaço são primordiais (Elias, Scotson, 2000). A rotulação de “estranhos” – alteridade radical – surge a todo o momento aos recém-chegados, ou ainda, aos diferentes. O “estrangeiro”, no seu sentido *stricto* ou *lato*, já foi definido como uma forma característica de relação social, por explicitar a unidade entre distância e proximidade por meio da mobilidade espacial, como disse Jodelet (1998). Refere-se a uma dialética que significa que o próximo é afastado e, ao mesmo tempo, o próprio termo relativo ao estrangeiro – sua alteridade – denota que o afastado é próximo, relação essa em constante tensão. “Aquilo que se confunde com o outro, aquele que é o não eu, mas, não obstante, habita em mim” (Koltay, 1998, p. 7). “Como Sócrates, o imigrante é atopus, sem lugar, deslocado [...] nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro” (Sayad, 1998, p. 11).

É sempre a reflexão acerca da alteridade que precede e permite toda “definição identitária”. Conectadas no universo simbólico e no imaginário, as noções de alteridade e representação se complementam. Assim, fala-se de alteridade em distintas gradações e matizes. Como nos diz

Moscovici (1978), as representações acabam operando psiquicamente o conhecimento pelo qual os homens convertem em inteligível o mundo que os rodeia. Estão ligadas aos grupos sociais dos quais eles compartilham, são produtos sociais dinâmicos, enquanto conhecimentos socialmente constituídos e culturalmente aceitos e condicionarão as elaborações individuais e essas vice-versa, colaborarão socialmente, em movimento duplo e recíproco. As representações (objetivação e subjetivação), dessa maneira, frequentemente naturalizam e classificam conceitos. Consequentemente, o tratamento dado ao outro depende da memória individual e coletiva, do “processo de constituição da identidade e do cotidiano”. Existe um sistema de valores que emoldura as relações intersubjetivas e as questões sociais dos vínculos e afiliações implicando numa oscilação da comunhão à exclusão. Por vezes, o que é considerado como outro é apenas a projeção do eu.

A questão cultural emoldura o espaço de convivência na cidade. Entendendo cultura de maneira global, valores e significados, destacamos as condições determinadas pelas quais os homens criam a história, ou seja, as condições estruturais, incluindo a noção de experiência e o papel das ideologias (Hall, 2006). Na migração, o eu abre-se em perspectiva, se lança no futuro de um tempo alternativo, experiência esta que demanda vivências de rupturas e exige processamentos e elaborações críticas da subjetividade (Ferreira, 2010, p. 15). O migrante, como cada um de nós, através da língua, materializa uma identidade para si e para os outros e se isso não garante a estabilidade, pelo menos lhe dará uma capa de proteção para a circulação espaço-temporal. A vivência do deslocamento leva o migrante a usufruir o aqui e o agora em referência do antes e do depois, em que o passado retido, deslocado para o espaço anterior à viagem, sempre insistirá nas narrações, na escrita, emergindo sua presença no restabelecimento de suas vidas. Viver entre duas culturas é uma das características da migração e exige escolher sempre entre o eu e o outro. Um período de crises e aprendizagens e de negociação com os próprios valores e a identidade, e com a identidade em grupo, envolvendo relações familiares, de gênero, intergeracionais, étnico-raciais, enfim, com múltipla gama de manifestações relacionadas à vida.

Nosso trabalho consistiu em analisar o cruzamento das fronteiras étnico-culturais e o enfrentamento do outro, tanto por parte das sociedades receptoras quanto para os imigrantes. É plausível que a dinâmica das manifestações culturais possa trazer vitalidade aos espaços públicos, conciliando visões, dando voz a grupos e associações, mesmo que heterogêneos. Nos diálogos interculturais existem zonas de intermediação que podem enriquecer os rearranjos pessoais e sociais. São espaços que promovem o diálogo entre as culturas cosmopolitas, traços globais e locais, potencializam a passagem da tolerância à aceitação e possibilitam a criação de redes de proximidade territorial (Fortuna, 2005).

Em tempos de pós-modernidade, tem-se assistido ao debate a respeito do que se convencionou

chamar do “direito à diferença”. Como legado dos clássicos não se deve entender as diferenças como algo excludente, mas como experiências sociológicas distintas das nossas. Desta maneira, recupera-se aqui a máxima de que o respeito à diferença só tem sentido se ambicionar a universalidade.

Conforme vimos, alguns segmentos constituem-se, como o dos nigerianos, nitidamente enquanto vulneráveis, associando-se a esse conceito a presença de três componentes: exposição ao risco, incapacidade de reação e dificuldades de adaptação diante da materialidade do risco. Assim sendo, a vulnerabilidade social considera a insegurança, a exposição a situações adversas provocadas por crises econômicas e a instabilidade das condições de vida dos grupos mais pobres, incluindo, dentre esses, os imigrantes de origem africana, em especial os nigerianos que também sofrem com alta privação, com suas estratégias e de suas próprias famílias, bem como a limitada disponibilidade de recursos para enfrentar suas questões. Foi a partir dessas reflexões que se pretendeu abordar um pouco as territorialidades, os processos de vulnerabilidade, segregação e relações de alteridade presentes na cidade de São Paulo.

Este trabalho teve como objetivo evidenciar as razões pelas quais os imigrantes nigerianos escolheram migrar para o Brasil e, mais especificamente, para a cidade de São Paulo. Pudemos comprovar, com base na História Oral, através do trabalho de campo, por meio de entrevistas, que a maioria destes imigrantes, quando decidiram vir para o Brasil, já tinha um conhecimento prévio do nosso país, mesmo que culturalmente estereotipado, transmitidas pelas imagens da televisão nigeriana que destacam em sua programação o futebol brasileiro, o samba e o nosso carnaval, que transmitem, segundo depoimentos colhidos junto aos mesmos, uma imagem alegre do povo brasileiro.

Um quesito fundamental para que esta jornada fosse empreendida deveu-se ao fato de que essas pessoas, geralmente, tiveram algum tipo de suporte financeiro de familiares e por terem amigos ou parentes que já residiam na capital paulista, tendo, portanto, algum tipo de amparo, quanto a moradia, alimentação ou trabalho, quando aqui chegaram. Podemos comprovar que a cidade de São Paulo não foi escolhida por acaso, pois os nigerianos, antes de migrarem, já tinham informações prévias sobre a potência financeira, a variedade de empregos que poderiam encontrar aqui, bem como a diversidade multicultural existente na cidade por conta da presença de africanos de todas as nacionalidades, sendo que muitos destes são provenientes da Nigéria.

Quanto à adaptação cultural compreendemos, através das entrevistas, que a maior parte desses não teve muitos problemas quanto à alimentação, pois existem lojas especializadas e mesmo restaurantes na região central onde os mesmos circulam, além de algumas lojas de produtos importados diretamente da Nigéria. Igualmente, não tiveram muitos problemas nem em outros aspectos em geral, as exceções ficam por conta do racismo e da xenofobia, abordados neste trabalho, e também a questão da língua, que dificultam a integração dos mesmos em todas as esferas sociais.

No quesito religioso não houve reclamações por parte desses imigrantes, pois segundo relato dos mesmos, pelo contrário, a capital paulista apresenta uma diversidade de igrejas, templos, mesquitas e terreiros que acolhem todas as religiões, sendo que, no caso dos imigrantes nigerianos, uma parte significativa desses declarou-se muçulmana e, em sua maioria, declarou-se cristã e esta mostra-se bastante satisfeita, pois possuem um templo evangélico no bairro de Guaianases e a igreja Nossa Senhora do Homens Pretos onde professam seus cultos em inglês, idioma oficial dessa comunidade. No tocante a esse aspecto, foram detectados dois grandes problemas que afligem não só essa comunidade como todas as demais pessoas pretas provenientes do continente africano, sendo um o racismo, arraigado nas estruturas sociais da sociedade brasileira, que faz com que esses padeçam de todos os preconceitos e malefícios que o racismo acarreta, em todos níveis da sociedade, brasileira e paulistana, e os problemas advindos pela língua, por ser o Brasil um país que se diz monolíngue, e pelo fato desses imigrantes terem o inglês como língua oficial da sua terra natal. Como afirma Farah (2022),

Faz-se necessário questionar a hierarquização das línguas e a ideologia monolíngue preponderante no Brasil, inclusive em espaços acadêmicos. Como se sabe, apesar de haver uma política de Estado marcada por ideais e práticas de monolinguismo e que, como consequência, projeta uma imagem monolíngue do Brasil, a realidade se mostra bastante distinta: há uma grande diversidade de línguas indígenas faladas pelas populações originárias, de línguas africanas inicialmente aportadas pelas pessoas escravizadas e trazidas à força ao Brasil, e de línguas de migração provenientes de localidades variadas como a África, a Ásia, a Europa e o continente americano (Farah, 2022, p. 42).

As dificuldades são inúmeras, desde a falta de comunicação até mesmo para se estabelecerem profissionalmente; ressaltando novamente o trabalho beneficente e notável de uma rede diversa e estruturada de instituições religiosas e de ONGs, como a Bibli-ASPA, dentre outras, estabelecidas na região central da cidade de São Paulo, que auxiliam estes imigrantes tanto na aquisição da língua portuguesa, quanto em diversas demandas apresentadas pelos mesmos.

Atestamos, através dos depoimentos colhidos junto aos mesmos, que pelo fato de morarem no Brasil e em especial na cidade de São Paulo, isso é motivo de satisfação e, sobretudo, de gratidão por parte dessas pessoas, por encontrarem na capital paulista condições de vida mais favoráveis pelo acesso básico aos sistemas universais de saúde e de educação, assim, como a possibilidade de empregos formais ou informais que promovem sua subsistência e que também permitem que esses enviem remessas de numerários aos seus parentes mais próximos como pais, mães, esposas e filhos que residem na Nigéria. O acesso aos sistemas universais de educação e saúde, que por sua vez abrange água potável e rede de esgotos, foi muito elogiado por esses imigrantes, pois os mesmos, geralmente, não encontram em sua terra natal estes sistemas disponíveis gratuitamente como no caso

dos dois primeiros citados, quanto a estes itens. Através dos depoimentos e das entrevistas podemos constatar que há, por conta destes, um grande sentimento de gratidão ao Brasil, mesmo enfrentando sérios problemas de moradia, pois como observamos, por meio dos depoimentos, alguns poucos moram em ocupações, enquanto outros residem em barracos, mas o que podemos constatar é que a maioria desses imigrantes residem em regiões afastadas do centro da capital paulista e até mesmo em outros municípios da grande São Paulo, como Guarulhos, Osasco e Taboão da Serra, fugindo dos exorbitantes preços dos aluguéis, bem como da exploração do mercado imobiliário, que afeta a todos os que moram na cidade de São Paulo, sejam eles imigrantes ou não.

Um dado que podemos observar nas entrevistas realizadas junto aos membros dessa comunidade, foi quanto à inexistência de uma associação que fosse voltada, exclusivamente, a atender e prestar serviços aos nigerianos na capital paulista, pois a grande maioria afirmou em depoimentos não saber ou desconhecer sobre a existência da mesma. Então concluímos que não exista, de fato, alguma entidade que tenha grande visibilidade, publicidade ou representatividade junto a esses imigrantes, mas deixamos aqui o registro, citando que apenas alguns, individualmente, mencionaram sobre a existência de algumas delas, mas não nos foi relatado, nem mesmo por essas pessoas, o tipo de trabalho que é realizado por elas, nem mesmo a localização exata das mesmas, apenas os bairros onde elas se localizam, como Sé, Ipiranga e São Miguel.

Houve destaque negativo também, segundo atrelados colhidos junto aos mesmos, em relação à questão da segurança pública daquele país que é muito afetado pelas ações constantes de grupos extremistas como o Boko Haram, além de outros já citados neste trabalho, assim como revelado em depoimentos a violência física brutal e inexplicável do corpo policial em relação à população local.

Outro aspecto amplamente citado pelos nossos entrevistados foi a falta de trabalho e de oportunidades de empregos – apesar de existir, em sua terra natal, um alto índice educacional em nível superior – bem como problemas de infraestrutura e de má gestão na administração das riquezas nacionais, mas, sobretudo, a maior e mais abrangente das críticas é, segundo os testemunhos colhidos junto aos mesmos, o problema da corrupção generalizada em todas as esferas governamentais e sociais existentes naquele país, que conseqüentemente não geram condições favoráveis para que estes cidadãos consigam sobreviver, tampouco estabelecerem-se dignamente, sendo estes os principais motivos da migração deste grupo para o Brasil onde, segundo aferimos junto aos mesmos durante as entrevistas, apesar das dificuldades encontradas por membros dessa comunidade, há um expressivo sorriso em seus rostos e sentimentos nobres como satisfação e gratidão por viverem na capital paulista.

Concluímos, através deste trabalho, utilizando as técnicas de pesquisa citadas, com o cruzamento dos relatos orais, dados governamentais, ONGs e agências internacionais, que o principal

motivo para a migração dos nigerianos para o Brasil, particularmente para a cidade de São Paulo, não são consequências das ações extremistas do grupo Boko Haram, mas a busca por oportunidades de emprego, por melhores condições de vida tanto para os que migraram quanto para seus familiares que ficaram na Nigéria.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, C. *O mundo se despedaça*. Tradução de Verra Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.
- ACP. *Remessas na África, Paraibas e Pacífico*. 2011. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/remittances_in_african_por.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.
- ADICHIE, C. *O perigo da história única*. Oxford, England, jul. 2017. 1 vídeo (18 min. 49 s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 12/ maio 2022.
- ALMEIDA, Sílvia. *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos Plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Suelei Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/8R37NgQt56Sf5P58KRfMFzq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 out. 2023.
- Bahia e Nigéria: os fortes laços com religião, culinária e música. *Ibahia*, 2013. Disponível em: <https://www.ibahia.com/esportes/bahia-e-nigeria-os-fortes-lacos-com-religiao-culinaria-e-musica>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BARTH, F. *O guru, o iniciador: e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995.
- BENTO, M. A.; CARONE, I. (orgs.). Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/publicacoes/psicologia_social_do_racismo_-_estudos_sobre_branquitude_e_branqueamento_no_brasil_-_iray_carone_by_iray_carone_z-lib.org_.pdf. Acesso em: 21 out. 2023.
- BEZERRA, J. A. J. A Força vinculante dos direitos fundamentais e os tratados internacionais de direitos humanos: uma análise acerca da prisão do depositário infiel. Fortaleza, 2010. *Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI*. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4153.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- BIBLIASPA. *Biblioteca e Centro de Pesquisa América do Sul, Países Árabes e África*. 2023. Disponível em: <https://bibliasp.com.br/>. Acesso em: 22 out. 2023.
- BRANDINO, G. *Era o Hotel Cambridge mostra luta de brasileiros e refugiados por moradia*. Caminhos do Refúgio, 2017. Disponível em: <https://caminhosdorefugio.com.br/era-o-hotel-cambridge-mostra-luta-de-brasileiros-e-refugiados-por-moradia/>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- BRASIL. *Decreto Municipal nº 53.685, de 1º de janeiro de 2013*. Dispõe sobre a organização, as atribuições e o funcionamento da Administração Pública Municipal Direta. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-53685-de-01-de-janeiro-de-2013>. Acesso em: 22 out. 2023.
- BRASIL. *Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017*. Institui a Lei da Migração. Diário Oficial da União:

seção 1, Brasília, DF, ano CLIV, n. 99, p. 1-297, 25 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm#:~:text=L13445&text=LEI%20N%C2%BA%2013.445%2C%20DE%2024%20DE%20MAIO%20DE%202017.&text=Institui%20a%20Lei%20de%20Migra%C3%A7%C3%A3o.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e.pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20para%20o%20emigrante. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. *Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997*. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 15.822, 23 jul. 1997. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9474&ano=1997&ato=5a9EzaU90MJPWT13a>. Acesso em: 22 out. 2023.

CARVALHO, M. *Sobre a Categoria Território*. São Paulo: PUC-SP, 2017.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T. Um panorama da imigração e do refúgio no Brasil. Reflexões à guisa de introdução. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. (Orgs.) *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020*. Brasília, DF: OBMigra, 2020, p.8-16. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELATÓRIO_ANUAL_2020.pdf. Acesso em: 21 out. 2023.

Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954. In: Wikipédia, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_sobre_o_Estatuto_dos_Ap%C3%A1tridas#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20o%20Estatuto,que%20visa%20proteger%20os%20ap%C3%A1tridas.&text=Todo%20o%20indiv%C3%ADduo%20tem%20direito,direito%20de%20mudar%20de%20nacionalidade. Acesso em: 22 out. 2023.

CORSINI, L. *Migrações e Êxodo Constituinte*, In: A. Ferreira *et al.* *A Experiência Migrante: Entre Deslocamentos e Reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Crítica: Era o Hotel Cambridge. *Valquírias*, 2017. Disponível em: <https://valquirias.com.br/critica-era-o-hotel-cambridge/>. Acesso em: 22 out. 2023.

ECOWAS COMMISSION. COMISSÃO CEDEAD. [2023]. Disponível em: <https://ecowas.int/sobre-a-cedeao/?lang=pt-pt>. Acesso em: 8 maio 2022.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e os Outsiders – Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARAH, P. D. E. *A gente aprende para ter felicidade na vida: interculturalidade, políticas linguísticas, estudos subalternos, pós-coloniais, decoloniais e subversões epistêmicas*. In: FARAH, P. D. E.; MATUCK, A.; BORGES, R. B. *Alterciência: Proposições Críticas e Processos Criativos para o Conhecimento*. Manaus e São Paulo: EDUMA e, 2022.

FARAH, P. D. E. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. *Revista USP*, São Paulo, n. 114, p. 11-30, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142365>. Acesso em: 2 jun. 2022.

Fernandes, D. FARIA, A. V. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, n. 1, v. 34, p. 145-161, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0012>. Acesso em 22 out. 2023.

FERREIRA, A. Migrações internas e subdesenvolvimento: uma discussão. *Revista de Economia Política*, São Paulo, p. 98-124, jan./abr., 1986. Disponível em: entreeconomia.politica.org/repojs/index.php/journal/article/view/1783. Acesso em: 21 out. 2023.

FERREIRA, R. S. Estudantes estrangeiros no Brasil: informação e processos de produção de diferença. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 3, v. 25, p. 82-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25506>. Acesso em: 21 out. 2023.

FORTUNA, C.; SILVA, A. S. *A Cidade do Lado da Cultura*. Espacialidades Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: Boaventura de S. Santos (org.). *Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2005.

GAUDEMAR, J. P. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

GLASS, R. *London: aspects of change*. The Center of Urban Studies. London: Studies/MacGibbon e Kee, 1964.

GLOBAL TRENDS FORCED DISPLACEMENT IN 2022. 2023. *UNHCR*. ACNUR. Disponível em: <https://www.unhcr.org/sites/default/files/2023-06/global-trends-report-2022.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.

GONZALES, E. N. A migração de trabalhadores rurais no Brasil. 1979. 325f. Tese, (Doutorado). FAFICH/USP, São Paulo, São Paulo.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A palavra, memória viva na África. In: *A África e sua história*. O Correio da Unesco. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, ano 7, n. 10-11, p. 17, 1979. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/342288644/A-Palavra-Memoria-Viva-Na-Africa>. Acesso em: 21 out. 2023.

Imigração africana no Brasil aumenta 30 vezes entre 2000 e 2012. *Portal Terra. Brasil*, maio 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigracao-africana-no-brasil-aumenta-30-vezes-entre-2000-e-2012,bcdedc77d62e5410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 05 abr. 2023.

INSTITUTO PALMARES de DIREITOS HUMANOS. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ipdh.blogspot.com/2010/07/casa-brasil-nigeria.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

JODELET, D. *A Alteridade como Produto e Processo Psicossocial*, In: A. Arruda (org.). *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

KOLTAY, C O Estrangeiro. São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998.

Lagos. In: Wikipédia, 2015. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lagos_\(Nig%C3%A9ria\)#:~:text=Lagos%20\(em%20iorub%C3%A1%3A%20%C3%88k%C3%B3\),de%20Cairo%2C%20capital%20do%20Egito](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lagos_(Nig%C3%A9ria)#:~:text=Lagos%20(em%20iorub%C3%A1%3A%20%C3%88k%C3%B3),de%20Cairo%2C%20capital%20do%20Egito). Acesso em: 21 out. 2023)

LEITE, F. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo, vol. 18-19, n. 1, p. 103-118, 1995/1996. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/16249/12788>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
MAPS OF WORD, 2023. Disponível em: https://www.mapsofworld.com/search_result.html?cx=partner-pub-0641096029648877%3A5rb90cypfn0&cof=FORID%3A10&ie=ISO-8859-1&q=nig%C3%A9ria&siteurl=www.mapsofworld.com%2F&sa=#gsc.tab=0&gsc.q=nig%C3%A9ria&gsc.page=1. Acesso em: 22 out. 2023.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5 ed., São Paulo: Loyola, 2005.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa (online). Michaelis on line–uol. *Editores Melhoramentos*, 2014. Disponível em: www.michaelis.uol.com.br Acesso em: 10 de mar. de 2021.

Migrações, Refúgio e Apatridia. Guia para Comunicadores. 2019. Instituto de Migrações e Direitos Humanos, MigraMundo, Ficas. Apoio UNHCR ACNUR, AVINA. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 22 out. 2023. Acesso em: 22 out. 2023.

MINAYO, Maria C. *As representações sociais e o imaginário sobre a cultura*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1994.

Montagner, P.; BRANDÃO, S. M. C. MERCADO DE TRABALHO E MIGRAÇÃO NA GRANDE SÃO PAULO. *SÃO PAULO EM PERSPECTIVA*, n. 10, v. 2, 1996. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n02/v10n02_07.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

MOREIRA J. B. *Política em Relação aos Refugiados no Brasil (1947-2010)*. 2012. 351 f. Tese (Doutorado) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/850466>. Acesso em: 20 out. 2023.

MOSCOVICI, S. *Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, M. Luiz Felipe de Alencastro: O observador do Brasil no Atlântico Sul. Entrevista. *Pesquisa FAPESP, História*, ed. 188, out. 2011. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/luiz-felipe-de-alencastro-o-observador-do-brasil-no-atlantico-sul/>. Acesso em: 20 out. 2023.

Nigéria. ACNUR, [2022]. Disponível em: <https://www.unhcr.org/countries/nigeria>. Acesso em: 24 maio 2023.

OLIVEIRA, A. C de. Uma Questão de Identidade! Migrações e Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado. *Revista USP*, São Paulo, n. 114, p. 91-108, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142370>. Acesso em: 22 out. 2023.

OLIVEIRA, G. Z. *Nigéria: história da política externa e das relações internacionais*. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Departamento de Economia e Relações

Internacionais, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71691/000879352.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2023.

OLIVEIRA, M. I. C. Quem Eram os ‘Negros da Guiné? A Origem dos Africanos da Bahia, *Afro-Ásia*, n. 19-20, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20947>. Acesso em: 12 ago. 2023.

OLIVEIRA, O.; STERN, C. Notas sobre a teoria da migração interna: aspectos sociológicos. In: MOURA, H. A. (Org.). Migração interna: textos selecionados, t. 1, Fortaleza: BNB/ETENE, p. 245-265, 1980. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br>. Acesso em: 15 ago. 2023.

OYĒWÙMÍ, O. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>. Acesso em: 22 out. 2023.

Pacto Global sobre os Refugiados: Em que aspecto é diferente do pacto dos migrantes e como ajuda as pessoas forçadas a fugir? Nações Unidas *ONU News*. Perspectiva Global Reportagens Humanas. Dez. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/12/1652121>. Acesso em: 22 out. 2023.

PAIXÃO, M. Comunidade nigeriana em SP faz passeata contra fechamento de seu Consulado. Brasil deFato, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/01/comunidade-nigeriana-em-sp-faz-passeata-contr-fechamento-de-seu-consulado>. Acesso em: 22 out. 2023.

PEREIRA, A. L. dos S. A gentrificação e a hipótese do diferencial de renda: limites explicativos e diálogos possíveis. *Caderno Metrópole*, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 307-328, nov. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/y3jWyRYFZcMxkNtTgWVnf8S/?lang=pt#>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PORTELA, E. N.; SILVA, D. M.; SILVA, A. C. F.; BRUNO, S. M. S. O PRECONCEITO E A INTOLERÂNCIA ENFRENTADOS PELAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS UMBANDA E CANDOMBLÉ: UMA ABORDAGEM TRANSVERSAL E MULTIDISCIPLINAR. *REVISTA PROCESSUS DE ESTUDOS DE GESTÃO, JURÍDICOS E FINANCEIROS*, v. 12, n. 43, jul.–dez., 2021. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/490695611.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

PORTELLI, A. *O que faz a história oral diferente*. In: Projeto História. PUC. n. 14, São Paulo, fev. 1997, p. 31-32. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

PRANDI, R. *Os Candomblés de São Paulo: a Velha Magia na Metrópole Nova*. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1991.

PRISCO, Y. C. C. S. As Religiões de Matriz Africana e a Escola. Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana. *ILÈ ASÉ E NSTITUTO OROMILADE*, 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/02/As-Religioes-de-Matriz-Africana-e-a->

Escola-Apostila-1.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

RACZYNSKI, D. A mobilidade territorial da população na América Latina: perspectivas das análises lineares de investigação. *In: Memórias del congresso latinoamericano de población y desarrollo*. México. v. 2, p. 863-92, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2545100>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto UNHCR. *ACNUR. Brasil*, out. 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>. Acesso em: 23 out. 2023.

Remessas na África, Caraíbas e Pacífico. Nota de informação ACPOBS/2011/NI02. *Observatório ACP das Migrações*, 2011. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/remittances_in_african_por.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

ROMÃO, J. História da Educação do Negro e outras histórias (Org.). Coleção Educação para Todos. *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. *In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais*, Vol. 3, São Paulo, ABEP, 1992, p. 119-144. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2545100>. Acesso em: 30 maio 2022.

SANTOS, B. S. (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo, Cortez, 2005.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 15.764 de 27 de maio de 2013*. Dispõe sobre a criação e alteração da estrutura organizacional das Secretarias Municipais que especifica, cria a Subprefeitura de Sapopemba e institui a Gratificação pela Prestação de Serviços de Controladoria. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-15764-de-27-de-maio-de-2013>. Acesso em: 22 out. 2023.

SÃO PAULO. (Município). *Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016*. Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes. *Diário Oficial do município de São Paulo*, São Paulo, SP, 9 jul. 2016. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16478-de-08-de-julho-de-2016/detalhe/631b6b7c1411924fe9cc34a3>. Acesso em: 20 out. 2023.

SASSEN, S. *The Mobility of Labor and Capital*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA, A. L. R. Os estados africanos nos séculos XVI-XVIII: desenvolvimento desigual na África Ocidental. *In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África*. Porto Alegre: *Editores da UFRGS*, 2008. *Diversidades series*, p. 97-110. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>. Acesso em 20 out. 2023.

SILVA, A. L. R. Os estados africanos nos séculos XVI-XVIII: desenvolvimento desigual na África

Ocidental. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África. Porto Alegre: *Editora da UFRGS*, 2008. Diversidades series, p. 97-110. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-08.pdf>. Acesso em: 21 out. 2023

SILVA, A. O. Sobre a intolerância religiosa. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 203, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42312/751375137520>. Acesso em: 22 out. 2023.

SILVA, F. R.; FERNANDES, D. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, v. 13, n. 18, p. 50-64, 2017. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/revistaich/article/view/16249>. Acesso em: 10 out. de 2020.

SILVA, F. R.; FERNANDES, D. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, n. 18, v. 13, p. 50-64, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/16249>. Acesso em: 16 out. de 2020.

SILVA, L. C. SOARES, K. R. A. A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: O retorno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. *Revista EDUC – Faculdade de Duque de Caxias*, n. 3, v., jan.–jun., 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150213.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

VÉRAS, M. P. B. Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo. *Revista USP*, n. 114, p. 45-54, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142367>. Acesso em: 21 out. 2023.

VILLEN, P. O TRABALHO FORÇADAMENTE INDOCUMENTADO E INSTITUCIONALMENTE SILENCIADO: A IMIGRAÇÃO DOS “PERIFÉRICOS EMERGENCIAIS” PARA O BRASIL. *Revista da ABET*, v. 14, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/27949>. Acesso em: 21 out. 2023.

WIEVIORKA, M. *Em que Mundo Viveremos?* Org. Maura Véras. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WOOD, C. H. Equilibrium and historical-structural perspectives on migration. *International Migration Review*, v. 16, n. 2, *Special Issue: Theory and Methods in Migration and Ethnic Research*, p. 298-319, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2545100>. Acesso em: 20 out. 2023.

YAMANAKA, C. J. H.; ALMEIDA, S. Resenhas: Racismo Estrutural. *Bakhtiniana*. *Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, 2019, n. 3, v. 16, jul./set. 2021, p. 183-189. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/49790>. Acesso em: 22 out. 2023.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

Eu, (NOME DO ENTREVISTADOR), estou começando a entrevista com o senhor(a) (NOME DO ENTREVISTADO), aqui, (CITAR LOCAL), no dia (DIA DO MÊS) de (MÊS) de (ANO) às (HORAS)h (MINUTOS)mn.

- 1- Qual o seu nome completo?
- 2- Qual o significado do seu nome?
- 3- Quando você nasceu?
- 4- Onde você nasceu?
- 5- Que lembranças você possui da Nigéria?
- 6- Com o que você trabalhava lá?
- 7- Por que você decidiu sair da Nigéria?
- 8- O que você sabia sobre o Brasil antes de vir?
- 9- Por que decidiu vir para o Brasil? O que lhe incentivou? Recebeu alguma ajuda? Qual foi e de quem?
- 10- Como foi a viagem e a mudança?
- 11- Que atividade de trabalho você exerceu ao chegar aqui e por quê?
- 12- Como foi a sua adaptação? Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, com a culinária, etc?
- 13- Você sofreu alguma dificuldade com a língua? Você se comunica bem com os brasileiros? Como tem sido a sua comunicação?
- 14- Qual o seu relacionamento com sua família aqui no Brasil e na sua terra natal?
- 15- Como você mantém costumes, como a língua, a religião e a culinária?
- 16- Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora?
- 17- Existe alguma associação entre os imigrantes nigerianos em São Paulo? Sabe já existiu?
- 18- Sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo?

19- Existem redes de apoio aqui da comunidade em São Paulo para ajudar pessoas na Nigéria?

20- Você sofreu por alguma experiência de racismo no Brasil?

21- Você conhece o grupo Boko Haram? Poderia comentar sobre esse assunto?

22- Você gostaria de falar sobre algo que eu não te perguntei?

23- Eu tenho a sua permissão para utilizar esta entrevista para fins acadêmicos, de pesquisa?

Terminamos por aqui a entrevista com senhor XXXX às (HORÁRIO). Obrigado por tudo.

APÊNDICE B – INTERVIEW

I, (INTERVIEWER'S NAME), am starting the interview with Mr./Mrs./Miss/Ms (INTERVIEWEE'S), here, (LOCATION), on the (DAY OF THE MONTH) of (MONTH), (YEAR) at (HOURS):(MINUTES).

- 1- What is your full name?
- 2- What does your name mean?
- 3- Where were you born?
- 4- Why did you choose the city of São Paulo to live? Where do you live?
- 5- What memories do you have of your homeland?
- 6- What work activity did you do there? (or What did you work with there?)
- 7- What were the reasons for the emigration from Nigeria? (or Why did you decide to leave Nigeria?)
- 8- What were your previous connections or knowledge about Brazil?
- 9- What you did you know about Brazil before coming?
- 10- Why did you decide to come to Brazil?
- 11- What encouraged you? Did you get any help?
- 12- What was it and from whom?
- 13- How was the trip and the moving process?
- 14- What work activity did you do when you arrived here and why?
- 15- How was the adaptation? Did you have any difficulties with the language, with the customs/traditions, with cuisine, etc?
- 16- What is your relationship with your family here in Brazil and in your homeland?
- 17- How do you maintain customs/traditions, such as language, religion and cuisine?
- 18- Is there any association of Nigerian immigrants in São Paulo? Do you know if it has ever existed?
- 19- Do you know how many Nigerians live in São Paulo?

- 20- Are there support networks in the community in São Paulo to help people in Nigeria?
- 21- Have experienced any racism in Brazil?
- 22- Do I have your permission to use this interview for academic and research purposes?
- 23- Would you like to say anything about politics and religion in Nigeria? Any consideration about Boko Haram?

We concluded the interview with Mr./Mrs./Miss/Ms XXXX at (TIME). I appreciate your participation and thanks for your time.

APÊNDICE C – ENTREVISTAS

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Gusau, aqui em São Paulo, no dia 31 de março de 2021, às 16 horas e 5 minutos. Olá, professor Gusau, boa tarde, muito obrigado por dispor do seu tempo para esta entrevista.

Gusau: Obrigado, você. Flavio: Quando você nasceu? Gusau: Nasci em 1979.

Flavio: Onde você nasceu?

Gusau: Eu nasci na cidade de Lagos, na Nigéria. A minha cidade é a cidade com maior população de todo continente africano.

Flavio: Que lembranças você possui da sua terra natal? Gusau: Eu tem muitas saudades da família.

Flavio: Como é a sua família? Gusau: Eu tenho pai e mãe.

Flavio: Os seus pais são vivos?

Gusau: Sim e também eu ter quatro irmãos, dois mulher e dois homens. Eu sou o mais velho.

Flavio: Que atividade de trabalho você exerceu lá?

Gusau: Eu era gerente de hotel, trabalhava em três hotéis em Lagos. Flavio: Quais foram os motivos da sua imigração da Nigéria?

Gusau: Minha mulher ter três irmãs que moravam aqui há muito tempo, há 18 anos, elas arrumaram trabalho para mim e minha mulher aqui como professor de inglês, eu e minha mulher ter visto de trabalho.

Flavio: Você tem filhos?

Gusau: Sim, eu vim para cá com dois filhos, hoje o mais velho tem 11 anos, o do meio tem 8 anos e eu ter uma filha que nasceu aqui, o nome dela é Sonia.

Flavio: Quais eram as suas relações ou seus conhecimentos anteriores com o Brasil? Gusau: Eu conhecia muita coisa já do Brasil, por causa dos parentes da minha mulher, sobretudo futebol, samba e sobre a cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

Flavio: Por que você decidiu vir para o Brasil? O que lhe incentivou? Recebeu alguma ajuda? Qual foi e de quem?

Gusau: Como eu te disse, decidir vir para cá pois os parentes da minha mulher já moravam aqui, elas que me chamaram para vir para cá. Na verdade, foi elas que pagaram tudo para eu poder vir para cá. Eu não gastei nenhum real para vir morar aqui. Flavio: Como foi a sua viagem?

Gusau: Foi tudo bem, embarcamos na Nigéria, fizemos uma parada no Marrocos e chegamos em São Paulo, Guarulhos.

Flavio: Que atividade você exerceu ao chegar aqui? E Por quê?

Gusau: Eu ter curso superior, ser formado em história econômica na Olabisi Onabanjo University, no

estado de Ogun, na Nigéria. Quando cheguei aqui eu e minha mulher fomos trabalhar na escola de inglês no Capão Redondo.

Flavio: Na zona sul de São Paulo, professor? É isso? Gusau: Sim, sim, zona sul.

Flavio: Como foi a sua adaptação? Você sofreu alguma dificuldade com a língua, com os costumes, com a culinária etc.?

Gusau: Eu não ter problema com culinária, na minha casa eu que fazer a comida. Flavio: Risos, que bom.

Gusau: Risos, eu gostar muito de cozinhar, eu cozinhava na Nigéria e aqui em casa quem faz comida sou eu.

Flavio: As crianças também gostam da sua comida, professor?

Gusau: Sim, elas adoram. Eu aqui em casa não comprar pão e nem doce e nem salgado, eu mesmo fazer. Eu amar feijoada com caipirinha. Sim, mas tem que ser de pinga. Pinga 51, risos.

Flavio: Você se comunica bem com os brasileiros em geral? Como tem sido a sua comunicação?

Gusau: Eu tive muita dificuldade para falar o português, mas meus filhos iam para escola e quando saiam comigo traduziam as conversas com outras pessoas, as crianças me ajudaram muito.

Flavio: Nossa, que legal, é uma história interessante.

Gusau: Em casa nós só falamos inglês e também na escola de inglês, hoje eu dei três aulas e vou dar mais três aulas depois.

Flavio: Você tem amigos brasileiros?

Gusau: Sim, muitos e muitos alunos também. A pessoa que é meu fiador aqui de casa é brasileiro e muito amigo, ele trabalha na SABESP, eu ter muitos amigos.

Flavio: Qual é o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na sua terra natal?

Gusau: Hoje com internet é muito mais fácil de ser comunicar com minha família, eu falar duas vezes por semana com minha família na Nigéria, eu manter contato sempre com minha família e sempre que possível eu vou com minha mulher na casa dos parentes dela.

Flavio: Como você mantém costumes, como a língua, a religião e a culinária?

Gusau: Aqui em casa a gente só fala em inglês, culinária eu faço a comida aqui em casa, mas eu prefiro fazer comida brasileira, como arroz e feijão. Eu ser católico, eu vou ao culto numa igreja perto da minha casa, e eu moro perto do Instituto Butantã, na Corifeu. Flavio: O culto nesta igreja é em inglês ou português, professor?

Gusau: Ah, é em português.

Flavio: Existe alguma associação entre os imigrantes nigeriano em São Paulo? Sabe se já existiu?

Gusau: Sim, eu faço parte de uma associação. Flavio: Onde fica?

Gusau: Fica na Praça da Sé.

Flavio: Qual o nome dela, professor?

Gusau: Nigerian Association of the São Paulo.

Flavio: Que tipo de ajuda o senhor presta lá, professor?

Gusau: Tentamos ajudar os irmãos que chegam aqui em São Paulo com moradia e alimentação.

Flavio: Tem alguém trabalhando lá durante a pandemia? Gusau: Não, no momento está fechado.

Flavio: Sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo? Gusau: Muitos, muitos.

Flavio: Você teria um número? Quantos você acha que vivem aqui? Gusau: Ah... uns 60 mil, por aí.

Flavio: Professor Gusau, você ajuda a sua família na Nigéria?

Gusau: Não, porque na verdade eu precisar de ajuda porque como eu te disse, eu ter minha mulher e três filhos para criar.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora?

Gusau: Como eu disse a minha mulher ter três irmãs que moram aqui há muito tempo, e elas me ajudaram muito para eu vir morar aqui em São Paulo. Eu moro no Butantã, perto da Avenida Corifeu.

Flavio: Você sofreu alguma experiência de racismo no Brasil? Gusau: Não, graças a Deus, nunca.

Flavio: Mas nunca aconteceu nenhuma situação dessa com o senhor nas ruas, mercados, na escola que o senhor trabalha?

Gusau: Não, nunca. Mas acho engraçado que aqui as pessoas acham que a África é um país só, elas não entendem que a África é formada por vários países.

Flavio: Que ótimo professor, muito boa notícia, o senhor é o primeiro que me fala que não sofreu preconceito aqui em São Paulo. Você gostaria, professor, de comentar sobre algo que eu não te perguntei? Tanto daqui, quanto da Nigéria.

Gusau: Sim, você não perguntou para mim sobre futebol, eu adoro futebol; em 2016 na Olimpíadas eu fui no estádio do Corinthians ver um jogo Nigéria x Alemanha e eu perguntar para todo mundo de quem era aquele estádio e me falaram “Corinthians”, por isso eu torço para o Corinthians, e também minha igreja fazer um encontro no estádio do Morumbi, por isso eu também gostar de Morumbi e também do time de São Paulo.

Flavio: Eu tenho a sua permissão para utilizar esta entrevista para fins acadêmicos de pesquisa?

Gusau: Sim, pode sim.

Flavio: Terminamos aqui a entrevista com o senhor Adeshola Gusau, às 16 horas e 50 minutos. Muito obrigado, professor Gusau, por esta entrevista. Fique com Deus.

Gusau: Obrigado você, Flavio.

Flavio: Bom dia, eu, Flavio Luiz Landim, vou começar a entrevista com o sr. Acurê, aqui no metrô Santa Cecília em São Paulo, no dia 28 de março de 2021, às 12 horas e 50 minutos. Qual o seu nome completo?

Acurê: Meu nome é Acurê.

Flavio: Ok, quando você nasceu Acurê? Acurê: Nascer em fevereiro, 1971.

Flavio: Ok, onde você nasceu?

Acurê: Nasceu numa cidade chamada Ifitedunu, lá na Nigéria.

Flavio: Agora sim. Que lembranças você possui da sua terra natal, Acurê? Quais suas lembranças?

Acurê: Lembranças ah... Flavio: Fale à vontade, viu.

Acurê: Lembrança muita coisa de minha infância, a gente faz amizade muito amigos, nós não deixa que outro desde criança brincam muito na rua, estudar junto, ninguém gostar deixar outros, a gente sempre vai na caminhada de tudo. Se for vai na escola a suas amigos vai na escola não tem como você consegui ficar em casa se outro vai para puxar ficar na rua, se não tem como você vai seu pai ou sua mãe não deixa você ficar triste, fica nervoso, não vai comer porque a gente sempre caminhando com amigos; este negócio de amigos levar a vida inteira porque até acabar a escola, alguns vai casar, esses amigos sempre vem com uma lembrança forte, você sempre lembrar que aquela pessoa que você crescer junto, fazer tudo junto e mesmo se tem uma briga a gente resolve entre amigos, mesmo esses amigos de criança continuam quando você vai na escola, é ensino médio, você encontrou outro amigo, esses outros amigos também continua até faculdade, continuar você encontrar pessoas na escola. Acho que escola foi um local é um lugar para nós encontrar outro família, a gente que é boa, a gente não tem limite para encontrar família boa, sabe? A gente faz nós vida na frente como amigos boas, porque no caso você estuda, depois de estuda tá procura trabalho sempre amigo que temo oportunidade vai procurar você: “Ah, mano você tá longe? Chega aqui que eu vai ajudar você”, aquele nós sempre que a sua paz, sua experiência, sua ajuda esses na base de amigos que a gente fazer é sempre fazer coisas boas, a gente tem a sua nome limpo, você pessoa boa a gente sempre procurar você pela sua nome; aquilo você faz não que a gente tenha negócio e pessoas ruim, mas tudo caráter de vida ter valor.

Flavio: O caráter, né.

Acurê: Tudo caráter tem valor, se você é uma pessoa focada, tudo vai chegando o tempo, a gente vai precisar de pessoa focada, vai procurar você, pode ser a sua colheita e deve ser desse governo, ou rico precisa de uma proteção, uma pessoa para deixar avisar, uma pessoa para dá segurança, ele lembra que tem um amigo dele que é folgado, que briga muito, é como se é folgado você querer vida também na frente, por isso que a gente sempre fala: “Ao relógio, a relógio para sempre 100% por dia.”, porque na hora que essa parar vai chegar a lhe parar aí dá certo, na hora que essa continua minha meio dia fica minha antes do dia, vai chegar a minha meio dia, ele tá certo, sai do meu meio

dia ele não tá mais certo, eu e amigos se assim, a gente criei assim, não pode chegar aqui também, aqui no Brasil também, a gente sempre procurar pra ter uma boa amigo, mesmo sendo difícil para brasileiro tendo esse cultura porque a gente conta muito para esse vida amigos, tá?

Flavio: Ok, muito bom, gostei, ótimo. Com que você trabalhava lá, Acurê? O que você fazia lá?

Acurê: Bom, lá a gente faz muito pra conseguir a vida, lá não é igual aqui, que pessoal procurar trabalho do cedo, desde 15 anos, 20 anos já fica trabalho registrado, pagar imposto de monte, lá nosso sistema não tá liberado mais para cima conta muito para trabalho, a gente fazer muito pra... pra suster a vida, é depende perante de cada um, é se sua perante cada um consiga para... para consegue fazer sua estuda, lá você vai conseguir uma trabalho melhor, depois de estuda faculdade tudo, se você tá com sorte você quando começa trabalho depois de 6 meses ou um ano, mas se você não tá com sorte tem gente que depois é... faculdade tudo formado fica mais 15 anos, 20 anos até não ter um trabalho mesmo.

Flavio: Não consegue um trabalho?

Acurê: Não consegue nada um trabalho legal, registrado, ele começa ah... agora aqui com Ifood, algumas coisas assim, carroceiro, lá você achou carroceiro na rua aqui tem formado em faculdade, você achou é.... uma....

Flavio: Tipo uma banca na rua?

Acurê: Banca na rua, sim. Você vê gente que faz loja na rua com faculdade mesmo, você acha gente que é “sapaterer” que faz sapato, sapateiras com faculdade mesmo, a gente tem muita gente mesmo que tá formado que não tem trabalho.

Flavio: Não tem trabalho?

Acurê: Não tem trabalho, mas eles mesmo não fica chorando, eles vai dá um jeito para conseguir a vida.

Flavio: O sustento, né? Acurê: Para sustento a vida.

Flavio: Você trabalhava lá ou só estudou?

Acurê: Lá eu estudava de chegar um tempo eu não consegui terminar a minha faculdade caso de minha terra.

Flavio: Faculdade do que você fazia? Acurê: Eu fazer economia.

Flavio: Economia?

Acurê: É, mas não conseguir terminar, tem que saiu, é minha pai era minha ajuda procurar pessoa com onde eu vá trabalhar na loja dele, não tá registrado depois de um tempo ele não vai pagar salário, a nossa sistema lá, se você trabalha com uma comércio ninguém paga, ele vai dá comida para você morar na casa dele, você trabalha no loja, trabalha na casa, lava roupa, lava carro, faz comida, você faz tudo, mas por um tempo você pode fazer isso até 5 anos.

Flavio: Até 5 anos? Acurê: É.

Flavio: Sem registro, sem nada?

Acurê: Sem registro, sem nada você mora com ele e faz tudo, é depois de 5 anos agora ele vai chamar sua parente, parente não é o sistema principal, vai chamar sua parente porque você tá uma pessoa boa agora dá tempo para ele, é pagar você tudo, mas para pagar se... pagar ele vai pagar, ele pode dar dinheiro para começo, comer, alguns dá só dinheiro, alguns procurar loja, paga loja pra você, dá dinheiro, dá mercadoria, alguns ainda deixa você ainda na casa dele porque depois de 6 meses você pode vê-lo, alguns falam que não, pega ah... 500 mil, continua sua vida, procurar casa, procurar mulher, procurar trabalho, mas isso uma sistema nos, não tudo pessoa que consegue esse sistema; o que você tem que baixar durante 5 anos, alguns mais 5 anos para conseguir isso, mas ninguém paga nada; no caso você faz um errado você pode tudo.

Flavio: Perde tudo? Se você fizer uma coisa errada você perde tudo?

Acurê: Você perde tudo, é a sua parente sempre manda mensagem “minha filha calma, porque ah... eles conta de você”; é depois mesmo gente que já acabou faculdade volta fazer sustento pra gente rico, trabalha atras, deixa vida, recebe tudo e depois ele dá dinheiro pra eles, pode ser 100 mil, 200 mil ele começa a vida com este lutar, depois 3, 4 ou 5 anos pra procura mulher pra casar, pode chegar até 35, 40 anos sem ter nada.

Flavio: Sem ter nada?

Acurê: Sem ter nada, pra conseguir casar, ter vida própria, tem casa, consiga ajuda irmãs mais velhas, mais jovem, conseguir também vida puxa, né? Tudo isso não tem nada a ver com governo.

Flavio: E esse sistema é em toda Nigéria?

Acurê: Esse sistema faz parte alguns região, mas nossa região é principal. Flavio: Qual é a sua religião?

Acurê: Minha religião é católica. Flavio: Católica?

Acurê: Católica cristanico.

Flavio: Perfeito. Dentro da sua religião é assim que funciona?

Acurê: A religião também segue esse sistema, porque igreja também ajuda assim, ah... ajuda no mesmo sistema, a igreja também sabe, a lá se você também quer estudar, seu parente não tem dinheiro, tal igreja o padre pode ver, a padre pode pedir para as pessoas de igreja, tem pessoas que dá para você ajuda, alguns ganha, alguns da ajuda para aquele que não conhece para conseguir sonho deles. As vezes também ah... pessoa que é rico tem muito loja quer menino jovem, inteligência, normal caráter vai pedir a padre se por favor você conhece alguns paróquias aqui que pode ajudar, cristo também ajuda; eu fui criança, você vai continuar estudo, vai vê parente, segue estudo, sai de escola, volta porque quando você começa a trabalha não dá mais pra estuda, você sai de escola começa a fazer comércio, né? Era de criança até crescer, porque uma hora você tá com um cara, você já conhecer cliente dele, já conhece todo sistema, mesmo se ele der pouco dinheiro pra você, você dá pra conseguir tudo.

Flavio: Sim, dá para você conseguir tudo.

Acurê: Sim, é assim que funciona, a dinheiro que eles dá com gente, depois trabalhar com eles não que é importante muito, eles podem não dá dinheiro, mas quando você já crescer na sistema você já sabe onde vem cliente, que cliente precisa, você pode vai numa loja pegar as coisas um pouco baratinho, vende com a sua cliente, fica juntando benefício, benefício até você.

Flavio: Até você se estabelecer.

Acurê: Você estabelecer, mas a gente não desiste de jeito nenhum. Flavio: Muito bom, bem então, por que você decidiu sair da Nigéria?

Acurê: Eu já tinha sonho, eu já tinha muito sonho, porque na minha país não tem estabilidade que você vai fazer uma coisa é ver está coisa, como minha particular eu sai de uma família muito pobre e não tem pai, não tem tio e não muito... Flavio: Você tem irmãos, desculpe.

Acurê: Eu ter irmãs que é de minha mãe, eu sou o mais velho de homem da minha mãe. Flavio: Quantos irmãos você tem?

Acurê: Eu tenho. a gente tem seis.

Flavio: Seis irmãos?

Acurê: É, eu ser o primeiro de seis. Flavio: Você é o primeiro de seis?

Acurê: É, eu já sei a faculdade porque daqui a pouco ele vai querer estabilizar, não ter apoio eles vai precisar apoio, não tem tio, não tem pessoas fora que pode ajudar vida, a gente não tá contando com o governo, mesmo se eu tá ganhando bem, esse pouco que eu tá ganhando pode dar suficiente pra mim na minha país, mas quando olhando o lado ver meus irmãos é minha responsável para ajudar, mesmo se ele casar, se ele vai passar dificuldade eu tem que interver e tal.

Flavio: Por que você é o mais velho?

Acurê: É, mais velho tem que entender o que tá acontecendo a gente não come dois, três dias, toma pão, toma assim que a gente faz, se não você vai deixar eles pode perder caminhada, como a gente não tem pai, não tem tio a minha pai tava mais rico, ele motorista, mas na nível dele, com o coração dele, ele tá mais rico que o meu tio, ele tá que cuidar da família dele, a família dos outros mais dele, quando ele morrer na acidente é tudo, mesmo tudo família em geral tá no chão; porque a mesma pessoa que dá atenção a tudo.

Flavio: Que ajuda todo mundo, né?

Acurê: Ajuda todo mundo, não que ele tem dinheiro, mas ele tem esse coração pra ajudar pouco dos outros.

Flavio: Lindo, muito bonito.

Acurê: E agora quase todo mês é... minhas irmãs sai tudo sai da escola, a gente ficar lutando de direita-esquerda, direita-esquerda até hoje. Não tá fácil porque ninguém não pode chegar lá, tá bom, pega. Tá bom não tá fácil lá.

Flavio: Então você ajuda a sua família?

Acurê: É... eu também ficar ajudando, eu faz muita coisa lá oh... o trabalha, trabalho numa é... numa empresa que fazer comércio de outro país de vizinho camaronês, eles tem barco, a gente ah... recolher banco de areia, colocar na barco, vai no camaronês, volta; eu fazer isso muito, depois juntar dinheiro, peguei dinheiro com... peguei dinheiro lá na fronteira, volta, eu fazer estudo de tecnologia humano, volta porque eu gosta muito de mexer as coisas de tecnologia, eu gosto muito. Eu procuro uma lugar o fala com ele só paga, ou aprendi uma eu começa a trabalhar com eles, eu trabalhei muito com eles em instalação de redes, tudo, de empresas... é onde eu trabalha eu ter muito contato e fica trabalhando, não é uma coisa que eu vá sair continua, porque eu já tá numa empresa

grande, que tem contrato com empresa grande sempre. Para mim não continua com empresa grande particular, tem que... e agora quando eu sair de lá eu não consigo, tem que mudar estágio; eu fui na Lagos procurar que vende computador em acesso pra trabalhar com engenheiros com eles lá, eu trabalhar pouco tempo, ao sair de lá eu ficar sozinho na rua procurar trabalho particular não é fácil. Na hora que o pessoal vai falar passar informação com outro família, tem pessoa que arruma computador pra sua filha, fica muito difícil atendendo ficar procurando se o pessoa precisa para comprar computador ter acesso a tecnologia, com o ter contato você pode contar comigo, depois eu pode ganhar uma coisa, mas até lá fazer muito coisa pra ajudar povo, pra ganhar vida; alguns pode me chamar amigo... tem como ajudar a rever minha família no outro estado, pegar minha carro, depois você volta dá uma moeda pra um ficar fazendo este tipo de serviço... mas é tudo lá até chegar um tempo consegui aprende como vende bilhete de passagem área.

Flavio: De avião, né?

Acurê: É, online. Fica parado, muita gente fica conhecendo e agora eu fica chamando amigos “ou pode fazer isso, pode fazer isso”, eu até consigo, mas de 50 clientes que... ah, começa uma vida ah... para mim é uma vida confiante, mas não tá registrado, é não pode registra, você tem que passar muito coisa pra registrar, pra ter uma agência, sabe? Mas não fica fazendo, na verdade que eu conseguir ter dinheiro à beça, eu já tinha esse sonho pra sair fora, trabalhar, ganhar mais vida para volta.

Flavio: Aí você resolveu vir para o Brasil para poder ganhar um pouco e mudar a vida? Acurê: Quando Brasil foi na era de Copa do Mundo, alguns amigos falou pra mim que a Brasil dá pra entrar agora que Brasil é um país bom de tudo, como tá fazendo Copa do Mundo visto pra viajar vai ficar mais fácil, aí tenta entrar, tem trabalho, o que tá fazendo, alguns campos, campo de Itaquera, Estádio de Itaquera.

Flavio: Sim, sim. Você chegou a trabalhar no Estádio de Itaquera ou não?

Acurê: Não, esse é um programa que a gente chega, mas pessoas que nossa caminhada quando a gente saiu pra pegar avião não tem mais contato; chegar aqui não conhece, não tem como encontrei ele, não tem como sabe fica Itaquera, não sabe mais nada, tem que se virar sozinho.

Flavio: Puxa vida, você recebeu alguma ajuda de alguém para vir aqui para o Brasil ou você juntou o seu dinheiro? Como foi?

Acurê: Eu juntei um pouco de dinheiro, mas eu falar com alguns amigos também.

Flavio: Os amigos ajudaram?

Acurê: Amigos ajuda, alguns falar pra mim “não pode vai no Brasil, vai no outro país, que Brasil é não fácil lá”; eu até já encontrou uma pessoa que morar no Brasil, ela fala “mano o que vai fazer... eu já morar no Brasil muitos anos... não dá!”, eu falar “mano tem sair, mais ou menos eu tem que sair daqui”, sabe? De lá pra cá ah... porque eu quis, alguns que vai em outro país conseguiu alguma coisa, mas eu deixo tudo na mão de Deus, porque tudo depende disso

Flavio: Muito bom, deixa tudo na mão do Senhor. Verdade. Acurê: Tudo na mão de Deus, Flavio.

Flavio: Sua viagem foi boa? Como foi a sua viagem para cá? Você trouxe alguma coisa ou só roupa mesmo? Você veio de avião, é isso?

Acurê: Eu vim de avião, eu pegar via Marrocos, fazer trânsito 4 horas no Marrocos e depois de lá pra cá, Guarulhos; eu pegar como a gente ter um... é hotel, né. Quando chegar a Guarulhos pegar táxi pra meu hotel, na Bela Vista, ficar na Bela Vista, mas vou falar na verdade pra você: antes de chegar no Brasil nunca sabe aquele palavra, chama “bom dia”.

Flavio: Você não sabia a palavra “bom dia”?

Acurê: Nunca sei que gente fala, nunca vê pessoa falar “bom dia”, “obrigado”, nunca vi. Flavio: Que absurdo, você reparou nesta falta de educação aqui?

Acurê: É... mesmo para mim eu pensei “inglês língua internacional e que todo país pode falar”, mas chega no Brasil outra coisa, outra coisa, fica mais difícil.

Flavio: Questão do idioma ninguém fala inglês, você achou que as pessoas falavam inglês?

Acurê: Quando você fala inglês em outro país a gente dá pra ajuda, mesmo você falando mal dá pra falar um pouco, mas aqui quando você fala inglês...

Flavio: Ninguém entende?

Acurê: Não que não tem gente que não entenda é como ser engraçado, fica a dar risada, “ele tá falando alguma coisa”, fica te zuando, você falar uma coisa que não precisa falar, alguns fala “você tá nos xingando”, “o que você estar a falar” e isso e aquilo, mas é... o inglês aqui é como sou uma pessoa que já cresci para sempre conseguir a futuro eu ter que esquecer tudo, abaixar procurar como ser a caminhada de Brasil, como a gente crescer, como a gente... mas que depois alguns tempo menores do que era; no hotel eu

encontrei na República gente me falar “manda nos na estação”, porque “da endereço pra mim, vá na República, vai ver africano”, quando tá só no hotel não se fecha atrás.

Flavio: Aqui na República?

Acurê: É, eu fui na República, lá quando eu cheguei vê muitos africanos, ver algumas pessoas que eu conheço, vê alguns amigos que crescer comigo, eita! Foi no dia que eu cheguei no Brasil (risos). Eles fica me acolher, dá comida, bebida, comentário, pergunta tudo ou fica atrás de uma.

Flavio: Você se sentiu bem?

Acurê: Ele fala pra mim “por que você tá no hotel? Sai, vai na casa de minha mulher. Minha mulher brasileira tem casa lá”.

Flavio: Você encontrou pessoas que você conhecia?

Acurê: Eu conhecia aquele lá, mulher dele me tirar e levar na casa dele com criança, a gente dorme lá e fica lá um mês.

Flavio: Que confiança, hein, Acurê. Pessoa de confiança, um amigo, né.

Acurê: Para nós a gente sempre levar sempre pessoa na casa dele, mas não é igual aqui, porque aqui eu já conhece (risos). Ou fica lá, tá saindo do centro, mas depois de pouco tempo eu pensa “o que eu estou fazendo em Brasil para sair da República, beber, volta em casa, dormir, volta, beber... até quando”, eu pergunta tem que procurar trabalho, tem que procurar escola pra eu poder conversar.

Flavio: Sim, para falar o português.

Acurê: Falar português, tudo; lá que eu mudei meu sistema, virei brasileira de jeito que eu pode falar português, pode trabalho graças a Deus. Até hoje tem gente que fica mais 10 anos, sabe, que chega no Brasil e não conseguiu.

Flavio: Não consegue, você fala bem, parabéns.

Acurê: Eles tá me chamando “Acurê, por favor me ajuda, fala com essa pessoa”, porque isso não é interessante deles, eles, sabe, fica procurando trabalho e depois muita gente procurando “por favor, tem trabalho, me ajuda”, “oh, gente tem mesmo muito nos se tem pra trabalhar no Brasil”, mas esse é vida, né.

Flavio: Que bacana, muito bom. Que atividade você exerceu ao chegar aqui? Qual o seu primeiro trabalho quando você chegou aqui, Acurê?

Acurê: Oh... meu primeiro trabalho quando cheguei aqui uma restaurante nigeriano. Flavio: Ah, onde fica esse restaurante?

Acurê: Lá no centro, Galeria Presidente, é onde a gente tá bebendo, tem uma dia que acontece com a gente, na República tem uma pessoa que eu conhece ele sempre pagar a conta de um monte de gente; eu chegar perto dele e perguntar “Por favor, quero conversar contigo, senhor”, ele chega “o que você quer?” eu falo “preciso de 10 reais pra comer” ele gritar “o que?! Você chegar no Brasil pra pedir dinheiro com gente? Que! Tem que procurar lugar, tem que procurar alguma coisa pra fazer” eu falo “desculpa”; eu pensei “muitos anos na era que meu pai tá vivo a gente nunca pediu comida”, meu pai quando ele vivo muitos vizinhos comem na minha casa, a gente nunca, mesmo quando está passando mal, depois do meu pai morrer, eu nunca pedi comida. Na hora que aquela cara falar isso pra mim minha cabeça levantar eu vou numa restaurante pedir emprego, eu já comecei a fazer escola com Senac na Rua do Carmo, na Sé.

Flavio: Rua do Carmo, perfeito.

Acurê: Eu já começar fazer língua portuguesa básico, que começa a 9h e vai até 11h30, alguma coisa assim, e agora eu vejo uma pessoa no restaurante e falo pra ele “você pode me ajudar? Pra mim trabalhar na sua restaurante?” ele fala pra mim “tem gente que tá trabalhando”; porque ele paga 20 reais por dia e fala pra mim “não preciso”, ele chama um amigo dono de restaurante pede pra ele e ele fala “tá bom”, chega lá e ele fala você “vou pagar só 10 reais” eu fala “não tem problema”, eu sai de casa vai estudar língua português depois passa na Sé Catedral e faz uma oração, assisti missa; a minha programa com ele tem que começar a uma hora da tarde até eles fecha nove, dez hora e agora quando chega ali eles me dá comida, comer, dá minha comida, no começo lava só louça, meu trabalho é lavar louça.

Flavio: Esse foi o seu primeiro trabalho, lavar louça no restaurante.

Acurê: É, primeiro trabalho, depois a noite dá 10 reais, comer bastante no restaurante. Na hora que acabei meu primeiro estudo, o português, eu falo pra eles que eu não vá continuar eu ter que trocar trabalho e procurar mais estudo, eu ganhar segundo estudo; tendo Cáritas, né, já ouviu falar em Cáritas?

Flavio: Ah, a Cáritas, conheço, claro.

Acurê: Eu solicitei refúgio pelo Cáritas lá, mesmo até agora não resolver minha caso, não sei porquê.

Flavio: Não resolveu ainda?

Acurê: Não resolveu a minha solicitação, depois de 6 anos, 7 anos, nunca.

Flavio: E a Bibli-ASPA? Você já viu se o pessoal pode te ajudar, o professor Paulo? Acurê: Eu tô estudando na Bibli-ASPA agora, porque na minha caminhada de estudo um senhor foi na Bibli-ASPA... não, foi na EDUCAFRO, foi fazer o intermediário, que fica na Rua Riachuelo, fazer programa lá e depois lá, na Bibli-ASPA, depois da Bibli- ASPA eu consigo trabalho; na hora que acabo Bibli-ASPA que eu consigo trabalho, esse emprego que eu tô trabalhando agora desde 2015 até hoje.

Flavio: Desde 2015 até hoje? Parabéns!

Acurê: Tem um lugar na Liberdade chama Missão Paz , um monte emprego, muita empresa chega lá pra buscar trabalhador.

Flavio: Que fala outra língua, né.

Acurê: Que fala outra língua para Paraná, algumas lugares interior, eles passam lá toda terça e quinta, a gente sempre vou lá pra procurar trabalho; chega um dia a gente foi lá, é... prefeito na era Haddad, ele passou, acho que perguntar “por que monte de gente aqui?”, a gente fala pra ele que tá procurando trabalho, “por que eles não podem ficar varrendo a rua? Tem que colocar eles gari, algumas coisas assim”.

Flavio: Que legal! O Haddad, muito interessante.

Acurê: Haddad que fazer isso, depois alguns amigos que está saindo, como eu fala pra você, eu sempre faz amigo, ele me chamou “Acurê, onde você tá?” eu falo “não, tem uma prefeitura que tá pegando gente desde manhã, corre!”; a parti disso eu fazer entrevista, eles quer pessoas que quer estudar, que quer escuta um pouco português, juntar mais de 200 pessoas que tá ali, ele precisa só de 10 pessoas pra experimentar.

Flavio: Só 10 pessoas? E você foi um desses 10, né, Acurê.

Acurê: Eu chegar mais de três horas depois, eu chegar e ele passar a informação, ele fala pra mim “por favor, pegar aqui, não sai na porta que você entra, sai da porta da atrás, vá nesse endereço, vai fazer exame”. Isso é Deus. Assim que eu começa a trabalhar lá na empresa registrado, mas antes de lá já tinha uma que eu fui na Atibaia que fazer suco, lá não tem sinais, salário 600 reais, não tem conta, tá pagando sua casa, não tem muita coisa; eu nem consegue ficar, ninguém consegue ficar, eu falar “amanhã eu vou e não vai ficar”, eles ficar deixaram falar “não”. Depois eu tenho outro que eu consegui na Nove de Julho, uma restaurante, eles falam “eu peguei na Cate ”, né, porque lá eu consiga trabalho pra semana; eu fui lá na Cate, peguei esse endereço, fui nesse restaurante; chegar ali porque eles precisam, chegar ali eles me dá sete dias para... ah, eu experimenta, deixar na cozinha pra ajudar, deixar na cozinha pra lavar louça novo; eles

ficar meio pergunta “Não Augusto, mais ou menos pra ver comida comer, sabe, porque se você não conseguir comer é muito problema na cabeça”, na Nove de Julho é mais contramão muito, mas eu consiga trabalhar.. trabalhar... eu trabalhar três dias, cada dia ele me dá transporte só pra sete dias pra me eu acertar ou não acertar. Depois acho que o cliente na restaurante não gostou negão esse restaurante e reclamou com o dono, a dona falar “não falar comigo, falar com a chefe... cachimbo dele e fala pra ele que a partir de hoje que ele não vai aparecer mais”, porque mesmo mulher dele não gostou, cliente não gostou; negão algumas coisas, ele vai perder cliente. Ah, de boa, ele não quer falar direto pra mim, eu falar “eu já ficar sabendo”, eles paga, mas na hora certa eu falei “maravilha”, quando aquele outro apareceu de prefeitura apareceu até hoje, graças a Deus, a empresa foi nova que tá trabalhando eu sai na região da Mooca, trabalhei no Brás, é... meu alojamento foi no Brás, eu trabalhar aí até, ah... contrato de governo acabou, ele promete seis meses, mas acabou completo eu mudar pra outra empresa, passar pra outra empresa, mas eu fiz muita cirurgia porque é um modo de serviço que eu nunca fiz, muita puxado, muito difícil. Eu fiz muito cirurgia, agora minha vida: faz cirurgia no ombro, faz cirurgia na barriga porque pegando muito peso, fazer tudo isso, mas eu... até lá...até aí... tudo pra mim é 10.

Flavio: Que garra a sua, hein.

Acurê: Tem gente “pregueira” que já saiu, depois pegou muito africano, alguns ficam alguns não, mas tá firma ainda.

Flavio: Gostei, o que eu vou te perguntar tem a ver com tudo isso, tá?

Acurê: Mas... a nível de estuda também eu fico lá... até aparecer uma bolsa de estudo de para refúgio, né, na USP, pelo professor Luís Antônio Venturi.

Flavio: Ah, o Bittar? Luiz Antônio Venturi Bittar? Acurê: Luiz Antônio Venturi, ele geografia.

Flavio: Geografia, né. Eu conheço o professor Bittar.

Acurê: Só eles ofereceu uma... uma... isto é geografia do Brasil, a gente foi lá fazer durante um ano, né, duas semestre; consegui algumas coisas no Brasil também, mesmo na era português ainda é dificuldade pra mim difícil.

Flavio: Muito esforçado você, né, Acurê.

Acurê: Sim, eu sair de um país que nós não se falava nada de português, uma língua de português a gente não tinha, é... depois lá volta ele manda pra mim melhorar minha

português, que eu tô muito interessante na geografia, mas tem que melhorar, ele que me indica a Bibli-ASPAs, eu fui na Bibli-ASPAs fazer português intermediário de novo.

Flavio: Ele dá aula de português lá na Bibli-ASPAs?

Acurê: É, ele me manda lá, eu fui lá “faz, faz, faz”, não dá por causa de trabalho, eu volta continua trabalhar, mas ah... até agora eu já começa a fazer tudo estudo agora; o trabalho terminou com uma... é... uma de TI na Tatuapé, eu tá fazendo online agora na Guarulhos tá fazendo online de novo na Bibli-ASPAs, mas tá trabalhando ainda, mas até lá documento tudo tá parado.

Flavio: Mas vai chegar lá, se Deus quiser. Deixa eu te fazer uma pergunta agora a respeito justamente da língua, como foi a sua adaptação aqui? Se você se comunica bem com os brasileiros, né? Como tem sido a sua comunicação com os brasileiros? Pelo jeito tem sido boa, você se comunica bem pelo jeito. Foi muito difícil aprender o português? Acurê: Português fica muito difícil pra mim, porque eu sou uma pessoa que gosto conversar pra aprendi, porque não insiste de mim criar... criança a gente aprende mais que “now”, coisa boa, escuta bem, conversa bem pra aprende mais e... agora pra chegar no Brasil não dá pra mim conversar do jeito que eu preciso, é também eu não gosta também ficar com africano porque eu não vai aprende nada, já tem a sistema deles, já tem uma sensação de ficar com eles eu vá perder completamente Brasil nesses tempo que eu quero ficar e agora eu fica no serviço conversar, gente fica me zuando “você está falar errado, tá falar muita coisa”, sabe? Eu sou uma pessoa que quando tá nervoso quer falar muito pra aquele... que pronuncia errado, gente fica falando “você fala muito, fala muito” (risos); quer me deixar mais nervoso ainda porque eu não consegue falar o que falo, porque eu quiere falar alguma coisa, você sabe, mas “não, não, não, aqui é Brasil, fala menos, você tá falar mais”.

Flavio: Eles acham que você fala de mais?

Acurê: É, esse uma dificuldade que eu passei muito, também na região onde eu tá trabalhando era uma região que um monte de pessoas lá falta de educação.

Flavio: Que região era essa, Acurê? Acurê: Na alojamento de empresa.

Flavio: Ah, no alojamento da empresa, eles são muito sem educação? Acurê: São sem educação.

Flavio: O que eles achavam da África? Que eles falavam para você?

Acurê: Ah... eles pensa que a África é uma comunidade, uma comunidade que África com um só Guaianases.

Flavio: Um país só, né?

Acurê: Não, não, eles não sabem o que é África, um monte de Brasil não sabe o que é a África é uma continente, uma país...

Flavio: Com vários países, né?

Acurê: Eles pensam que é uma família, sabe, quando vê as vezes vem um monte de Congo o pessoa.... o pessoa vocês tudo no mesma na... não sabe diferença, quando ele vê congolês ele fala “nos são irmão”, quando vê pessoa de Angola “são irmão”, vocês... nós ser nem ideia diferença.

Flavio: Não tem nem ideia de onde fica, né?

Acurê: Você tá falando que você tá outro país, mas você estuda na mesma... mesma coisa, sabe? É muita coisa.

Flavio: Não tem conhecimento nenhum.

Acurê: Não te conhece, alguns vai chegar e pergunta “você é de Angola ou você é de África?” tá falando “que África? Que Angola?”, “ah, vocês tudo mesma comunidade”, não, eu fala “mano, Angola uma país da continente africano, eu sou da Nigéria que é mais longe da Angola, que não tem nada haver com...”.

Flavio: Em Angola eles falam português, na Nigéria falam inglês.

Acurê: Vocês... vocês... vocês, ah, mesmo, tá, tá, tá, ichi... tá muito puxado, tá muito... eu consegui melhora um pouco, né, na era que a empresa me manda num ecoponto, Bresser/Mooça, onde eu fica mais dois anos é recolhendo as coisas... móveis, reciclagem na região da Mooça aí, lá que eu consegui... volta um pouco, sabe, vê pessoas educadas, a gente conversa um pouco, pergunta algumas coisas pra mim, me minha cabeça fica voltando ao normal.

Flavio: Mais respeito com você, né?

Acurê: Mais respeito, aquele formada que eu já tinha fica voltando ao normal, mesmo escola que eu já fiz, aquele estudo que eu já fiz fica eu ver valor no meu estudo, fica colocando em lugar certo, fica coloque as palavras, português no lugar certo; que na era que eu estudo tudo que eu faz com o verbo tinha tudo isso “vamos lá” eu não tá falando “vai, vamos”, eu tá falando do jeito que tá na escola, mas quando volta na serviço outra coisa porque no meu trabalho não estudo, eu fica passando um monte de dificuldade pra falar português, mas na hora que eu vou até o ecoponto e fica na ecoponto consegui ver

gente que estudo, quando vocês fala “qual é a conversa” ele colocar as verbos que você aprende na lugar certo, você volta também na lugar certo.

Flavio: Muito interessante, as pessoas falam corretamente.

Acurê: Falam corretamente, você volta corretamente para o seu português corretamente, mas se você vai com pessoa ruim ele ajuda você a cair mais no chão.

Flavio: “Nois vai, nos vem”, aquela coisa, né?

Acurê: É, fala muito errado, você tá “titi” não tá falando tudo isso, eu tô falando aquele que ensinar na escola lá.

Flavio: Lá na Mooca você encontrou pessoas que falavam como você aprendeu na escola?

Acurê: A gente fica melhorando cada dia mais, fica melhorando. Depois de dois anos, um ano eu liguei para minha professor Luiz Antônio, a gente conversar ele falar “meu Deus, você melhorou bastante”, ele fica muito feliz, ele falou “você tá falando assim? Onde você foi pra estudar mais?”, eu falei “não, na meu serviço dá pra mim conversar com gente boa” ele diz que eu melhorar bastante, mas voltar agora. Ele foi empresa e me tirou de lá, colocar na loja “mais tá novo na outro lugar que tá cultura mais pior”, eu não quero ficar, por isso que eu voltar e ficar estudando de novo para não perder na linha.

Flavio: Que legal, bacana! Tá, então língua, cultura, religião você conversa com os seus amigos aqui? É isso? Para manter o seu contato com o pessoal da Nigéria. A sua língua nativa, a sua religião, a comida como você faz para manter a sua cultura?

Acurê: Ah... na comida eu não tonar porque eu já tinha esse negócio para eu já ler história de Brasil, já li história do Brasil e para mim é muito bom, é fácil para mim adaptar a história do Brasil, é muito comum, muito aberto pra pessoa se adaptar; por isso eu não quero escolher ah... minha comida mais lá.

Flavio: Você quer comer a comida daqui?

Acurê: Comida daqui, porque mais ou menos é a mesma coisa; a cultura de religião tem católico aqui, eu ser católico lá; chegar aqui eu não tá procurando igreja de nigeriano no centro, eu lutar muito para conseguir uma missa em inglês na católica. Eu fui em muito lugar, encontrar muita prédia, prédia aqui no centro de São Paulo, falar pra ele “por que, por que, por que”, mas eu não consigo, mas agora ele já conseguiu uma missa inglês em São Paulo, como até traz uma padre de Nigéria para fazer missa.

Flavio: A onde é?

Acurê: Aqui na Paissandu, esse é meu igreja que tá ali, oh. Esse agora é missa inglês, de forma inglês na São Paulo.

Flavio: Será que um dia nós poderíamos ir nessa missa, Acurê?

Acurê: Eu nunca fui, eu tô na... eu fui assisti missa lá na hora que eu era mais novo, desde aquela era eu não fui mais

Flavio: Se um dia você me convidar eu vou, ok.

Acurê: Mas ele sempre tem missa, agora tá na pandemia até... ah... aplicativo dele caminhando tudo, mas é muitos que passa lá me conhece, uma pessoa forte de “catholic”, mas olhe que única vez ele nunca apareceu porque para mim, sabe, que Deus tá em todo lugar, a igreja católica é mesma coisa em todo lugar é para mim não é excesso pra mim sair onde que eu moro, é ter missão católica no lado, ou vamos em outro lugar, pra mim não serve nada. Eu sempre cada lugar que eu moro.

Flavio: Onde você mora?

Acurê: Agora eu moro na... ah... ah... Penha, Cangaíba, Penha, perto de Ponte Rasa aí. Onde que eu mora eu vá na igreja, eu procurar padre, eu falo pra ele “a gente fica amizade, eu vai ser seu paroquiano agora. Eu mora naquele geo”, sempre tudo no lugar, mesmo se eu não entende, mas sistema de “catholic” igual, também consegui aprendi como a rezar “pai nostra” pra português.

Flavio: Você já sabe rezar o Pai Nosso em português?

Acurê: Tudo, tudo, tudo de sistema católica no Brasil eu já sei, não preciso, ficar com o bilhetinho na mão, fica ali, porque eu já formado, porque isso eu consegui. Se... seu eu chegar aqui procurar missa inglês continua, mas não vai consegui, mas se... se chegar numa igreja agora brasileiro que tá aqui a gente caminha mesmo ritmo, ninguém não vai saber mais a diferença.

Flavio: Sim, você consegue se comunicar com as pessoas, tudo.

Acurê: É, começa... lá Pai Nosso é Nossa Senhora, tudo, Ave Maria, tudo do mesmo jeito, é isso... por isso que eu não tá muito chega perto de África, muita gente não tá com medo deles não, eu quero adaptar mais que no Brasil. Se Deus quiser eu quero ser brasileiro (risos).

Flavio: Se Deus quiser vai conseguir! Acurê: Amém.

Flavio: Então, tá. Você sabe se existe alguma associação, algum lugar que ajuda nigerianos aqui em São Paulo? Alguma igreja, como você falou, então é a Missão Paz, alguns lugares?

Acurê: Olha, algum lugar que eu saber.

Flavio: Só nigeriano, não? Especificamente nigeriano.

Acurê: Não, não, não. Pra nigeriano particular nunca vi, de tudo que eu já passei ajuda geral.

Flavio: Geral? Perfeito. Você sabe, mais ou menos, quantos nigerianos tem aqui em São Paulo? Você faz ideia?

Acurê: Eu não pode falar porque alguns falaram que aqui na São Paulo faz maior, maior nigeriano no Brasil, no São Paulo. Eu acho que pode ser mais... mais 500, porque antigamente como ele está falando não tinha muito como nesses tempos, quando o sistema liberar pra a chegar, um monte tá querer mora no Brasil, mostrar, trazer família agora para morar; as mais antigas falar que Brasil não era lugar pra morar só pra chegar fazer compra, fazer alguma coisa vai, mas agora um monte quer morar, um monte quer adaptar tudo sistema, um monte quer crescer família deles aqui, criança tudo aqui, cada vez alguns que já deixou família lá tá trazendo mesmo. Alguns que já ter filho brasileiro aqui, depois separa com mulher, pagar pensão, tal, tal, fala que tem filho lá, querem trazer outra família lá aqui, tudo querem morar aqui.

Flavio: Tá crescendo muito?

Acurê: Crescendo Brasil, já pra esses tempos Brasil tá crescendo, nota mais do jeito que tá antigo; que gente que tá com medo, que querem viajar, querem fugir, querem viver lá não agora, querem fica; muitos querem ficar.

Flavio: Você é casado? Ou não? Você tem filhos? Acurê: Eu tem filho lá. Eu tenho filho lá sim, aqui não.

Flavio: É bom saber. Você sofreu alguma experiencia de racismo aqui no Brasil? Acurê: Ah... racismo, sim, não aberto.

Flavio: Você pode relatar algum caso?

Acurê: Não aberta. No metrô, mesmo se tem lugar vazio, de preferência, a pessoa não senta e fica olhando pra seu rosto.

Flavio: Você percebe isso?

Acurê: Eu percebo, você fica calmo; alguns pessoas no ônibus tem vaga na sua lado, alguns preferem ficar longe, alguns vai e volta, é outra coisa, as vezes no lugar você vê

criança, eles ficam olhando você no jeito e de uma coisa, mãe ou pai já falou alguma coisa pra eles, eles fica olhando você como uma pessoa estranha, fica olhando assim. Mesmo se você dá risada ele vira, as vezes eu quero brincar com eles... aí eles vira, alguns tá com medo, pode ser que os pais já falou alguma coisa, mas tudo isso para mim é nada, mesmo no serviço muitas vezes a gente chama você “maxixi, africano, essa raça”, eu não sei o que é maxixi, depois que eu perguntar alguns países na África chamar maxixi “viado”... é mais pra mim eu nunca vi falar pra chamar a pessoa “viado”, sabe, mas alguns palavras comum eu não tá levando a mal.

Flavio: Tá, mas racismo é mais essa coisa assim à brasileira, né?

Acurê: Pra mim tem um monte de coisa que acontecer na supermercado, na lojas, no banco; você chega no banco para atender, já aconteceu comigo várias vezes, pra atender as pessoas vê que você que vai atender, ele vira as costas, você fica esperando ele sair pra mijar e ele volta “você está ainda”... ele... na hora que ele vai atender você, ele fica gritar mais do que você, só pra humilhar, a gente fica olhando “o que você quer?! Não tá entendendo?! Fala sua língua!”, um absurdo, um absurdo!

Flavio: Preconceito, racismo...

Acurê: Sim, eu falar pra você “ou você acabar de atender uma pessoa que falar mais baixo, na hora de atender você falou que é TAL, TAL”.

Flavio: Ah, é, já aconteceu isso com você?

Acurê: Ah... um monte de vezes, várias vezes, mesmo na supermercado; você passa a pessoa fica gritando só pra dá atenção pra tudo, você me humilhar!

Flavio: Que absurdo, absurdo!

Acurê: Eu falar “mano, você não me entender, até outra língua você vai entender inglês? Você vai entender o que? É isso, sua língua português, sua língua; eu tenho faculdade, eu tenho certificado já na sua língua, o que você não tem e se você quer escrever, escreve, a gente vê”.

Flavio: Você reage mesmo, Acurê?

Acurê: É, “se você quer, tudo o que eu quero falar eu não falar mais, eu escrevo, você escrevo, você vai ver que vai dá certo” a gente vai falar...

Flavio: Sim, sim. Poxa, muito interessante.

Acurê: Mas uma coisa que é... (risos) as vezes eu não tá ligando mais, eu não tá aqui pra brigar.

Flavio: Eu estou acabando já, tá. Só mais duas perguntas porque você tem que trabalhar, né? É, qual o seu relacionamento com a sua família? Você tem família aqui? E qual o seu relacionamento com a sua família na Nigéria? Como você se comunica?

Acurê: É... assim por rede social, né, WhatsApp, telefone... Flavio: Você tem família aqui no Brasil?

Acurê: Não.

Flavio: Sua família está toda lá? Acurê: Lá.

Flavio: Suas irmãs, sua mãe?

Acurê: Minha mãe tá ainda, é... só telefone, “zap”, a gente quando quer comunicar manda mensagem, “como está as coisas”, pra falar pra eles que tem que tentar chance porque eu não tá indo porque não tem documento pra sair voltar.

Flavio: Eles sabem o que você faz aqui?

Acurê: Eles sabem que eu trabalho... pra... eu também tem, eu também tem a vida deles, tal, pra mandar dinheiro, mesmo assim salário é muito pouca, mesmo você ganhando salário é muita pouca, mesmo pouco eu sempre ajuda, ah... eles sabem que eu não consegui voltar caso de minha processo. Na hora que minha processo poder dá pra mim viajar, eu voltar, mas agora não pode, eu não consegui viajar; é o sistema que tá no Brasil, né, então as vezes aquilo que é a sua causa não a causa de governo, mas a causa de pessoa que trabalha, que não dá olha, que trabalha direitinho. A governo não tem meu documento no Brasil, a governo não depende nada de mim, eu também não tá dependendo de governo; nunca foi abusar lei de Brasil, mas pessoas que tá mexendo meu documento não tá mexendo mais, fica parado porque eles não pode dá conta “o que tá acontecendo?”, ele não podem dá conta, nem deles, eles não tão nem aí com isso, é uma sistema, é uma sistema que você vai na Cáritas, ela vai ver verdade que você pedir no lei do Brasil, quando pedir nela a processo demora um ano e seis meses na era trocar governo, baixar de novo. Por trocar governo Michel Temer baixar mais a processo de documento de estrangeiro volta na Michel Temer, uma ano e agora volta na Michel.... Bolsonaro, não, Bolsonaro baixar de novo seis meses pra fazer, mas seis meses já tá mais seis anos; ninguém tá aí, mesmo governo tá mudando, ninguém tá aí.

Flavio: Ninguém tá nem aí.

Acurê: Ninguém tá nem aí, esse não é um problema de governo é problema de gente que trabalha dentro, é o sistema, o sistema de Brasil é assim, muitas vezes você vai

numa lugar, numa “office” gente fica brincando, gente fica na frente dele eles não querem saber, esse sistema fiscal não tá aí pra ver e ninguém não vai saber “por que você não tá atendendo? Por que você não tá fazendo?”, esse sistema de Brasil deixa ele faz o que ele quer, esse é uma sistema de Brasil, deixa ele faz o que ele quer, esse é uma sistema de Brasil, pessoal pode tá morrendo eles não tá aí, esse não é um problema de governo é problema desses que tá dentro.

Flavio: Essa observação sua foi muito importante como estrangeiro, muito importante mesmo.

Acurê: Na minha serviço também as vezes eu fico gritando “vai trabalhar! Vai fazer aquilo!”, o sistema do Brasil você não pode falar “deixa ele moleza”, mas a gente perdendo, a empresa tá perdendo, tudo tá perdendo, não quer saber, “deixa é o nosso sistema”.

Flavio: Muito legal, interessante. São as duas últimas perguntas, você gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei? Sobre o Brasil, sobre a Nigéria, sobre o Boko Haram, você gostaria de falar alguma coisa, o que você quiser, fique à vontade.

Acurê: Bem... sobre Boko Haram é... governo Nigéria não faz nada, o que governo faz é ajudar pessoas que trabalha no Boko Haram, governo dá educação, emprego, trabalho até paga para pessoas de Boko Haram ir morar em outro país, só que não faz nada para cidadão comum, não ajuda as pessoa em nada, é... inclusive governo pagar resgate de crianças que são tiradas da escola; então, pra mim, este problema não ter solução porque o governo apoio o Boko Haram, ajudar eles

Flavio: Então, essas notícias de que o governo paga resgate para libertar as crianças raptadas e que o próprio fornece armas para o Boko Haram são verdadeiras?

Acurê: Sim, na Nigéria todos saber disso. Ah... mas para mim aquele que eu gosto de falar de Nigéria hoje que pode ser brasileiro, não sabe ou nigeriano, não sabe, que ser humano precisa se defender... ah, é... a direito devia de ser igual, independente de raça, tudo governo... tudo governo de Brasil e de Nigéria, qualquer país, precisa defender o ser humano, de um jeito ou de uma porque um monte hoje, um monte de gente hoje tá doido, depressão, perder serviço, violência, roubado, perder emprego, matar gente vai preso, é causa de governo, governo tem que ser mais responsável do serviço que ele prepara. Eu agora penso falo por tá sofrendo mais que pessoa que tá preso caso de meu processo de documento, eu não pode fazer programa de manhã porque eu não sei quando ele vai dá esse documento porque meu documento não tá na processo, não tá

mexendo, porque se tá mexendo não vai demorar seis meses, mas já dura seis anos; por isso que eu fala “pessoas de cada governo tem ser mais responsável em tudo que ele pegar pra trabalho”.

Flavio: Tudo, educação, trabalho...

Acurê: Tudo! O lugar que você tá é governo que tem que falar com povo de cada país. Flavio: Ajudar o cidadão.

Acurê: Ser responsável onde você tá, se motorista não tá dirigindo mal levanta fala pra motorista “tem que ser responsável”, não pra prejudicar, não pra mandar ele preso, mais educar dele bem, ser responsável, ter o seu horário, se dá pra andar, se você tá caminhando tá conversando ser responsável, você pode perder vida a acidente, tem que ser responsável, não precisa ficar só governo, tudo lugar que você passa fala com gente, você é responsável, vai ajudar muita coisa de pessoas da rua porque é responsável de governo; você vê pessoas de África que tá saindo tudo lugar, tá morrendo na Itália, na Omã irresponsável de governo. As pessoas têm que ser aquele caminhando você pega pra ajudar povo fala “ser mais responsável”, tem que fazer alguma coisa pra quando você sair gente vai falar “nome limpo, ele trabalha, ele mexer”, aqui no Brasil a gente tá falando não tem era de Lula, a gente fala “Lula rouba, Lula é tal, tal”, mas lá a gente fala “Lula fazer Minha Vida Minha Casa , Bolsa Família ” são um pouco responsável.

Flavio: Sim, ter responsabilidade social.

Acurê: É, sim, ser pouco responsável, esse é mais pior porque muita gente não querem saber, gente fica morrendo; na era de Lula ele pode ser ele rouba, como muita gente fica falando PT , mas ele mexe “a casa minha vida”, alguns... Bolsa Família; mexer vida de gente no... uma... uma jeito. Para mim eu ter esse negócio de igreja é... Grupo Misericórdia Divina, a gente... fala com gente que você não pode morrer nessa situação, Deus tá indo pra ajudar você, ser um pouco responsável da sua vida, que as coisas vai melhorar, assim pessoa que tá lá na frente também ser um pouco responsável, não deixar sua criança “onde você foi, quando você volta”, ser responsável com pai, pergunta “cuida ele”, não deixar tudo pra ele lê, não deixa tudo pra governo, não deixa tudo pra escola, ser responsável como pai.

Flavio: Pela sua própria vida e com a sua família.

Acurê: Sim, começa com família, separou com mulher tudo bem, mas sua filha é a sua responsável, deixar mulher que quiser separar “cadê sua filha?”, pergunta a ela onde que ela tá, ser responsável ainda, essa é uma coisa que eu pode dar a esse país.

Flavio: Sim, perfeito. Só para acabar porque você precisar trabalhar, né, então tá, eu tenho a sua permissão para utilizar a sua entrevista para fins acadêmicos como pesquisa? Você permite que eu use?

Acurê: É, pode, se você não vai se contra porque acho que aqui que eu falei não é contra a lei ou contra pessoas.

Flavio: Você me autoriza então a escrever a utilizar tudo? Acurê: Pode, porque a gente precisa uma dos outros.

Flavio: Muito obrigado, querido. Então terminamos aqui a entrevista com o senhor Acurê, uma entrevista muito boa; muito agradecido. O horário agora são 13 horas e 50 minutos. E obrigado por tudo.

Flavio: Então, vamos começar a entrevista com o sr. Oxobô, no dia 06/05/2021 às 19 horas e 17 minutos aqui na Galeria Presidente no centro de São Paulo, ok. Oxobô, qual o seu nome completo?

Oxobô: Meu nome completo é Oxobô.

Flavio: Obrigado; qual é o significado do seu nome, Oxobô? Ele tem algum significado?

Oxobô: Significado? Flavio: É, “what meaning”?

Oxobô: Bom, meu Oxobô só brasileiro o nome, né. Flavio: É brasileiro.

Oxobô: É brasileiro nome. Flavio: Sim, e o Oxobô? Oxobô: Esse é Yorubá.

Flavio: Ok, ok. Tem algum significado o Oxobô, significa alguma coisa? “What meaning”?

Oxobô: Não, você colabora mais ou menos... ah, você tem saúde. Flavio: Ah, saúde.

Oxobô: É...

Flavio: Ok, “this means”... saúde, que você quer saúde, né, ok, obrigado. Quando você nasceu, Oxobô?

Oxobô: Hum?

Flavio: Quando, quando.

Oxobô: Você era criança quando tempo... Flavio: Sim, a data, “date”.

Oxobô: “Date”... olha... 5 de maio... dezoito, dezoito... 5 de maio. Flavio: 5 de maio, de que ano?

Oxobô: Dezoito... não, não, não, ah.... Flavio: Dezoito...

Oxobô: Dezoito do 5. Flavio: Dezoito do cinco... Oxobô: De 71.

Flavio: Dezoito do cinco de 1971?

Oxobô: 171. Ah, sim, “one, nine, seven, one”.

Flavio: “one, nine, seven, one”, ok, obrigado. Que lembrança você possui da Nigéria, Oxobô? Que lembrança você tem de lá? O que você lembra da Nigéria, da sua terra natal, o que que te lembra quando você fala “ah, Nigéria”.

Oxobô: Ah, lembra de Eu não tá aqui muito tempo, né.

Flavio: Você não está aqui muito tempo.

Oxobô: Entendeu, só tá num... num na Nigéria né; meu nome é Oxobô, meu pai.

Flavio: Ah, seu pai é Oxobô.

Oxobô: É Oxobô, entendeu, todo mundo quando fala pra mim “você não é nigeriano, você é brasileiro”, entendeu, são meu história ah, sou Oxobô.

Flavio: Oxobô é brasileiro?

Oxobô: É... se eu chegar aqui e vê todo mundo meu nome é “Oxobô, Oxobô, Oxobô” tem todo amigo, meu...

Flavio: O pessoal acha que você é brasileiro?

Oxobô: É... entendeu, né. Sou mais ou menos meu pai morrer, entendeu, sou mais ou menos eu tô aqui muito tempo. Eu tenho documento, vai e volta, entendeu.

Flavio: Entendi, e lá da Nigéria você lembra de alguma coisa? O que você lembra de lá? Oxobô: Não, Lagos... Lagos tem muito problemas agora lá...

Flavio: Aliás, de que cidade você é, Oxobô? Desculpa, em que cidade você nasceu? De que cidade você é?

Oxobô: Lagos. Flavio: Lagos? Ok Oxobô: Lagos.

Flavio: Ah, Lagos... ok. O que você lembra lá de Lagos, Oxobô?

Oxobô: Lagos você vai amar, você vive criança lá... É você lá tá no Lagos... tem um monte de gente, tem muito de... tem um monte de praia, é Lagos tem muito praia, muito praia...

Flavio: Tem muitas praias, é um lugar bonito? Oxobô: Sim, Lagos, muito praia lá.

Flavio: Tipo o Rio de Janeiro? Oxobô: É, é... é igualmente.

Flavio: Com o que você trabalhava lá?

Oxobô: Meu pai construção de casa... é eu ajuda ele, quando puder eu pago, entendeu, ele faz construção.

Flavio: Você o ajudava? Oxobô: É sim.

Flavio: Por que você decidiu sair da Nigéria? Por que você saiu da Nigéria? Oxobô: É... lá tá um monte dívida economia lá, mas quebrada.

Flavio: A economia estava quebrada?

Oxobô: Muito, quebrada no trabalho como se foi lá... tá difícil... é... de lá muito difícil né, pessoa vai escola, entendeu, é... aprender de certo caro, entendeu, não tem trabalho mais, só mesmo é difícil lá. Não tem luz mais.

Flavio: Não tem luz?

Oxobô: Não, só mais ou menos, mais ou menos, entendeu? Só tem de construção. Flavio: Entendi, você veio procurar uma vida nova.

Oxobô: Sim, sim, siga "next", siga "next".

Flavio: Perfeito, o que você sabia, Oxobô, do Brasil antes de vim para cá? O que você sabia do Brasil?

Oxobô: No Brasil aqui tem... tem... tradição com mesmo meu país... é Bahia, baiano, baiano, entendeu, comer acarajé, é mistura... mistura tá no Bahia, entendeu.

Flavio: A mistura está na Bahia, você já sabia?

Oxobô: É, (risos). Eu tenho muito amigo aqui, muito baiano, (risos).

Flavio: Você decidiu vir para o Brasil, você já falou, né, porque dessa experiência; alguém te ajudou a vir financeiramente? Alguém te ajudou? Alguém deu dinheiro para você vim? Alguém te ajudou...

"someone gave you support with money to come to Brazil"?

Oxobô: “My dad... my father is dead now... three eyer”.

Flavio: “Your father helped you with the money to come to Brazil”, seu pai é uma boa pessoa, “he is a good person”.

Oxobô: Yeah.

Flavio: Como foi a sua viagem para cá? Você veio de avião, você veio de navio? Oxobô: Eu preciso pegar dinheiro, é muito caro, né, você quer pegar... só sobra... só sobra dinheiro, pouco dinheiro; você quer pagar muita pessoa viajar em dezembro, entende, muito vai natal, feliz ano novo com família, entendeu, só que não sobrar dinheiro, não sobra dinheiro pro...

Flavio: Sim, é difícil, é muito caro. Oxobô: É, muito caro.

Flavio: Como foi a sua viagem para cá? Oxobô: Já falou.

Flavio: “Did you come by plane or ship”?

Oxobô: “I came”... eu vou aqui no Rio de Janeiro, é... tem carnaval lá. Em tradução, eu vou lá, entendeu?

Flavio: Entendi, ok. Você trabalhou com que quando você chegou aqui, Oxobô? Qual foi o seu primeiro trabalho?

Oxobô: Trabalho foi... trabalho tá no restaurante. Flavio: Lá era um restaurante nigeriano, Oxobô?

Oxobô: Não, não, (risos), aqui eu faz, aqui eu pago conta (risos).

Flavio: Ok, o que importa é que você trabalhou em restaurante. Você teve algum problema para se adaptar aqui no Brasil? Com a cultura? Com as pessoas ou não? Linguagem? Religião? Você teve dificuldade?

Oxobô: Não, não teve problema.

Flavio: Você teve alguma dificuldade com a língua quando você chegou aqui para falar o português?

Oxobô: Eu aprender... eu aprender português só... sozinho, fui a mercado tendo escuta tudo, entende tudo (risos), tudo.

Flavio: Você é casado?

Oxobô: Não, eu casar com brasileira e separar, eu não ver ela mais, entendeu, eu casar muito tempo lá, é... 2003 eu casar, essa data eu não engano.

Flavio: Você não é mais casado?

Oxobô: Ainda não.

Flavio: Ok, você se comunica bem, então, você fala bem o português?

Oxobô: Eu não, eu tá horrível em português (risos). Dá para quebrar os galhos, né. Flavio: Você tem família aqui no Brasil?

Oxobô: Eu ter irmãos... é... desculpa, desculpa... eu ter que falar isso, é muito tempo (emocionado)... Porque falar coisa que não é certo, eu querer falar isso a muito tempo, entendeu? Eu me marcou, sou só eu. Eu não morar mais lá no Cabo, eu já mudou para outro lugar a muito tempo; depois eu não tá com ela mais, depois ela me ligou me ter filho comigo. Eu ajudo, eu ajudo só dou dinheiro 100 reais por mês para ela, conta por ela, o importante é tá perto por aqui, entendeu? Eu mandar dinheiro, entendeu? Agora o que eu faz... o que eu faz de médico de sangue, de sangue por ser ela de minha aparência, você quer confirmar a identidade, você não pode só não saber se for ela o seu filho, ela faz problema depois "ah, você pega outra pessoa", (risos). Ah, agora ela encontrou a nova, quando eu casar eu vou passar por isso; outra criança cresce lá, quer estudar, não é só jogar na frente da minha casa como se eu comprasse um gatinho, você faz o que você ganha, você faz, entendeu? Eu trouxe alegria para criança...

Flavio: É menino ou menina?

Oxobô: É menina, Sófia, eu tá na cabeça, eu falar a verdade porque é meu coração, entendeu, eu não quero chegar a lado nenhum, lado direito, entendeu? Eu não falar coisa com nenhum.

Flavio: Obrigado por contar a sua história para mim, é muito interessante, obrigado por confiar em mim. Espero que de tudo certo. Como você mantém aqui a sua religião e seus costumes?

Oxobô: É, eu sou muçulmano. Flavio: Você vai em mesquita? Oxobô: Eu vá em jejum.

Flavio: Você faz jejum no Ramadã?

Oxobô: Eu vou a muito tempo, desde criança vou lá com meu pai, ele muçulmano, eu vai mesquita desde criança, minha mãe é... é só católica.

Flavio: Sua mãe é católica, certo. Oxobô: Já vai acabar?

Flavio: Só mais um pouquinho, por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver?

Oxobô: Na minha país São Paulo é o dinheiro, São Paulo e Bahia todo mundo... lá conhece, São Paulo é o dinheiro e Bahia... entendeu? Só não conheço não, só no meu país eu conheço São Paulo é dinheiro e Bahia...

Flavio: Onde você mora, Oxobô? Oxobô: Eu mora na zona sul.

Flavio: Em que lugar da zona sul? Oxobô: Taboão da Serra.

Flavio: Existe alguma associação de nigerianos que só ajuda nigerianos? Oxobô: Eu conheço.

Flavio: Você sabe quantos nigerianos vivem aqui em São Paulo? Oxobô: Ah! Bastante. Eu não sabe data.

Flavio: Muitos, ok. Você já sofreu alguma experiência aqui em São Paulo? Oxobô: Não, não.

Flavio: Você conhece o grupo Boko Haram?

Oxobô: Boko Haram? Ah, não conheço, só de televisão e internet.

Flavio: Agora é a pergunta mais importante, você gostaria de falar algo que eu não te perguntei, fique à vontade, pode falar o que você quiser.

Oxobô: "Brazil is good", é bom, é bom. Eu tomar água aqui, trabalhar aqui, pagar conta aqui, melhor do mundo.

Flavio: Ok, posso usar a sua entrevista para estudo? Para a faculdade da USP. Oxobô: USP zona leste? Butantã?

Flavio: Isso, eu posso usar a sua entrevista para fins acadêmicos? Oxobô: Pode sim.

Flavio: Então, terminamos a entrevista agora com o sr. Oxobô às 19 horas e 35 minutos. Sr. Oxobô muito obrigado.

Oxobô: Por nada, Flavio.

Flavio: Eu, Flávio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Otukpo, aqui no Centro da cidade de São Paulo, no dia 04/05/2021 às 15 horas e 40 minutos. Qual é o seu nome?

Otukpo: Meu Otukpo.

Flavio: Tem algum significado o seu nome, Otukpo? Otukpo: Pode ser que tem, mas não sei.

Flavio: Quando você nasceu? Otukpo: Dia 8 de agosto de 78. Flavio: Onde você nasceu?

Otukpo: Lá na Enugu.

Flavio: Que lembrança você possui da Nigéria, Otukpo?

Otukpo: Ah... lembranças boas, onde tem meu família nascer cresceu, sempre coisas boa.

Flavio: Sempre coisas boas? Otukpo: É...

Flavio: Infância, adolescência... você passou toda na Nigéria? Otukpo: Claro!

Flavio: Com o que você trabalhava lá, Otukpo?

Otukpo: Eu não trabalhava... eu sai lá como adolescente... Flavio: Você só estudava?

Otukpo: É.

Flavio: E por que você decidiu sair da Nigéria? Otukpo: Pra procura lugar pouco melhor... coisa assim.

Flavio: Para trabalhar? Um lugar melhor para viver?

Otukpo: É, isso.

Flavio: O que você sabia do Brasil antes de vim para cá? O que você conhecia? Otukpo: É... eu não sabia muita coisa não.

Flavio: Mas você conhecia o que? Futebol, por exemplo?

Otukpo: É, conhecer Brasil pela futebol mesmo... Mais pela futebol mesmo. Flavio: Tá, por que você decidiu vir aqui para o Brasil, Otukpo?

Otukpo: Decidi lá... amigos me convenceram vir aqui... aqui é um pouco melhor que Nigéria.

Flavio: E você acha mesmo que é melhor que a Nigéria? Otukpo: Por enquanto um pouco só.

Flavio: Um pouco só? Não muito diferente, né, Otukpo. Otukpo: Não, não...

Flavio: Os seus amigos te incentivaram a vir para cá, né, você recebeu alguma ajuda para vim para cá? Qualquer tipo de ajuda?

Otukpo: Do que?

Flavio: Financeira, para você vim. Otukpo: Do que?

Flavio: Para você poder vir, assim para dinheiro, passagem de avião. Otukpo: Receber o que? Eu não entendi esse pergunta.

Flavio: É... se você recebeu de alguém, se algum amigo te ajudou.

Otukpo: Ah, minha família mesmo. Porque eu não trabalhava, claro que não tinha dinheiro, então...

Flavio: Sim, sua família de ajudou?

Otukpo: É minha família que bancou viagem

Flavio: Que bom. E como foi a sua viagem? Foi boa? Otukpo: Foi normal, de avião mesmo.

Flavio: Escala também lá em Marrocos? Otukpo: África do Sul.

Flavio: Que atividade você exerceu quando chegou aqui em São Paulo? Otukpo: É na 25 vendendo brinquedos.

Flavio: Vendendo brinquedos, certo, o que você vende hoje?

Otukpo: Porque vende artigos africanos, comidas africanas, cosméticos importados. Flavio: Que bacana, é o que você vende aqui?

Otukpo: Aham, trabalha aqui na Galeria Presidente. Flavio: Sim, sim. Está fechado?

Otukpo: Está interditado pela prefeitura. Flavio: E por que interditaram?

Otukpo: Falaram que ela não tava obedecendo protocolo da da Covid.

Flavio: Sim, tem uma perspectiva de abrir, Otukpo? Otukpo: Até sexta-feira eles prometeram.

Flavio: Se Deus quiser, precisa, né, para poder trabalhar. Ok, obrigado. Como foi a sua adaptação aqui? Você sofreu alguma dificuldade com o costume, com a culinária?

Otukpo: É normal... é qui tem muitas coisas que acha dificuldade, pra nós é normal... porque nada é fácil, é normal, é esperado.

Flavio: Muito difícil, né, Otukpo. É verdade, muita dificuldade. Você sofreu alguma dificuldade com a língua? Você se comunica bem com os brasileiros? Como tem sido a sua comunicação? Como é a língua para você?

Otukpo: Hum... não sabia falar português, então você obrigado a comunicar, você se virava.

Flavio: Era difícil? Foi difícil? Otukpo: É, você tem que virar.

Flavio: E você fala bem com os brasileiros, agora? Quanto tempo faz que você está aqui, querido?

Otukpo: Tem 15 anos aqui no Brasil.

Flavio: 15 anos! Então você está meio brasileiro e meio nigeriano? Otukpo: (risos) É...

Flavio: Porque você é novo, né. Você se comunica bem com os brasileiros, você não fica só com os nigerianos não?

Otukpo: Não, não.

Flavio: Você se comunica bem. Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na sua terra natal? Você tem família aqui no Brasil?

Otukpo: Tem a minha esposa, tem meus filhos... Flavio: quantos filhos você tem?

Otukpo: 5.

Flavio: Tem cinco filhos? Otukpo: É.

Flavio: Que legal, qual a idade deles? Otukpo: tem de 12, de 10, de 7, de 5, de 3.

Flavio: Poxa vida, parabéns! E todos com saúde, graças a Deus? Otukpo: Sim...

Flavio: Como você mantém os seus costumes, a sua língua, a sua religião, a sua culinária aqui no Brasil? Como você mantém?

Otukpo: É... comida você faz em casa. Religião sou cristão, então Brasil é país cristão... então sempre tem igreja... então normal.

Flavio: Então, aqui é tranquilo para você? Otukpo: É.

Flavio: Ok, querido, obrigado; está acabando já, tá. Otukpo: Ok.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver, Otukpo? E onde você mora?

Otukpo: Eu mora aqui na São Paulo... escolhe aqui pela... as pessoas que me convenceram vier aqui, morava aqui no São Paulo. Então, você tem que vim onde conhecer alguma pessoa.

Flavio: Sim... você mora em qual bairro, querido? Otukpo: Morar aqui no centro da cidade.

Flavio: No centro mesmo, você gosta de morar aqui no centro?

Otukpo: É... você não pergunta por que você gosta, você pergunta por que você consegue. (risos)

Flavio: (risos) O que dá, né.

Otukpo: Se tiver eu gostaria de morar na Alphaville. (risos) Flavio: Gostei... Moema, né.

Otukpo: Gosta, ninguém gosta, mas você é obrigado.

Flavio: Boa resposta, tá certo, onde dá né, Otukpo. Você sabe se existe alguma associação de imigrante nigeriano aqui em São Paulo? Se existe, você sabe onde é?

Otukpo: Eu sei, existe, em São Miguel. Flavio: Em São Miguel?

Otukpo: É.

Flavio: Você sabe o nome dela? Você lembra, Otukpo? Otukpo: O nome dela... é... alguma coisa nigeriana prazer.

Flavio: E é perto da estação do trem? Perto do centro ali, ou não é em bairro? Otukpo: Também, me lembra Matarazzo, alguma coisa Matarazzo. Matarazzo ali.

Flavio: Você sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo? Você tem alguma ideia? Otukpo: Não.

Flavio: Você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil, Otukpo? Preconceito, racismo você já sofreu?

Otukpo: É... hum... só que eu não liga, mas sofre, sofre todo dia. Você é estrangeiro, você sabe que você é diferente... é você é negro, você é diferente, todo dia você passa por alguma, mas você tem que passar sim por essas coisas... eu não dá bola não. Enquanto isso não te prejudica na suas coisas você continua a sua vida.

Flavio: Você lembra de alguma vez que isto aconteceu?

Otukpo: Eu ter alguma coisa bem alarmante assim, mas diariamente você percebe que você é tratado diferente isso é normal.

Flavio: Você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia falar alguma coisa sobre o Boko Haram?

Otukpo: Eu já ouvi falar, mas não conhece... já ouvi falar que eu conheço que eu li no jornal, você lê pela internet; eu não tenho algum conhecimento pessoal.

Flavio: Ok. Você gostaria de falar ou comentar algo sobre o Brasil, sobre os brasileiros, sobre a sua vida... qualquer coisa que eu não te perguntei, pode ficar a vontade.

Otukpo: Ah... não... não (risos).

Flavio: Ok, então tá. Eu tenho a sua permissão para usar essa entrevista para fins acadêmico, só como pesquisa? Está pesquisa é no sentido de valoriza a cultura nigeriana e os nigerianos que estão em São Paulo.

Otukpo: Então tá bom, não tem problema.

Flavio: Muito obrigado. Então, nós terminamos aqui a entrevista com o Sr. Otukpo; o horário é 15h50.

Muito obrigado, Otukpo.

Otukpo: Tá bom.

Flavio: Eu, Flávio Luiz Landim, vou entrevistar a Sra. Warri, eu estou começando a entrevista às 18 horas e 5 minutos, aqui no Centro de São Paulo no dia 04/05/21. Qual o seu nome completo?

Warri: Meu nome é Warri.

Flavio: Qual o significado do seu nome?

Warri: Ah, Warri é nome inglês, né e o Warri significa “eu tô nem aí o que o povo fala, né”. É a minha avó que me deu esse nome, não sei o que aconteceu na vida dela na época, mas ela me deu (risos); e cresceu comigo mesmo, eu não quero nem saber (risos).

Flavio: Gostei, você parece bem brasileira. Então, quando você nasceu, Warri? Warri: Eu nasci em 14 janeiro de 84.

Flavio: Onde você nasceu? Warri: Lagos.

Flavio: Lagos, ok, a cidade mais populosa da Nigéria. Warri: É isso mesmo.

Flavio: Que lembranças você possui da Nigéria, Warri? O que você lembra?

Warri: Lembranças? Nossa, eu lembrar de tudo, toda hora, lembra de comida... porque a nossa comida é diferente, né... é lembra de comida, lembra da mãe, lembra do pai... lembra de todo mundo que tá lá, sempre. Eu nasci lá.

Flavio: Com o que você trabalhava lá? Warri: Eu mexer com cabelo lá.

Flavio: Com o cabelo?

Warri: Sim, eu transia, fazer trança... mexe com cabelo. Flavio: Por que você decidiu sair da Nigéria, Warri?

Warri: Então, decidi não. A minha tia tinha uma loja na época, loja é.... hum... 1,99, então ela me trazer para trabalhar com ela, aí eu saio para trabalhar, que ela tava sozinha aqui, ela precisar alguém pra ajudar de família, aí ela me trouxe.

Flavio: Bacana, e ela te pagou a passagem ou não? Warri: Ela comprou tudo pra mim, ela fez tudo.

Flavio: Nossa, ela é uma pessoa boa, hein? Warri: Sim, é a minha tia, tia de sangue.

Flavio: Até hoje vocês têm bastante contato? Warri: Sim...

Flavio: Qual o nome dela?

Warri: Benue. Ela mesmo nome comigo, ela é Teixeira que ela casou com brasileira, né, então ela é Benue.

Flavio: Como foi a sua viagem para cá? Você veio de avião? Warri: Vem de avião.

Flavio: Você fez escala em algum lugar?

Warri: Ah! Não lembro mais, 17 anos, não lembro mais onde que eu parei, mas vem de avião (risos).

Flavio: Foi uma viagem tranquila? Warri: Sossegado.

Flavio: Que atividade você exerceu aqui? Você foi vendedora na loja de 1,99? Warri: Foi.

Flavio: Como foi a sua adaptação? Você sofreu alguma dificuldade aqui com a culinária, costumes?

Warri: Ah... muito não; culinária é o que? Flavio: Comida.

Warri: Comida? Não, não precisa não... não sofre nada disso, só foi a diferença porque nosso país não fala o português, né, então nós já chegar aqui com os olhos abertos pra conseguir falar alguma coisa.

Flavio: Você não falava nada? Warri: Nada, nada.

Flavio: Ok, vou fazer uma pergunta nesse sentido, você teve muita dificuldade com a língua?

Warri: No ter, porque eu cheguei e teve muito interesse da língua diferente, né. Eu teve muita vontade de aprender, aí foi.

Flavio: E hoje você se comunica bem? Sua comunicação é boa, você se comunica com brasileiro também?

Warri: De boa, o que eu não entende eu pergunta como eu perguntei agora (risos), aí eu quero saber.

Flavio: Você é rápida para entender.

Warri: Sim, sim, eu acho que sou rápida mesmo, isso que aconteceu, eu tenho ouvido pra língua, isso sim.

Flavio: Então tá. Qual é o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria. Qual o seu relacionamento?

Warri: Minha família?

Flavio: É, você tem família aqui que é a sua tia, né. Você tem mais alguém? Warri: Eu tenho essa tia... eu tenho marido agora, tá casado com os filhos. Flavio: Ok, você tem quantos filhos?

Warri: Eu tenho dois homens... dois meninos. Tem um menino que nasceu na USP com 13 anos e o outro com 10.

Flavio: Seu marido é brasileiro? Warri: É nigeriano.

Flavio: Qual o nome dele? Warri: Temitope.

Flavio: Qual o significado do nome dele? Você sabe? Warri: Ah... meu... meu vida é motivo de agradecer Deus. Flavio: Muito bonito.

Warri: É Temitope meu... tipo a minha vida é motivo de agradecer.

Flavio: Como você mantém aqui os seus costumes, a sua língua e a sua religião? Você é cristão?

Warri: Christian, cristã, eu sou Yorubá, eu sou misturada... minha mãe é uma o pai é outro... eu sou misturado... Yorubá e Igbo.

Flavio: Ah, você é misturado, é a primeira pessoa que encontro que fala que é Yorubá e Igbo. Tem alguma cultura que você gosta mais? Ou gosta das duas?

Warri: (risos) Eu não crescer nenhuma, então não conhecer nenhuma diferença dele. Eu falo as duas língua. Então não tem nenhuma diferença pra mim, é tudo o mesmo.

Flavio: Então você fala 4 línguas, parabéns. E como você faz para manter a sua religião e a sua cultura?

Warri: Ah... eu vou convivendo com o nosso povo.

Flavio: Por que você conheceu a cidade de São Paulo para viver e onde você mora? Warri: Eita, eu não sei, não teve nada de escolhe porque eu não sabia onde que vou... não escolher nada, ela que comprou passagem, ela que fez tudo, só manda “vai para Brás” e eles me entrevistam, então vai comprar, né, ela me mandou, não sei de nada. Depois que eu cheguei aqui que eu sei que é São Paulo, que é a cidade... e nunca sair daqui, nunca tentar outro lugar, mas já viajou pro Rio, pra Brasília...

Flavio: Você gostou?

Warri: Gostei, só pra conhecer, mas... não conheço antes de chegar. Flavio: Entendo, e onde você mora, Warri?

Warri: Eu mora aqui no Osasco. Flavio: Você gosta de morar lá?

Warri: Na verdade eu já morar lá já quase 12 anos ou 13, então... costume de morar lá; pra mim não é longe (risos).

Flavio: Você sabe se existe alguma associação de nigeriano aqui em São Paulo? Que ajuda só nigeriano.

Warri: Não, eu não sabe não.

Flavio: Você faz ideia de quantos nigerianos vivem aqui em São Paulo? Warri: Vixe, não tem não,

Flavio: Você não tem ideia de algum número? Warri: Não tem como, é muita gente.

Flavio: Você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil?

Warri: Se eu já sofri? Ah, sim, esse daqui é parte do nosso dia, todo dia, né, é todo dia se sofre pela cor se não você sofre pela país que você vem... você já sofre pela cor que você... é né, então é assim mesmo... sempre, todo dia, na rua, no mercado você entra e o cara já levanta e fica de olho, parece que você já vai colocar uma coisa no bolso, sabe... só por causa de cor entendeu? Não é porque ele já sabe que eu sou uma estrangeira, não, mas pela cor ele já vai atras.

Flavio: Nossa, é sempre assim?

Warri: Sempre assim. É todo dia, nós se acostuma, já não olha. Flavio: O Brasil é um país racista?

Warri: O Brasil é. O pior é que a mesma cor é igual nos que olha parece “que lixo”, nos sempre tem aquela outro lado né, mas eu acho que não podia ter naquele lado o que é nosso também, porque não tem nenhuma diferença, mas sempre tem, sempre tem...

Flavio: É lamentável.

Warri: Fazer o que? É o mundo, né.

Flavio: Já está acabando, você conhece o grupo Boko Haram? Você tem alguma coisa para falar sobre ele?

Warri: Na verdade eu tô aqui no Brasil quando começar tudo isso, então eu não tem... nada e graças a Deus onde as minha famílias mora não tá passando nada disso, tá longe, eles estão na cidade, então na cidade não passa essas coisas né, graças a Deus.

Flavio: Você gostaria de falar, Warri, alguma coisa que eu não te perguntei? Da sua vida, do Brasil, da Nigéria, qualquer coisa que você queira falar que eu não te perguntei, fique à vontade.

Warri: Hum... nada não, eu só sei que nós somos tudo uma, vem de terra e vai na terra mesmo, então eu não achar uma pessoa superior de que eu né e eu de superior de que ninguém... não existe diferença nos somos todo igual, só isso, vem da Nigéria, vem do Brasil, vem de EUA... não importa é a onde Deus jogou você, mas é igual a todo nos, entendeu?

Flavio: Muito bonito o que você falou. Warri: Obrigada, obrigada.

Flavio: Eu posso usar a sua entrevista sua para a universidade para fins acadêmicos? Posso usar só como estudo a sua entrevista?

Warri: Pode.

Flavio: Posso? Você autoriza?

Warri: Pode!

Flavio: Tá bom, Warri, muito obrigado. Então, eu vou terminar a entrevista com a Sra. Warri, no horário de 18 horas e 25 minutos, obrigado.

Warri: Obrigada.

Okene: Bom dia, Flavio. Tudo bem?

Flavio: Tudo bem, prazer em conhecê-lo. Muito obrigado por participar da nossa pesquisa. Como o professor Paulo falou é uma pesquisa sobre imigrantes nigerianos na cidade de São Paulo, a gente pretende fazer um levantamento de toda a situação das pessoas, como você, vindas da Nigéria, então é isso, vamos fazer uma pesquisa bastante ampla e muito obrigado desde já pela sua participação. Prazer em conhecê-lo, viu querido.

Okene: Tá bom, prazer.

Profº Paulo: A princípio eu vou acompanhar, mas qualquer coisa eu estou aqui, né; mas quem vai conduzir a entrevista é o Flavio.

Flavio: Eu vou começar a gravar aqui, só um minutinho. Podemos começar a entrevista agora, Okene? Podemos professor começar?

Profº Paulo: Sim.

Okene: Pode começar, sim.

Flavio: Então eu, Flavio Landim, estou começando a entrevista com o senhor Okene, aqui em São Paulo, no dia 21 de agosto de 2020 às 10 horas e 6 minutos. Primeiramente, Okene, eu preciso saber qual é o seu nome completo, quando você nasceu e onde você nasceu?

Okene: Meu nome é Okene, eu sou nigeriano e nasci em no estado Lagos, Nigéria, eu cresci na mesma estado... Ahh... Eu educado em ensino médio, eu fazer na Nigéria também meu universidade Liben North American University, no República do Benin; eu sou contador.

Flavio: Ah, você é contador. Que lembrança você possui da sua terra natal? Okene: Da Nigéria?

Flavio: É, na Nigéria. Qual lembrança você possui da Nigéria, da sociedade nigeriana? Okene: Na terra da Nigéria é.... ah... é muito.... é muito que a gente sempre tem... ah... alegria. Família.... família ficava junto, por exemplo pra mim eu tenho mais irmãos também e minha irmãs nos outros estados e também na mesma estado estamos juntos e

as vezes ir no praia, ah... tem muito festa e isso tem muito vida nigeriano que a gente fazer isso.

Flavio: Então, quer dizer que você tem essas lembranças de festas, família e tudo mais, né? Muito bom.

Profº Paulo: Só uma pergunta, desculpa Flavio. Quantos irmãos e irmãs você tem mesmo, Okene?

Okene: Na verdade eu tinha três irmãos; a gente sempre faz festivais juntos, mas esse ano.... ah... ano passado meu outro irmão mais velha vem pro Brasil junto pra vida melhor, mas eu infelizmente perdeu ele por causa do Corona .

Profº Paulo: Então, ele faleceu aqui no Brasil por causa do Corona vírus.... Flavio: Uma tragédia.

Okene: Ele faleceu aqui no Brasil.

Flavio: A gente sente, claro, infelizmente, querido. Profº Paulo: Nossa solidariedade.

Flavio: Meus pêsames a você realmente. Deus te abençoe querido. Continuando, com que você trabalhava lá? Quais eram as suas atividades?

Okene: Não entendi, aqui no Brasil?

Flavio: É lá, você trabalhava com o que na Nigéria?

Okene: Ah... Eu tinha vários trabalhos antes, ah... eu já trabalhou como... ah... diante do... como chama? Com operação no geral e também a oficina... ah... montagem oficina. Flavio: Montagem em oficina? Isso é o que você trabalhava lá?

Okene: Sim, sim, lá. Eu já trabalhar com professor de inglês oito meses na Zâmbia. Flavio: E você dava aula para alunos em particular ou na escola? Como é que era? Okene: Escola.

Flavio: Ah, na escola, você gostava de dar aula lá? Okene: Sim, sim, gostava dar aula lá.

Flavio: Quais foram os motivos da sua emigração da Nigéria? Por que você decidiu sair da Nigéria e vir para o Brasil?

Okene: Na verdade, ah... na Nigéria a gente quando sai do universidade... ah, temos ah. não temos muito trabalho, entendeu? Quando a gente tem trabalho não tem muito benefício, salário é baixo, tem muito benefício que eu já tinha aqui, ah. por isso eu vim aqui pra Brasil.

Flavio: Então, lá tem pouco trabalho e pouco benefício, né.

Okene: Pouco trabalho, ah... não tem benefício, ah... salário muito baixo. Flavio: Você acha que nesse sentido está melhor aqui no Brasil, Okene?

Okene: Sim! Quando cheguei Brasil já tinha emprego de mecânico do patinete, outubro do ano passado até junho dessa mês. Ah... salário básico, R\$ 1.200,00, mas tem benefício que ajudar bastante do que nigeriano.

Flavio: Você é casado, ou não? Tem filho ou não? Okene: Ainda não casar.

Flavio: Ah tá, então é para você mesmo se manter aqui no Brasil? Okene: Sim, sim.

Flavio: Perfeito. Quais eram suas relações ou seus conhecimentos sobre o Brasil anteriormente? O que você sabia do Brasil antes de vir para cá?

Okene: Geralmente, futebol e samba, é... se eles gostar de música, samba, dança, festival, carnaval...

Flavio: Esses eram os seus conhecimentos? Okene: Sim, só isso.

Flavio: Ah tá, isso é o que você sabia do Brasil. Okene: Sim.

Flavio: E por que você decidiu vir para o Brasil? O que te incentivou? Você recebeu alguma ajuda para vir para cá?

Okene: Na verdade, minha irmã mais velha, quando ele vim aqui a dois anos passados ele vem pra tá levando eu e ele gostava Brasil, ah. ele também pensa que tem muita boa coisas aqui em Brasil. Ele só vem pra carnaval, ele gostava... ele disse ele que família dele vai voltar pra cá, ah. melhor educação pra crianças dele e ele falar comigo, sabe, que aqui é melhor do que nigeriano, por isso eu vim a cá.

Flavio: E você recebeu alguma ajuda para vir ou veio por conta própria? Okene: ãh?

Flavio: Você recebeu alguma ajuda financeira para vir ou você veio por conta própria? Okene: Na verdade, ah... meu pai tinha terra que a gente vende e colocá-los, por exemplo, pra ajudar nós pra vim aqui.

Flavio: Como foi a sua viagem e a sua mudança, Okene? Da Nigéria para cá? Okene: Da avião.

Flavio: De avião, ah tá. E você não trouxe muita coisa, só a suas roupas mesmo? Okene: Sim, só roupas, ah. alguns africanos roupa nigeriano pra vende.

Flavio: Ah tá, alguma roupa africana para vender. E chegando aqui no Brasil que atividade de trabalho você exerceu quando você chegou aqui.

Okene: Quando chegar aqui, ah... eu não tinha, ah.... trabalho, eu começar, ah... primeira com aula de português, ah... eu fui no Missão Paz e, ah... ele vai pra Sesc Consolação, ah... pra me ajudar a falar português e entende português bem, ah... ai depois começar a trabalho.

Flavio: e foi difícil aprender o português, Okene, e a adaptação? Foi difícil a adaptação? Os costumes, as pessoas, a língua?

Okene: É difícil o português, mas eu sou pessoa que acredito, quando eu colocar na minha cabeça pra entende qualquer coisa eu vou entende, ah... eu estou aqui eu não pode voltar pra minha África, daí eu não tenho outra coisa só pra esforço meu pra entende essa língua, entende?

Flavio: Você é uma pessoa muito positiva, acredita em você. Você está gostando? Você se adaptou? Você achou muito difícil ou não essa adaptação? O que você achou?

Okene: Tem que adaptar, eu tem que adaptar.

Flavio: Muito bom. Então, você faz o possível para se adaptar e é isso aí mesmo, né, é um objetivo seu.

Okene: Sim.

Flavio: E qual é o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria, na sua terra natal?

Okene: Agora eu na.... é.... esposa da minha irmão ainda aqui com dois filhos, então ah... as vezes o fim de semana eu ir pra visitar eles e voltar, ah. todo fim de semana eu sempre ligar a minha mãe, minha irmãos lá também pra falar sobre coisa de lá isso. Flavio: E eles estão bem lá? Como eles estão lá em questão do Corona Vírus? Estão todos bens?

Okene: Eles está tudo bem. Não, não tem muito a casos do Corona lá, pouco, pouco. Flavio: Muito pouco.

Okene: As coisas já vota a normal, já, já volta, as coisas já volta. Flavio: A esposa do seu irmão mora em São Paulo também?

Okene: Sim, sim, ela mora aqui Brasil. Flavio: Então é fácil de você visitá-la? Okene: Sim, ela mora no perto do Butantã. Flavio: Perto do?

Okene: Butantã.

Flavio: Entendi, e como você mantém, querido, os seus costumes, a sua língua, a sua religião, está questão da culinária aqui no Brasil? Como você faz para manter aqui em São Paulo os seus costumes típicos da Nigéria?

Okene: Ah, sim. Quando eu falei com a minha... ah... a esposa da minha irmão, eu sempre falar a minha língua Yorubá... eu sempre falar..., mas a religião as vezes eu ir o igreja metro.... metro.... não lembrar desse nome... metro. metodista.

Flavio: Ah, metodista, igreja metodista. Você vai na igreja metodista? Okene: Sim, sim.

Flavio: E a onde é esta igreja aqui em São Paulo?

Okene: No... é José Bone José Bonifácio perto entre a Corinthians-Itaquera.

Flavio: Ah, Corinthians-Itaquera, zona leste né, ok. E a culinária como você faz? Quando você quer comer alguma coisa típica da Nigéria como é que você faz? Você vai a algum restaurante ou você mesmo faz?

Okene: Ah, eu sempre fazer comida nigeriana, eu gosto muito, sempre. Flavio: Você sente muita saudade das comidas de lá?

Okene: Sim, isto causa saudades, muito, porque aqui não tem tudo comida que eu sempre... ah. comi lá, mas alguns que eu possa fazer eu sempre fazer.

Flavio: Ah tá, assim você mata a suas saudades e a sua vontade de comer, né? Okene: Sim(risos).

Flavio: Você sabe me dizer se existe ou já existiu alguma associação que ajuda os nigerianos aqui em São Paulo? Alguma rede de apoio, alguma entidade para ajudar os nigerianos aqui em São Paulo?

Okene: Não entende.

Flavio: Você sabe me dizer se existe alguma associação de só nigeriano, que ajude os nigerianos aqui em São Paulo?

Okene: Ah! Agora eu entendi, mas no, no eles, ah.... como chama, ah... eles ajuda sobre... ah.... que é, ah.... como chama?... No ajudar pra trabalho, mas sim pra fazer qualquer tipo de negócio... oh... ah... se eu quero, sabe, como coisas a funcionar aqui eles me dá... ah. avisa, avisa as vezes, sim.

Flavio: E quem são eles? São amigos, quem são?

Okene: Eu tem dois prima aqui no Brasil, eles, ah... morar aqui, ah... tipo ah. 18 anos, muitas vezes eu falar com eles pra ajudar.

Flavio: Ah, mas não é assim entidade ou local que você vai que ajude só nigerianos você não conhece?

Okene: Não.

Flavio: Não conhece, né. Especificamente nigerianos não?

Okene: Não, não. Eu conheço, mas eu não tenho muito, ah... amizade com nigerianos aqui.

Flavio: Você não tem. Entendi, ok. Você sabe quantos nigerianos vive em São Paulo? Você tem ideia do número de nigeriano que tem aqui? Ou não?

Okene: Não, eu sei... é muito, mas não sei a qual, sabe, eu não sei tudo que nigerianos está aqui na Brasil, sabe por quê? Muitos morar em diferentes lugar... eu não sei tudo.

Flavio: Ah, tá. São muitos lugares e você não faz ideia aqui em São Paulo quantos mil tem aqui, você não faz ideia do número de pessoas?

Okene: Não, não.

Flavio: São muitos?

Okene: Ahn?

Flavio: São muitos?

Okene: Sim! Muitos, muito, mais do que 100, mais... mais, mais 200, é... Flavio: 1000, talvez?

Okene: Mais... ah, tudo.

Flavio: Talvez, você ache que pode ser mais de 1000? O que você acha? Okene: No, no, 200, mais de 200.

Flavio: Mais de 200. Okene: Sim.

Flavio: Ah, ok querido, muito obrigado. Deixa-me te fazer uma pergunta para você, por que você escolheu vir para a cidade de São Paulo, de viver aqui, Okene? Especificamente São Paulo? E não Rio, não Bahia.

Okene: Quando tem muito empresas, mais do que o... Rio de Janeiro... Entendeu? Rio, os dois primo que eu, sabe, eles morar aqui no São Paulo, também. Eles sempre falar que aqui é melhor do que outro estados.

Flavio: Tem mais empregos, tem mais trabalho. Okene: Sim, sim.

Flavio: E é o que você buscou? O que você precisava, né? Okene: Sim.

Flavio: Ah, e graças a Deus você também já conseguiu um trabalho e se firmou, isso também foi muito bom, né. Eles tinham razão né.

Okene: Sim... (risos). Verdade.

Flavio: Que bom. Você não sabe se existe uma rede apoio, que como você falou, que apoia os nigerianos, você não sabe? Uma rede de apoio não tem?

Okene: No, eu não sei, não sei.

Flavio: Para ajudar se adaptar, assim rede de apoio lá na Nigéria você também não conhece, tipo daqui de São Paulo para Nigéria.

Okene: No, no, não conheço.

Flavio: Também não conhece. Deixa-me fazer uma pergunta, você chegou em outubro do ano passado aqui, é isso?

Okene: Ahn?

Flavio: Você chegou ano passado aqui?

Okene: Sim. Maio, eu cheguei Brasil em maio, sim.

Flavio: Tá, maio. Queria saber se você sofreu algum problema de racismo aqui no Brasil, se aconteceu alguma situação com você de preconceito?

Okene: “eu encontrei quando trabalho como mecânico... ah, a maioria as minhas colegas as vezes falar “Negão”. As vezes eles falar... ah... como se chamam? Ahhh... se eu... ok. Essa trabalho a gente tem que fazer junto, quando eu começar eu não posso falar muito tempo português, então as vezes eles pergunta sobre meu país, ah... o que tipo... “se pessoa que mora lá tem comida, se usa roupa, se usa, ah... tem macaco lá.”.

Flavio: Eles acham que você morava na selva? Que você morava em uma tribo, é isso? Okene: Sim.

Flavio: Então, eles achavam que você morava na selva.

Okene: Eles perguntar vários tipo é... parece que eu não tive universidade, é... como a nigerino, tudo África, tudo é um país. Eles pensa que só de nigeriano é pouquinho estado, o norte é... que a escola norte bom coisas não tem papo e coisas assim, eles sempre olha, me olha, ah... pareça... eu... eu ainda não vi bom coisas no vida, entendeu? Flavio: É um absurdo, entendi. É um absurdo achar que você morava em uma tribo ou alguma coisa assim, né. Entendi, mas aqui no Brasil aconteceu alguma coisa de você ir em um mercado e o guarda ficar te olhando ou alguma coisa assim, Okene ou não? Você chegar e sofrer algum tipo de preconceito aqui com você no Brasil, algum tipo de racismo com você, ou não?

Okene: Eu ainda não encontrei coisas assim. Flavio: Com você nunca aconteceu?

Okene: Não, só no trabalho, mas quando eu ir no supermercado ninguém vai falar, ah... se eu não falar bem eles vai perguntar “o que país você vem”, é isso.

Flavio: Ah tá, no máximo é isso? Que bom. Então é isso, você gostaria de falar mais alguma coisa que você não falou sobre você, sobre a sua vida, mais alguma coisa que você gostaria de contar para gente.

Okene: Ah, eu quero continuar a estudar aqui, eu quero indo fazer a minha mostras e... ah... eu quero trabalho também porque perder trabalho por causa do corona.

Flavio: Você quer continuar trabalhando e estudando, botando a sua vida para frente aqui né?

Okene: Sim.

Profº Paulo: Flavio, se me permitir eu vou fazer uns complementinhos para ele. Flavio: Claro.

Profº Paulo: Okene, você falou que quer continuar a estudar aqui, fazer mestrado, né. O que que tá te impedindo neste momento de estudar, por que você não consegue neste momento fazer o seu mestrado aqui no Brasil? Conta para a gente.

Okene: Pode repetir por favor.

Profº Paulo: Você disse, eu te perguntar o que você quer fazer no Brasil e você falou que quer continuar a estudar aqui, você fez a universidade no Benin, né.

Okene: Sim, sim.

Profº Paulo: E agora você gostaria de fazer pós-graduação master, um mestrado aqui no Brasil, por que neste momento você não está fazendo isso?

Okene: Ah, porque, ah... quantas vezes quando eu perguntar por a maioria ONG eles vai falar que eu tem que ter a revalidação, ah, se eu não tenho validação do diploma eu não pode avançar. Ah, só isso.

Profº Paulo: Tá certo. Então falta revalidação do diploma para você poder estudar, né, fazer o mestrado. Ai mais outras questões que eu queria te colocar, você falou que quando você chegou você foi para a Missão Paz, né, e lá você estudou português, é isso?

Okene: É isso.

Profº Paulo: E na Bibli-ASPA em que momento você estudou português, está estudando agora lá? Conta para a gente.

Okene: Sim, eu estudar agora na Bibli-ASPA, eu começar, ah.... eu comecei ano passado também.

Profº Paulo: Você começou ano passado a estudar lá? Okene: Clássico dois, eu começou no intermediário.

Profº Paulo: Tá, e como está o curso lá para você? Estes cursos te ajudam a falar melhor português? Como é o curso de português para você?

Okene: Ajudar bastante, porque a professor sempre fala sobre música antigo, coisa que já aconteceu no Brasil, ah... como, ah... ouço música, ah... falar coisas que aconteceu pra mim quando eu chegar aqui e... é isso. E coisas que aconteceu na Nigéria também, ah... talvez a mesma sentido, coisas que aconteciam antes colonizador e aqui no Brasil também, quase a mesma, ah... coisa. Eu posso ir pra coisa pra ele ensinar.

Profº Paulo: Então você vê pontos em comum entre a história do Brasil e a história da Nigéria, é isso? Efeitos do colonizador e opressão são histórias que tem semelhanças, interessante. E aí sobre as suas dificuldades de adaptação para viver no Brasil, você diria que a questão da língua é a maior, uma das maiores ou não?

Okene: Da língua portuguesa?

Profº Paulo: É, por exemplo, a gente perguntou, o Flavio perguntou para você quais as maiores dificuldades de adaptação sua no Brasil, e aí eu te pergunto se a língua, a necessidade de falar a língua portuguesa se isso é uma dificuldade, uma barreira, um obstáculo para você?

Okene: Sim, é, porque, por exemplo, quando eu, ah... inscrição pra trabalho as vezes coisas que eu lê pra... ah... coisas que, exemplo coisas pra contador, administração eu não posso fazer porque eu já fiz no Nigéria, a pois, mas aqui porque eu não pode falar muito bem, ah... eles não vai aceitar meu trabalho lá, porque eu ainda não falo escrevo bem o português, entendeu? Mas essas coisas que eu já fiz cinco anos atras.

Profº Paulo: Perfeito.

Okene: Antes que é... parar cidade pra mim.

Profº Paulo: Certo, você falou sobre a questão de racismo, né, a experiência do trabalho, de passar por situações de racismo, de te chamarem de “negão” que tem uma visão da Nigéria totalmente estereotipada, né, e aí pelo que eu entendi você disse para os seus colegas de trabalho que você fez universidade, é isso? Que você estudou, que fez faculdade e qual era a reação deles quando você dizia, imagino que você explicava para eles que a Nigéria tem boas escolas, educação, que você pode fazer universidade

também, seja na Nigéria ou no Benin. Como era a reação deles, ou é quando você explica ou quando você tenta falar sobre a Nigéria.

Okene: Eles não acredita (risos), porque, ah, minha colegas, ah... tudo não ir no universidade, só chefe do bar e ir no faculdade que ele cuidar de nós, administra trabalho pra nós; eu e ele mesma nível, mas outros não ir a universidade, eles... eles... é... como chama? Nível básico, mas quando eu começar eu pensar que eu e eles é a mesma nível, mas quando eu falei eles não consegui acredito que eu ir no universidade, só as vezes eu falar com chefe, chefe as vezes falar inglês, ele entende bem, ah... ele também quer sabe já possua sabe Nigéria, ele sabe que Nigéria não mesma coisa que o África, não sei se ele, Nigéria dentro África, África é longe, mas pra minhas colegas eles sempre pensa que Nigéria é a mesma coisa tudo, África é um país.

Profº Paulo: Entendo, Okene a sua idade mesmo? Acho que gente não, quantos anos você tem atualmente?

Okene: Eu tenho 39 anos.

Profº Paulo: 39, está ótimo. Muito bom, acho que da minha parte também está bom; só te dizer que eu já conversei com o Pedro e com o Kessy e a gente já está indo atras da questão da validação do diploma, tá, e a gente espera ter alguma notícia em breve, mas a gente já iniciou esse processo de tentar conseguir a revalidação do seu diploma para você ter seu direito básico de fazer o seu mestrado.

Okene: Obrigado, obrigado.

Flavio: Estou torcendo também para que dê tudo certo tá, Okene. Desejamos que dê tudo certo para você fazer essa validação aí né.

Okene: Tá bom, obrigado.

Profº Paulo: E a última pergunta, você quer explicar alguma coisa sobre o seu nome, alguma... o que significa o seu nome?

Okene: Okene significa que, ah... coisas ruins, ah... tem que aconteceu quando minha mãe, ah... teve me, me teve, ah... coisas ruins eu, ah... eu quase morri, mas Deus não permiti, então ela disse “graças a Deus a coisas ruins não aconteceu”, quando ela também teve filho.

Profº Paulo: Ótimo, isso em Yorubá, Okene? Okene: Sim, sim, em Yorubá.

Profº Paulo: E aí o Okene?

Okene: Okene significa, ah... Deus me ama.

Flavio: Muito bom.

Profº Paulo: Olorun é Deus, femi “me ama”? Okene: Olorum “Deus”, femi “amor”.

Flavio: Ah, muito bonito.

Profº Paulo: Ótimo.

Okene: Se eu falar “i love you”, mover Deus temi, Deus quer, é... Deus, é... Deus me amor, é isso.

Profº Paulo: Belo nome, parabéns viu.

Okene: Qualquer pessoa pode falar “Okene” Deus me amou. Flavio: Deus me ama, sei, muito bom.

Profº Paulo: Obrigado por nos ensinar, Okene, muito obrigado; e obrigado pela entrevista.

Flavio, você tem mais alguma pergunta, está tudo bem?

Flavio: Sim, eu quero só assim para terminar que foi um prazer te conhecer, tá, você é uma pessoa muito simpática, muito cheia de vida, parabéns pelo o seu otimismo, pelo o que você é. Então, eu queria saber só duas coisas: eu queria saber se tenho a sua permissão de utilizar sua entrevista para fins acadêmicos da Universidade de São Paulo, Okene, onde o professor Paulo leciona, e ele é o meu orientador, eu posso utilizar para fins acadêmicos essa pesquisa, Okene, na Universidade de São Paulo?

Okene: Sim, pode.

Flavio: Tá ok, eu gostaria de saber também se você teria uma outra pessoa, outros amigos para indicar para gente para fazer a mesma entrevista, querido; você indicaria outras pessoas para a gente, para o professor Paulo.

Okene: Eu vou falar com o minha outro amigo que ele quer fazer a mesma entrevista assim.

Flavio: Tá ok, muito obrigado. Então você tem mais alguma coisa professor que queira falar com o Okene?

Profº Paulo: Só agradecer mesmo mais uma vez e uma ótima semana para você, Okene. Espero te dar notícias boas em relação a validação do diploma quanto antes.

Okene: Obrigado.

Flavio: Estou torcendo por você aí também, tá. Então nós vamos terminar agora a entrevista né, com o senhor Okene, que é um nome muito maravilhoso, né Okene, e muito obrigado por tudo, foi um prazer, obrigado.

Okene: Muito obrigado também, boa semana para você também.

Profº Paulo: Brigadão, uma ótima semana. Flavio: Obrigado, fica com Deus, tchau.

Okene: Tchau.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o sr. Jalingo aqui no Brás no dia 24 de setembro as 14 horas e 24 minutos. Qual é o seu nome completo?

Jalingo: Meu nome Jalingo é o nome do meu apelido, mas o meu nome de verdade Jalingo. Eu sou nigeriano.

Flavio: Tem algum significado o seu nome?

Jalingo: O Jalingo é “deixa tudo para Deus”; Mama, significa Mama que é sobre meu nome “o que odiava o Diabo”.

Flavio: Onde você nasceu?

Jalingo: Eu nasci no cidade de Enugu, Nigéria. Enugu é um estado. Flavio: Você nasceu em Enugu, que lembranças você possui da sua terra?

Jalingo: Ah, é, eu sempre tenho saudades dos meus filhos. Eu gostaria de ficar com família né. É então, meu cabeça nunca perdeu de olhar fotos do meu mulher, filhos, é mais como que é lá também é muito difícil a gente sente falta de fábricas, falta empregos, aí nós que conseguimos viagem a gente sempre para buscar coisas para familiar.

Flavio: Você veio sozinho? Jalingo: Eu vim sozinho, sim. Flavio: Quantos filhos você tem?

Jalingo: Eu tenho três filhos. A primeiro tem 14 anos agora, a segunda 8, a terceira tá com 7 anos, porque ele tinha 3 meses quando eu saí. Ele não me conhece.

Flavio: Qual o nome deles?

Jalingo: A de primeiro Anambra, a segunda Awka e o terceiro Niger. Flavio: Então quer dizer que você sente muita saudade da sua família? Jalingo: Muito, muito, muito, muito.

Flavio: Você lembra muito de lá?

Jalingo: Sim, sim. Lá é meu terra (risos). Eu tenho muito saudade do familiar., mas é meu filho, entendeu? Eu tenho demais.

Flávio: Claro, sinal de que você é um pai amoroso. Jalingo: Isso, isso, isso.

Flavio: Que atividade... com que você trabalhava lá?

Jalingo: Lá eu sou é interior decorado. Eu técnico, eu sou costureiro de “cotina”, de “cotina”, eu já fui também no China, lá também manda muito fábrica que manda construir clothing de “cotina”. “Cotina” du janela de casa.

Flavio: Ah, janela de casa, cortina. Jalingo: Isso, isso.

Flavio: Você trabalhava com cortina lá? Jalingo: Isso, eu tinha lá um loja lá.

Flavio: Ah, você tinha uma loja. Jalingo: Isso.

Flavio: E o que aconteceu com a sua loja?

Jalingo: É, então, eu não consegui pagar aluguel, e até eu ver mudar cidade; volta na “mema” cidade que perto onde eu fui nascido. Você entendeu? Por causa de quando político governo não está anda bem, aí vai enfrento outro coisas que você faz.

Flavio: Claro, como aqui no Brasil, né?

Jalingo: É, mas Brasil é um paraíso no céu (risos), no mundo... um paraíso entendeu? É que existe no mundo, você entendeu? Porque da África eu não conheço do outro lugar, mas Nigéria é um inferno, muito (risos).

Flavio: É mesmo, sério?

Jalingo: Sim, sim.

Flavio: Muita dificuldade? Jalingo: Muito, muito.

Flavio: Qual você acha que é a maior dificuldade na Nigéria? É o trabalho? É o que? Jalingo: É, é tudo, é por exemplo: para você tomar água potável é difícil e estrada, tudo tá ruim, eletricidade você não consegue, então todos, todos. O governo não ajuda nenhum e eu vim aqui vi que é o povo de nos crianças aqui estuda de graça; lá meu três filhos estuda na escola particular, é muito caro, eu tenho que pagar todos para ele consegui... ter educação bom. Entendeu? É por isso que eu não vou desistir, é esse quero de matar saudade e... alguns já caem em coisas que ele fica muito triste porque quem que não tem paciência em... eu crio em Deus. Eu tenho “fé”. É para você... anda com Deus, se você conhece a Deus, você tem que ter paciência. Bem, muito paciência! Eu trabalha com paciência, se você perder paciência daí você não vai conseguir nada.

Porque esse tempo de ficar longe de família é uma tentação, então se você não é uma pessoa que conhece a palavra de Deus bem, bem, aí você vai tomar, tomar. (risos).

Flavio: Decisões erradas?

Jalingo: É isso aí. Então mais pelo menos tendo uma palavra que meu pai sempre usa: a gente tem um palmeira... é palmeira, que é tem um jeito que a gente faz de conseguir vinho e se chama vinho branca de árvore palmeira, e esse vinho é caí assim: pinga, pingando. Para você sabe já tá tem muito dois, três litros e você não sabe com chegar lá, então meu pai diz que tendo um truque que ele mata árvore de palmeira que fica caí muito, mas esse que caí muito fecha rápido, seca e acabou. Mas aquela que pinga sempre demora três, cinco meses antes de fechar, então ele sempre quando me lembra isso é melhor de ficar pegar aquela vinho pingando devagar, mas do que o outro que caí rapidinho que pode fechar e morrer (risos).

Flavio: Excelente. É um ensinamento muito bom, né? Jalingo: É, obrigado.

Flavio: Então, quais foram os seus motivos de migração da Nigéria? Foi de emprego mesmo? Você acha? Qual motivo por que você veio para o Brasil?

Jalingo: Eu motivo sempre é pra buscar dinheiro de ajuda família, primeiramente, mas eu tenho chamado, eu sou pastor, eu tenho chamado, você entendeu? Que antes de vim aqui eu comprar um terra no estado capital que se chama Abuja na Nigéria. Aquela terra tá lá, aquela terra é pra igreja, você entendeu? Eu compro em 2002, já foi a muito tempo, então aí sabe que é ministério né? Uma coisa que você pode é pode levantar rapidinho, você entendeu? Muitas coisas, muito, muito coisas, e aliás, no tempo que eu saí de lá a mesmo é foi tem coisas que foi acontece pra mim sair de lá, acontece na cidade quando eu deixar capital Abuja, foi no estado que chama Kogi. Tudo bem? Tá da ora e você (risos)? É falou. Aí aquela cidade pequena se chama que tá no Kogi estado, aí tinha um igreja lá, aconteceu coisa ruim que se não for Deus eu não vou viver hoje, esse acontecimento tem 3 pessoas que morreram, que morreu esses pessoas é de mulçumano, porque a pai do desse familiar é mulçumano consegui de muito mulheres, fazer muitos filhos, aí ele que vende aquela terra. Não é construção igreja é um templo, mas quando ele morrer a família começa a brigar entre eles, mas este terra já tem um problema porque a mascletà dele essa igreja, entendeu? Aí ele achou que nos barulhos não iam incomodar ele, entendeu? Mas a gente sempre entendeu-se normalmente, mas só que a gente esse vai levanta muito acontecimento que foi chama a polícia, chama a

primeira, o segunda, especialmente quando tinha programa atividade da noite, entendeu? Chegou um dia que ele foi queimou, não é que ele queimou uma vez, queima dois até três, terceiro vez, aí que depois acontecimento ele começa a me procurar onde eu mora que pessoal me aviso que se ele chegar aqui e me encontra que ele vai me “lascar”; então o que eu faz? Eu sumi. Aí eu sumiu, ai eu outro dia fui na Abuja, fui padre igreja católica mesmo que me ajuda para buscar o visto de vim pra qui.

Flavio: Você é cristão, mas o padre é quem te ajudou?

Jalingo: O padre disse que me ajuda, entendeu? Ai, primeiramente, é uma coisa de privar, que eu não sempre falar tudo, entendeu? É esse mesmo que me deixa, eu já tá viajando, mas esse que me deixa mesmo de vir aqui.

Flavio: Que realmente foi o motivo maior de você vir? Jalingo: Isto.

Flavio: Claro, porque senão ele poderia fazer um coisa ruim com você.

Jalingo: Sim, vamos supor se eu voltar lá hoje, eu não vou entrar naquela estrada, porque eu já ganhei um juiz, já ganho tudo, aquela terra vai ser sempre.

Flavio: Em Abuja?

Jalingo: Não, em Kogi na cidade de Dekina. Flavio: Isso aconteceu em Dekina?

Jalingo: Dekina! Então ele até tá lá, mas ele não pode mexer porque a prefeitura tudo já tá prontinho. Se entendeu? Então é só isso.

Flavio: É uma história incrível. Realmente uma história diferente. Bem, quais eram as suas relações e seus conhecimentos com o Brasil antes de você vir para cá? O que você sabia do Brasil?

Jalingo: Como que experiência que eu tenho? Ou como eu chegar?

Flavio: É o que você conhecia do Brasil, qual o conhecimento que você tinha?

Jalingo: Ah... (risos). Quando a gente fala eu tá agora, né, e tenho grande testemunha, testemunha que eu tô falando é um milagres, eu já experimentou muitas coisas aqui, que já aprendi na minha vida. Brasil é um lugar abençoado, que tudo mundo que precisa de conhece o Brasil, mas depende motivo Brasil é um terra que abraça todos, que abençoa todos, que pode vir a ser o destino para você viver bem de novo. Eu chegar aqui começa a trabalhar primeiro eu fui trabalha com meu área de costureiro, trabalhar 3 meses sem registrados, aí depois sai trabalhar no empresa lâmpada um ano, aí depois arruma serviço é de segurança na faculdade ganha dois bolsas, então esse faculdade muda tudo

minha vida hoje como eu entra na faculdade sem escrever, sem falar nada, sem entender, mas depois de 6 meses aí eu começar devagar como bebezinha que tá querendo andar, aí eu fiz em primeiro enfermagem, tranquei em 4º semestra, aí depois que na verdade eu quero ser professor de inglês, esse é meu sonho só que horário não bate, aí quando a faculdade troca horário do meu serviço pra mim ficar noturno, aí eu tranquei enfermagem e pegar letras, aí eu continuar a estudar chegar no 3º semestra que foi em 2018, né, aí que faculdade terceirizou segurança e limpeza aí um muito de nós foi demitido, aí eu ficar depois segurar desempregado, aí eu já manda currículo porque eu já fiz curso de técnica de eletricista, aí eu manda currículos, eu fiz curso de panificação também.

Flavio: Você tem vários cursos profissionalizantes, então?

Jalingo: Isso, só que eu não consegui, pra não ficar parado aí eu tenho que vim no Brás pra fazer bico, então, é, conclusão, eu já experiência muitas coisas boas no Brasil, Brasil é minha bençoou, já me deu muita milagre e aqui tem muitas coisas para ajuda pobre. E Brasil não é um lugar que pode existi pobreza, me desculpa! Não pode existi pobreza, aqui é um terra que tem muito oportunidades, não é sempre de fábrica, fábrica ajuda muito, mas é o país, eu não sabe outro estado, mas São Paulo você não pode, seu pobreza é só temporariamente, mas é de se dá bem na vida. Então, é Brasil se você é um pessoa trabalhador tem motivo de ser bem na vida, vai demorar muito tempo, mas você vai conseguir, só que aqui é como você nasce, é tipo você nasce como “le prata” e “le ouro”, aí você não vai sabe de andar com divagar pode ser bota num colher de plástico pra começo, aí, mas nos que vim fora que já tá num lugar muito difícil, aí se você não consegui de se dá bem, pelo menos você está bem, aí seu cabeça não bate bem é outra coisa depende amizade que você fica com aqui orientar-se é muito importante que você me fala quem é seu amigo eu vou dizer mesmo quem é você, então se você tem que tomar cuidado fica sempre é num lado de realidade da vida aqui vai demorar mais você vai conseguir, em nome de Jesus.

Flavio: Você recebeu alguma ajuda para vir para o Brasil? Financeira? Além do padre você recebeu alguma ajuda?

Jalingo: Não, não. Eu vendi meu carro, entendeu, para outra pessoa arrumar dinheiro pra vir aqui.

Flavio: E como foi a sua viagem e a sua mudança? Você veio de avião?

Jalingo: Eu vim avião chega no Rio, Rio de Janeiro, aí peguei ônibus pra quis chegar no Praça da Sé, eu sempre lembra, acho que 4 horas viagem de Rio de Janeiro pra São Paulo, acho que 4 horas pelo menos, aí chegou de madrugada aqui São Paulo, aí eu começou a morar na igreja.

Flavio: Qual igreja você morou?

Jalingo: Uma igreja da África que está na Rio Branco, perto de República. Flavio: Eles ajudam muito as pessoas que chegam?

Jalingo: É ajuda de acomodar de onde que você vive, dormir, entendeu? Lá tá misturado, aí por isso que eu tá falando de orientação e amizade que você não é necessariamente que você tá na igreja, é muito cobra, escorpião que mora junto no igreja a mesma, eu sempre falo igreja é um hospital, então quem que tá doente é que tá na igreja, entendeu? Então não acho que igreja não é um céu, então lá você precisa orar, de jejuar até Deus levantar você, você sai e arruma seu casa, então você não ir lá para dormi, lá igreja é um lugar para luta até você conseguir.

Flavio: Aqui você já foi segurança. Jalingo: Fiscal de campos na faculdade.

Flavio: E como foi a sua adaptação aqui? Você acha que foi boa? Foi fácil? Foi difícil? Você sofreu alguma dificuldade com a língua, claro né?

Jalingo: Muito, a língua foi muito difícil. Flavio: Com a comida também?

Jalingo: É comida não, mas a língua, Brasil não falta fome (risos), não não Brasil não tem fome, Brasil tem comida, qualquer lugar porque eu lembra que a gente foi em um careta, careta da nos um cartão para comer na SESC, nós achou que 3 vezes ou 2 vezes num dia, então, a comida é muito ótima, entendeu, muito, muito bom.

Flavio: Então adaptação você achou que não foi tão difícil?

Jalingo: É... foi difícil porque é até acomodação, entendeu? Foi muito incomodado, entendeu? Acomodação de morar, entendeu? É muito difícil, pra você adaptar a vida no outro terrestre não é fácil, porque de verdade quando eu tá vindo aqui era tá pensando que aqui também inglês era muito comum, aí quando eu chegar aqui ninguém fala inglês, pra mim conseguir sair na Rio naquela dia eu, só um nigeriano que vim de Guiné Bissau que já tá falando crioulo de português, aí ele que foi ajuda, sem ele eu não vou sabe nada, comprar....

Flavio: O que eu ia perguntar para você... Qual é a relação com a sua família, você tem família aqui no Brasil?

Jalingo: Não, não, só lá.

Flavio: Como você falou só na Nigéria mesmo. Jalingo: Eu sou casado, saudade muito.

Flavio: Como você mantém a sua língua e a sua religião aqui no Brasil?

Jalingo: (risos) A língua é uma... é a palavra de Deus dizendo em Gênesis capítulo 11: “Onde que o mundo, o povo do mundo tava querendo construir um mansão pra céu, aí Deus viu uma imaginação dele, o que ele usa de destrói: a língua. (risos) Então, pra você ver que a língua é muito poder, então se você conseguir falar um língua, não importa quantos anos, quantos, é por isso que a língua tá no lado de culturas, então o que que é culturas... é a língua mesmo, um outro objeto de viver, então se você conseguir um língua hoje para eternidade você vai sempre lembrar de falas, só que pode que quando você falta muito você pode esquecer o jeito de usa, mas não é que você vai perder, então é a língua lembra eu beba água, comi tudo e aí apenas essa língua não tem jeito.

Flavio: Você conversa com outras pessoas da Nigéria? Você tem amigos da Nigéria? Jalingo: Sim, tem. A gente trabalha junto aqui e lá as vezes no “whats”, entendeu, a gente conversa na outra língua, conversa em inglês, entendeu, aí assim.

Flavio: Já está acabando, você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil? Jalingo: É racismo, aqui no Brasil é do jeito deles, eu não vou mentir pra você, tem racismo aqui, mas social, a vida do social aqui fecha tudo, porque eu tenho amigos no outro país que já tá vivendo lá no que diz aqui, olha o objeto do racismo lá tá muito grosso, muito feio, entendeu, vamos supor um exemplo, lá na China é como que a gente sente que é racismo deles quando você levanta no ônibus a mesma cadeira que você levanta ele não vai direto assim sentar.

Flavio: Ah, ele não se senta?

Jalingo: Ele não mexe com mau acho que tá muito quente, então esse não foi só estrangeiro que ele faz isso, ele faz é um cultura, mas o racismo dele é quando ele vê você como estrangeiro que é cor nós preto, ele fecha nariz, entendeu? Então se ele fecha nariz que a gente sabe por que, a gente também fecha nariz, ele fica raiva (risos). Entendeu, mas aqui é outra realidade, aqui a racismo daqui tá muito escondido, por causa da lei; o que eu perceber a lei já tá quebrando tudo e tudo tá muito preocupado de

vamos supor por exemplo um dia que eu tá com carreto, eu tô falando “o pesado, o pesado” uma senhor que já tinha quase tipo 50 anos ai eu falo “o pesado, senhora, dá licença” ela vira assim e fala “macaco”, “meu Deus, eu macaco?!” em momento que eu falar isso ela fecha o cara dela, é tipo que não foi ela, aí outras pessoa pergunta “o que ela falar?”, aí eu já sei que é uma problema, porque já tá chamando atenção de outro, de branca de negro, aí, mas eu não quero nada, aí eu saio, então esse foi o mais alto, mas onde que eu aprende que um sabe que tem racismo, eu foi no sala de aula.

Flavio: Na sala de aula você sentiu racismo? Jalingo: (risos), Muito.

Flavio: Com seus colegas?

Jalingo: É, não é colegas, teve um dia na sala de aula quando a gente tá fazendo uma apresentação e... sabe eu já tá na área de apresentação não é uma coisa novidade pra mim e tendo que sabe mais e que tem mais bondade de indicar, entendeu? Só que eles têm uma tipo... qual palavra que eu pode ele num tem coragem de ficar num entre de pessoas levanta fica explicando coisas, então, pode ser que a vergonha ou pode ser uma coisa assim. Então, mas eu já ser pai não tenho vergonha mais, mas tudo que eu quero falar eu fala, então...

Flavio: Mas você é pastor também, né?

Jalingo: Então, se viu. Alguns achou que eu, Dili, chegar ele me chamou Dile, aí chegar tava fazendo tudo bem, aí professor me cumprimenta que eu... aí chega onde ela levanta, três delas tá no mesmo lugar, uma deixa aparelho dela no meu bolsa, aí começa reclamando “cadê meu aparelho?”, aí quando eu vi assim depois que eu vi o meu bolsa, não tem como para aquele aparelho cair na meu bolsa. Não tem como aquele aparelho cair na meu bolsa! Eu viu sou um adulto, viu cara delas, alguns já fica muito. com sabe

sente que ela quer fazer mal, aí que que a professora faz? Porque ela me conhece muito bem, ela fala “Dili, calma, calma”, eu não falo nada, mas ela já tá falando “calma, calma, Dili. Quem que faz isso?”, aí leva aparelho eu fica calma. Eu oreio muito, sabe, até esse dia me deixa muito pressionar que começa a jejum e orar pra Deus, esconde meu identidade, não importa qual que é a área, eu quero tudo brasileiro, me viu como brasileiro, assim que eu tava orando pra Deus me faz, porque tudo, não sei se for meu colo, mas ele está, ele sempre que o coiso errado pra mim faz coisa errada.

Flavio: Querem colocar coisa errada em você?

Jalingo: Muito, muito. Só que eu não tem objeto, eu já taquei , eu gosta de Brasil de verdade. Entre o país que eu já fui o Brasil é muito ótimo, eu gostar Brasil.

Flavio: Que país você esteve?

Jalingo: Eu já fui na China e já fui na “Japon”. Aqui é muito bom, aqui é muito muito... Flavio: Melhor que a China e que o Japão?

Jalingo: Melhor, melhor. Socialidade aqui tá ótimo! Muito, muito. Tendo liberdade, liberdade de fala, sabe liberdade mesmo. Então....

Flavio: E no Japão e na China você foi a passeio ou ficou um tempo lá?

Jalingo: Não, “Japon” eu fui a uma programa, é lá que compra um carro que vendi, entendeu, eu compra um carro. Só que lá vive tendo soledade lá, não tem muito..... isolado.

Flavio: E na China também?

Jalingo: Na China... China é um lugar que não quero estrangeiro, ele não quer estrangeiro, entendeu? Mas aqui quando você chega aqui é mais bacana do que seu país, todo mundo gosta, entendeu?

Flavio: Foi uma conversa maravilhosa com você, eu quero saber se eu tenho permissão para utilizar a sua entrevista para fins acadêmicos de pesquisas?

Jalingo: É você quer tipo assim fazer um complemento? Flavio: Não, você me autoriza utilizar essa entrevista?

Jalingo: Sim! Eu também já fiz, a gente já foi no rua fazer essa entrevista. Sim eu autorizar, sem problema.

Flavio: Muito obrigado, você gostaria de falar mais alguma coisa que eu não te perguntei? Falar alguma coisa sobre a situação política? O Boko Haram? Qualquer coisa da Nigéria que eu não te perguntei, comentar alguma coisa sobre o seu país que você gostaria de falar alguma coisa?

Jalingo: Isso de verdade é verdade, quando eu cheguei aqui pessoas tava dizendo que nigeriano tem muito é oportunidade pra estudar de graça aqui, na faculdade aí eu corri atrás para saber disso, mas não consegui, então agora que tô querendo volta na faculdade ano que vem de verdade, eu tá procurando qual aquela oportunidade, ele diz aqui a gente tem 60 espaço pra faculdade, só que a USP eu não sei, mas ele disse que a gente ainda não ido de ter 40% esse espaço na faculdade, aí o que eu sabe como pra chega de consegui porque não só eu de estudar com bolsa na faculdade e como a comunidade de nigeriano não tá unido, sabe porquê? Quando eu chegar no Brás aqui eu

vi que só nigeriano tá faltando organização, que tem pensamento boa porque já chega aqui eu tá querendo uma coisa porque tendo a maioria que é muito jovem que tá vindo aqui, tem muito jovem. A gente que tá tendo pouco tempo aqui precisa de indicar ele, aí se uma pessoa que pode é tem alguns ajuda tipo esse moças, tem muitas que já foi na faculdade e que tá querendo fazer o pós graduação, só que também não tem.

Flavio: Ah, mas eu vou te indicar.

Jalingo: Não tem oportunidade, entendeu? De lado de governo pra me ajuda tem muitos que tem motivo bons, e se a gente não indica ele e não dão ele bom orientação ele vai cair na mão, eu não gosta desse nigeriano quando você fala nigeriano no Brasil, todo mundo fala que ele faz esse negócio de traficante e tal; esse é o que eu tá vivendo uma exemplo no Brasil que a maioria que tá vindo perto de mim, ele já tá vindo sobre “Jalingo, Jalingo, Jalingo” não é de dinheiro, mas objeto de meu vida que ele quer ouvir mais sobre de mim, aí mais só que eu não tenho ah.... ah, bom de acomodar ele e de indica ele na área que ele vai segui a vida, porque ele tem um motivo bom e ele são educado, entendeu?

Flavio: Sim, como você. Você é muito educado.

Jalingo: Eu não sei mais como pra faze, mas eu tenho a tipo vontade, eu tenho vontade de criar um organização que é... nigeriano antigo não fiz, não que eu não fiz tá dando orientação pra jovens de não cai em coiso errado, só isso.

Flavio: Você não conhece nenhuma comunidade aqui que ajude, só essa igreja da Avenida Rio Branco, qual o nome dela mesmo?

Jalingo: Não, tem muito. Lá no Guaianases, em Iguatemi tal, tem muito amigos de verdade que tá querendo eu porque ele já sabe, que eu....

Flavio: Quer ajuda as pessoas.

Jalingo: Isso. Eu querer ele viver direto pra Brasil se você tem paciência, se você quer ser rico tudo o que você precisa tá aqui; você precisa tempo de sabe a cultura deste terra, você só não chega aqui, você ainda não fala português, Brasil tem cultura deles, você tem que, sabe, qual a significado de Brasil, qual significado do São Paulo. Aí, pra você começar da onde cresce, você tem que sabe tudo isso. Então, eu, de verdade, o que me incomoda hoje eu quero cria um organização, um associação do nigeriano, você entendeu? Se eu consegui é muito bom pra mim e é pra nós, entendeu?

Flavio: Sim, excelente! Você mora em que bairro, Jalingo?

Jalingo: Eu morar no Tiete, no Rua Voluntários da Pátria, uma prédio invadido, eu já tá 5 anos lá.

Flavio: Parece que tem uma comunidade grande de nigerianos em Guaianases também, é isso?

Jalingo: Isto.

Flavio: É perto da estação?

Jalingo: Muito, muito, muito. Se eu tem consegui alguma ajuda pra a gente fica pelo menos, eu não tá falando pessoa da antiga, mas é que tá chegando muito jovem em muito sonho grande, entendeu?

Flavio: E aí você quer ajudar estes jovens?

Jalingo: É verdade, verdade. Eu quero indicar eles, porque tudo tá lascado no cadeia, muito! Aí pessoas que já saem do cadeia sempre só com orientação que ele vai escuta você, a mesma coisa que ele cai que ele vai indicar você, então não tem como.

Flavio: Só uma última pergunta, por que você escolheu São Paulo e não Rio e a Bahia, por exemplo?

Jalingo: De verdade, é só um lugar que a pessoa que me encontra, que eu encontrar no aeroporto do Rio diz aqui, “aqui não tem nenhum africano, não tem nigeriano”, aí só falou “São Paulo é pelo menos um lugar que você vai consegui de começar a viver um pouco”, então não é que desde que eu entrar aqui, aí que eu já tá trabalhando aqui, eu não consegui de, mais de verdade eu tenho vontade de andar ainda pra conhecer outro estado, entendeu?

Flavio: Muito obrigado, então nós vamos encerrar agora a entrevista com o sr. Jalingo. O horário agora é as 15h15; muito obrigado, foi um prazer.

Jalingo: Muito obrigado, é um bom prazer pra te conhecer, Flavio. Eu que agradeço.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Igboho aqui em São Paulo, Centro, no dia 04/05/2021 às 17 horas e 40 minutos. Qual o seu nome?

Igboho: Igboho.

Flavio: O nome do senhor tem algum significado? Igboho: Não.

Flavio: Quando o senhor nasceu? Igboho: 58.

Flavio: Em qual dia?

Igboho: Ah... 14 de maio.

Flavio: Onde você nasceu, sr. Igboho? Igboho: Na minha cidade.

Flavio: É na capital?

Igboho: Não, não... é cidade que tá perto de Benin. Flavio: Qual o nome da cidade do senhor?

Igboho: Sobe.

Flavio: O senhor é Igbú? Igboho: Não, não... sou Yorubá

Flavio: Que lembrança o senhor possui da Nigéria? Igboho: O que lembrar?

Flavio: Sim, o que o senhor costuma lembrar da Nigéria, sua infância, sua adolescência? Igboho: Ah, eu lembrar hora que eu tá lá... lembrar das crianças, eu lembra hora que eu tá lá primeiro grau, segundo grau, terceiro grau.

Flavio: O senhor fez faculdade? Igboho: Sim, sim.

Flavio: O senhor é formado em que faculdade? Igboho: Engenharia.

Flavio: Com o que o senhor trabalhava lá, Sr. Igboho? Igboho: Ah... eu trabalhar firma.

Flavio: O que o senhor fazia na firma?

Igboho: Eu ser o... antes eu sou... sindicato da união.

Flavio: Por que o senhor decidiu sair da Nigéria, Sr. Igboho?

Igboho: Ah, muito tempo, eu não dá pra falar porque eu fiquei muito tempo... Flavio: Faz muito tempo que o senhor está aqui?

Igboho: É, 24 anos que eu tá aqui... querer uma vida nova. Flavio: Ok, o que o senhor sabia do Brasil antes de vir para cá? Igboho: Ah... carnaval, carnaval.

Flavio: Só carnaval? Futebol também? Igboho: É, carnaval e futebol, só isso.

Flavio: Ok, obrigada. Por que o senhor decidiu vir para o Brasil? Alguém ajudou o senhor?

Igboho: Não, não... turismo. Vir antes turismo, depois eu fica.

Flavio: Ah, o senhor veio por turismo... e o senhor veio por conta própria? Igboho: É.

Flavio: Como foi a viagem do senhor? O senhor veio de avião mesmo? Ou navio? Igboho: Ah... navio depois... é... voltar vier depois de avião.

Flavio: Ok, por Guarulhos?

Igboho: Guarulhos não, antes voltar lá Rio... Rio de Janeiro, depois eu vim aqui. Flavio: Com o que o senhor trabalhou depois que resolveu ficar aqui, Sr. Igboho? Igboho: Antes eu ser professor de inglês aqui.

Flavio: Legal, o senhor é o segundo professor de inglês que eu entrevisto. O senhor continua sendo professor?

Igboho: Não, não, agora que derrame eu não faz mais.

Flavio: Ah, deu derrame. O senhor ficou muitos anos sendo professor de inglês, Sr. Igboho?

Igboho: Ah... mais ou menos, ah... 18 anos que eu não faço mais, então eu dei aula muito tempo.

Flavio: O senhor dava aula em que lugar aqui de São Paulo?

Igboho: Antes? Ah... Rebouças... ah... Pio XI na Lapa... ah... Telefônica aqui... hum... e Osasco.

Flavio: O senhor trabalhava em empresas boas aqui? Igboho: Não... antes.

Flavio: Como foi a adaptação do senhor aqui? O senhor sofreu alguma dificuldade com os costumes ou com a culinária quando o senhor chegou aqui no Brasil? O senhor teve muita dificuldade com a sociedade aqui?

Igboho: Não, não, porque aqui é livre... na hora que eu chegar aqui é livre... é... dificuldade é língua... é dialeto. Eu sou inglês com português é difícil, depois... é melhor.

Flavio: Sim, sim, eu vou até fazer uma pergunta dessas para o senhor aqui, o senhor sofreu dificuldade com a língua e hoje como o senhor se comunica com os brasileiros? O senhor se comunica bem?

Igboho: Se comunica bem... é você fala português eu falo português pra você... hoje já é normal... no começo é difícil.

Flavio: O senhor não falava nada de português?

Igboho: Não, não... depois melhorar, agora é... eu entendi tudo.

Flavio: Que bom, o senhor fala bem, né? Igboho: Eu falar mais ou menos 80%.

Flavio: O senhor acha pelo fato de saber bem inglês ajudou no português? A entender um pouco? Ou foi muito difícil o português?

Igboho: Ah... diferença é de verbo... de verbo em inglês português é um pouquinho difícil, só... ah... agora verbo pronúncia... é duro pra nós porque inglês já é falar direto, agora português... é... idioma ele falar com acento; é duro porque acento português nós é vocabulário.

Flavio: Como é o relacionamento do senhor com a sua família aqui e na Nigéria? O senhor tem família aqui?

Igboho: Ah... eu ter mulher.

Flavio: Certo, o senhor tem filho também? Igboho: Já... já falecido.

Flavio: Lamento, faz muito tempo? Desculpa a pergunta, qual foi o ano? Igboho: 2010.

Flavio: Agora está o senhor e a sua esposa?

Igboho: Eu já divórcio. Morar sozinho, sem família. Flavio: A família do senhor mora lá na Nigéria?

Igboho: Isso.

Flavio: Poxa, o senhor é forte. Igboho: (Risos).

Flavio: Como o senhor mantém, Sr. Igboho, os seus costumes, língua e culinária? Como o senhor mantém as tradições da Nigéria aqui?

Igboho: Ah, não sei... isso é... Flavio: O senhor vai na igreja?

Igboho: Tem igreja que eu vou depois que separou... igreja de congregação... depois testemunha de Jeová, você sabe? Jehovah's Witness.

Flavio: Hoje o senhor é testemunha de Jeová?

Igboho: Não, não, ele é meu irmão... ele bateu na porta com palavra de Deus. Flavio: Está acabando ok.

Igboho: (Risos).

Flavio: Por que o senhor escolheu a cidade de São Paulo para viver? E onde o senhor mora?

Igboho: Ah... antes lá Rio, depois eu vim aqui é tem é... como se chama... comerciante, você trabalhar bem... lá Rio é turismo, então eu decidi morar aqui.

Flavio: O senhor mora a onde? No centro, Brás?

Igboho: Agora? Eu não morar no centro, eu morar na zona leste, Itaquaquecetuba. Flavio: Você sabe, Sr. Igboho, alguma associação de imigrantes nigerianos para ajudar os nigerianos aqui em São Paulo?

Igboho: Eu não sei, eu penso que tem... tem uma que existe... nós tem uma que se chama é... associação de Nigéria.

Flavio: O senhor sabe onde fica?

Igboho: É... bem... ele fica lá São Miguel. Flavio: É perto da estação ou do centro? Igboho: Não, não.

Flavio: Então existe uma associação lá, certo, o senhor sabe se é na igreja católica, protestante ou não é uma instituição religiosa?

Igboho: Não, não. É livre. Flavio: Seria uma ONG? Igboho: Sim.

Flavio: O senhor sabe quantos nigerianos vivem aqui em São Paulo? Mais ou menos? Igboho: Não, não tenho ideia... ah, mais ou menos 5 ou 6 mil. Tem muita gente, eu não sei.

Flavio: Eu gostaria de saber se o senhor já sofreu algum tipo de racismo aqui no Brasil? Igboho: Um monte, eu sinto perder meu humor...

Flavio: O senhor gostaria de contar?

Igboho: Não, não, eu não quero lembrar mais. (risos). Flavio: Foi uma experiencia difícil para o senhor?

Igboho: É... na Lapa... eu, é... não dá para falar mais. Flavio: Para você o Brasil é um país racista?

Igboho: Não muito, mas tem graus que você viu e que dar dor de coração pra nós. Flavio: Muito obrigado. Eu gostaria de saber se o senhor conhece o grupo Boko Haram? E se o senhor tem alguma coisa para falar sobre ele?

Igboho: Não, porque eu não tá na Nigéria, mas eu já ler. Flavio: Na internet? Jornais?

Igboho: É, é isso que tá falar hoje porque governador lá eu tenho... ah, como se chama? É... segurança ministros... segurança ministro sabe conhece lugar que... porque eu falar com meu amigo aqui... data que Obama pegou Bin Laden a gente vê na televisão... ah, Obama com mais ou menos 5... como se chama? 5 guardas executivos... olhar que Bin Laden tava Paquistão, ele pegar lá, então é mesma coisa que tá acontecendo na Nigéria, é mesma coisa para ver, se executivo de Nigéria presidente quero faz alguma coisa pra Boko Haram é... é coisa fácil, se eu mandar lá agora... se, se... como se chama presidente executivo? É... presidente executivo de... governador lá quero faz tudo direitinho, entendeu? É fácil até... não sei o que tá acontecendo lá, não sei.

Flavio: Já está acabando ok. Tem alguma coisa que o senhor gostaria de falar sobre a Nigéria, sobre o Brasil, sobre a história de vida do senhor que eu não perguntei? Pode ficar à vontade.

Igboho: Ah... não... eu não... é Brasil é muito bom porque é... é país que tem diferente país se viver, se você quer viver você vive bem, se não... não... não é um país que você vai falar “não gosta de mim e eu não gostar de país”, é um país pra todo mundo... é bom pra imigrante.

Flavio: Ok, muito obrigado. Eu tenho a permissão para utilizar o depoimento do senhor para fins de pesquisas acadêmicas, para a Universidade de São Paulo? O senhor me autoriza?

Igboho: Eu autoriza.

Flavio: Então terminamos aqui a entrevista com o Sr. Igboho, agora são 17 horas e 55 minutos. Muito obrigado, Sr. Igboho.

Igboho: Por nada.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Okpoko em São Paulo na Galeria Presidente, no dia 05/05/2021 às 17 horas e 30 minutos. Qual o seu nome completo?

Okpoko: Okpoko.

Flavio: Tem algum significa o seu nome, Okpoko?

Okpoko: Ah, Okpoko significa meu nome... é, hum... é igual pessoa que vai viajar muito.

Flavio: Ok, muito bom. Quando você nasceu, Okpoko?

Okpoko: Eu nasci é... 90... posso escrever? Porque é difícil... mês que eu nasci...

Flavio: Pode falar em inglês.

Okpoko: English? Ah, “june”... mês seis... 1979... dia 11. Flavio: Ok, dia 11/06/1979. Ok, onde você nasceu, Okpoko? Okpoko: Lagos.

Flavio: Ah, tem muita gente de Lagos aqui. Quais lembranças você possui da Nigéria, Okpoko? O que te lembra a Nigéria?

Okpoko: Ah... o que eu lembro da Nigéria muito sofrimentos... sofrimento pra não tem luz, não tem água, monte de pessoa... é... mora baixo de dois dólar, três dólar... lá é difícil.

Flavio: Ok, com que você trabalhava lá, Okpoko?

Okpoko: Lá? Ah, eu vendi roupa lá... roupa de candomblé lá.

Flavio: Roupa de candomblé? Interessante. Por que você decidiu sair de lá, Okpoko? Okpoko: Ah... porque muito problema... tipo de prefeitura, de política. Política não tem segurança pra... não tem polícia boa, não tem segurança, ah... matar qualquer gente qualquer horário, ninguém vai fala, só vai falar pouco... ah, bandido chegou e já mata não tem justiça.

Flavio: Ah, por isso lá em Lagos teve aquela revolta da população? Foi contra a polícia que matava todo mundo?

Okpoko: Sim, sim... ano que passar. Flavio: Ano passado?

Okpoko: Sim, sim... acaba... ah, só melhorou pouco... não muito pra acabar, só pra acalmar gente, só isso.

Flavio: Certo, você saiu da Nigéria por causa disso... da pobreza, violência... Okpoko: Sim, sim violência.

Flavio: O que você sabia, Okpoko, sobre o Brasil antes de você vir?

Okpoko: Ah, antes que eu vir pra cá aqui eu tenha amigo que mora aqui, que fala pra mim tem... ah... cabelo... cabelo de Brasil... cabelo na globo, todo mundo gosta de cabelo de Brasil... aplique. Então na hora que eu chegou aqui também eu trabalhei com isso direto; então, eu faço loiro, cacheado...

Flavio: O senhor é cabeleireiro?

Okpoko: Eu sou cabeleireiro... eu faço isso, mas não tem dinheiro pra pagar lugar... ah... loja... muito caro, antes eu pagar aluguel onde mora, ônibus que eu chegar aqui ninguém quer nós trabalhar com carteira... é mais caro com ela ou com ela, porque se

você não trabalhar com carteira dele pode... ah... prefeitura vai... ah... atrás dele... ah, ele não precisar mais tem cartão de trabalho, então nós faz o bico.

Flavio: Certo, por que você decidiu vir para o Brasil e se você recebeu alguma ajuda? Okpoko: Ah, eu vir pro Brasil nova vida, a vida boa também... vida melhor só de você lá tá com fome família não tem ajuda... então por isso eu vim pra cá.

Flavio: Alguém te ajudou financeiramente para vim para o Brasil?

Okpoko: Ah... quando eu vir recebi ajuda meu mãe... mãe falecer... então ela ajuda pra vim, não ficar louco no país de lá... só ir pra aí, ajudo pra mim tenho ajuda.

Flavio: A sua viagem foi tranquila? Você veio de avião? Ou de navio?

Okpoko: Ah... eu foi com avião 2011... eu fui é... quando eu veio foi com avião, eu pegar visto também... depois eu tirar meu documento com brasileiro. Nós sempre vai brigar com nós... não tem tempo, não dinheiro... não tem tempo, mas nós atras do dinheiro pra ela ficar louco “ah! Tudo é dinheiro”, pra falar dinheiro, dinheiro, dinheiro..., mas pensar vida... dinheiro, só dinheiro, isso dá problema muito... atual nós com ela...

Flavio: Ela quem?

Okpoko: Brasileira, brasileira... cultura dela, cultura dela não fica com brasileira... cultura dela... não preocupa muito, mas preocupa dinheiro... nós fica preocupado com dinheiro muito, muito, muito... aí fica estressado lado dela em casa “ah, esse homem não fala nada... só dinheiro”, só isso separar... eu separar.

Flavio: Qual foi o seu primeiro trabalho aqui no Brasil, Okpoko? Okpoko: Foi cabelereiro... sempre cabelereiro.

Flavio: Certo. Como foi a sua adaptação? Você teve dificuldade com os costumes, as comidas?

Okpoko: Não, porque... porque deixar morar aqui, morar chegar aqui eu vi comida que tá aqui muita é... arroz feijão... é normal, esse é comida internacional também... então só isso.

Flavio: E o costume? Você se adaptou com as pessoas? Okpoko: Sim.

Flavio: Ok, essa pergunta é importante. Você sofreu alguma dificuldade com a língua? Com o português?

Okpoko: Ah! Sofri, falaram pessoa chegou... se você fala pessoa fica rindo... é pessoa que não conhece você aí fica “o que você tá falando?”... difícil pra entende nós. Porque

nós... é... ah... tudo mesmo, nós fala alto... é forte... porque pessoal fica... assustado com nós.

Flavio: Você se comunica bem com os brasileiros, Okpoko?

Okpoko: Sim, eu comunica bem com brasileiro... pessoal me entende é só prestar atenção... prestar atenção vai entende.

Flavio: Certo, eu estou entendendo você muito bem. Qual é o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na Nigéria.

Okpoko: Eu tenho família aqui... agora eu tenho uma filha. Flavio: Quantos anos ela tem?

Okpoko: 7 anos.

Flavio: Qual o nome dela? Okpoko: Ludimila.

Flavio: Nome muito bonito. Como é a sua comunicação com a sua família lá na Nigéria?

Okpoko: Eu tenho família lá também, mas comunicação de lá muito difícil, só... é... eu atras de vida dela também... eu ter outra filha lá.

Flavio: Qual a idade desta? Okpoko: 11 anos.

Flavio: Qual o nome dela? Okpoko: Sofia.

Flavio: Certo, sua mãe infelizmente morreu, mas você tem irmão, irmã? Okpoko: Eu ter 5 irmãos lá... 5 irmãos...

Flavio: Você fala com eles?

Okpoko: Não... por internet, mas não todo dia... porque vai perguntar... ah, não dá, só isso. Uma vez por mês que falo.

Flavio: Como você mantém aqui no Brasil os seus costumes, a sua língua, sua religião e a sua culinária que você tinha lá na Nigéria?

Okpoko: Ah... primeiro pessoa vai fica... deixar tudo que está lá. Posso já morar aqui, cultura aqui e você vai e aprende... se você não aprende você não vai conseguir mais... entendeu.

Flavio: Então você não sente falta da cultura da Nigéria?

Okpoko: Não, cultura da Nigéria, costume da Nigéria brasileiro também faz aqui... então eu tenho religião de candomblé aqui... meu parte, tem uma parte candomblé outra parte de muçulmano.

Flavio: Interessante, você frequenta as duas religiões?

Okpoko: É... eu vou... eu sempre fui pro terreiro. Pessoal chama “faz isso pra mim”... tudo isso também.

Flavio: Então é tranquilo você frequenta a sua religião aqui também? Okpoko: Sim, sim.

Flavio: Então você se adaptou bem, Okpoko? Okpoko: Sim.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver, Okpoko? E onde você mora?

Okpoko: É... por que eu escolhe São Paulo para aqui antes que nós chegou Brasil, nós só conhece dois cidades São Paulo e Rio de Janeiro... só assim cidade de que eu escolhe ai chegou aeroporto aqui policial disse tá falar pra mim e eu não falar português... explica pra mim em inglês “se você quer morar aqui só povo que mora tá na São Paulo na República ou Anhangabaú” só direto eu fui com... com ônibus de lá, eu desci depois eu vi o meu povo só fala, só eu fica presa aqui não olha pra mim, onde meu povo tá depois eu vai sabe cultura a todo lugar... eu já conheço todo lugar na Copa, eu viajar muito... eu viajar pra... ah... ah... Bahia... ah... Aracaju eu conheço lá, Fortaleza também... ah, Amazônia, Acre... eu já fui lá.

Flavio: Você conhece mais que os brasileiros.

Okpoko: (Risos). É porque significa o meu nome (risos)... significa o meu nome... então eu escolher São Paulo pra viver, hoje em dia graças a Deus difícil pouco.

Flavio: Você gosta de São Paulo?

Okpoko: Eu gosta, eu gosta... não muito racismo. Tem uma lugar é... onde nós comprar bilhete de metrô... é tem pessoa que vai ver você e fica assim... tem pessoa que vai chamar você “oh, meu amigo...”.

Flavio: Você já sofreu alguma experiencia de racismo, Okpoko? Okpoko: Já, já...

Flavio: Você quer contar?

Okpoko: Eu quero contar... é... aquele dia eu fui pagar imposto... é... eu tenho problema de aprender, na hora que eu chegue lá a fila do “doctor” eu falar “ah, moça,

por favor, eu não consegui dormir... aqui tá doendo” ela me deixa eu fala “por que?”, eu vi ela, é chines, ela falar, ela não me entende, eu falar “você me entende olá cumprimentar você, você me cumprimentar” depois ele falar “gringo negro”... ela falar isso... eu ficar nervosa, só o que tá lá chamar eu logo até eu fazer operação, ela só corta eu de qualquer jeito... corta de qualquer jeito, sabe? Só isso que fez, depois disso não fazer.

Flavio: Você lembra em qual foi o hospital que isso aconteceu?

Okpoko: Ah, eu foi com a ambulância lá... eu não lembra, só isso que eu sabe.

Flavio: Você sabe, Okpoko, se existe alguma associação que ajuda nigeriano, que ajuda só nigeriano?

Okpoko: Ah... tem, tem eu vai falar não tem é... eu sabe uma na... na Mesquita, onde é... é esse tempo tem 30 dias de jejum, pessoal que faz jejum foi pra lá pegar cesta básica.

Flavio: Mas eles ajudam só nigerianos?

Okpoko: Não... ele... qualquer pessoa na África... qualquer lugar, esse lugar é sempre lugar pra quem tá aqui em São Paulo, tem três em São Paulo, uma aqui em centro, uma na São Miguel Paulista, outra na Embú das Artes.

Flavio: Eles não atendem só nigerianos?

Okpoko: Não, qualquer uma africano... até brasileiro também, só escreve sua nome pra ela e entrega.

Flavio: Você sabe se tem ONGs que atendam só nigerianos? Okpoko: Não, não conheço.

Flavio: Você faz ideia de quantos nigerianos vivem em São Paulo, Okpoko? Okpoko: É mais ou menos 1.200, mais que 1000... 1000 ou 2000.

Flavio: Você conhece o grupo Boko Haram? E caso conheça você poderia falar a respeito.

Okpoko: (Risos) eu só conheci da televisão... eu já tá aqui... eu não vá menti... eu só conheci na televisão, ele não é do estado onde eu mora, lá não tem Boko Haram, lá... lá... é no norte, é... Maodaguri... Kano... Sokoto... mais norte, mas eu mora no... embaixo, noroeste.

Flavio: É a última pergunta, você gostaria de falar algo que eu não te perguntei, falar o que você quiser, do seu coração a vontade.

Okpoko: É... primeiro eu respeitar ser humano... eu não só falar pra você o que eu quiser, é... pessoa vai ver... pessoa sai em casa... tem não a mesma ideia, tá na cabeça... eu achar que você vir primeiro cumprimentar ele, depois cumprimentar ele não só falar o que você quiser, vai perguntar o que aconteceu ele primeiro, porque você fala o que você quiser vai ficar briga... só isso. Só vale respeitar o ser humano de qualquer jeito, tá? É só isso.

Flavio: Ok, eu vou terminar a entrevista. Estamos terminamos a entrevista com o Sr. Okpoko às 17 horas e 50 minutos. Eu gostaria de saber se você autoriza eu usar a sua entrevista para fins acadêmicos?

Okpoko: Eu autoriza. Flavio: Muito obrigado. Okpoko: De nada.

Flavio: Vamos começar a entrevista com o Sr. Ondo na Galeria Presidente, no dia 05/05/2021 às 18 horas e 25 minutos. Qual o seu nome?

Ondo: Ondo.

Flavio: O seu nome tem algum significado? Ondo: Sim... dá sorte.

Flavio: Você é Yorubá? Ondo: Eu sou Yorubá.

Flavio: O seu nome em Yorubá tem algum significado?

Ondo: Ah, tem muito significado... muito, dá esse... dá muito bom, dá sorte... esse dá dinheiro, esse dá saúde. E esse aqui da Brasil dá dos Santos...

Flavio: Dos santos? Ondo: É esse do Brasil...

Flavio: Ah, entendi é como se fosse do Santos. Obrigado! Quando você nasceu, Ondo? Ondo: Eu nasci das seis...seis... 1975.

Flavio: E o dia? Ondo: Das seis... Flavio: E o mês?

Ondo: Das seis... seis seis... 66.

Flavio: Seis do seis, interessante. Então você nasceu no dia 06/06/1975. Onde você nasceu, Ondo?

Ondo: Eu nasci lá de Lagos... Lagos lá de Nigéria. Flavio: Certo, Lagos é a cidade mais populosa de lá, né?

Ondo: Mais populosa da Nigéria sim... dá comércio dá muito comércio... dá saudade. Flavio: Ok, quantos milhões de habitantes existe lá? Você sabe, Ondo?

Ondo: Ah... agora... antes eu sair de lá meu país faz tempo, eu não sabi, eu não sabi quanta pessoa nasceu.

Flavio: Ok. Quais lembranças, Ondo, você tem da Nigéria?

Ondo: Ah, é que lembranças da... Nigéria, lembrança da... comércio... da política... de lá não são muito bom... tá tudo triste... isso é muito triste, isso é muito triste; muita pessoas sofre... sofre, não tem ajuda. Tem três idiomas em meu país... tem outro idioma da... 500 idiomas. Tem três... dá três... tudo pessoa vai sabe, tem Igbo, tem Yorubá, tem Hauçás... da lá de três, cada um cada um... tem muito vários língua.

Flavio: Cada um tem várias línguas?

Ondo: Muitas línguas. Lá não tava muito bom. Flavio: Lá não estava muito bom?

Ondo: Sim, sim.

Flavio: Ok, com o que você trabalhava lá, Ondo? Ondo: Lá... eu... eu é... eu trabalhava com prefeitura.

Flavio: Por que você decidiu sair da Nigéria, Ondo?

Ondo: Porque eu saí... eu quero da viu outro país... da fica lá meu país inteiro não são muito bom... queria uma vida melhor, né? Sim porque brasileiro vai pra EUA... ela vai a vida melhor, muda a vida, só isso.

Flavio: O que você sabia do Brasil antes de vim para cá, Ondo?

Ondo: Antes? Ah, que eu conhece tudo, quando eu tá lá de Nigéria aqui eu sabe Brasil jogar futebol... é carnaval... só futebol... só isso.

Flavio: Por que você decidiu vir para o Brasil?

Ondo: Ah, tenho meu amigo, ele falar pra mim da Brasil muito bom... quando ele falar pra mim ele falar que lugar é muito bom, né, tudo tá certinho... da país tá livre, não tem... eu vim pra cá.

Flavio: Você recebeu alguma ajuda financeira, Ondo? Ondo: Não, não. Eu vim por minha conta.

Flavio: Como foi a sua viagem? Foi tranquila? Veio de avião? Ondo: Foi tranquilo... tranquilidade... não ter problema.

Flavio: Certo, com que você trabalhou quando chegou aqui?

Ondo: Ah... eu não trabalhar aqui... porque eu tem cartão de trabalha, quanto tá 3 anos aqui, eu procurar trabalha... tá tudo trabalho e procura há três anos, você fica há três anos... você não tem trabalha porque ele vai falar “não”... eu fui lá... da onde levar currículo... CAT, eu levou lá de CAT, depois eu vou... a CAT deu meu papel ele falou da... da eu vai lá de Faria Lima, lá depois ele falou da “você já datou sua cartão de trabalho, não tem assina”, ele falou... depois ele me fala chama. Até hoje nada, eu fui lá de CAT de novo, eu chagar da CAT “ah, por que eu não tem trabalha? Só brasileiro”, ele falou “não, só depois”, eu vai cinco vezes depois eu não vou mais... cansei, só isso. Ah, depois ele disse ele vai chamar eu... até hoje, quando eu vou lá de CAT, CAT vai e fala pra eu “ah” depois ele me olha, ele falou “ah, fica quieto”... fazer o que, eu não vai morrer.

Flavio: Então você não trabalha? Ondo: Eu procura...

Flavio: E como você faz para se manter aqui?

Ondo: Pra comer... eu vai pro centro aqui daí minha colega vai ajuda. Qualquer problema que eu tenho eu vai avisa, eu vai conversa... só isso.

Flavio: Ok, como foi a sua adaptação, Ondo? Você sofreu alguma dificuldade com costume, culinária quando você chegou aqui no Brasil?

Ondo: Quando eu chegou eu acho que vai ter trabalha pra depois... pra depois é melhorar. O costume aqui, eu gosto aqui... eu gosto aqui, pra mim se eu tenho oportunidade da muda meu nome da brasileiro... eu adoro aqui... eu to muito... alguns não são muito pessoal, aqui da Brasil tem... tem brasileiro que precisa ajuda, tem outro brasileiro que passa ruim... tá... tá 40% tem ajuda... cada um cada um que pede pra outro pessoal, só isso.

Flavio: Muito bom, Ondo. Você sofreu alguma dificuldade com a língua? Ondo: Sofri, meu língua... da língua do português.

Flavio: Você teve dificuldade para aprender o português?

Ondo: Ah, não, eu aprender da de rua... da rua todo dia... todo dia aprender... se é alguma coisa da idioma ele falou... eu vi eu seguro, depois eu mandar mensagem eu viu da...

Flavio: Você aprendeu a ler?

Ondo; Não, não... eu só fala, mas quando eu escrevi alguns da brasileiros entende... alguns não entende e ele não falar outra língua, né, muito brasileiro não falar inglês, então eu aprender a falar português.

Flavio: Certo, como tem sido a sua comunicação com os brasileiros?

Ondo: Ah, pra mim não são tanto difícil, pra mim tanto da eu falar português eu falar pouco, aí depois ele vai entende que eu fala, ele vai falar “entende”, pra mim não tá difícil... não tá difícil pra eu... eu procuro a rua, eu falar com brasileiro “onde ele tava, onde é assim”.

Flavio: Você consegue se comunicar bem com brasileiro?

Ondo: É sim, sim... alguns brasileiros chama eu pra churrasco, eu sou... chama eu, eu vai... alguns chama eu pra churrasco, jogar futebol é só... é minha comunicação é sossegado (risos).

Flavio: Ok, você tem família aqui no Brasil?

Ondo: Não... na verdade eu tenho família aqui... eu tenho filho. Flavio: Ah, você tem filho?

Ondo: Uma filha... 4 anos. Flavio: Qual o nome dela? Ondo: Miguel.

Flavio: Bonito nome, parabéns e a sua família lá na Nigéria? Você conversa com eles? Ondo: Sim, sim, conversa todo dia... tem WhatsApp da mensagem todo dia.

Flavio: Você tem seus irmãos e pais? Ondo: Tem...

Flavio: Como você faz, Ondo, para manter seus costumes, a sua língua e a sua culinária aqui no Brasil?

Ondo: Aqui? Ah, nós conversa, da 21 horas tudo vai sair da casa dele, tudo... eu vá ver minha casa conversa com brasileiro... eu deixar aí minha língua, quando nós... cada um cada um vai da casa dele... eu vai conversar com português, eu não vai conversar da mesma língua. Pessoa chama eu lá de telefone aí eu vai falar minha língua, só isso.

Flavio: Ok, por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? E onde você mora? Ondo: Ah, da São Paulo, da maior cidade tudo da latina, América Latina, maior tem mais recursos... aqui da Brasil maior cidade... tem muito dinheiro... da mais tranquilo, da melhor condição de dinheiro. Eu gosta aqui da São Paulo... aqui eu gosta da... outras

da cidade... Piauí... eu gosta daqui... aqui, aqui, aqui! Eu gosta da São Paulo... aqui da show em São Paulo, né (risos).

Flavio: Onde você mora, Ondo? Que bairro você mora?

Ondo: Aqui? Eu morar na zona sul... eu sou da zona sul, eu morar Jardim Progresso, primeiro eu morar na Cocaia pra depois eu morar é... Primavera Interlagos. Eu conhece todo bairro, ponto ponto da zona sul, eu conhece da zona sul.

Flavio: Você sabe se existe alguma associação aqui em São Paulo que ajuda apenas nigerianos?

Ondo: Eu não conheço.

Flavio: Tudo bem. Você sabe me dizer uma média de quantos nigerianos vivem em São Paulo?

Ondo: Ah... se vai citar... ah, mais ou menos eu acho 100.000 ou 200... muita gente. Flavio: Ok, você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia comentar alguma coisa? Ondo: Ah... da sabotagem... sabe Rio? Rio carioca... sabe tipo documenta... fala hoje não tem arma, não tem nada... tudo vai parado. Boko Haram da golpe... sabe do Boko Haram sabotagem.

Flavio: Penúltima pergunta, Ondo, já está acabando. Você gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei? Fala o que você quiser.

Ondo: Eu gosta da Brasil, só isso.

Flavio: Ok, Ondo, muito obrigado. Estamos terminando a entrevista com o Sr. Ondo, no horário 17 horas e 45 minutos. Ondo, eu tenho a sua permissão para usar essa entrevista para fins acadêmicos e de estudo?

Ondo: Pode.

Flavio: Ok, Ondo, muito obrigado por tudo. Ondo: De nada.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Maiduguri aqui em São Paulo na Galeria Presidente no dia 05/05/2021 às 18 horas. Qual o seu nome?

Maiduguri: É Maiduguri.

Flavio: Seu nome tem algum significado? Maiduguri: É... alguém que brilha.

Flavio: Quando você nasceu, Maiduguri?

Maiduguri: Eu nasci no dia 17 de março 1972. Flavio: Onde você nasceu, Maiduguri?

Maiduguri: Eu nasci numa cidade Abia.

Flavio: Quais lembranças, Maiduguri, você tem da Nigéria? Maiduguri: Ah... pobreza, né, violência e falta de infraestrutura. Flavio: Como era a sua vida lá?

Maiduguri: Ah... sabe lá governo não ajuda muito, ele quer que você mesma vai lutar... vai atrás tudo o que você quer ou você quer fazer... uma coisa pessoal sendo pessoal você vai atrás você mesmo, não é como aqui que governo faz ajuda.

Flavio: O governo não ajuda em nada, Maiduguri? Maiduguri: Infelizmente.

Flavio: Eu também acho infelizmente porque muita gente precisa de ajuda lá. Com o que você trabalhava lá?

Maiduguri: Eu trabalhava numa empresa... fábrica... eu fazia... ah... sabonete... sabão em pó, sabonete, essas coisas.

Flavio: Você trabalhou muito tempo lá? Maiduguri: Sim, trabalhei muito tempo. Flavio: Você gostava?

Maiduguri: Aham, gostava, mas o salário muito baixo. Flavio: Tinha algum benefício?

Maiduguri: Não, não.

Flavio: O que você sabia sobre o Brasil antes de vir, Maiduguri? Maiduguri: Futebol, seleção brasileira.

Flavio: Você não sabia mais nada?

Maiduguri: Ah, futebol e... sapato... eu sabia de sapato e cabelo. Flavio: Ok, por que você decidiu vir para o Brasil?

Maiduguri: Pra vida melhor né.

Flavio: Certo, você recebeu alguma ajuda financeira?

Maiduguri: Meu pai... eu falar pra ele “eu quero uma vida melhor” aí ele me apoio. Flavio: Você tem família lá na Nigéria?

Maiduguri: Tenho, tenho... Flavio: Você tem esposa? Maiduguri: Lá no... tenho, tenho.

Flavio: Você tem filho?

Maiduguri: Lá não, eu tenho filho aqui sim.

Flavio: Certo, você tem filho aqui, você é casado com brasileira? Maiduguri: É... sim.

Flavio: É filho ou filha? Maiduguri: Eu tenho filho. Flavio: Qual o nome dele? Maiduguri: Elvis Carlos.

Flavio: Ok, quantos anos ele tem? Maiduguri: 16.

Flavio: Parabéns. Como foi a sua viagem, Maiduguri? Foi tranquila? Você veio de avião?

Maiduguri: É avião.

Flavio: Você fez escala em algum lugar? Maiduguri: África do Sul.

Flavio: África do sul, ok. Quando você chegou aqui no Brasil com o que você trabalhou?

Maiduguri: Nossa, trabalhei muito na restaurante de garçom... trabalhou muito, sofreu muito... chegar aqui começar a trabalhar como garçom.

Flavio: Você gostava?

Maiduguri: Ah... é... não tinha outra alternativa, então... então eu ter que trabalhar rápido.

Flavio: Certo, como foi a sua adaptação aqui? Você sofreu alguma dificuldade com a religião, com a comida, com os costumes?

Maiduguri: Ah, com a religião não, eu sou cristão.... eu sou cristão então não tinha aquela dificuldade, problema era a língua.

Flavio: Ah, a língua, então eu já vou emendar outra pergunta. Qual a dificuldade que você teve com a língua? E você se comunica bem hoje?

Maiduguri: Ah, não sei, mas é... dificuldade pra eu... português é uma língua muito difícil pra falar. As vezes até brasileiros não... tem alguns brasileiros que não falar corretamente a sua língua português. Então foi o maior desafio aprender a falar essa língua.

Flavio: Você acha que demorou um pouco para aprender?

Maiduguri: Aham... eu demorei... demorei um pouco porque não é língua tão fácil assim, mas quando eu descobri que aqui você conseguir nada se você não conseguir falar e naquela língua que eles falar que é português então obrigação de falar.

Flavio: Sim, sim. Você se comunica bem hoje, né? Maiduguri: Ah, mais ou menos.

Flavio: Mas os brasileiros te entendem. Maiduguri: Ah... dá pra entender né.

Flavio: Ok. Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria, Maiduguri?

Maiduguri: Ótimo, lá eu tenho minha mãe, meus irmãos. Flavio: Você fala com eles?

Maiduguri: Eu falo, quando der eu falo. Flavio: Uma vez por semana?

Maiduguri: Ah, as vezes uma vez por semana, mas agora que todo mundo sabeu eu falar com a minha irmã quase todo dias, daqui a dois três dias eu falar com ela.

Flavio: Bacana, como você mantém aqui no Brasil a sua língua, a sua religião e a sua culinária?

Maiduguri: Ah, dá pra passar a comida daqui... eu comia arroz e feijão lá na Nigéria e aqui tem... ah... dá pra comprar coisas aqui pra fazer comida ou você vai comer o que já tá pronta entendeu? Então eu não vejo... não ter dificuldade de adaptação com comida ou igreja... eu comer tudo, quase tudo, mas não comer carne de porco que eu não gosto, então eu não come isso... além disso eu acho que come tudo.

Flavio: E a religião? Maiduguri: Eu sou cristão.

Flavio: Perfeito, você vai na igreja aqui também? Maiduguri: Ah, sempre, todos os domingos eu estar lá.

Flavio: Ok, por que, Maiduguri, você escolheu a cidade de São Paulo para viver? E onde você mora?

Maiduguri: Eu escolhe aqui porque aqui tá bem concentrado africanos aqui, então outras cidades não tem pessoas assim... outras cidades, entendeu... até outro estado não tem, aqui que tá maior concentração da África, aqui em São Paulo, entendeu? Então é por isso, aqui dá pra você vê seus irmãos, primos, amigos... então outras cidades não é assim, é complicado de viver sabe? Sem das suas família perto de você, entendeu?

Flavio: Tem razão, São Paulo é uma cidade...

Maiduguri: É mais... melhor de viver porque aqui tem bastante africanos aqui, aqui pessoas que vem da Nigéria.

Flavio: É verdade, de fato aqui na Galeria tem bastante...

Maiduguri: Não só Galeria, fora de Galeria também... e aqui, aqui mora muito africanos aqui.

Flavio: Isso é bom né, facilita. Onde você mora, Maiduguri? Maiduguri: Eu moro... Pirituba.

Flavio: Certo, você sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo? Maiduguri: Ah... eles são muitos... com certeza tem mais... de 2000.

Flavio: Ok, mais ou menos 2000. Você sabe se existe alguma associação que ajuda só nigeriano aqui em São Paulo?

Maiduguri: Que eu saiba não.

Flavio: Ok, você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil, Maiduguri? Maiduguri: Ah, é sempre, isso é o que não falta aqui é racismo... em todo lugar.

Flavio: Tem alguma experiência que você gostaria de contar?

Maiduguri: Exatamente... no metrô, ônibus já aconteceu várias vezes... sentar com branca ela deixa você porque você foi senta do lado... isso eu já observei isso, mas eu não se importa com isso... não me intimida não, eu não tô nem aí pra isso... não, não. Quando eu não tô fazendo nada errado, não tô... sabe, atrapalhando alguém eu sei meus direitos também como cidadão... ninguém vem me... sabe? Intimidar.

Flavio: Você sabe que tem os seus direitos.

Maiduguri: Claro. Eu tenho os meus direitos... enquanto não vou machucar ninguém, abusar ninguém e nem vou... sabe, então eu tô fazendo coisa certa então eu não ficar... sabe, medo de alguma dúzia... não... não deve não teme então eu não quero saber... eu tô nem aí, se alguém não gostou de mim porque eu sou negro eu falar “eu sou negro com muito orgulho” porque nós somos iguais diante de Deus então... eu vejo branco, você é branco isso não é nada, eu não posso falar porque você é branca eu não posso fazer nada com você porque você é branca, entendeu? Branca, negro... tudo mundo... loira, loiro... todo mundo é igual, então eu não vejo isso... eu não deixo isso me incomoda, mas eu sou assim.

Flavio: Você acha as pessoas aqui racista?

Maiduguri: Ah... racismo existe aqui no Brasil, isso é verdade... existe... entre brasileiros também, deixa fora estrangeiros, entre os brasileiros existe o racismo. Todo mundo... os negros tá chorando, reclamando todo dia aqui.

Flavio: Certo, está acabando já... Maiduguri: Tá bom. (risos).

Flavio: Você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia falar alguma coisa sobre eles?

Maiduguri: Boko Haram? Quando eu vai ler alguma coisa da Nigéria eles estão em primeiro lugar, porque na verdade isso é uma guerra... como eu tô falando agora uma guerra está acontecendo lá na Nigéria... uma guerra está acontecendo, tá matando as pessoas, sequestrando pessoas... o... sabe, um monte de violência lá, estuprando as mulheres, entendeu, eles estupra e mata, aí como eles são muçulmanos mataram cristão, maioria que está sendo morto é cristão... esse é o problema, isso tá ficando pior agora, cada vez pior.

Flavio: Você acha que o grupo só fica no norte ou no sul também?

Maiduguri: Agora Boko Haram uma parte, agora já tem outro grupo também e mudou pra lá. Boko Haram começou aqui . Aí tudo desce aí... tudo lugar, agora ele está descendo pra cá e ele tá vindo pra aqui pra matar as pessoas aqui, por que aqui mora os cristão, esse região morar cristão... próximo a Abia, aqui mora muçulmanos e eles saem daqui e vem pra cá e tá matando aqui agora. É uma guerra, é grave mesmo eles é terrorista de verdade que é perigoso mesmo. Eles são perigosos... perigosíssimos... eles estupraram... sabe que estupraram mulher, matar, arrancar cabeça, entendeu? Sabe, fazer picadinho da pessoa, sabe... eles matar com arma, com faca, com tudo. Isso é terrível, eu falar sério isso é a maior preocupação da Nigéria agora é isso a violência... terrorismo.

Flavio: Existe outros grupos?

Maiduguri: Tem vários... tem outro grupo também de... sabe tá pra matar. Flavio: Mas o Boko Haram é o pior?

Maiduguri: Tudo começou com o Boko Haram... é isso aí começou tudo. Flavio: Eles não aceitam a educação ocidental cristã?

Maiduguri: Eles não querem estudar... eles não querem ir pra escola pra estudar agora pra todo mundo virar muçulmano... eles usa a força, agora o problema eles falar que tudo mundo seja muçulmanos... agora eles querem controlar tudo, controlar óleo,

controlar tudo... eles querem controlar tudo cidade, aí todo mundo virar muçulmano também... eles querem que tudo seja deles.

Flavio: Ok. Agora é o final, ok. Você gostaria de falar algo, Maiduguri, que eu não te perguntei? Sobre o que você quiser.

Maiduguri: Na verdade eu quero um pouco de respeito, sabe, cada um merece ser respeitado, entendeu? E... muito paz, amor pra todo mundo... respeita seu próximo, entendeu? Cada um tem que ter o seu respeito, entendeu? É isso. Ninguém querer morrer... ninguém merece morrer assim, é isso. Saúde para todo mundo, respeito... paz. Flavio: Eu posso utilizar a sua entrevista para fins acadêmicos?

Maiduguri: Pode.

Flavio: Ok, vamos terminar a entrevista agora com o Sr. Maiduguri às 18 horas e 15 minutos. Muito obrigado, Maiduguri.

Maiduguri: Obrigado.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Ijero no centro da cidade de São Paulo, na Galeria Presidente no dia 05/04/2021 às 15 horas. Ijero, qual o seu nome completo?

Ijero: Meu nome é Ijero.

Flavio: Qual o significado do seu nome, Ijero?

Ijero: O meu significado Ijero pessoa que morrer e maior parte dele nascer, aí chamar Ijero.

Flavio: Certo, então é o pai morreu...

Ijero: Que pai morrer aí ele vai nascer chama Ijero, ele volta. Flavio: Quando você nasceu, Ijero?

Ijero: É... nascer de dezembro de 6... Flavio: Seis de dezembro.

Ijero: Seis de dezembro de... 1971.

Flavio: Certo, onde você nasceu? Em qual cidade? Ijero: É Lagos no centra.

Flavio: Quais lembranças você possui da Nigéria, Ijero?

Ijero: É... Nigéria eu sou motorista lá, aí... quando eu tá na Nigéria tem problema com governo, aí... eu tava... eu não ficar mais boa eu quero... aí tem meu amigo que fala “to

morando no Brasil, se você precisa...” eu falar “eu precisar... quero sair daqui, é muito difícil aqui”.

Flavio: Certo, desculpe, mas eu só não entendi o problema, qual problema você teve lá? Ijero: É... esse problema é de... do Nigéria dia que chegou aqui, tem esse Boko Haram que tá matar muito pessoa... aí a gente não tem que ficar.

Flavio: É, eles estão em muitos lugares, né? Ijero: Ah, tá em tudo lugar agora.

Flavio: Ah, você teve problema com o Boko Haram... tem mais alguma coisa que você lembra do seu país? Da sua família? Infância?

Ijero: É... meu mãe tá morrer, meu pai tá morrer... tem três filho lá, aí... não quero ficar mais lá...só quero....

Flavio: Viver sua vida em paz. Certo, você mora sozinho, Ijero? Ijero: Eu tá casou.

Flavio: Ah, você se casou aqui? Você tem filho aqui também? Ijero: Não... só lá.

Flavio: Certo, você disse que trabalhava como motorista lá. Ijero: É.

Flavio: Ok, o que você sabia sobre o Brasil antes de vir para cá, Ijero?

Ijero: Antes que eu chegou aqui? Eu tenho um amigo que morou aqui, que tem filho aqui, que tem casa aqui aí ele me falar “Brasil é muito bom pra filho... pra morar”, aí eu falar “eu quero mais... quero ficar lá”; aí chegou ficar com ele...

Flavio: Com seu primo?

Ijero: Não, com meu irmão, aí eu tá aqui... aí hora que chegou aqui eu fui lá no Paraná pra trabalhar uns quatros meses, aí eu chegou aqui não trabalhou pra ficar agora.

Flavio: Certo, com o que você trabalhou no Paraná?

Ijero: Ah... eu trabalhar com agri... agri... agricultura, comecei a trabalhar Copa Grill no Paraná.

Flavio: Copa Grill, empresa grande?

Ijero: É, ele faz... ele trabalhar com frango, máquina... ele tá com máquina, trabalhar com máquina.

Flavio: Interessante, quanto tempo você ficou lá? Ijero: Lá eu ficar um ano e uns quatros meses.

Flavio: Ótimo. Bom, você já falou porque você veio para o Brasil, foi esse irmão que te aconselhou a vir, ele te ajudou financeiramente?

Ijero: Ele ajudou, mas agora eu quero ficar sozinho... aí não sabia... eu tá quero estuda bastante, mas falar português aí... tá numa escola já.

Flavio: Ah, você já está em uma escola, parabéns, por isso você já está falando né. Ijero: Já tá falando bem mais ou menos. (risos)

Flavio: Como foi a sua viagem, Ijero? Você veio de avião? Ou de navio? Ijero: Pra vim aqui? É de avião, 18 horas no avião.

Flavio: Você veio direto? Ou teve escala?

Ijero: Não, primeiro chegar no... é... Istambul nove hora... aí chegou aqui nove hora pra Brasil... de tudo 18 horas no avião.

Flavio: Direto para Guarulhos? Ijero: É, direto pra Guarulhos.

Flavio: Ok. Eu já te perguntei com que você trabalhou e você disse que foi na agricultura. Como foi a sua adaptação aqui, Ijero? Você teve alguma dificuldade com os costumes brasileiros?

Ijero: É... pra falar português é muito difícil... Flavio: Certo, e com comida, religião?

Ijero: Ah... eu sou cristão, mas eu tá jejum hoje... todo pessoa que senta comigo, tudo pessoa que senta... eu sou cristão, mas se tem muitos irmãos que senta com eu que não bebe, que não toma aí eu tenho que ficar de jejum...igual pra... assim que funciona pra faz jejum... igual que todo mundo senta aqui é meu irmão... toda pessoa que senta aqui é mulçumano, eu sou cristão, mas eu quero fazer igual, só um deus (risos).

Flavio: Legal, muito dos seus amigos que vem aqui são do norte da Nigéria ou de Lagos?

Ijero: Diferente... tem tudo... tudo é Nigéria, mas tudo pessoa que senta aqui é Yorubá. Flavio: Ah, Yorubá... você é Yorubá também?

Ijero: Eu sou Yorubá... tem Yorubá, tem Hauçá, tem Igbo... eu sou Yorubá.

Flavio: Muito bom, a cultura Yorubá é muito rica, os Yorubás são geralmente intelectuais né?

Ijero: É...

Flavio: Aqui você já falou... você sofreu alguma dificuldade com a língua? Você se comunica bem com os brasileiros?

Ijero: Sim... ah... (risos). Primeiro dia que chegou aqui foi na escola pra... pra sabe mais falar português, mas muito difícil, tem um irmão que tá no casa agora e não falar nada português, mas ele precisa pra fala aí vai mandar esse papel pra ele “você tem que ir pra lá, vai aprender”.

Flavio: Certo, você falou que estava na escola?

Ijero: Escola é no Sé... ADUS... ADUS... Instituto ADUS . Flavio: Ah tá, Instituto ADUS.

Ijero: Primeiro eu já vou no EDUCAFRO.

Flavio: Ah, então primeiro você foi na EDUCAFRO? Ijero: Hum, primeiro EDUCAFRO agora ADUS.

Flavio: Certo, além do português você estuda mais alguma coisa?

Ijero: Ah, só básico que quer falar... básico... aprender mais, se tem mais oportunidade pra... faz mais escola pra aprender mais... eu gosto.

Flavio: Você se comunica bem com os brasileiros?

Ijero: Tá comunica... eu entende tudo o que você está falando, mas é muito difícil pra comunicar, só isso, mas eu entende tudo.

Flavio: Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria? Ijero: Toda semana... todo dia eu já mandar dinheiro assim pro meu filho lá... assim que funciona, lá você vai pagar tudo escola, tudo..., mas aqui é grátis... muito melhor aqui, é aqui é muito melhor.

Flavio: Você pensa em trazer seus filhos para cá, Ijero?

Ijero: Ah... eu quero, mas tudo isso é muito difícil, é muito dinheiro, por isso eu ficar calma pra mandar dinheiro, manda escola lá.

Flavio: Quantos filhos você tem na Nigéria? Ijero: Eu tenho três filhos.

Flavio: Quais as idades deles?

Ijero: Tem 18, tem 15... e meu filho é 11. Mandar dinheiro lá, eu não quero sofre o que eu tava sofrendo, eu só quero o meu filho...

Flavio: Certo, como você mantém os seus costumes, a sua religião e a sua culinária aqui no Brasil?

Ijero: Ah, a gente conversar em Yorubá, se todo mundo senta aqui e tem em loja e tem Igbo, outro lá é Igbo, mas tudo é Nigéria a gente fica lá e ele fica comigo, mas ele não

escutar meu Yorubá, eu não escuta Ibgo, mas tudo é Nigéria, mas a gente fica junto, é tudo família.

Flavio: Entendo, então vocês bebem... comem fofu?

Ijero: Comem... comem tudo, agora tudo fechado pra bebe, ninguém bebe só alguém que vem aqui bebe é cristão; tudo muçulmano não bebe... não gosta. É, todo cristão, todo Igbo que bebe e toma.

Flavio: Por que você escolhe a cidade de São Paulo para morar? E onde você mora? Ijero: Agora eu tô morando em Campo Limpo... zona sul.

Flavio: Ok. E por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver, Ijero?

Ijero: É... na hora que eu tá no Paraná... lá tá muito difícil pra sobreviver mais trabalha, tem amigo que falar “vem aqui pra vender coisa na rua”, aí vender roupas na rua... depois como tem loja pra fica... faz coisa. Aí eu pergunta pra irmão “vem aqui... tem pessoa que não precisar mais, fica aqui pra vender coisas”, por isso que eu tô aqui.

Flavio: Ah sim, por isso que você está em São Paulo, você queria um lugar para montar uma loja e vender as suas coisas e falaram da Galeria Presidente. Faz tempo isso, Ijero? Ijero: Aqui eu chegou aqui no Brasil... eu tá aqui agora... a... 2015.

Flavio: Você sabe se existe alguma associação que ajude só os nigerianos aqui em São Paulo?

Ijero: Tem... tem... tem Yorubá, comunidade que faz é... que comunica cultura Yorubá pra que você precisar, pra o que você tem.

Flavio: Você sabe onde fica?

Ijero: É... tem esse no meu celular pra conversar, esse tem plataforma é... que chama OPU.

Flavio: Ok, esse pessoal ajuda os Yorubás em São Paulo? Ijero: É.

Flavio: Você sabe se é aqui no centro?

Ijero: Esse Yorubá plataforma que a gente conversa que tudo pessoa que tem problema esse é aberto pra você africano, tudo o que tá acontecendo... na South America a gente conversa.

Flavio: Ah, vocês se comunicam por essa plataforma South America. Via WhatsApp mesmo?

Ijero: É, é.

Flavio: Que legal, você é a primeira pessoa que me fala isso, Ijero, ninguém me falou que existia uma plataforma para os Yorubás se comunicarem.

Ijero: Tem... tem Ibo também, que faz tudo... Yorubá tem, Igbo tem em comunicar, mas tudo é no seu idioma, ele não vai escutar meu idioma aqui a gente conversar, se ele conversar na plataforma a gente não escuta. (risos)

Flavio: Você sabe quantos nigerianos maios ou menos vivem em São Paulo? Ijero: Ah... muito... em São Paulo? Ah, muito, muito.

Flavio: Você tem algum número?

Ijero: (Risos) Eu não sei, eu não sei... em São Paulo? Ah, tem 1000 pessoa, muita pessoa.

Flavio: Essa é uma pergunta difícil ok. Você sofreu alguma experiencia de racismo aqui no Brasil, Ijero?

Ijero: Hum... não, mas eu tem pessoa que já faz... que alguém chama ele “macaco”, aí ele briga pra matar pessoa aí eu falo “ei, deixa ele em paz, deixa ele” é... tem pessoa que não gosto preto, pessoa que faz assim, mas se você olhar pessoa que não gosta de você sai da frente, vai embora e deixa ele em paz.

Flavio: Mas com você isso nunca aconteceu? Ijero: Não... nunca.

Flavio: Ijero, você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia me falar um pouco sobre isso?

Ijero: Eu conheço, esse grupo é... é uma religião que não quero tudo pessoa na Nigéria escola mais... só quer vira todo pessoal pra muçulmano, que não vai à escola mais, só muçulmano.

Flavio: É só ensino muçulmano?

Ijero: Tudo, eles não querem escutar você falar “Jesus”, só que não, ele mata só com isso. Eles não querem... só falar muçulmano... ele usa força pra você vai muçulmano, ele usa força. Se ele estende a mão e coloca arma na sua cabeça “você agora vai adora muçulmano” aí você fala “eu sou muçulmano” se você não quer morrer. (risos)

Flavio: Já aconteceu isso com você?

Ijero: Eu nunca viu isso, mas a gente sabe... faz igual ao meu país, aí todo mundo quer ir embora, não quer ficar pra matar... é muito difícil lá.

Flavio: E eles coagem as pessoas, né?

Ijero: Agora... agora no meu país está muito... muito guerra agora.

Flavio: Mas por causa do Boko Haram ou por outras coisas?

Ijero: Só Boko Haram... esse Boko Haram faz se chama Fulani ... é igual, tudo muçulmano.

Flavio: Certo, são todos da região do norte da Nigéria? Ijero: É... é tudo Fulani... presidente de lá é Fulani.

Flavio: Então o Boko Haram atua em todos os estados da Nigéria?

Ijero: É... Nigéria inteira... tudo, se você chamar alguém da Nigéria ele vai falar pra você “Boko Haram o problema”, Boko Haram matar muito... tudo militar, matar muito pessoa.

Flavio: Então Boko Haram é um problema muito sério... ok, estamos acabando, você gostaria de falar, Ijero, algo que eu não te perguntei? O que você quiser, sobre o Brasil, a Nigéria ou você.

Ijero: É... aqui que eu estar agora quero ficar bem pra melhor, mas eu não quero faz nada errado aqui. Aqui é... aqui é policial... cidade você faz errado você vai cadeia, aí a gente tem que ficar... ficar calma com tudo o que você precisar aí Deus vai ajudar a gente.

Flavio: Certo, você gostaria de falar mais alguma coisa?

Ijero: Ah... a gente tá precisa ajuda pra... aqui não tem trabalha, tudo pessoa sofre na rua... é sofre muito, muito, muito até que acho esse... eu tá dormindo essa que chama, é... que paga 15 a dia, é chama... chama... é esse pra dia você paga 15, não é hotel, é... sim casa que todo pessoa fica... tu tá na rua.

Flavio: Ah, sei sim.

Ijero: Aí tá fica na rua, pagar todo dia, aí anda com roupa pra vender na rua, mas é muito difícil pra trabalhar aqui. Tem pessoa aqui que tá precisando trabalha aqui que não tem, que não acho... aí anda na rua também.

Flavio: Parabéns, você conseguiu superar esses desafios. Ijero: Obrigado.

Flavio: Ok, eu tenho a sua permissão para usar essa entrevista para fins acadêmicos? Ijero: Se é pra estudar... é, pode, se é pra ajudar alguém pode.

Flavio: Obrigado por essa entrevista, terminamos com o Sr. Ijero às 15 horas e 30 minutos. Muito obrigado por tudo Ijero.

Ijero: É nós.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Sagamu em São Paulo, na Galeria Presidente no dia 06/05/2021 às 18 horas. Qual o seu nome completo?

Sagamu: Sagamu.

Flavio: Ok, o seu nome possui algum significado? Sagamu: Meu nome é o nome do africano.

Flavio: O seu sobrenome tem algum significado?

Sagamu: Não, só meu nome é esse, esse é meu sobrenome, meu nome é Sagamu, é o meu sobrenome.

Flavio: Seu sobrenome tem algum significado? Sagamu: Não tem nada, só Sagamu.

Flavio: Ok, Sagamu, quando você nasceu?

Sagamu: Eu nasci é... dia 12... dia 12, 19... 12 de setembro 1979. Flavio: Sagamu, onde você nasceu?

Sagamu: Lagos.

Flavio: Ah, então você nasceu em Lagos, certo. Quais lembranças, Sagamu, você possui da Nigéria?

Sagamu: Como assim?

Flavio: Quando alguém fala Nigéria o que vem a sua cabeça? Sagamu: Eu lembra muitas coisas lá... país bom.

Flavio: País bom, legal. Sagamu, você gostaria de falar alguma coisa da sua infância, da sua juventude?

Sagamu: É música.

Flavio: Ah, você lembra das músicas, elas eram boas? Sagamu: Eram... eram, música lindas.

Flavio: Sagamu, com o que você trabalhava lá na Nigéria? Sagamu: Eu trabalho com... com vendedor.

Flavio: Você era vendedor lá? Você vendia o que? Sagamu: Isso... eu vender roupa.

Flavio: Legal, muito bom. Por que você decidiu sair da Nigéria, Sagamu? Sagamu: Eu gosto de viajar, eu viajar muito, já viajar país de todo mundo. Flavio: Legal e quais foram os outros países que você viajou?

Sagamu: Eu vou no Europa, vou no... vou na África do Sul...

Flavio: Legal, mas para viajar ou para morar?

Sagamu: Viajar, eu morar aqui agora... eu morar aqui, olha eu tenho CRNM do Brasil agora, entendeu?

Flavio: Que bom, Sagamu. O que você sabia do Brasil antes de vir para o Brasil, Sagamu?

Sagamu: Que eu conhecia aqui? Eu ter minha mulher aqui, eu casar com brasileira... agora eu tá sete anos no Brasil.

Flavio: Certo, mas você conhecia alguma coisa do Brasil antes de vir para cá?

Sagamu: Eu conheci Brasil assim... é... Brasil é distante do África, entendeu? Tem cultura mais ou menos do África... Yorubá do Bahia, entendeu?

Flavio: Você conhecia a Bahia?

Sagamu: Eu sabe Bahia até... cultura do africano também. Flavio: Ah, sim é por isso que você veio para o Brasil?

Sagamu: Isso.

Flavio: Entendi, legal... certo, então foi por isso que você decidiu vir para o Brasil? Sagamu: Mas eu gosto de jogar bola também.

Flavio: (Risos) então você conhecia o Brasil pelo futebol também? Sagamu: Eu conheci ele do futebol, gosto ele, ele... Brasil é o meu time.

Flavio: Muito bom. Sagamu, você recebeu alguma ajuda financeira para vir ao Brasil? Sagamu: Ajuda? Com alguém?

Flavio: É, a sua família ou algum amigo te ajudou para ir ao Brasil? Com dinheiro? Sagamu: Minha mãe ajuda pra vim aqui, minha mãe... meu irmão.

Flavio: Você fala com eles de vezes em quando? Sagamu: Eu falar com eles... toda semana.

Flavio: Certo, e você veio sozinho? Sagamu: Eu vou sozinho aqui.

Flavio: Ok, que bom que a sua família ajudou, né, Sagamu. Como foi a sua viagem? Foi boa? Você veio de avião?

Sagamu: Eu vou de avião... chegou aqui do avião. Flavio: Você chegou a fazer escala em algum país?

Sagamu: Eu tenho uma é... escala em Istambul, até eu chego aqui. Até Nigéria, Lagos, pra Istambul; corre até Istambul pra aqui.

Flavio: A viagem foi tranquila?

Sagamu: Muito bom.

Flavio: Ótimo, com qual atividade você trabalhou aqui quando chegou?

Sagamu: Eu trabalho em três lugar já, mas no pandemia agora mandar a gente embora... eu tá aqui agora do covid eu não tá trabalho com nada agora... eu quero ajuda agora, eu não trabalho com nada, até covid eu trabalho no obra, eu trabalho numa fábrica até covid mandar tudo gente embora...

Flavio: Entendo, mas o que você fazia? Sagamu: Eu trabalha na obra... na duas fábricas.

Flavio: Duas fábricas? Você é trabalhador, hein. Essas fábricas são do que?

Sagamu: Fábrica do construção... não, não obra de construção. Mas agora eu tá sem trabalho.

Flavio: Sagamu, como foi a sua adaptação aqui no Brasil? Foi muito difícil você se acostumar com a cultura, culinária e religião?

Sagamu: Eu tem faculdade do é... como se fala... cursos, só cursos, eu não tem faculdade, curso do... é... eu ter certificado de uma coisa aqui, mas olha onde eu já trabalho aqui... eu tenho certificado de hidráulica.

Flavio: Ah, parabéns, então você é encanador? Sagamu: É.

Flavio: Você tem família aqui no Brasil?

Sagamu: Família? Eu tenho a minha esposa, eu casado com brasileira. Flavio: Você tem filho?

Sagamu: Não tem não.

Flavio: Ok, qual o nome da sua esposa? Sagamu: Lucia Helena.

Flavio: Com a sua família na Nigéria você já falou, você conversa sempre com eles, né? Sagamu: Eu falar com eles.

Flavio: Sagamu, como você mantém os seus costumes, a sua língua e a sua religião aqui em São Paulo?

Sagamu: Meu língua... Flavio: Você é cristão? Sagamu: Eu muçulmano.

Flavio: Você frequenta a mesquita? Sagamu: Hum... eu frequento.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para morar? E onde você mora? Sagamu: Eu chegar aqui no Brasil em Guarulhos, mas eu tenho amigo que mora aqui, mas eu precisar viajar mais eu desci aqui.

Flavio: Então você resolveu ficar aqui em São Paulo mesmo? Sagamu: Isso.

Flavio: Onde você mora?

Sagamu: Eu morar em Itaquaquetuba.

Flavio: Você sabe se existe alguma associação de imigrantes que ajuda apenas nigerianos?

Sagamu: Eu não sei... eu só conhece aqui no Brasil, eu conheço o... CÁRITAS SESC.

Flavio: Ok, não só nigerianos. Você sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo, Sagamu? Você tem alguma ideia?

Sagamu: Não sei, mas tem bastante.

Flavio: Certo, você já sofreu alguma experiencia de racismo aqui no Brasil?

Sagamu: Hum... até eu não falar português bem sabe, brasileiro ofende isso, mas não é muito assim, é muita boa gente brasileiro, brasileira não é racista. Flavio: Por causa da sua cor já falaram alguma coisa para você?

Sagamu: Não, é faz tempo. um cara na estação me xinga macaco, mas faz tempo.

Flavio: Que bom que foi só uma vez. Você conhece o grupo Boko Haram?

Sagamu: Mas eu não conhece de verdade... eu vou na internet, televisão mostra pra mim só isso.

Flavio: Ok. Você gostaria de falar algo que eu não perguntei? Qualquer coisa.

Sagamu: É que eu quero ajuda pra trabalho direitinho, agora tá difícil pra mim por isso, entendeu? Pra pagar meu aluguel, pagar conta. Vou tá pedindo primeira coisa muito difícil pra mim, agora manda me procura na serviço sobre pandemia, agora eu quero trabalho, mas eu vai ficar feliz até eu começar esse curso .

Flavio: Você pode ligar.

Sagamu: Ligar nada, eu vai lá direto.

Flavio: Perfeito, eu tenho a sua permissão para utilizar essa entrevista para fins acadêmicos?

Sagamu: Tá bom.

Flavio: Terminamos aqui a entrevista com o Sr. Sagamu às 19 horas e 7 minutos. Muito obrigado Sagamu.

Sagamu: Muito obrigado.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Gombe, aqui na Galeria Presidente, no dia 05/05/2021 às 15 horas e 39 minutos. Gombe, você é Igbo, Yorubá ou Hauçás?

Gombe: É... eu nasci na Nigéria, mas tenho nacionalidade Cabo Verde. Flavio: Ah, ok, sem problemas. O seu nome tem algum significado?

Gombe: Meu nome simplificado é de dia Deus deu uma coisa pra ti bem pra você... Deus criou uma coisa que vai chegar bem pra você... ou uma coisa bom que você encontra no futuro.

Flavio: Entendi, muito bom. Quando você nasceu Gombe? Gombe: É... eu nasceu julho... julho 25.

Flavio: Certo, 25 de julho. Gombe: 25 de julho 1978. Flavio: Onde você nasceu?

Gombe: Abia... Abia, Umuahia. Eu vim de Igbo aí nascer na Abia. Flavio: Gombe, quais lembranças você possui da Nigéria?

Gombe: Ah... eu me lembra é... na Nigéria... é um país que tem muita corrupção... é muito corrupção da política, então a trabalha não ter na Nigéria... muito tem... tem muito graduado, graduado que lá na Nigéria não tem trabalho... graduada mas não tem trabalho... são pessoas muito inteligente não ter trabalho.

Flavio: Ok. Por que você decidiu sair da Nigéria?

Gombe: Eu sair da Nigéria tragédia... tragédia da universidade de teologia... eu estudar teologia.

Flavio: Qual o nome da universidade, Gombe? Gombe: Ah, DTI... Divinity Theological Institute.

Flavio: Muito obrigado, você estudava teologia lá?

Gombe: Tirei certificado daqui também... não assinado não, estudar na Nigéria, mas tem certificado na minha casa... então Deus dá muito dom, eu também porque minha mãe grande minha avó é... fazia um remédio de ervas na minha país, então eu aprendi com ela... aprendi com uma pessoa também é... mulher que sabe isso, mas já morreu, eu fazer esse pra dor de barriga, costa, estômago, tudo... Deus dá um dom no mundo... eu também partilha de visão das pessoas também... Deus dá muito dom, eu uso pra salvar

vida de pessoa, se pessoa tem problema de doença... é trombose, gastrite, infecção, dor na perna, dor no corpo... Deus dá um dom de... é... dizer pra pessoas que tá passando Deus mostra pra mim eu ajudar qualquer pessoa pra ficar bem, aí eu orar por ela... aí ele ou ela ficar bem.

Flavio: Excelente, então você quer pegar o seu certificado no Brasil para trabalhar com essas ervas aqui também?

Gombe: Sim, sim... eu querer estudar é estudo de ervas pra poder legalizar no Brasil, pra poder trabalhar com ervas.

Flavio: Ok, O que você fazia lá na Nigéria, Gombe? Trabalhava com ervas também? Gombe: Eu comerciante.

Flavio: Ah, e você vendia o que? Gombe: Roupa, sapato... é muita coisa.

Flavio: Então você saiu da Nigéria por tragédia?

Gombe: Sim e porque dinheiro da Nigéria não tem muito valor. Flavio: O que você sabia sobre o Brasil antes de vir para cá?

Gombe: Eu vir aqui porque Brasil é lugar boa pra pessoa fica... Brasil tem vida bem, pessoa poder trabalhar... é governo ajuda pessoa muito... Brasil pessoa tem muito negócio, pessoa comprar levar a meu país e vender bem... Brasil tem coração bem, gosta de ajudar quem não tem nada... representa que eu gosto de ajuda também. Imagina tempo de corona vírus todo lugar toda pessoa não achar vaga... governo pagar todo mundo... estrangeiro e brasileiro... paga 60 reais todo mês, aí nunca teve isso na vida... só aqui que experimenta esse. No meu país se a pessoa morrer governo não ajuda nada... imagina quanto pessoa que está aqui na Brasil governo ajuda todo mundo... imagina, poder comprar Bom Prato um real... imagina, mas no meu país não acha isso. Pois aí eu querer trazer minha família pra Brasil, eu gostar muito de Brasil.

Flavio: Você tem a sua família aqui?

Gombe: Não tem minha família aqui, mas agora já casa com uma mulher que gosta de mim.

Flavio: Alguém te incentivou a vir para cá? Você recebeu alguma ajuda financeira? Gombe: Não... quando eu estava lá em Cabo Verde... Cabo Verde também é melhor que meu país nigeriano... Cabo Verde é uma país tranquilo, não teve guerra, não teve briga... então ficar em Cabo Verde 8 anos, eu pegar nacionalidade de Cabo Verde, então eu posso ficar em Brasil, é outro lugar bom fica... Brasil pessoal falar mentira, então eu

falar uma dia para ficar aqui pra saber sobre Brasil se é verdade ou não. Depois eu pegar visto de Brasil na Cabo Verde, porque aí eu usa a minha nacionalidade de Cabo Verde; vou vir aqui pra fazer compra, muita compra pra levar a Cabo Verde pra vender, então aí eu vir aqui e tudo coisa é barato, aí vai ficar aqui 67 dia, não chegar três meses, meu visto é pra ficar três meses e depois volta... então eu ficar aqui 67... então 67 dias eu volta com muito negócio... roupa, sapato, tudo... eu vou vender muito bem, aí eu volta outra vez pra fazer compra aí depois corona vírus não deixar eu ir agora, aí eu ficar muito preocupar, então todo lugar... toda pessoa fica na casa porque corona vírus mata muito pessoa... eu ficar triste com isso, eu ficar muito triste com isso, então eu ficar aqui quase dois ano, porque corona vírus não deixar eu ir agora eu ficar a trabalha, comprar roupa... comprar sapato e vender tudo lá, vender em outra cidade. eu também trabalha de puxar carroto de noite no Brás pra ganhar dinheiro e mandar pra minha família na minha país pra come e alugar também.

Flavio: Você tem mulher e filho lá? Gombe: Eu ter filho lá, não ter mulher. Flavio: Quantos filhos você tem lá, Gombe? Gombe: Eu ter três filhos.

Flavio: Certo, qual a idade deles?

Gombe: É... eu ter um filho que tem... é 17 ano, ter uma filha que tem 12 anos e tem outro que tem 7 anos.

Flavio: E ele moram com a mãe? Gombe: É, mora com a mãe.

Flavio: E você os ajuda, parabéns, muito bonito. A sua viagem para o Brasil foi boa? Você veio de avião ou de navio?

Gombe: Eu vir de avião.

Flavio: Teve alguma escala? Ou veio direto?

Gombe: Não teve escala pra vim até aqui... Não! Teve para Fortaleza depois eu foi pegar ônibus que veio até aqui São Paulo.

Flavio: Perfeito, você está aqui a dois anos, certo? Gombe: Quase dois anos.

Flavio: E como foi a sua adaptação aqui no Brasil? Você sofre alguma dificuldade com os costumes, culinária...

Gombe: Aqui só uma coisa que encontra... que é muito perigoso aqui na Brasil que é... é ladrão... muito ladrão, já duas vezes... já pra cá... já fazer mim atacar na rua.

Flavio: Nossa.

Gombe: É, me roubaram duas vezes, uma vez celular que me roubar era a Brás, quando eu morava na Brás; segundo perto de Guaianases... perto da minha casa, aí eu fui pro hospital porque muita pancada. Era quatro ladrão ficar espera pessoa lá na rua e eu não sabe se era bandido, mas eu passar lá me pegaram... luta, luta, luta, usa pedra, usa muito coisa, aí era muito pancada.

Flavio: Isso foi de dia ou de noite, Gombe?

Gombe: De noite... dois de noite... sete hora... não chega muito de noite lá... Brás perto da estação de trem... pegar celular pra falar com minha família então ladrão pega celular e corre, corre e eu não ver mais. Segunda perto da minha casa em Guaianases que quatro ladrão fica à espera, quatro ladrão... me passar mal naquele dia, passar muito mal minha cara, minha costas, mão, perna... oh, só isso que eu não tenho confiança no Brasil... só isso que é o problema, que não ficar feliz aqui. Qualquer... as vezes ladrão rouba muito colega de brasileiro também... boliviano... lá perto da estação do Brás... a estação de trem Brás... é perigoso, muito... aí fica, imagina, porque brasileiro, pessoa também na estação de trem... uma, duas, três ladrão pega mulher ou homem... aí luta, luta, luta, nunca pode ajudar o pessoal... nunca... é se não for fazer alguma coisa diferente vão descobrir as coisas aqui do Brasil, então eu notei que tem que fazer uma segurança daqui... esse é o problema pessoa antiga matar pessoa, pessoa não fala, todo mundo ficar calado, quieto, fica tranquilo... não gosto, isso eu não gosto, só esse é o problema que descobre na Brasil... ladrão vai lá matar pessoa inocente, pessoa não falar nada, polícia não ajuda, as vezes polícia fica perto e não pode chegar com ajuda... não bom, não bom, não gosto... só isso que não é bom. Brasil é uma país boa, tranquilo, tem muita comida, todo mundo come bem.

Flavio: Muito bom, excelente o seu depoimento. Você sofreu alguma dificuldade com a língua, Gombe? Você se comunica bem com os brasileiros? Como é a sua comunicação?

Gombe: No meu país se fala português e crioulo, duas línguas que fala. Pessoa que não vai à escola falar tudo mundo... muitas pessoas falar crioulo em Cabo Verde, por isso eu não aprendi português muito rápido, porque pessoa de fora... pessoa que vem de fora, todo mundo na praia fala de crioulo, crioulo, crioulo... isso destrói a minha língua pra

prende... língua pra prender português, porque muito pessoa falar crioulo porque crioulo é melhor que falar de português, então quando eu vim aqui começar a falar português na internet, na Google... português traduz a inglês.

Flavio: E isso te ajudou, né. Mas você conversa bem com os brasileiros? Gombe: É... conversa sim... ah, mais ou menos, não muito.

Flavio: Você conversa bem sim. Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria?

Gombe: Eu sempre vou falar com a minha família... sempre, sempre. Flavio: Você tem família aqui também, Gombe?

Gombe: Ah... eu... sabe aqui na Brasil tem muito pessoa que não tem cabeça e pessoa que tem cabeça, tem mulheres... é o mesmo que o meu país, tem pessoa que boa, tem pessoa que não boa... tem uma mulher que vem comigo, entende? Sabe, aí eu não saber se ela é uma boa pessoa, aí fala comigo e não sabe se é verdade ou não é verdade e fala comigo que estava grávida, então a gente vai na hospital faz exames... tudo... ela fala com tudo turma de 15 nigeriano daqui "você é faz filho, você faz filho"... ah, você vim aqui na Galeria mais de três vezes, você sai pra brigar comigo, porque você vai falar "faz filho, faz filho" muita pessoa faz filho, quanto gente você conhece que falar "faz filho", então a gente tem que... como se fala... é... teste de paternidade pra saber se sangue de filho é meu filho... então ela não quer... adia teste. Fala com ela, mas ela não quer fazer teste... ela fica atrás falando, todo dia vou levar comida é... levar coisa pra criança, mas ela não quer dá atenção, não quer fazer teste... vai fazer teste pra gente registrar, você falar, mas ela não quer... não, não quer... aí tirar foto de filha, aqui que está no meu celular. Todo dia liga pra aquela mulher e ela não responde, talvez me bloquear celular, entende? É problema... ela é problema, tem seis filhos, ela dormi com qualquer homem.

Flavio: Entendo, é muito difícil. Como você, Gombe, mantém os seus costumes, a sua língua, a sua religião e a sua culinária aqui no Brasil?

Gombe: Eu sou cristão... a língua falar inglês, português e crioulo, tem três línguas... e Igbo também. Comida geral... todo comida, comida de Brasil muito bem também... come tudo, come chuchu, come feijão, come tudo... fruta, banana, tudo assim... gosta de comer arroz com banana, é bom.

Flavio: É muito bom, né. Gombe, por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora?

Gombe: Eu mora... morava na... é... Cidade Tiradentes, vou mudar pra Brás, depois vou mudar agora... mora em Guaianases.

Flavio: Ok, por que você escolheu a cidade de São Paulo?

Gombe: Porque São Paulo é um lugar bom pra negócio pra ganhar... faz muito negócio, muito barato, muito bom... roupa boa... por isso eu morar aqui, porque eu sou comerciante... porque também comerciante gosta lá e eu gosto de comprar coisas... roupa, cabelo de mulher e levar pro meu país.

Flavio: Interessante, foi por isso que você escolheu aqui.

Gombe: Sim... todo lugar também é barato, quarto barato paga pra mora... melhores que outros lugar.

Flavio: Ótimo, você sabe se existe alguma associação para ajudar os nigerianos aqui na cidade de São Paulo?

Gombe: Não tem associação que ajuda nigeriano aqui. Flavio: Então você não conhece?

Gombe: Daqui? Nunca houve.

Flavio: Você já sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil, Gombe?

Gombe: Ah... é normal, normal... tem pessoas aqui que tem racismo é... natural, pessoa que nasce com racismo, sempre... só que tem pessoas que não nascem com esse racismo. Esse racismo... uma coisa que esse pessoa nasceu com isso, aí não pensar nesse que existem... uma coisa pessoa que nasce com racismo, imagina, é... Brasil não fazer racismo, não fazer racismo; pessoa que nasce com racismo porque onde eu mora, dono de casa muito bom, ele não é racista, sua mulher não racista... ele caseiro muito bom, não ter racismo, mas vizinho, filha de ela, mulher de ela que morar na mesma casa que é racista.

Flavio: Então a pessoa na mesma casa é racista? Gombe: Sim, que é racista.

Flavio: Você a conhece?

Gombe: Sim... que tem racismo. Ah, Brasil é um lugar boa... Brasil, mulher gosta casar com africano não ter racismo... gosta mora, tem filho, casa com africano... não racismo, aqui boa país.

Flavio: Ok, que bom que você vê assim. Gombe, você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia falar sobre ele?

Gombe: Ah... esse polícia... Nigéria? Nigéria Boko Haram, mas porque nós que Biafra... nome Igbo, porque é que nós que é... ficar independente, não querer ficar junto com nigeriano, porque Nigéria tem Boko Haram não Biafra. Essas coisas é muçulmano que mata, é... Boko Haram mata, é... é... Biafra não é assim não, Biafra é outro lugar, tranquilo... não com problema, Biafra fica... é... Boko Haram gosta de matar pessoa Biafra... gosta de matar cristão, gosta de matar Biafra. Por isso nós tentar falar com todo mundo pra todo mundo vir ajudar nosso pra defender Biafra. Eles não têm que pegar Biafra, Biafra não Nigéria... nós não nigeriano.

Flavio: Ok. Gombe, você gostaria de falar algo que eu não te perguntei? Você pode falar qualquer coisa.

Gombe: Brasil é um país que tem muita gente, muita população, ah..., mas é... Brasil parece que pessoa que poder ficar... governo não pode maltratar pessoa, aqui é o país que eu gosta porque eu sou de conversar, comprar muita coisa e levar pro meu país, é um país que, imagina, pega ônibus poder pegar ônibus quatro vezes, mas no meu país não é assim... não é assim, não controla economia, economia é descontrolada... não ajuda pessoa pobre, mas aqui no Brasil, imagina, governo pessoa pobre pode comprar casa ou apartamento pra mora, imagina, pessoas que tá dormindo na rua governo dá todo comida, no meu país você não acha isso... não acha isso, pessoa querer comer só, ela e com a sua família. Mas tem outra coisa, pessoa é muito boa, ter coração, que tem medo de Deus; quem dirá no meu país, isso é difícil lá, de novo no meu país não ajuda nada, tem nigeriano que Nigéria governou não Biafra... governo não ajuda nada, pessoa fica sofrendo lá... muito sofrimento lá, imagina pessoa fica doente e morre porque não tem dinheiro para pagar o hospital. Nigéria é um país onde tem muita pessoa... perigoso, muita pessoa má de coração, entende? Mas também tem pessoa que boa, mas problema de corrupção não deixa ele ou ela ajuda, porque ele ou ela não tem muita ajuda... por isso é difícil... por causa Nigéria esse problema eu mudar pra Cabo Verde, tirei nacionalidade Cabo Verde porque não tem esses problemas... ficar lá 8 anos, vim aqui e gostar daqui.

Flavio: Mais que Cabo Verde?

Gombe: (Risos) mais que Cabo Verde... sim, gostar daqui mais que Cabo Verde.

Flavio: Muito bom, Gombe, nós estamos acabando e eu tenho a sua permissão para utilizar esta entrevista para fins acadêmicos?

Gombe: Ok, para estudo não problema, pode muito.

Flavio: Terminamos por aqui a entrevista com o Sr. Gombe às 16 horas e 10 minutos. Muito obrigado.

Gombe: Muito obrigado também, Deus abençoe vocês. Flavio: Deus abençoe você também.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com a Sra. Nsukka, aqui na cidade de São Paulo na Rua Guaianases no dia 06/05/2021 às 14 horas e 30 minutos. Nsukka, qual o seu nome completo?

Nsukka: Nsukka.

Flavio: Seu nome tem algum significado, Nsukka? Nsukka: Coroa que não é vencida.

Flavio: Muito bom, quando você nasceu? Nsukka: 64. Sou criança (risos).

Flavio: (Risos), é, você ainda é criança. Onde você nasceu? Nsukka: Oshogbo.

Flavio: Ok, quais lembranças você possui da Nigéria? Nsukka: Graças a Deus está ótima.

Flavio: Você possui lembranças boas de lá? Nsukka: Sempre!

Flavio: O que você lembra Nsukka?

Nsukka: Lembra o meu família, meus amigos... porque dizer que Brasil América é bonito meu segundo...

Flavio: Quer dizer que Nigéria é em primeiro lugar e o Brasil em segundo? Nsukka: Sim.

Flavio: Você tem bastante família lá? Nsukka: Tem... até mãe, graças a Deus.

Flavio: Graças a Deus, você gostaria de falar mais alguma coisa da sua vida lá na Nigéria?

Nsukka: Ah, lá é ótimo, entende? Porque África a gente gosta pra viagem... é... pra conheço cultura de outro país, por isso que a gente viajar, né. Porque aqui na Nigéria até nós brasileiros que mora lá, entende? Graças a Deus Nigéria tá ótimo, lá tem cultura... tem cultura Yorubá... tem um monte de língua lá... falar inglês lá, falar Yorubá, falar Igbo, falar Hauçás.

Flavio: Você é de qual etnia Nsukka? Nsukka: Eu sou Yorubá.

Flavio: Você é animista? Ou do candomblé? Nsukka: Eu sou de dois, umbanda e candomblé.

Flavio: Muito bom, com o que você trabalhava lá, Nsukka? Nsukka: Na Nigéria.

Flavio: Qual o nome da sua mãe, Nsukka? Nsukka: Abiela.

Flavio: E lá você a ajudava? Nsukka: Trabalhava lá no comercio.

Flavio: Por que você decidiu sair da Nigéria?

Nsukka: Porque meu marido vem aqui... onde ele vai eu vai com ele, eu tenho tudo aqui até filho... meu filho já faz isso também, ele faz pós-graduação agora.

Flavio: Que legal, Nsukka, qual o nome dele? Nsukka: Junior.

Flavio: Quantos filhos você tem?

Nsukka: Graças a Deus pouquinho... só três.

Flavio: Ok, você gostaria de falar a idade dos seus filhos? Nsukka: Junior 28.

Flavio: E o Junior também está fazendo pós-graduação? Nsukka: Hum.

Flavio: Que bom, parabéns. O que você sabia, Nsukka? sobre o Brasil antes de vir para cá?

Nsukka: É... a gente vai lugar que marido gosta... marido que gosta por isso eu vir. Flavio: Seu marido é nigeriano, Nsukka?

Nsukka: Sim.

Flavio: E ele gostava do Brasil? Nsukka: Sim.

Flavio: E você sabia alguma coisa do Brasil?

Nsukka: Não, a gente conhece Pelé (risos). Pelé jogador, África conhece muito Pelé. Flavio: (Risos) você torce para algum time do Brasil, Nsukka?

Nsukka: Eu? Tudo, qualquer um, o que ganha é o meu (risos). Flavio: (Risos) o seu marido também é assim?

Nsukka: Mesma coisa...

Flavio: Ok, querida. Bom, você decidiu vir para o Brasil por causa do seu marido, né, você recebeu alguma ajuda financeira? Ou vieram por conta própria?

Nsukka: Ninguém, só Deus e meu marido. Flavio: Ok, qual o nome do seu marido, Nsukka? Nsukka: É José.

Flavio: José? Ótimo, então só vocês dois vieram por conta própria. Nsukka: Hum.

Flavio: Como foi a sua viagem? Vocês vieram de avião ou navio? Nsukka: Pra Brasil com avião, veio tranquilo... eu sou brasileira também. Flavio: Você já tem a nacionalidade?

Nsukka: Já, já... eu tenho três filhos aqui, graças a Deus.

Flavio: Muito bom, que atividade de trabalho você exerceu aqui? Nsukka: Na loja.

Flavio: Ah, direto na loja? Nsukka: É.

Flavio: E esses artigos são todos diretos da Nigéria?

Nsukka: É, a maioria... é porque irmão de meu marido tá aqui antes, agora não tá mais. Flavio: Infelizmente não tá mais, mas quando você veio aqui para São Paulo você já abriu a loja?

Nsukka: Já, a loja já tava aberta antes de eu chegar.

Flavio: Ótimo, como foi a sua adaptação aqui no Brasil? Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, a culinária e a religião?

Nsukka: Não, tudo igual, Brasil igual a África, tudo que a gente... tudo que Brasil tem África também tem. Eu tudo igual até eu come mais daqui, come comida mais daqui, eu cozinha faz tudo.

Flavio: Que bom que você não sofreu. Quando você chegou aqui, Nsukka, você sofreu alguma dificuldade com a língua? Você se comunica bem com os brasileiros?

Nsukka: Olha... a língua eu aprendi aqui, eu ir à escola; a língua... Flavio: Você falava inglês e Yorubá?

Nsukka: Falar inglês e Yorubá, porque português é difícil... só Yorubá e inglês na terra, por isso estuda.

Flavio: Ah, mas você muito bem. Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na sua terra natal?

Nsukka: Só liga e vai lá.

Flavio: Ah, então você vai lá de vez em quando? Nsukka: Sim, uma vez por ano vai lá.

Flavio: Você tem família aqui no Brasil?

Nsukka: Tem meus filhos, meu marido e meu irmão. Família tá aqui, todo mundo vem lá na Nigéria, minha família é assim unido.

Flavio: Ok, como você mantém os seus costumes como a língua, religião e a culinária? Nsukka: É porque é meu trabalho, porque eu mexe com isso, meu trabalho.

Flavio: Certo, sua religião você mantém aqui e a sua língua? Nsukka: Ah, falar com meu marido que é Yorubá também.

Flavio: Ah, Yorubá, tem muito Yorubá aqui em São Paulo, né. Nsukka, por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora?

Nsukka: Aqui mesmo no Centro. Olha, África já falou, qualquer lugar que marido tá mulher tem que ir atrás... é assim que é a cultura, marido é que manda.

Flavio: Ok, você sabe se existe alguma associação que ajude os nigeriana aqui em São Paulo?

Nsukka: É, só no Brasilia, vai se pode... a gente nigeriano vai juntando, um ajuda o outro.

Flavio: Aí ajuda para pessoa ir?

Nsukka: Sim... Brasil também ajuda mais. Brasileiro ajuda muito... cada país é diferente né, pessoas da Nigéria é diferente daqui.

Flavio: Você sabe quantos nigerianos moram aqui em São Paulo? Nsukka: Eu não sei... pode ser 5.000, pode ser 6.000. Não sei.

Flavio: Ok, você já sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil?

Nsukka: Graça a Deus não, nunca... olha se fala que você é negro todo mundo é igual, olha pessoa que não tem educação que fala isso, se você tem educação você vai achar todo mundo igual, todo mundo... a cor não tem nada a ver, todo mundo é igual, graças a Deus nunca, nunca.

Flavio: Que bom, fico feliz, você é uma das poucas pessoas que falaram que nunca sofreu racismo; você e um professor falou que não sofreram racismo, 2 de mais de 20 pessoas.

Nsukka: Eu não, qualquer lugar que eu entra, já foi em um monte de lugar e ninguém, porque se faz isso pra mim eu não deixo passar... qualquer família vai ter branca, vai ter preto, qualquer um... tem que ter respeito e educação. Pessoa sem educação fala "você é negro" eu fala "eu sou e daí? Graças a Deus"... preto até idade não mostra (risos)... negro é bonito... tem branco que quer virar negra, mas não dá, não tem creme para isso. Flavio: Muito bom. Nsukka, você conhece o grupo Boko Haram? Você tem algo a falar sobre eles?

Nsukka: É na Nigéria, mas ele não mexe com a minha família. Flavio: Sua família está mais ao sudoeste e eles agem mais ao norte?

Nsukka: Sim, em nome de Deus nunca mexeram com a minha família, eles não passa limite deles.

Flavio: Ok, bom, Nsukka, já estamos acabando, você gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei?

Nsukka: É, tudo é bom pra mim, tudo igual... Brasil gosta de estrangeiro, porque é... você tem direito para uma coisa e eu também tenho, todo lugar é assim; eu brasileira meu filho também brasileiro e graças a Deus está bem. O mundo inteiro agora é difícil, isso é em qualquer lugar, mas se você fica direito vai dar certo... se você correr atrás vai da certo.

Flavio: Nsukka, só mais uma pergunta você tem algum guia espiritual específico? Nsukka: É, é meu trabalho, né, eu sou mãe de santo.

Flavio: Você tem um guia específico?

Nsukka: Depende do que pessoa quer... se ela quer saúde, felicidade... depende de cabeça de cabeça, porque cabeça não é igual, o que é bom para um não é para o outro; vai ver na consulta.

Flavio: Ok, Nsukka, eu tenho a sua autorização para usar essa entrevista para fins acadêmicos?

Nsukka: Sim, sim.

Flavio: Muito obrigado. Estou terminando a minha entrevista com a Sra. Nsukka às 14 horas e 50 minutos. Nsukka, muito obrigado mesmo, fica com Deus.

Nsukka: De nada, fica com Deus também.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com a Sra. Futua, aqui na Galeria Presidente no dia 06/05/2021 às 18 horas e 10 minutos; Futua qual o seu nome completo?

Futua: Meu nome Futua.

Flavio: O seu nome tem algum significado? Futua: Significa um presente de Deus.

Flavio: Onde você nasceu?

Futua: Eu nasci na Nigéria, Plateau. Flavio: Quando você nasceu?

Futua: Em 18 de março de 1983.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para morar? E onde você mora? Futua: Eu escolhi a cidade porque eu gosto de São Paulo, eu moro na zona leste.

Flavio: Qual o bairro?

Futua: Eu fico... é... ah... São Miguel Paulista. Flavio: Quais memórias você tem da sua terra natal?

Futua: Eu tenho memórias felizes... de andar onde eu morava... meus pais estão bons; eu tenho quatro irmãos e dois filhos.

Flavio: Você conversa com eles diariamente?

Futua: Sim, eu falo com eles pelo telefone... eu sou muito próxima com a minha família, eu falo com eles todos os dias.

Flavio: Com o que você trabalhava lá?

Futua: Eu trabalhava em um hospital por cinco anos... eu era enfermeira. Flavio: Por que você saiu da Nigéria?

Futua: Ah, foram muitos problemas... muitos problemas na família, em casa... Flavio: Algum que você gostaria de comentar?

Futua: Sim, eles mataram meu tio.

Flavio: O que você sabia sobre o Brasil antes de vir?

Futua: Ah, eu sabia que era um país amigável, as pessoas são amigáveis, é um país que acomoda as pessoas, por isso eu escolhi o Brasil.

Flavio: Ok. Futua, como foi a sua viagem e a mudança?

Futua: Foi bem, eu cheguei no aeroporto de São Paulo. Eu tinha referência da cidade por isso escolhi aqui

Flavio: Qual atividade de trabalho você exerceu ao chegar aqui? Por quê?

Futua: Eu abri a minha loja, essa é a minha loja de comida. Flavio: Há quanto tempo você está aqui?

Futua: Eu vim para o Brasil ano passado. Essa loja tem só um ano. Eu sou ocupada (risos).

Flavio: Que tipo de comida você vende? Futua: Ah, comida nigeriana.

Flavio: Que cheiro bom (risos). Futua: Obrigado.

Flavio: Você faz a comida? Futua: Sim, eu faço.

Flavio: Você tem algum apelido aqui? Futua: Na comunidade é Adoso.

Flavio: Certo, qual a sua relação com a sua família aqui no Brasil e com a sua família na Nigéria?

Futua: Eu não tenho família aqui no Brasil... e sou eu. Flavio: Você é casada?

Futua: Ah, eu sou sozinha.

Flavio: Nossa, você é bem corajosa. Futua: Obrigada.

Flavio: Como você mantém os seus costumes, como a língua, a religião e culinária? Futua: Ah, eu não falo português, eu gostaria de aprender...

Flavio: Você sabe se existe alguma associação de imigrantes nigerianos em São Paulo? E rede de apoio aqui em São Paulo.

Futua: Não.

Flavio: Ok, você sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo? Futua: Não tenho ideia.

Flavio: Você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil? Futua: Não tive.

Flavio: Que bom! Futua, você gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei? Qualquer coisa.

Futua: São Paulo é um ótimo estado! Muito hospitaleiro, mas eu preciso de ajuda porque eu não tenho ninguém aqui no Brasil. Eu não tenho ninguém em São Paulo... coisas como ir para escola, coletivos para compartilhar; com essa pandemia tudo está

difícil... não tem dinheiro. Eu sou feliz porque eu acredito que São Paulo me abençoou; como somos imigrantes, visitantes, nós realmente precisamos de ajuda. Brasil é um país amável, abençoado, precisamos de ajuda e saúde, não dinheiro para compartilhar e fazer um bom trabalho.

Flavio: Muito bom, você é muito sorridente! Futua, eu posso usar a sua entrevista para fins acadêmicos?

Futua: Pode.

Flavio: Bom, terminamos aqui a entrevista com a Sra. Futua às 18 horas e 30 minutos. Futua, muito obrigado por tudo!

Futua: De nada, muito obrigada você.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Gboko, aqui na Galeria Presidente, no dia 06/05/2021 às 18 horas e 55 minutos. Qual o seu nome completo?

Gboko: É Gboko.

Flavio: O seu nome tem algum significado? Gboko: É... Gboko... Gboko é o primeiro filho. Flavio: Ah, o primogênito.

Gboko: É... ah... primeiro filho... família sucesso. Flavio: Onde você nasceu, Gboko?

Gboko: Lagos.

Flavio: Muita gente de Lagos aqui, né. Quais lembranças você possui da Nigéria? Gboko: Ah... Nigéria... nigeriano... mais difícil, muito mais difícil; todo mundo nunca mais foi pra lá mais, muito difícil. Nigeriano tem muito tribo... muito, tem três tribo: Yorubá, Hauçá, Igbo.

Flavio: Você é de qual tribo?

Gboko: Eu Yorubá. Então, Yorubá e Igbo menores... entende né? Então, Hauçás maiores, domina todo mundo; aqui na São Paulo não tem Hauçás, todo mundo não aguentar Hauçás, só ficar na Nigéria, só dominar tudo; Yorubá e Igbo benefício nada... todo mundo que sair pra outro país.

Flavio: Entendi, por isso eu não achei nenhum Hauçás aqui, eles só querem mandar em tudo?

Gboko: Você encontrar Hauçás só na embaixada. Então, você quer ajuda lá no meu país ir no consolado... muito difícil. Todos lá Yorubá e Igbo ele, Hauçás, não quer escutar nada, não quer que ninguém fale nada... ninguém, só eles.

Flavio: Então Yorubá e Igbo precisam ficar em silêncio? Gboko: Isso, isso.

Flavio: Ok, muito interessante. Com o que você trabalhava lá na Nigéria?

Gboko: Trabalhar na Nigéria eu trabalhar no banco, meu banco outro... é... documento, trabalhar todo banco serviço.

Flavio: Banco de serviço?

Gboko: É, mais dez banco fechou, não mais trabalhar com ninguém. Flavio: Por quê?

Gboko: Ah... Hauçás (risos), mas difícil, você entende? Flavio: Por causa do Boko Haram?

Gboko: É... Fulani e Boko Haram.

Flavio: Nossa, dez bancos fechados por causa do Fulani e Boko Haram. Por que você decidiu sair da Nigéria?

Gboko: Ah, eu procurar trabalhando em outro país, aqui tá no Brasil está mais melhor, muito legal... aqui tem infraestrutura, eletricidade, água... tudo você tem, entendeu?

Flavio: Ok, Gboko, muito interessante. O que você sabia sobre o Brasil antes de vir para cá?

Gboko: Eu sabia... ah... o que aprender na escola... eu fui procura isso saber Brasil segunda casa Yorubá, então todo Yorubá quer visitar Brasil, quer ficar aqui, se morar em outro lugar esse é o lugar.

Flavio: Alguém te incentivou? Alguém te ajudou financeiramente? Gboko: Ah, não. Só eu, a minha família, minha mãe, meu pai ajuda tudo.

Flavio: Ok, seus pais te ajudaram. Como foi a sua adaptação aqui no Brasil? Você sofreu com alguma dificuldade com os costumes, com a religião e com a culinária?

Gboko: Ah... Yorubá religião, os... é... Oxum , Ogum , Oyá ... é... pouco tempo eu passei foi lá fazer festa com... ah, todo brasileira e Yorubá junto.

Flavio: Ah, no candomblé?

Gboko: Sim... Ogum e Oxum é religião Yorubá, mas não prática. Flavio: Você é cristão?

Gboko: Eu sou muçulmano.

Flavio: Ah, legal, você frequenta a mesquita?

Gboko: Vou sim, eu oro dia e noite. Eu prático... todo muçulmano precisa praticar... meu pai é muçulmano e minha mãe cristã, então não tem problema com a minha família... se você é muçulmano tudo bem, se você é cristão tudo bem.

Flavio: Você sofreu alguma dificuldade com a língua?

Gboko: Não, não... não dificuldade, eu não foi escola, eu aprende na rua (risos). Flavio: Então você se comunica bem com os brasileiros?

Gboko: Eu me comunicar meu filho bem. Flavio: Ah, você tem um filho?

Gboko: Tenho dois.

Flavio: Que legal, qual é o nome e a idade deles?

Gboko: É... primeiro Nora, segundo Aline... oito anos e cinco anos. Flavio: E eles também te ensinam?

Gboko: Sim, eu conversa muito. Flavio: Você é casado com brasileira?

Gboko: Minha esposa é tailandesa... ela tailandesa e filhos brasileiros (risos). Flavio: (Risos) isso que é o Brasil.

Gboko: Agora brasileiro tudo (risos), misturado... África, Ásia e Brasil... tudo junto (risos).

Flavio: Muito bom. Você tem família da Nigéria aqui?

Gboko: Não, só minha esposa e filhos... toda minha família tá na África. Flavio: Você se comunica sempre com eles?

Gboko: Todo dia.

Flavio: Você tem pai e mãe?

Gboko: Não, minha mãe morrer ano passado, só meu pai. Flavio: Meus sentimentos.

Gboko: Ah... já passou. Meu pai é vivo e eu falar com ele todo dia... vídeo WhatsApp... é isso.

Flavio: Você tem irmãos? E quantos?

Gboko: Ah... tem grande família, meu pai tem dois... dois mulher, você sabe África pode, não vai ter dois mulher... minha mãe tem sete, outra mulher tem cinco... tem grande família (risos). Eu o primeiro, primeiro a nascer.

Flavio: Interessante, como você mantém os seus costumes, a sua religião, a sua culinária e a sua língua?

Gboko: Ah... come tudo, só porco... só porco, muçulmano não come porco. Flavio: Por que você a cidade de São Paulo para morar, Gboko? Onde você mora?

Gboko: Ah... São Paulo... é uma cidade muito boa, onde eu encontro os meus irmãos “africanos”, uma minoria fala inglês e eu moro no Campo Limpo, na zona sul... eu ficar 8 anos fica lá... todo mundo conhece... eu tá lá 8 anos e todo mundo conhece meus filhos.

Flavio: Você sabe se existe alguma associação nigeriana aqui em São Paulo?

Gboko: Hum... eu sei, mas... primeiro muita gente ajuda, agora mais difícil... ninguém ajuda mais... ninguém, nunca... só isso... ninguém ajuda, só amigos... Yorubá ajuda Yorubá... Igbo ajuda Igbo... muçulmano... ah, religião muçulmano toda semana dá cesta básica.

Flavio: Ah, na mesquita. Onde fica essa mesquita?

Gboko: Tem muito... tem outro lado aqui Anhangabaú, Rio Branco... tem muito.

Flavio: Certo, eles ajudam muito os irmãos, né. Você sabe, Gboko, quantos nigerianos vivem em São Paulo?

Gboko: Ah... não sabe, 1100 ou 1150... tem muito... Hauçás, Yorubá, Igbo... tem muito. Flavio: Ok, Gboko. Você já sofreu alguma experiência de racismo no Brasil?

Gboko: Hum... mais ou menos, não muito. Eu ficar no Brasil 10 anos já e sabe tem pouco, mas é... é... negra... é...

Flavio: Estrangeiro?

Gboko: Às vezes estrangeiro, é... o meu mulher branca não tem problema... negro, negrão, preto não quer ver outro preto... branco não tem problema, preto tem problema... não tem mais, só isso. Brasil gosto de ficar aqui muito (risos)... ah, deixa não ir não vai... não volta mais.

Flavio: Ok, você conhece o grupo Boko Haram, Gboko?

Gboko: Ah, eu não conheço, só ver na televisão... você conhece acaba o jogo, você morre (risos)... se você conhece o Boko Haram já era. Só vê todo dia... matou, assassinato... estupro, rapto... é muito... é mau, manda mau, é horrível. Ah, governo faz nada... Fulani, Fulani, Hauçás, Hauçás... Hauçás e Fulani matar Yorubá e Igbo... governo não falar nada.

Flavio: Isso é terrível; sua família está longe deles?

Gboko: Tá longe... tá longe, longe... eles é desastre.

Flavio: Ok, agora é uma pergunta importante... você gostaria de falar algo que eu não te perguntei? Pode falar qualquer coisa.

Gboko: Ah... nada mais, só... ah... eu quero... é... liberdade pra minha tribo que tá na Nigéria. Liberdade, só isso... e ficar bem, não ter problema com ninguém... trabalho (risos)... eu quero liberdade pra minha tribo que tá na Nigéria... quero Yorubá paz... eu quero liberdade para o meu povo.

Flavio: Muito bonito da sua parte; Gboko, eu tenho a sua permissão para usar essa entrevista para fins acadêmicos?

Gboko: Sim, pode sim.

Flavio: Terminamos aqui a entrevista com o Sr. Gboko às 19 horas e 20 minutos. Gboko, muito obrigado!

Gboko: Obrigado você.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Owo, aqui na Galeria Presidente, no dia 06/06/2021 às 15 horas e 40 minutos. Owo, qual o seu nome completo?

Owo: Owo.

Flavio: O seu nome tem algum significado?

Owo: Sim... é que meu pai morreu... pai que me... é... pai que morreu, nasceu de novo e pode ser menino.

Flavio: Certo, você é Yorubá? Owo: Sou Yorubá.

Flavio: Quando você nasceu? Owo: Nasceu 4/11/1988.

Flavio: Onde você nasceu, Owo?

Owo: Estado de Osun... capital é Oshogbo. Flavio: Quais lembranças você possui da Nigéria?

Owo: Hum... é muita coisa... tem muito, muito, muito... não dá pra falar. Flavio: O que você gosta mais? Tem algo que você gostaria de falar da Nigéria?

Owo: É... África tem comida que bom, sabe? O que você tem, o que você vê, vai comer e você vai e gosta... África tem coisa boa, só isso.

Flavio: Com o que você trabalhava lá?

Owo: Eu trabalhar... lá no hotel... atendimento. Flavio: Atendimento de hotel?

Owo: É...

Flavio: Ok, por que você decidiu sair da Nigéria?

Owo: Eu sair da Nigéria porque... ah, lá não é muito bom, sabe? Governo roubar tudo, não tem nada no benefício no governo... não ajuda pobre. Aqui eu vi... meu mãe tá lá, minha família tá lá, eu quero trazer todo mundo pra cá porque lá é muito roubar... lá é fogo...

Flavio: Fogo? É guerra?

Owo: É... é fogo, fogo, fogo... tudo. Agora quem tá lá mata todo dia, nesse momento. Flavio: Quem está atacando quem?

Owo: É governo... todo problema lá é governo, sabe? Sabe, que eu sabe tudo... eu entende... quem conhece dinheiro lá no meu país, tem tudo, tem água... petróleo. Depois que eu desceu tudo quebrada, governo acabou com tudo... não tem nada, não tem nada, não tem luz, não tem água... por isso eu sair de lá.

Flavio: Você quis uma vida melhor? Owo: Melhor...

Flavio: Certo, muito triste isso. O que você sabia sobre o Brasil ante de vir?

Owo: Eu não conhecia nada... nada, nada, nada, não conhecia ninguém. Eu tá no aeroporto tá chorando porque eu sabia falar português, agora sabi um pouquinho. O que eu tá falando você entende?

Flavio: Estou entendendo tudo. Então, você não conhecia nada do Brasil?

Owo: Nada... que eu tá no aeroporto tava chorando... porque o que foi eu falava “good morning” e falavam “o que ele tá falando” aí eu “meu Deus”, eu não sabe nada... nada, nada... que eu sabe que aqui ta falar português eu não ia vim.

Flavio: Deve ter sido muito difícil... Owo, por que você decidiu vir para o Brasil?

Owo: Não sabe... só pegar... pegar um mapa e eu quero um visto que ta... que ta bom... eu querer sair daqui... eu querer ir embora.

Flavio: Então você nem decidiu, você pensou o primeiro que me dá o visto... Owo: É... ah tem visto aqui eu vou.

Flavio: Além do Brasil, quais países tinham?

Owo: Ah, eu... agora que eu cheguei aqui eu sabia que EUA é bom... Canadá. Agora aqui... que desceu aqui que não vai pessoa ter tudo o que quer... eu vou fazer o que eu

quero aqui, sair daqui e vou lá tentar outro país; aqui também tem brasileiro lá fora que sair daqui... sabe? Tem brasileiro que sair daqui sair quero vida melhor.

Flavio: Ok. Alguém te ajudou financeiramente para você vir para cá? Owo: Minha mãe ajudou... muito, muito.

Flavio: Você disse para ela que queria uma vida melhor?

Owo: Ah... eu não falar para ela no... não falar pra ela, o que eu falar pra ela “eu quero sair daqui” ela vai falar “o que você vem aqui...”, sabe? Eu não poder falar porque lá não ficar com cabeça...

Flavio: Sua mãe é muito boa, você tem pai? Owo: Eu tenho pai... ela... ele não morar junto.

Flavio: Como foi a sua viagem? Foi tranquila? Você veio de avião ou de navio? Owo: Não foi tranquilo... não foi tranquilo, não foi, não foi...

Flavio: Você pode contar?

Owo: Primeiro dia, eu vem... tem que descer no... tem que pegar um avião, depois vai ficar sete hora num... outro lugar.

Flavio: Em qual país você ficou?

Owo: É... Casablanca, Marrocos... eu desci em Casablanca... eu vou pro shopping, eu não sabe que vai ter dois horas pegar outro avião... avião foi... meu... como é o nome... meu mala tá aqui no Brasil (risos) e eu em Casablanca no shopping... até que trocou passagem sabe... eu trocou passagem por 300 dólares acho, eu tenho 100 dólares.

Flavio: Nossa, e depois?

Owo: Eu sentar aqui tem um rapaz que ele ficar no shopping olhar tudo e depois ele também saiu... ele tem dinheiro... ele me ajuda “eu vou pagar você”... ele me ajudou, depois eu cheguei no Brasil... é visto... é visto... eu tá aqui no final do Copa do Mundo, 2014... que vai... vai Espanha... que FIFA vai acabar com... um dia só eu chegar aqui.

Flavio: Você ia ver mais jogos, mas só deu para ver um? Owo: É... sim.

Flavio: Ainda bem que aquele rapaz te ajudou. Owo: Aquele rapaz morreu...

Flavio: Nossa, ele morreu?

Owo: Ele veio aqui só passear... só vim aqui no Brasil só passear... depois ele morreu, eu lembro dele.

Flavio: Ele morreu do que?

Owo: Ele morreu lá no meu país... um dia tava olhando Facebook só vi que ele morreu. Flavio: Que Deus tenha a alma dele. Owo, com o que você trabalhou quando chegou aqui no Brasil?

Owo: Hum... eu trabalhar aqui em Galeria... Galeria do Rock... aqui, aqui. Flavio: Galeria Presidente.

Owo: Eu trabalhar em um restaurante aqui. Eu ajudo a vender... sabe eu sei fazer tudo... sabe fazer tudo... eu ajuda, depois tem rapaz que fala pra mim “ah, você aqui não vai saber falar português, tem que sair lá fora... só tem nigeriano aqui, tem que sair lá fora pra aprender português”; ele me mostrar tudo... tirar carteira... tirar... tirar carteira trabalho, sabe? Ele me ajuda muito, muito, muito, depois eu sair daqui eu falar “eu quero sair daqui” ele me procurar emprego... procurar emprego trabalhador de registrado, sabe? Depois trabalhar lá, depois sair de lá de novo... arrumar outro emprego.

Flavio: Outro restaurante?

Owo: Não, emprego do Brasil, sabe? Depois... lá eu aprender português lá, quando eu cheguei lá eu não sabe nada.

Flavio: Que emprego era?

Owo: Eu trabalhar com máquina... eu ajudante, só ajudante... pegar papel máquina... é gráfica... eu tenho operador... é... carteira... no meu trabalho eu tenho operador de máquina, depois empresa fechou.

Flavio: E lá você aprendeu a falar português?

Owo: Muito, muito... o que eu não sabia falar você vai aprender aqui... “bom dia”, “começou”, “comeu com ele”...

Flavio: Entendi, muito bom. Como foi a sua adaptação aqui, Owo? Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, religião, culinária etc.?

Owo: É... hum... é bom, bom... não posso falar... não saber muito não... Flavio: Ok, você teve alguma dificuldade quando chegou aqui?

Owo: Não... não tive... ah, sabe, porque eu não vou sozinho... Flavio: Você é cristão?

Owo: Eu cristão... não tive dificuldade, eu como qualquer coisa.

Flavio: Ok, você sofreu dificuldade com a língua? Foi difícil aprender o português? Owo: Ah... acho que não, não é difícil porque você tá aqui a 7 anos.

Flavio: E no começo? Como foi?

Owo: Ah... pode falar assim no começo? Não é difícil não, se você tem que falar alguma coisa fala... tem a parte que você vai falar “bom dia”, “boa tarde”.

Flavio: Ah, eles te ensinaram?

Owo: Ensinaram... eu entendi. Aqui não ver aqui dois ou três meses não vem aqui ficar com brasileiro, aí eu fui aprendendo... tem alguém aqui nigeriano que não sabe falar 20 anos que não sabe falar... só falar inglês e nada de português.

Flavio: Você fala bem, Owo.

Owo: Ah... eu só não sabe escrever muito... aqui no meu celular tem... tem, hum... o tradutor, que as vezes que não sabe põem lá.

Flavio: Ok, então você se comunica bem com os brasileiros hoje, de tanto trabalhar? Owo: É... não tá trabalhando, tá difícil agora, mas fala bem... eu que vou tá lá na frente falar “o que você quer” pra nigeriano.

Flavio: Então você ajuda os irmãos, parabéns. Qual é o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na sua terra natal?

Owo: Eu não tenho família... só o meu pai. Flavio: Você fala sempre com eles?

Owo: Eu falar no telefone todo tempo todo dia... conversar... tem que ligar pra ele. Tem lá o que não sabe nada daqui, aqui não tem WhatsApp... lá é difícil muito, quem tem dinheiro tá bem lá, quem tem dinheiro tá bem, é difícil pra... é difícil lá... não pode falar, é difícil.

Flavio: Entendo, você tem irmãos lá? Além da sua mãe. Owo: Eu tenho.

Flavio: Desculpe, mas quantos irmãos você tem?

Owo: Quatro eu... tem um, dois, eu é três, tem um... cinco, são três mulher e dois homem.

Flavio: Owo, como você mantém os seus costumes, a sua língua, a sua religião e a sua culinária?

Owo: Não dá não... só falar com Deus, só assim. Flavio: Você vai na igreja?

Owo: Eu nunca... só não foi mais não... fui na missa e paro. Flavio: Mas se você quiser ir você tem aonde ir?

Owo: Sim.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora?

Owo: Hum... eu já falei pra você, alguém que não sabe falar nada (risos) só sair e acabou.

Flavio: Certo, não foi uma escolha?

Owo: Não foi escolha... eu... você... você não sabe fazer nada agora... você... eu quero fazer... agora você quer sair daqui, só não tem ninguém lá no... é... Estados Unidos, você chegou lá aí viu alguém que vai ajudar você... você sabe Deus é Deus... só isso. Deus vai ajudar você.

Flavio: Eu acredito nisso também. Você mora onde? Owo: Eu mora no Campo Limpo.

Flavio: Ah, tem muitos nigerianos que vivem lá. Owo, você sabe se existe alguma associação que ajuda só nigerianos aqui em São Paulo?

Owo: Não... acho que não conheço não.

Flavio: Ok, você sabe dizer quantos nigerianos vivem aqui em São Paulo? Owo: Eu não sabe... é muita gente.

Flavio: Certo. Você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil?

Owo: Sim, eu tenho alguma experiência... eu e meu amigo, é preto também, ele é nigeriano também, eu tá no ônibus ele brigar com aquele rapaz... brigar com ele... polícia chegou... ele é... motorista descer ele junto com aquele rapaz... é porque eu só ficar pertinho, eu não sabe bem o que ele tá falando, aquele cara ali sabe tudo... ele brigar com ele... bater nele.

Flavio: Nossa, mas quem bateu em quem?

Owo: Meu amigo bater nele... depois motorista parou, descer todo mundo... chamou a polícia.

Flavio: Você lembra o que ele disse?

Owo: Ah... ele falou... falou... uma coisa pra ele... eu não entende, eu não sabia. Eu sei que existe racismo... eu ouvi um... racista que vai matar... se alguém falar isso pra mim eu vou sair, vou embora... pra não da problema, sabe? Porque eu não tá no meu país... aqui é outro país... ele tem... ele tem tudo. Ele chegou com advogado "ele tem o direito de..." eu também... se não pode deixar ele ir embora.

Flavio: Owo, você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia falar algo sobre ele? Owo: Ah... eu não vou conhecer porque tem um senhor aqui que tava falando 100... 20% sabe? Não é igual assim agora.

Flavio: Quando você chegou estava 20%?

Owo: É... agora tá 100% agora.

Flavio: Você acha que o Boko Haram está muito poderoso agora? Owo: Tá... tá chegando perto agora.

Flavio: Então eles estão descendo, certo. Owo, você gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei? Pode falar qualquer coisa.

Owo: Agora eu... eu tenho um... como falar nome... um brasileiro amigo, ele me ajuda muito... eu casada com ela.

Flavio: Qual o nome da sua esposa?

Owo: Eu chamo ela de Deusa... Desuita... ela me ajuda muito... porque... agora eu não faço nada ela tá trabalhando... eu chego a noite ela também vai chegar... ela vai... ela não vai... ela sabe que eu sou... eu gosto de trabalhar, só que não tem trabalho... ela sabe que eu tento... ela tem cabeça boa, porque eu não posso gostar do... é... eu não vou comer... eu não vou... ela me ajuda muito... muito, muito, muito.

Flavio: Desculpa, mas faz quanto tempo que vocês estão juntos? Owo: Hum... acho que quatro anos agora.

Flavio: Que bom. Owo, eu tenho a sua permissão para utilizar a entrevista para fins acadêmicos?

Owo: Pode, tudo bem.

Flavio: Ok, então terminamos a entrevista agora com o Sr. Owo às 16 horas e 05 minutos. Muito obrigado, Owo, por tudo.

Owo: De nada.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Socoto, aqui em São Paulo no centro da cidade, na Galeria Presidente, no dia 04/05/2021 às 16 horas. Qual o seu nome completo?

Socoto: Socoto.

Flavio: O seu nome tem algum significado?

Socoto: Olha... é... Socoto é tipo Socotoo, é algo especial que vem de Deus... esse é o significado... aí sobrenome... é real... assim, porque é um sobrenome que é de um nome... um nome... como eu vou dizer? Real... real, não, não... reino porque meu tataravô era o rei da... da... da vilarejo, porque lá cada vilarejo tem seu reino... há época, né.

Flavio: Quando você nasceu, Socoto?

Socoto: Eu nasci dia 9 do 2 de 1986. Flavio: Certo, onde você nasceu?

Socoto: Eu sou de Imo, capital Owerri, mas eu nasci e cresci em Lagos. Flavio: Você é Igbo, Yorubá...

Socoto: Eu sou Igbo.

Flavio: Certo, quais as lembranças você possui da Nigéria?

Socoto: Bom... é totalmente tudo de ruim... porque... é... eu vejo brasileiro dizendo “eu tenho orgulho de ser brasileiro”, mas é difícil ver um nigeriano falando “eu tenho orgulho de ser nigeriano”... por causa da corrupção, político e... eu tenho 35 anos hoje e eu posso falar que eu nunca beneficiei do meu país... nada, nada, porque tudo é pago... a educação é pago, saúde é pago... é, então quando eu lembro da Nigéria eu fico muito... muito triste, me deu vontade de colocar uma bomba lá pra matar todo mundo lá... é isso... é uma revolta! É isso que eu tô te falando, o que eu tô falando agora, se você pergunta umas... 20 nigerianos, 18 vai te falar a mesma coisa, entendeu? Os outros podem não falar por “ah, assim não quero dá uma imagem negativa do país”, mas não tem por que esconder isso, entendeu? Porque eu vou te falar a verdade, se meu país estivesse boa eu não estaria aqui no Brasil... todos os humanos hoje em dia... todo humano no mundo gostaria de ficar no seu lar... é difícil ficar longe do teu lar... culturas novas... é... é... assim sistemas novas... é tudo nova, comida nova... é tudo, então não é fácil.

Flavio: Entendo... o que você fazia lá? Com o que você trabalhava? Socoto: Hoje eu faço exportação de gesso.

Flavio: Ah, lá na Nigéria você fazia isso? Socoto: Não, eu... eu estudava.

Flavio: Certo, por que você decidiu sair da Nigéria?

Socoto: Ah... tentar uma vida boa... uma vida boa, uma vida nova... é isso, esse é o motivo... oportunidade melhor.

Flavio: Perfeito, Socoto. O que você sabia sobre o Brasil antes de vir?

Socoto: Olha... o que a mídia mostra pra nós do Brasil não é nada de bom... não é nada de bom, a gente só sabe que na época quando eu era criança, assim até os meus adolescentes é... eles sempre mostra que o Brasil só sabe viver através de futebol... por isso quando Brasil perde ele chora... é tudo isso, é isso que eles mostra pra nós.

Flavio: (Risos) ah é?

Socoto: É... que Brasil não tem nada, que eles morrer de fome... eles sobreviver através de futebol, na época.

Flavio: Na época que você era criança?

Socoto: Na época que... assim... entre os meus seis anos até os meus quinze anos, se não me engano, entendeu? Então dos meus 6 anos até os meus 19 anos... 19 anos! Eles falam isso... e não só isso, é... ele falam... é... maior prostituição da América Latina... o Brasil... o povo brasileiro só vive na prostituição também, tudo mais. É isso que eles falam pra gente, o que a mídia mostra pra nós... essas duas coisas.

Flavio: Só notícia ruim mesmo?

Socoto: É, notícia ruim, do jeito que o Brasil mostra notícias ruim daqui sobre lá, se você não for lá você não vai saber nada, entendeu? Se vocês não for lá vocês não vai saber a realidade, porque a mídia vai te mostrar o que o povo quer ver... não vai te falar a verdade, entendeu, é isso. Quando eu vim pro Brasil que eu descobri que Brasil é uma das maiores exportadores de açúcar... de carne, Brasil quase sustenta o mundo todo... é muito forte em agricultura... e eu começar vendo tudo isso, aí eu falei “mano”.

Flavio: Muito interessante, (risos). Você não sabia nada disso?

Socoto: Não sabia nada disso... claro! Vinha bastantes navios vindo do Brasil trazendo açúcar, só que eles não quis falar isso pra nós, não quis ensinar a gente ou não quis mostrar isso na mídia pra nós... entendeu? É isso... e também conhecemos Brasil por samba... é... entendeu? Só essas coisas, não é nada de algo assim... positivo, que pode atrair alguém, assim como tipo Estados Unidos, hoje todo mundo quer ir lá... é Canadá tudo mundo quer ir lá... se você falar em Brasil muita gente “aquele país é pobre” ... até hoje.

Flavio: Certo, vou fazer uma pergunta agora haver com isso. Por que você decidiu vir para o Brasil? Você recebeu alguma ajuda, Socoto? Ou você veio por conta própria?

Socoto: Na época que eu vim... assim eu tinha o meu tio que morava aqui, mas já voltou para África... e na época ele tinha também restaurante quando eu vim... eu cheguei a trabalhar no restaurante dele; então, o que me incentivou é sair do lugar que é escuro, porque pra mim lá é escuro... então sai do escuro pra ir para luz... pra mim não importa a onde esteja esse luz... eu não pensei... não coloquei na minha cabeça que, ah... tem que ser Brasil, tem que ser Estados Unidos, tem que ser... desde eu sair do... da... da... Nigéria ou da continente África pra mim qualquer país é bem-vindo... pra mim.

Flavio: Muito interessante. Como foi a sua viagem? Ela foi boa? Você veio de avião ou de navio?

Socoto: Avião.

Flavio: Você fez escala em algum país, Socoto?

Socoto: É... sempre fazer escala, é... Nigéria – África do Sul, África do Sul – Brasil. Flavio: Guarulhos?

Socoto: Guarulhos... ou Nigéria pode entrar na Holanda, num país da Europa também... qualquer país da Europa, ali... é... Holanda, Espanha, até França, mas nunca é um voo direto.

Flavio: Certo. Com o que você trabalhou quando você chegou aqui no Brasil?

Socoto: Tá bom... como eu falei, eu estava trabalhando no restaurante do meu tio, era um restaurante africano, comida... culinária africana.

Flavio: Aqui no centro da cidade?

Socoto: Aqui no centro... isso foi em 2003. 2003. Esse foi o primeiro trabalho meu e depois eu sai... eu trabalhei em um... frigorífico é... lá em Rio Grande do Sul... é Porto Alegre... é eu fui pra Porto Alegre, fui pra... Lajeado fui pra Monte Negro e depois eu fui pra Videira, Santa Catarina depois eu fui pra Curitiba.

Flavio: Você veio subindo?

Socoto: (Risos) é... aí depois eu vim pra cá, aí eu decidi parar... eu não quero mais morar no sul porque eu nunca gostei de frio... eu só fui lá porque eu tava necessitado, assim, eu tinha essa necessidade de trabalhar... aí eu. um dia eu decidi e falei “não”, eu pedi as contas e voltei pra cá, São Paulo. Soube que São Paulo é uma cidade grande com oportunidades muito maior, né? Em comparação com outros... outras cidades, entendeu? Aí eu decidi vir pra cá.

Flavio: Muito bom. Como foi a sua adaptação? Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, Socoto? Com a culinária? Religião?

Socoto: Muito... muito! Dificuldade de costume, dificuldade de culinária, entendeu? Culinária não tanto porque arroz e feijão têm lá; claro que o nosso prato principal não é arroz e feijão.

Flavio: Qual o prato principal?

Socoto: É... chama fufu, entendeu? Então, nosso prato principal não é arroz e feijão, só que a gente come arroz e feijão lá... normal, então isso não foi... a culinária não. não foi o problema, mas o costume foi...

Flavio: Costume muito diferente? Socoto: Muito diferente! Muito diferente.

Flavio: Mas o costume foi aqui em São Paulo ou na região sul?

Socoto: No Brasil todo... o Brasil todo é o costume... aqui, claro, o sul tem outro costume, que é costume europeu, né... ainda mais Rio Grande do Sul, Santa Catarina... aqueles costumes de Alemanha... Itália, entendeu? Então... o Rio – São Paulo que é sul, né? Sul, sudeste, né?

Flavio: Sudeste.

Socoto: Já tem costume misturado, né, (risos). Gente de todo lado... árabe... costume de árabe, costume de África também... costume americano, então tem costume assim... o costume foi muito difícil.

Flavio: Socoto, você sofreu dificuldade com a língua? Você se comunica bem com os brasileiros? Como tem sido a sua comunicação?

Socoto: A língua foi difícil sim, né, porque, olha, alguém sai de um língua... um lugar que fala uma língua e chega em outro lugar que fala outra língua, sempre vai passar essa dificuldade... é... sair de um país que fala inglês e chega em um país que fala português, sendo que eu não sabia nada de... de... português.

Flavio: Mas hoje você fala bem.

Socoto: Hoje eu tô ainda aprendendo, mas na época nem “oi” não sabia... só ouvi povo falando “bom dia”, aí eu pergunto “bom dia é o que?”, aí eu começar aprender assim, mas foi difícil... porque ir pro mercado, passar essa dificuldade. No restaurante você fala o povo começa tirando onda da tua cara, né, tipo você não fala português; aí já vem aquela discriminação, aí eu encaro e já fico irritado, já fico triste... já começa a sentir aquela saudade de casa... vontade de querer voltar, mas quando penso que... tá vindo de um lugar que é até pior do que aqui... aí então eu vou ficar, eu vou aguentando... um dia todo vai passar, é... é esse que tenho na cabeça.

Flavio: E hoje você se comunica bem com brasileiro? Socoto: Comunico bom... tranquilo, comunica bem.

Flavio: Que bom. Socoto, qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria?

Socoto: Eu tenho esposa aqui. Flavio: Você tem filho?

Socoto: Sim.

Flavio: Qual a idade dela?

Socoto: Ela fez três anos... no dia 18 agora, desse mês e... a minha esposa estudou na faculdade de UFRN lá em Rio Grande do Norte e ela é... é de Camarões, mas encontrou ela aqui... ela é engenheira química e... a minha família de lá a gente costuma se comunicar em inglês, né; eu não costuma falar sempre... quase todo dia, mas a gente fala pelo WhatsApp, agora é WhatsApp, antigamente era mais assim... e-mail ou ligação normal, só que ligação normal nunca deu pra falar muito por causa do... o custo é muito alto... assim você paga muito caro pra ligar de fora, mas hoje, né, com WhatsApp é mais tranquilo, mais fácil.

Flavio: Quantas vezes você fala com os seus parentes lá da Nigéria? Socoto: É... duas a três vezes na semana.

Flavio: Ótimo. Como você mantém aqui os seus costumes, sua língua, religião e a sua culinária?

Socoto: Olha, é... nós africanos, a gente tem uma tradição que é desde pequeno... os nossos pais costumam colocar isso na tua cabeça: “nunca esquece o seu costume, sua tradição” e tudo... então qualquer lugar que nós fomos... se você... se você sair daqui e ir pra Estados Unidos ou ir pra Argentina ou Peru encontrando nigerianos o costume vai ser igual... o costume daqui nunca vai influenciar o nosso costume, é muito forte pra nós, é... é assim a nossa riqueza, a gente nunca perde isso, entendeu? Posso chegar em um país árabe e começar a faladando árabe, mas eu vou fazer de todo jeito pra trazer minha comida, vou fazer de todo jeito pra que se eu encontrar meus amigos falando a nossa língua eu vou fazer de todo jeito de... de não esquece a minha religião, mesmo se não tem a minha religião aqui a gente vai fazer um jeito de criar a nossa religião aqui, inclusive tem muitas igrejas que é da África... pastores africanos e tudo mais... restaurantes africanos... é então costume é difícil perder, a gente sempre dá um jeito de trazer a África para onde estamos morando, entendeu? É isso.

Flavio: Muito bonito o que você disse. Por que você escolheu a cidade de São Paulo para morar, Socoto? Onde você vive?

Socoto: Eu to morando no sentido Cotia... não, eu tô morando na cidade de Cotia, sentido Granja Viana... e escolher São Paulo por causas das oportunidades, né, do São Paulo... é... não tem uma cidade que é assim em questão de oportunidade que você pode comparar com São Paulo... São Paulo é tudo do Brasil, é o coração do Brasil, entendeu? A oportunidade aqui é muito maior em questão de... hum... trabalho... tudo assim,

então... todos os... só pessoas que não tem é... que não gosta de morar nas cidades grandes, aí pode dizer “ah, não gosto de São Paulo”, mas se você gosta de cidades grandes e você consegue enxergar as oportunidades não tem como não amar São Paulo... eu gosto muito de São Paulo, eu não consegui morar em outro cidade... no dia que eu sair de São Paulo eu vou embora do Brasil, entendeu?

Flavio: Eu acho muito interessante essa visão abrangente que você tem de São Paulo. Socoto: Como eu já viajei em outras cidades, então eu já fiz essas pesquisas de comparação, eu falei “não, não há lugar melhor do que São Paulo”; questão de viver... agora, viver e trabalhar, é... São Paulo não é uma cidade de descansar, é uma cidade que é movimentada muito, então quem quer descansar pode ir pra cidade que tem praia... até Rio de Janeiro também é mais pra lazer, né... tem muitas praias lindas... Fernando de Noronha... todos esses lugares aí... Natal, eu já fui pra Natal porque minha esposa é de lá... é africana, mas estudou lá; então, eu já fui umas quatro ou cinco vezes lá... inclusive meu casamento foi em Natal... então, lá esses lugares você viaja pra lazer, gastar e trabalhar é aqui (risos).

Flavio: Muito bonita sua história. Socoto, você sabe se existe alguma associação de nigeriano aqui em São Paulo? Para ajudar os irmãos nigerianos, você sabe se existe?

Socoto: Associação? Hum... pelo que eu saiba acho que não... não sei, acho que não; eu acho que o povo... nós temos essa... é... é... essa forma de ajudar por natureza, não precisa uma associação, eu acho que o ajuda é mais individual... é um ajudando o outro, ou dentro da igreja onde vai muitos africanos, outros ajudando; a igreja mesma ajuda, entendeu? Porque a Nigéria é um país que não é grande, mas é maior em população, uns 200 milhões de habitantes igual ao Brasil, só que temos muito divisão... então, é... é muito mais fácil encontrar o povo da mesma cidade que eu vim pra me ajudar do que o outro povo da outra cidade da Nigéria pra me ajudar, entendeu? Então, é muito... tem muita divisão entre nós.

Flavio: Como Hauçá, Igbo e Yorubá? Socoto: É... é muito grande.

Flavio: O Igbo gosta do Igbo ou só se for da cidade?

Socoto: Não, não, Igbo gosta de Igbo... Igbo ajudar Igbo, Igbo abre negócio e contratar Igbo pra trabalhar... Igbo e Yorubá, Huassa é difícil você ver aqui porque eles são os povos que tão... tão muito na política; então, eles que estão estragando o país, então como eles tão muito... são muito beneficiados da... da política, então eles não gostam de

sair. Se você ver o povo saindo é porque não é beneficiário... por isso está tendo esse problema de Biafra, não sei se você já ouviu falar?

Flavio: Sim, eu conheço.

Socoto: Então, Biafra tá querendo sair da Nigéria e hoje tá tendo até guerra, até na minha própria cidade tá tendo isso, entendeu? O povo da Biafra tá querendo sair é porque o povo da Biafra é sudeste, então sudeste tá querendo sair da Nigéria porque eles não estão tendo nada de benefício, só quem... o sudeste é a região mais rica na Nigéria, todos os tipos de minérios que você conhece tem lá... é ouro, diamante, petróleo... então aquela região é um região muito rico, só da tribo Igbo... somos 70 milhões de habitantes só da tribo Igbo... só Igbo, eu não estou falando dos outros é pequenas tribos que está do lado do Igbos que é do sudeste... é só Igbo mesmo... 70 milhões.

Flavio: É o maior povo de lá?

Socoto: Eu acho que sim, entendeu? Só de Igbo, juntando os outros a gente passa uns... chega a uns 80 a mais, então nós conseguimos fazer... formar até três países, que quantos Montenegro tem na Europa é menos de um milhão ... tem muitos países que tem 500 mil na Europa... tem outros que tem... Suriname tem quantos habitantes? Tem menos de 500 mil Suriname , entendeu? Então, porque que um país mais de 70 milhões de habitantes você está forçando, quer dizer os britânicos, né, colonizaram forçando a morar com outros povos que não tem a mesma cultura, mesma mentalidade, mesma religião, mesma culinária, tudo totalmente diferente... é como se fosse você colocar... é... um...

Flavio: Argentino e brasileiro?

Socoto: Não, não, não... até Argentina e brasileiro vai ainda... é como se fosse você colocar... hum... um brasileiro com um árabe ou um chinês, a diferença é muito... a china tem a sua cultura, a sua mentalidade, a forma de pensar, sua religião, tudo... brasileiro tem a sua, então é totalmente diferente, é isso que está mostrando hoje... hoje você fala... você vê um monte de nigeriano saindo, não porque eles gostam de... não gostam de ficar no teu região, no teu lar... é por todos esses problemas que tem na Nigéria, o problema é muito... é muito... porque o povo nigeriano nenhum deles está feliz... nenhum.

Flavio: Nem os Huassas?

Socoto: É... ninguém... nenhum povo do Hauçá tá feliz, porque existe uma... é... assim, as pessoas que estão feliz é mais os elites; são poucas, vamos supor que Huassa é... 50

milhões, vamos supor, então vamos dizer que só 100 mil que tá feliz, o resto tá na miséria; só que eles estão dentro um buraco fechado... eles colocaram um povo dentro de um buraco, fecharam eles através do que? Religião. Quando o povo quer levantar o elite fala “não, somos todos igual... nós criamos um lar” e não sei o que, é tudo isso que faz com que eles ficar quietinho, mas eles não estão feliz não... eles estão mais sofrendo do que a gente, só que a gente temos uma... assim hierarquia que... temos uma... a gente... nós não respeito por elite, a gente não respeita a elite, a gente respeita... assim, o tribo Biafra só respeita elite que tá fazendo coisa boa; pra eles se você quer ser respeitado você tem que ser um político boa, não rouba, trás o que o povo quer, entendeu? Só que eles não, eles baixam a cabeça muito pra elite, então por isso eles estão... eu costumo falar assim “a gente sofre mais que a gente”, porque a gente levanta, briga, luta, morre... tudo, eles não... eles ficam quieto por causa da religião.

Flavio: Como aquelas rebeliões em Lagos contra aquela polícia repressora.

Socoto: Isso! Então é isso... então você viu em Lagos o povo se revoltou, mas não tinha, não possuía... assim, nenhum povo de norte que é o Hauçá, não tinha um povo revoltando, mas quem tava... quem tá sendo escravizado mais é eles, quem devia ficar na frente é eles, mas eles não foram na frente por quê? A religião mulçumanas colocaram eles preso; o sistema político lá é... a gente fala em inglês “divide a room”, significa dividir eles; então qual é a estratégia? Eles usam a religião, eles usa pobreza... entendeu? Então, se você é de uma religião e eu sou de outra religião aí vamos dizer que o governador da minha cidade... da cidade que eu moro é de uma religião, da mesma religião que sua eu e você estão sofrendo da mesma coisa; eu até poderia levantar e querer revolta... você não vai quis levantar, porque quando você levanta você vai falar... eles vão falar “não... é da mesma religião sua, é teu irmão”, eles não ouvem o que eu tô falando, entendeu? É desse jeito. Esse é o sistema político lá... é uma forma de enganar o povo e nesse norte o Huassas não tem estudo, então quem não estudou vai ficar cego pra sempre.

Flavio: Por falar nisso você estudou? Qual é a sua formação?

Socoto: Eu ler muito, mas eu estudar até ensino médio completo, só que aqui eu fiz o empreendedorismo aqui... é, então eu costuma a ler livros, pesquisas.

Flavio: Você é um intelectual, Socoto, você possui uma visão de mundo muito boa. Socoto: Obrigado.

Flavio: Você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil?

Socoto: Nossa... sofri muito... muito. Flavio: Você gostaria de contar algo?

Socoto: Ah, eu posso contar quantos que eu não sofri... é muito, porque eu cheguei em um país é... eu cheguei nesse país em 2003, hoje tá melhor, o povo que tá vindo hoje até tá sofrendo menos. Na época você entra no shopping você vai ser perseguido por segurança, você entra na loja e quer comprar as vezes eles não atendem você porque é negro e não tem dinheiro pra comprar, você entra num restaurante, e não é nem um restaurante clássico, até um restaurante normal só o fato de você ser negro... é já te olha de ser negro ser pobre, bandido, é tudo, entendeu? Sofrimento é... é... é muito, muito, muito... racismo... vixe, várias experiências... no mercado, rua... as vezes polícia te para não porquê... só porque você é negro “é eu vi um assalto, não sei o que”, mas o que eu tenho a ver se teve um assalto nessa região, entendeu? E por que não para todo mundo? Revistando tudo... então, eu já sofri por muito... assim, não só é... muita gente também, inclusive muitos africanos passaram por... mais ou menos, tem assim... da mesma coisa que eu passei da questão de racismo e assim o... me desculpa, brasileiro é muito falso... é assim... eles... vamos supor nos Estados Unidos se um branco não gosta de você ele te mostra que não gosta de você, ele não quer sentar perto de você, ele não quer caminhar no teu lugar.

Flavio: O racismo lá é declarado.

Socoto: É declaro... isso eu acho melhor, me mostra que não gosta de mim eu não chegar perto de você; agora brasileiro da sorriso falso, mas ele não gosta de você de verdade... é um racismo escondido aqui... aí quando você reclama “não... eu não sou racista... meu irmão casou com uma negra... meu bisavô é negro... meu tataravô vem da África... eu sou baiano... meu filho não sei o que”, sempre vai ter essa forma de escapar da realidade... então nunca quer enfrentar a realidade, nunca quer falar... eu posso chegar e dizer “não, eu não gosto de branco”, eu posso falar “eu não gosto de indiano”, eu posso falar “eu não gosto de chinês”, entendeu? De fato, você não gostar não quer dizer que você tem... é... assim algo contra a pessoa, não! Mas o... o povo não, ele... ele faz essa fachada, mascarado, entendeu? Aí quando você reclama... eu já fui... a minha ex-namorada, na época Rio Grande do Sul, porque ela... a mãe negra, pai branco... ela é... é... mestiça... ela até sofre preconceito na família dela e de fato eu ser um africano, entendeu? Aí você o povo fazendo isso... aí você reclama, aí a mãe fala “ah, não, mas eu não tenho nada contra você, eu também sou negra”, mas não tem nada haver... não tem

nada a ver, então você chega em um lugar e sofre tudo isso... quando você reclama ou quando você demonstra a tua tristeza aí você vê... sempre vem alguém “ah, não tem nada, eu gosto de negro... é porque a minha irmã casou com um negro”... é sempre desse jeito... sempre desse jeito, então é uma forma mascarada. Então brasileiro é... eu acredito que Brasil é mais racismo que a própria América, pela minha experiência... eu posso estar errado, mas estou falando pela minha experiência, porque eu prefiro aquele que me mostra que não quer do que me mostra que quer, mas no fundo do fundo não quer.

Flavio: É melhor dizer que não quer mesmo.

Socoto: Que não quer mesmo aí eu não chego perto, entendeu? Brasileiro não mostra que não quer... ele mostra que quer, mas no fundo não quer.

Flavio: Certo, Socoto, você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia comentar algo a respeito?

Socoto: Olha, na África... na Nigéria tem... não só na África, mas vamos falar da Nigéria, é... tem vários grupos islâmicos... terrorista... vários; tem Boko Haram, tem o Ansaro, tem Fulani Herdsmen... tem... bom, tem a Al-Qaeda da África, que tem na Nigéria... tem um monte e todos essas povos são do partido norte da Nigéria, entendeu? É financiado por governo. Na região norte não pode ir... então, ainda tem aquelas culturas Yorubá... e Yorubá são muito pacífico, eles não são terroristas, eles são muito políticos, assim, muito intelectual... eles são muito estudiosos, então lá não tem... o que tá tendo hoje... se está tendo explosão hoje é esse povo do norte que tá trazendo... a região sul é mais tranquilo porque nós temos outra mentalidade e nós não somos terroristas, somos guerreiros que tá brigando pra independência nossa... então, nós estamos protegendo nosso território pra esses povos de norte não vir.

Flavio: Até hoje vocês estão protegendo?

Socoto: Até hoje... porque hoje tá sendo até muito mais avançado hoje porque existe um grupo que chegou agora dentro da Biafra chama IPOB, o significado de IPOB é Indigenous People of Biafra... o líder do desse grupo chama Nnamdi Kanu ... ele é famoso... e esse grupo começaram agitando pacífico, aí governo começando mantando eles e quem é o governo? São do norte, começando eliminado por que? Porque eles estão falando a verdade, eles vêm o maior... é... bala... arma deles é a verdade, a maior arma deles é a verdade... então eles começando a falar a verdade, expondo o país... as

cagadas que o país estão fazendo, as marginalização e... tribalização, tudo mais... corrupção, o roubo.

Flavio: Então eles começaram falando a verdade?

Socoto: Eles começaram falando a verdade, aí o governo não gosta deles, começando matando eles, mas até ano passado eles se revoltaram e pegaram arma; agora o governo não consegue chegar perto deles porque governo sabe se chegar vai matar, mas também vai morrer... então, porque há uma contra-arma agora. Então agora eles têm duas armação, assim, duas armamentos, né, arma de verdade e a verdade... a verdade que é a segunda arma, então a arma de verdade é para se defender e a verdade é pra usar... assim pra ampliar a mente e abrir os olhos de todos os nigerianos.

Flavio: Mas o povo os escuta?

Socoto: Muito! Muito! Muito! O mundo todo escuta eles não só o povo... até os ingleses escuta porque é de um país ele é do nosso Igbo, mas ele tem dupla nacionalidade, ele tem nacionalidade dos ingleses, que é Inglaterra, e também tem outro, não sei... disseram que ele tem apoio do judeu, então não sei se ele tem passaporte do da Israel,

não sei e dizem, esse que eu ouvi, mas eu não posso confirmar isso, mas que eu tenho certeza que ele tem um passaporte da Inglaterra... inglês... isso ele tem. Eles estão brigando muito hoje... eles que abriram o olho, não só olho do povo nigeriano, mas também os olhos do povo África, porque África também escuta eles... eles tem rádio, eles tem é... eles estão nas redes sociais, eles tem rádio. Radio Biafra , entendeu? Eles

que estão financiando... meu, eles são um grupo muito rico... não eles são grupo rico, por quê? Pode até não ser rico que um país, mas por que eles são ricos? Porque os seus aliados ou seus seguidores são nós, o povo da Biafra... eu segue eles, tem forma de contribui, pessoas contribui... até esse povo segue todo, todo que você ver aqui, não só

no Brasil, na Inglaterra, nos Estados Unidos todos os continentes dá, do mundo. Eles sempre tem os grupos, os membros deles, entendeu? E se você ouve o que ele fala ele fala um monte, todo dia ele chega aos... a todo dia que ele tá online ele falar todos os assuntos... todos os dias... todas as vezes que ele tá lá falando ele falar em inglês; ele sempre falar de assunto de é revolução geral na África, ainda mais na Nigéria, como o

negro tem que levantar e para de baixar as cabeças pro brancos, como a gente tem que para de ser usado pelos europeus, eles vivem falando mal da gente, mas ele não deixa nosso continente em paz... então ele fala muito, a gente ia ficar uma hora, duas horas... Flavio: A questão do europeu é por exploração econômica?

Socoto: É isso... sempre econômica. Ele fala... ele fala... ele é muito... o cara é muito inteligente... muito inteligente, muito! Ele é intelectual, ele fez Ciência Política, ele fez Economia... mas o cara é muito... se o cara fala até o ministro fica com medo dele, porque o cara é muito inteligente, muito inteligente; ele vem trazendo esse luz pro povo da Biafra, não só da Biafra como também o povo do Yorubá, o povo de Hauçá... única coisa que tá segurando o povo da Hauçá ainda é essa religião... essa religião muçulmana que... enquadra eles porque eles não estudaram, mas a mesma religião está dentro do povo Yorubá, mas não consegue segurar eles, porque Yorubá além de religioso eles estudam, são muito inteligente, eles tem uma cultura muito rica, então é difícil religião... Igbo também, então é difícil essa religião vai enquadrar eles, porque eles são muito inteligente, entendeu? Então eles não são os fanáticos da religião em comparação com o Hauçá; Hauçá tem... eles são muito fanáticos, eles mata por religião, se você falar mal de religião eles corta a sua cabeça... são muito extremo... extremista, entendeu? Então a cultura não é igual, não tem como a gente morar juntos. Pesquisa isso... as vezes ele tem programa online, tem dias que online que ele fala pra pessoa... a pessoa liga e faz pergunta, faz pergunta... gente liga e pergunta “por que você faz isso?”... ele te responde, assim ele deixa você sair satisfeito, entendeu? Então ele é muito assim, povo ligando pra ele do mundo todo... mundo todo tem pessoas ligando... pessoas ligando dos Estados Unidos, Inglaterra, de todo canto do mundo liga pra perguntar. Então, pesquisa isso.

Flavio: Vou sim, isso vai ser novo até lá na USP.

Socoto: Sim! Sabe um coisa... uma coisa que eu vou te falar... assim, acreditar no... nesse grupo de IPOB, se você entrar um Google, por exemplo, as vezes o que você vê “ah... são povo de terrorismo”, mas não são terrorismo por que? Por que ele foram declarado terrorismo, por que? Porque a Nigéria... a colônia da Nigéria era inglês, o que os inglês... o truque do inglês é assim “colocar o mais burro pra dirigir os inteligentes”, entendeu? Então os burros são os norte, que através eles vão pegando os minérios... então é óleo de graça, ouro... tudo de graça, porque eles sabem se um Igbo ou um Yorubá ficar... tomar o poder eles vão fechar tudo... vão parar de explorar, vão expulsar... do jeito que o Brasil expulsou os portugueses... então eles vão embora, aí se você quer vir vão assinar um contrato normal, vai explorar, mas dentro das normas... (risos) não vai ser do jeito que você quiser, entendeu? Então, o que os ingleses fizeram? O inglês falaram pra governo do meu país para chamar... assim, oficializar eles como grupo de

terrorismo, aí se você entrar no Google você “ah, IPOB” eles vão te falar terrorismo, mas eles também vão explicar os motivos deles ou assim o trabalho, o que eles faz, por que eles são, o que eles estão lutando, eles estão lutando pra que, por que... eles vão te explicar isso.

Flavio: Mas o IPOB deve ter um site também?

Socoto: Tem, tem... você pode ver no Google também... só estou te explicando que única coisa que Google vai falar ou pode falar... e mentindo... é essa parte de terrorismo, mas não são terrorismo porque o... o país de primeiro mundo não declaram eles como terrorismo, até então o líder vive viajando, fazendo palestras no mundo todo, então como um terrorismo vai ficar viajando e ninguém prender? Atualmente ele está em Texas... atualmente ele tá em Texas, entendeu? Depois ele vai pra Israel, depois ele vai pra Londres, enfim... então ele vai dando palestras e como um terrorista vai ficar viajando, dando palestras assim e não vai ser prendido pela CIA ou FBI , entendeu? Então é isso.

Flavio: Muito interessante, você realmente deu uma aula. Socoto, você gostaria de falar algo que eu não perguntei? Você pode falar sobre qualquer coisa.

Socoto: Ah... assim, não tem muita... acho que já falei tudo, não tem mais nada que eu vai falar.

Flavio: Socoto, eu adorei a sua entrevista, você é muito inteligente, articulado, muito politizado e muito lucido; essa foi a melhor entrevista que eu já fiz.

Socoto: Muito obrigado.

Flavio: Socoto, eu tenho a sua permissão para utilizar essa entrevista para fins acadêmicos?

Socoto: Pode.

Flavio: Certo, términos aqui a entrevista com o Sr. Socoto às 16 horas e 55 minutos. Muito obrigado Socoto.

Socoto: Eu que agradeço.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim. Estou começando a entrevista com o Sr. Ojó, em São Paulo, centro, na Galeria Presidente, no dia 05/05/2021 às 16 horas e 45 minutos. Qual o seu nome completo?

Ojó: Ojó.

Flavio: Ok, qual o significado do seu nome?

Ojó: É... essa nome de religião muçulmano, meu pai muçulmano... essa é nome de arábico.

Flavio: Ah, é árabe.

Ojó: Eu sou Yorubá, eu tenho nome de Iurobá, essa nome de Yorubá não tá no meu documento...

Flavio: O seu nome em Yorubá tem algum significado?

Ojó: Significa “Deus abençoa a mim”... “Deus protege a mim”. Flavio: Muito bonito. Quando você nasceu, Ojó?

Ojó: Eu nasci 10 de junho 1960. Flavio: Onde você nasceu?

Ojó: Ah... eu nasci no Ikorodu, Lagos.

Flavio: Que lembranças você possui da Nigéria?

Ojó: Ah... um monte de coisa... minha família, eu ter família lá... lá tem muito festa de cultura de... de... indígena, eu participava, depois eu junto... eu... ativista pra minha igual Biafra, Yorubá, que é uma divindade que fala Oduá , faz brigar por gente... falar momento pra fazer que bom; depois esse começa briga muito, essa briga forte governo mata nós... mata minha grupo... eu deixar Lagos, eu vai num outro estado, essa estado é do nordeste.

Flavio: Qual o nome do estado?

Ojó: Oh... Bauchi... eu vai pra lá pra deixar tudo problema, depois dia... ah... 2009, esse ano eu fui lá, eu ficar lá... depois da... começa Boko Haram... Boko Haram começa lá... Boko Haram mata muito pessoa, só vê a noite já mata pessoa.

Flavio: Já chegava e matava? Sem perguntar nada?

Ojó: É... chegar... ele falar “educação não importante”... todo mundo pobre, não pode estudar mais, só orar muçulmano... e se queixar começa problema... eu já ter três filhos lá, eu só deixar meu filho... eu não consegui voltar aqui mais... voltar aqui estado, eu tenho problema com governo, eu vai aqui, eu vai preso, entende? Família junta dinheiro pra mim, eu sair daqui pra procurar... pessoal faz visto aqui pra mim, eu libera visto no ano 2014... eu vim pra aqui Brasil em 2014 até hoje eu ficar aqui.

Flavio: Certo, então você saiu mais por causa do Boko Haram? Ojó: Sim, sim.

Flavio: Eles são violentes?

Ojó: Muita violência... tudo morador minha mãe morar em Lagos, minha pai já morreu lá com essa guerra do Boko Haram... eu deixar Lagos... eu deixar Lagos pra Bauchi, entende? Vai Bauchi, minha pai ficar lá, fazer negócio lá, eu ficar com o meu pai; meu pai padrinho de muçulmano, depois ele chama pra ir também.

Flavio: Sim, tanto que o seu nome é muçulmano.

Ojó: Sim, ele me da essa nome, antigamente era nome de Yorubá depois muda tudo. Flavio: Muito bom. Com o que você trabalhava lá, Ojó?

Ojó: Na vida de Lagos em vende roupa... calça, depois em Bauchi eu vende... pessoa que compra... ah... que chama isso? Ah... carne de boi... ah... cabrito, pessoa mora aqui, vê aqui comprar isso... eu ajudar compra, eu não tenho alojamento, eu não tenho nada, eu ajuda a comprar e ganha pouco, isso se chama “business live store”... eu fazia isso só pouco tempo pra continuar minha caminho até chegar aqui.

Flavio: Bacana, você já trabalhou muito?

Ojó: Antes eu já trabalhei muito, sobre muito... eu tenho chumbo aqui... hum... tudo isso... esse tiro .

Flavio: Você tem problema no joelho? Ojó: Não é problema... é tiro.

Flavio: Nossa, quem te deu esse tiro?

Ojó: Boko Haram... antes eu não conseguia caminhar muito... aqui também tem. Flavio: Nos dois joelhos?

Ojó: É.

Flavio: Atiraram nos seus dois joelhos?

Ojó: É... eu chegar aqui eu vai no... hospital... não pode tirar agora... vai tirar vai dar coisa feia... falar muito perigoso pra tirar tudo... bala. Quando você leva tiro você faz de tudo.

Flavio: Que bom que você sobreviveu e conseguiu andar.

Ojó: É, eu consegui andar agora não dói muito, só um pouquinho. Eu vai no Hospital Santa Casa em Santo Amaro, lá falar “vê outro médico”, depois que cansou eu não ver mais... eu não fui mais, entende?

Flavio: E agora está assim? Você vai levando do jeito que dá? Ojó: Sim, sim.

Flavio: Espero que um dia tirem essa bala de você.

Ojó: Eu quero tirar, só não tem ajuda, não tem dinheiro, entende?

Flavio: Você já foi no Hospital das Clínicas aqui em São Paulo?

Ojó: Não, eu fui no hospital no Capão e tudo... Capão... eu morar no... Avenida Carlos Lacerda e tem uma posto de saúde lá, posto de saúde manda eu pra Santa Casa de Santo Amaro, lá só falar “vem outro dia”, depois não fazer nada, só ficar na fila todo dia... eu canso muito, entendeu?

Flavio: Eles ficam enrolando, né? E você quer tirar a bala?

Ojó: Eu quero tirar... eu não sei, depois de eu idoso vai trazer mais problema, eu agora... eu dá mais... hum... 50 anos... não dá mais.

Flavio: Entendo, fica difícil; espero que um dia você opere. Ojó, então você decidiu sair da Nigéria por causa do Boko Haram mesmo?

Ojó: Boko Haram é todo mundo ruim, eu não tem confiar... faz lutar vida boa, eu pensar “eu faz mais rápido”; esse dói, esse também... esse outro deixar, eu não conseguia caminha, aqui só tá água... pessoal fala “esse deixa aqui só tá água”... muito... muito é... eu não conseguir fechar sapato, só chinelo... só chinelo lá; depois eu chego aqui eu confiar pra tratamento, depois colocar esse...

Flavio: Aí com o tratamento você conseguiu colocar o sapato?

Ojó: É... entende? Eu já assinar, eu não ter... confiança mais, eu só quero arrumar dinheiro agora, eu arrumar dinheiro eu trás meu filho aqui pra cá.

Flavio: O que você sabia sobre o Brasil antes de vir?

Ojó: Antes eu só sabe Brasil pro futebol, entende? Eu já sai pra conhecer Brasil, eu tenho uma... uma colega eu ser Brasil tem um... diferente cara... inglês, tem português, tem espanhol... todo mundo tem aqui, eu já sei isso, então eu já decidi isso porque aqui não tem racismo... eu já tenho que ir pra lá porque não vai ter racismo. Eu achei que aqui não vai ter racismo... é... aqui tem muito cara... tem africano, de Paris, chinês, de oriente... depois eu chego aqui eu vi que a país melhor do que país que eu deixar... é melhor pra proteger.

Flavio: Entendo, Ojó. Você recebeu alguma ajuda para vim para o Brasil? Alguma ajuda financeira? Ou você veio com o seu próprio dinheiro?

Ojó: Eu vende minha casa... e carro também.

Flavio: Então você vendeu seus bens para vir ao Brasil? Você veio por sua conta?

Ojó: Sim. Eu vende tudo o que tem pra começar caminho. É, eu não tenho plano pra ficar aqui antes, eu tenho plano pra chegar aqui... continuar aqui.

Flavio: Para ficar aqui, certo. Ojó, você é casado?

Ojó: Eu casar no África.

Flavio: Ah, você é casado na África; aqui no Brasil você é casado? Ojó: Eu sou até namorar, mas agora não tem nada... eu sou solteiro. Flavio: Entendo, você tem filho aqui?

Ojó: Não.

Flavio: Certo, você só tem filho lá?

Ojó: Meu filho já cresce... meu filho já cresce... meu filho 14 anos... minha última filha 14 anos.

Flavio: Qual o nome dela?

Ojó: Ela é Fatia... Fatia Omotolá... eu tenho um filho de 20 anos e tenho outro de 16 e outro de 14.

Flavio: Então você tem três filhos?

Ojó: Três... é... uma homem e dois filha.

Flavio: Interessante, você deve sentir muita saudade deles?

Ojó: Muito. Eu já fazer passaporte pra eles, eu fiz isso mês passado. Flavio: Então você pretende trazê-los?

Ojó: É... eu fazer isso primeiro depois consegui dinheiro eu vai... encontrar a baixada pra me ajudar... pra dar visto.

Flavio: Você é um bom pai.

Ojó: Ah... eu pensar em meu filho todo dia, esse deixa eu não casado aqui... isso deixa eu não fazer casamento... eu fazer casamento... eu deixar tudo... eu pensar neles mais.

Flavio: A sua viagem foi tranquila? Você veio de avião? Ou de navio? Ojó: Avião.

Flavio: Você fez escala em outro país ou veio direto?

Ojó: Eu vim direto, só parar no Turquia... avião para no Turquia.

Flavio: Perfeito. Ojó, qual foi a sua primeira atividade quando chegou aqui no Brasil? Ojó: Eu trabalhou com roupa de africano; pessoa trás, eu comprar, eu levar... tudo coisa de candomblé eu vende... eu tenho contato muito legal, eu levar pra lá... na compra e só depois tem um custo... tudo tá ruim, tudo ganhar dinheiro... eu só posso comer o que der... pagar aluguel... agora eu já sai do aluguel, eu morar em invasão... eu morar em barraco... barraco... eu fazer casa com madeira, eu fez sozinho... não tem dinheiro, eu comprar madeira, eu fiz.

Flavio: Que bom que você conseguiu sair do aluguel.

Ojó: É... todo minha dinheiro já acabou pra pagar aluguel... só (risos), mas tá tudo bem... esse eu construí sozinho, eu nunca fiz isso na minha vida... esse é meu barraco, eu fiz isso, eu quero fazer a minha casa aqui, parede de tijolo... parede de bloco. Eu morar no... dentro da meu barraco.

Flavio: Interessante. Onde fica sua casa? Ojó: Embu das Artes... sabe Santo Antônio. Flavio: Conheço.

Ojó: Pessoal levar eu pra lá. Essa deixa eu não ter nada dinheiro agora, tudo meu dinheiro já foi pra...

Flavio: Para construir?

Ojó: Sim.

Flavio: Parabéns, não deve ter sido fácil.

Ojó: Foi difícil, primeiro nós chegou lá no terreno, essa terreno no Santo Antônio... só isso. Essa rua é... nós passar aqui, só que eu não vi endereço... lá não tem endereço (risos).

Flavio: Muito bom, Ojó, como foi a sua adaptação aqui? Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, culinária, religião etc.?

Ojó: Ah, comida brasileira eu comer tudo, só não comer carne de porco, eu tenho amiga fazer... coxinha pra mim, antes, agora nós já separa (risos).

Flavio: Ela é brasileira? Ojó: Ela brasileira.

Flavio: Você sofreu alguma dificuldade com a língua?

Ojó: Muito, muito... esse deixar eu ficar pobre aqui, eu não consegui falar... não entendi bem também.

Flavio: Você fez algum curso de português?

Ojó: Eu já fiz uma... primeiro eu chegou eu não consegui falar, agora eu precisa voltar escola. Eu quero fazer... depois, não agora, eu quero fazer nacionalidade, eu quero ficar brasileiro; agora falar... precisa dessa cartão de escola, escola diferente de lá, não escola... escola... escola de... escola de governo.

Flavio: De governo?

Ojó: Sim.

Flavio: Mas você diz de lá da Nigéria? Ojó: Governo daqui português. Eu vai lá.

Flavio: Certo. Você se comunica bem com os brasileiros?

Ojó: É difícil... só pessoa que tem paciência vai entender o que eu falar, pessoa que não vai ter paciência não vai entender.

Flavio: Então sua comunicação não é muito boa? Ojó: Sim... tá ruim (risos).

Flavio: Ojó, então você tem família só lá na Nigéria? Ojó: Só lá.

Flavio: Você fala sempre com eles?

Ojó: Sim... eu já falar com... minha... eu falar com ela que eu chegou aqui... ela falar “pai eu só quero ouvir sua voz”. Ela tem 17... ela nasceu em 2004.

Flavio: Parabéns, ela é muito bonita.

Ojó: Obrigado... sempre eu ligar, eu muito... é... como chama?... saudade dela.

Flavio: Entendo. Ojó, como você mantém seus costumes, sua língua, sua religião e a sua culinária?

Ojó: Ah... temos o que tá aqui... vai no hospital fazer ação, ir na Mesquita... Flavio: Você é Yorubá?

Ojó: Eu Yorubá... eu vai na Mesquita, mas eu não vai igual antes. Flavio: Por causa da quarentena?

Ojó: Não, não quarentena... porque religião faz muita bagunça por lá... minha povo lá. Religião deixar tudo sofre... religião deixa. Religião de Boko Haram só vive por dinheiro... tudo... igreja só pra ganhar dinheiro, não ajuda nada... não fazer lugar pra trabalho... fazer igreja grande só pra fazer oração, não ajuda... não coloca coisa boa na cabeça, isso é Boko Haram... todos não vai a escola, não tem nada pra fazer... depois dá ele exílio, pai briga... ele pede pra eu brigar por Deus, Deus não mandar você matar pessoa, ele falar “pode matar pessoa”, Deus falar “matar pessoa ele é ruim”; eu chegar aqui, eu vi mulher, mulher colocar bomba, mulher sai.... ah... eu chegar aqui eu vi muita coisa que não aprendi antes; antes eu pensava “pode ir pra hospital”, aqui pessoa não vai pro hospital, não vai endividar... tem vida boa... só trabalho é muito importante pra vida, pra vida ficar... ganhar dinheiro, trabalho pra ficar boa. Tudo isso mentira... mentira, eu já desejar trás meu filho pra chegou aqui ter vida boa... tudo essa vida mentira. Você faz... tudo pensa “ah, Deus deixar...” ele pede pra Deus deixar, ele sofre. Não! Deus não deixar ninguém sofre... Deus ajuda nós... nós tem ouro, tem gasolina, tem tudo, só o... o... governo roubou tudo, deixar povo sofre... depois fala “ah, Deus é...”... mentira. Eu

não vai mais na Mesquita igual antes, agora tem jejum, eu fazer jejum... eu não vai na Mesquita mais. Quando você vai na Mesquita ele fala “viu, não vai mais... ele não parece mais”, eu não... eu já sei tudo; se você tivesse no meu país o senhor vai falar “ele não é bom tem que matar ela” tudo... eu vai no praia aqui, todo mundo deixa bunda... deixa tudo, não tem briga não tem nada... na minha país não pode. Por isso eu querer ficar aqui, aqui tem muito liberdade.

Flavio: Certo. Você sabe se existe alguma associação entre os nigerianos em São Paulo? Ojó: Eu não conheço, eu só conhece... CÁRITAS. Eu chegar aqui CÁRITAS me ajuda muito... leva eu pra hospital, da cesta básica; eu tento comprar remédio, não tem no hospital lá vai chegar antes. Lá manda eu pra escola no primeiro dia, da minha ajuda de transporte pra escola. Só ajuda eu.

Flavio: Ojó, você faz ideia de quantos nigerianos vivem em São Paulo? Mais ou menos. Ojó: Ah, eu diria um monte... tudo nós tem o mesmo problema... uma problema, outro problema... tudo mundo deixar casa pra vim aqui.

Flavio: Você saberia me dizer se é mil, dois mil...

Ojó: Ah... mais de... mais... mais de dois mil. A baixada vai e sabe (risos).

Flavio: (Risos), ok. Ojó, você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil? Ojó: Só idioma deixar eu pensar... eu não conseguir falar, pessoa viu eu fazer não falar certo já pessoa não quero conversa mais (risos)... eu soffro muito, até vagabundo fala bem (risos).

Flavio: Que bom que é só isso. Agora, Ojó, para terminar você gostaria de falar algo que eu não te perguntei? Pode falar qualquer coisa.

Ojó: Eu só quero vida boa aqui, eu quero ajudar a minha filho não sofrer igual eu sofre, só isso.

Flavio: Ojó, eu tenho a sua permissão para utilizar a sua entrevista para fins acadêmicos?

Ojó: Sim, eu dá à permissão.

Flavio: Terminamos a entrevista com o Sr. Ojó às 17 horas e 25 minutos. Muito obrigado pela sua colaboração, Ojó.

Ojó: De nada.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Damaturu, aqui em São Paulo na Galeria Presidente, no dia 6 de maio de 2021, às 17 horas e 15 minutos. Damaturu, qual é o seu nome completo?

Damaturu: Meu nome é Damaturu.

Flavio: Obrigado, qual o significado do seu nome? Você é Yorubá?

Damaturu: Eu sou Igbo... Damaturu significa “Deus concerta, corriji” ou deixa melhor de novo.

Flavio: Então é Deus corrige e Deus concerta? Damaturu: Isso.

Flavio: Ok, obrigado. Quando você nasceu? Damaturu: Nasce na dia 16 de abril 1981.

Flavio: Onde você nasceu, Damaturu? Damaturu: Nasci na cidade de Enugu.

Flavio: Quais lembranças você possui da Nigéria?

Damaturu: Pensa num país que está tentando ter estabilidade, estabilidade em termos de política... econômica... e o social também... é... desde que nasceu preços de mercadorias sempre aumenta, nunca abaixa até hoje, desde que nasceu até hoje... aí eu lembro de... falta necessidades de vida; primeiro energia, sem energia não nada mais, então até hoje nós não pode tem uma semana sem... ah... trabalhando direto energia, até um dia... não pode ter um dia de eletricidade 24 horas; as vezes tá assim assistindo futebol aí acaba.

Flavio: E isso é todo dia?

Damaturu: Todo dia, então primeiro é energia, água... você imagina agora uma sacola de água 20 Naira ... Naira porque é nossa nota, Kobo é moeda, igual a Real e centavos. Então... vida boa é só pra pessoa rica, esse resumo de tudo; em termos de política... político não vê... não perder posição, sabe? Ele pegar... ver posição deles como uma vantagem deles; então, sempre pegar dinheiro de pobre, entendeu?

Flavio: Corrupção.

Damaturu: É, corrupção... aí quando eu nasci, eu nasci em 1981, na época tinha no... no... no período de festa igual a Pascoa... Natal, foi uma alegria, mas... com o tempo, quando ficar crescendo não ficar muito alegria, não muito alegria igual antes, cada ano ficou pior, fica pior... até hoje.

Flavio: Por quê?

Damaturu: Ah, porque se povo tem dinheiro ele vai gastar, ele vai ter vida boa, mas quando eles não têm como ele vai comprar galinha para comer, frango pra comer na... se não tem trabalho, você não tem dinheiro. Então, outra coisa... ah... alunos, educação também, porque educação forma base de sociedade, então educação é merda... educação é merda; as vezes... já vê quatro meses sem pagar professores... aí quando vai pagar professores as vezes vai anunciar na rádio igual ele tá fazendo favor pra professor, mas isso é direito deles, entendeu? Então, educação terrível, aí eu... é uma oportunidade, cada posição de governo é uma oportunidade pra tomar vantagem de... se é bom candidato, se é um bom candidato, por exemplo se é trabalhador... como se chama... tomar vantagem deles, se foi alunos você precisa dá propinas para da nota boa, entendeu? Então, se educação não é boa não tem energia, como país vai crescer? Não tem energia pra pessoa que quer trabalhar, que quer estudar; então, salário para professor que vai... até no... no... laboratório de... na escola, nas faculdades não tem facilidades, não tem máquinas pra ensinar... a sala vai ser muito lotado, muito lotado com alunos, então... as vezes você fica meio... no fundo não escuta direito, você sabe que a África tem muito com calor ou as vezes fome, como você vai aprender? Então eles lá é só pra fazer drama, fazer teatro e depois ir embora. Então por isso porque ninguém quer, ninguém gosta sair da casa dele, se você não tá sentindo fome você não vai sair, você vai ficar boa em casa, mas quando você sente fome e você sair de casa para trabalhar, então por isso eu não sai da nossa país pra vim aqui; mas, pode ser eu fazer turismo, visitar aqui depois volta pra lá, mas você vai ver nigerianos que mora aqui e já fica aqui quase 10 anos. Então, eu sei aqui tá difícil, mas lá é um inferno... pra mim considerar dificuldade aqui é a nossa festa... assim, é o que eu penso de Nigéria.

Flavio: Muito interessante. Damaturu, você trabalhava lá na Nigéria? E se sim, com o que?

Damaturu: Então, meu pai e minha mãe foi trabalhador... ah... público, minha mãe trabalhava no hospital, meu pai trabalhava no setor de agricultura, mas no estado, então... eu fui criado pelo salário de meu pai; então, se eles não recebem, se quando o governador não paga é nós quem vai sentir; então se eles compravam chocolate pra nós não vai ter mais, entendeu? Então... então eu trabalhei eu... ah... trabalhou não... estudou, estudou na... é... primeiro... como chama aqui? Ah... ensino médio, depois do ensino médio fazer faculdade, aí depois... não consegui ter trabalho, aí única oportunidade que eu vi, eu gosto também, foi ensinar... professor. Aí outra coisa pensa

que é assim que pode fazer é pouco parte de ajuda sair daqui que fez parte quando era criança e que vai virar presente um dia. Então eu faço graduação na educação, aí pra conseguir... é... trabalho para, mas foi muito tempo na rua procurando trabalho, mandar currículo pra muitas empresas, mas você não conseguir. Depois eu fiz pós-graduação na educação e arrumar um trabalho na escola, na privada.

Flavio: Você dava aula do que?

Damaturu: Eu dava aula de inglês... eu ensino inglês e matemática, mas para ensino médio, mas como não tava dando muita renda eu tava combinando é... pouco agricultura, mas de animal e como professor. Eu gosta de fazer como professor, mas como não tava dando pra fazer dinheiro...

Flavio: Entendo. Por que você decidiu sair da Nigéria?

Damaturu: Porque... por causa desses problemas, aí eu não estou vendo esperança, porque uma coisa você está lutando e você tá vendo que você tá mancando, mas tá fazendo uma progresso, mas na... onde não tem luz, onde tudo é escuro, então alguma coisa pode acontecer; aí governo fica falando... as vezes não vai falar, entendeu? Então... é... eu sair de lá porque problema político, problema econômica e problema social também e outras coisas. Então eu não tava vendo aquele esperança que eu pode resgatar o meu sonho na vida... eu gosta do meu país, eu gosta do meu terra, mas como ele não pode me dar o que eu quero na vida eu me considerar agora como... ah... não é cidadã de uma país, mas cidadã de planeta terra.

Flavio: Muito bom, e qual é o seu sonho, Damaturu?

Damaturu: Meu sonho. meu sonho o que eu quero fazer ou que eu espero de mundo de vida? Flavio: Os dois.

Damaturu: O que eu gosto de fazer, eu gosto de estudar, gosto de agricultura gosto de música também.

Flavio: Música nigeriana ou brasileira?

Damaturu: Qualquer tipo de música... agora meu sonho... meu sonho é... pra mundo inteiro tem educação, mundo educado porque o que percebi aqui, o que vem do meu país se eu respeito você, você me respeita, não vai ter briga; então, isso que eu espero, isso que é meu sonho. que todo mundo pelo menos tenha educação básica.

Flavio: É um sonho muito bonito. É, aqui no Brasil também tem muitas pessoas analfabetas.

Damaturu: É... acho que não tem... é... não tem um lugar que a educação é 100%, entendeu? Então, mas eu tô falando que lá é pior; pelo menos nós não pegar aquele conceito de educação, nós vê a educação como um trabalho, entendeu?

Flavio: Muito bom. Damaturu, o que você sabia sobre o Brasil antes de vir para cá? Damaturu: Ah... ah... futebol, o segundo nome de Brasil é futebol... samba. Como gosto de música negra gosto de carnaval, nós sempre assiste carnaval porque nós tem carnaval. Então, eu sabe futebol e carnaval, eu acho que já vi numa jornal que melhor arquitetura do mundo foi uma vez que foi brasileiro; então, sabe que Brasil futebol, carnaval e... ah... arquitetura também.

Flavio: Certo, por que você decidiu vim para o Brasil? Alguém te ajudou?

Damaturu: Porque na minha opinião Brasil é igual a Estados Unidos, é... tipo... tem todos os países aqui, tem ingleses, tem italianos, tem árabe, tem africanos... é você vai ver que cultura de todo mundo foi combinado, por exemplo, capoeira é cultura de Brasil, mas também de África, ah... outra cultura é o italiano... é então ele combina tudo isso a cultura de Brasil. Entendo Brasil como país alegria mesmo que as pessoas estão sofrendo, as vezes eu vejo muito artista de rua e eu gosto disso; eles só canta para ganhar moeda, isso pra mim é muito musical, então eu ver Brasil como país que ter liberdade e que vai da oportunidade... eu já estou no meu direito aqui, imagina estrangeiro, entendeu? Eu arrumo a... eu consegui isso na mesa, um dia... então foi muito impressionante para mim, então eu vejo o Brasil como eu país de oportunidades. Flavio: Alguém te ajudou?

Damaturu: Sim, alguém me ajudou, meu parentes me ajudou.

Flavio: Ok. Com o que você trabalhou quando chegou aqui, Damaturu?

Damaturu: Meu primeiro trabalho foi aqui na Galeria, tem uma colombiana que tem cozinha, eles vende churros, sorvete, é... então, eu trabalhava na rua, eu vem pegava o balde de chocolate, creme e ai ele tem pontos na rua, então eu trabalhava numa rua aqui. Flavio: Certo, então você fica entregando os sorvetes?

Damaturu: Sim, no posto, eu vendi o sorvete no posto.

Flavio: Ok. Como foi a sua adaptação aqui? Você sofreu muita dificuldade com os costumes, culinária, religião e com a língua?

Damaturu: Claro, foi muito difícil; porque primeiro eu quando chegou aqui eu ficava na Galeria aqui, você está vendo que está música q está tocando agora é de Nigéria, então nós falar nosso idioma aqui, então eu não tinha oportunidade de interagir com gente do

Brasil, até quando eu sonha eu sonha no meu país, as vezes tá aqui no Brasil, mas ainda sonha no meu país, sonha em inglês... até meu língua ficar muito pesada em minha boca; chegar em numa escritório arrumar alguma coisa ele vai falar “não tô te ouvindo, fala em português”, aí fica fazendo sinal.

Flavio: Entendi, então eu vou fazer outra pergunta parecida. Você teve muita dificuldade com a língua?

Damaturu: Sim, mas tem amiga que trabalhou no... Galeria aqui, ela chama Suzana, então ela me deu um maior presente... é dicionário, metade português metade inglês.

Flavio: Isso te ajudou?

Damaturu: Sim, me ajudou... ela me ajudou, eu não falar perfeito, mas dá para entender. Flavio: Você acha que agora você se comunica bem com os brasileiros?

Damaturu: Eu acho que sim, mas ainda tá melhorando.

Flavio: Certo, como é o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e lá na Nigéria?

Damaturu: Eu tem família aqui no Brasil e eu falar com a minha família lá na Nigéria pelo WhatsApp.

Flavio: Você se comunica quantas vezes por semana com eles?

Damaturu: Cada dia, pode falar com minha prima hoje, outro dia falar com a minha mãe, mas cada pessoa que eu falar com ele vai falar que eu conversar com ele.

Flavio: Entendi. Damaturu, como você mantém os seus costumes, a sua culinária e a sua religião?

Damaturu: Religião? Religião é uma coisa pessoal, eu sou católica.

Flavio: Você tem algum costume que fazia na Nigéria e que ainda continua fazendo aqui no Brasil?

Damaturu: Ah, só nas comidas... comida como fufu. A religião é a mesma coisa só que ele fala no português, a religião é a mesma coisa, mas tem aqui, é... a nossas comidas, nós tenta manter aqui também.

Flavio: Certo, por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver, Damaturu? E onde você mora?

Damaturu: São Paulo é o centro de comércio de Brasil, ah... ah! Porque tem... mais oportunidades aqui, por isso eu escolhi São Paulo, mas tem outros estados que eu gosta mais, mas São Paulo... como, ah... é estado de comércio, prefere aqui, eu trabalho aqui. Flavio: Perfeito, onde você mora?

Damaturu: Agora? Eu mora na Santa Cecília.

Flavio: Perfeito. Você sabe se existe alguma associação de nigeriano para ajudar só nigerianos aqui em São Paulo?

Damaturu: Eu conhece comunidade de Nigéria... comunidade de Nigéria, mas como eu disse para você, problema não é terra, problema não é lugar geográfico, porque o mesmo ar quem respira aqui respira na meu país, mesmo terra, lama, eu piso aqui e piso lá, mas problema é povo. Então, mesma experiência que eu vejo na meu país que eu tô vendo nessa comunidade também; então, eu conheço essa comunidade de Nigéria aqui, mas acho que já foi lá o dia que eu quero tá fazendo uma festa.

Flavio: Então você não tem mais contato?

Damaturu: Eu tenho contato, quando eu tô precisando de uma coisa, por exemplo, quero renovar passaporte uma coisa, mas pra ajudar, da guia eles não tá.

Flavio: Ok. Você faz ideia de quantos nigerianos vivem em São Paulo? Mais ou menos. Damaturu: Não, eu não tenho ideia porque cada dia eu ver mais gente novo, as vezes ele desaparecer, você não sabe se ele foi para Rio de Janeiro, foi pra outro estado... daqui a pouco ele pode aparecer de novo, aí outra coisa, você não sabe se ele vem de outro país na África, se é nigeriano você não tem ideia.

Flavio: Você já sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil? Damaturu: Já.

Flavio: Você gostaria de contar alguma? Fique à vontade.

Damaturu: Bom, já senti, um dia eu fui lá pra fazer compras com a minha mulher, porque tá casado.

Flavio: Ela é nigeriana? Damaturu: Brasileira.

Flavio: Você tem filhos? Damaturu: Não.

Flavio: Qual o nome da sua esposa?

Damaturu: Sonia, então... lembro quando acabou de casar com mulher aí fui lá pra fazer xerox numa LAN House , aí cheguei, você sabe que preço de xerox 50 centavos, uma coisa de moeda, aí moça diz pra mim “oito reais”, um preço bem maior; eu voltei pra minha casa, contar pra minha esposa, aí ela pegou vai lá então, porque meu esposa é branca, então ela foi lá fazer preço normal... então... preconceito, outra coisa também, mas eu já vi o... é mais povo de rua, aqui você não está na sua terra aí ele vai falar pra

“parece povo de rua”, aqui não é a sua terra se você falar “eu vou falar pro policial” ele fala baixo, mas você releva. Na verdade, não vou chamar isso racismo porque primeira pessoa que me tratou mal foi uma negra... primeira pessoa que me tratou mal aqui no Brasil foi uma negra brasileira; então, se fosse branca eu chamaria de racismo, você está me entendendo? Mas foi uma brasileira negra, se for brasileira branca aí eu falo que foi racismo, mas tratamento dela como vou classificar o tratamento dela. Então, pra mim eu não chamar isso de racismo, porque na minha conceito Brasil faz mais bem do que mal, então não vou chamar isso racismo; eu não posso falar que não tem racismo no Brasil, tem racismo, entendeu? Porque na televisão você vai ver uma vizinha, na televisão, uma vizinha que chama a outra vizinha macaca, então, vários casos, entendeu?

Flavio: Sim, estamos acabando, Damaturu. Você conhece o grupo Boko Haram? Você poderia falar alguma coisa a respeito?

Damaturu: Ah... Boko Haram?... tô tentando colocar as ideias em ordem... porque cada pessoa, por isso eu falo, se tem educação, mas tudo mundo e são público até povo de rua pode entender motivo de presidente, motivo de mais problema que na Nigéria tem confusão... tem confusão, você pode... como povo tá com fome, tá confuso, sem educação se mostra uma moeda, uma comida ele vai seguir você, vai fazer o que você quer, então, Boko Haram... Boko Haram, eu pensar assim porque eu faz meu...

Flavio: Ele aproveita da situação das pessoas?

Damaturu: Sim, mas pensa bem temos humanos aqui no Brasil por que eles não radicalizaram igual outro? Temos muçulmanos na Gana e outros países de África, mas eles não fazem igual Boko Haram; então o que eu vê em Boko Haram uma... ah... uma mentira, por exemplo, um grupo de povo porque ele quer tomar pegar o poder, ele vai dizer “vai atrás de islâmico, vai religião” aí você diz “você já trabalhou no estado norte?”, tem muçulmanos muito boas; eu ser católica, então já encontrou muçulmanos e eu aceita melhor do que eles, mas como tem fanáticos, que vai... ah... pegar vantagens desse povo aí começa a brigar, começa a matar, começa a fazer confusão. Tem muçulmanos bom também, mas Boko Haram a maioria... eu acho que não é problemas de islâmicos... Boko Haram é uma extremista que foi fundado pelo... é... políticos muçulmanos também, porque muçulmanos sempre estar no poder, aquele povo de norte, sempre tem poder pra fazer confusão no país.

Flavio: Perfeito. Damaturu, você gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei?

Damaturu: Eu vou começar numa palavra, primeiro coisa que eu foi ensinado na faculdade é globalização, uma palavra que diz tudo é “globalização”, hoje eu sou nigeriano falando com um brasileiro na língua dele, então eu nunca pensei que um dia eu ia tá aqui falando a sua língua; outro dia não sei o que vai acontecer também, amanhã não sabe o que vai acontecer; então... para ter educação globalizada... globalizada, então como você está fazendo pesquisa sobre Nigéria foi muito interesse pra mim, alguém querer saber do meu problema, entendeu? Porque tem muito brasileiro que fala “onde você está, africano, tá bom tchau”, mas tem pessoa que quando você fala “você tá a onde, África, qual país?”, porque muito brasileiro pensa que África, pensa África como uma país, entendeu? Por exemplo, eu pensa assim brasileiro tem que sabe de África como sabe de Alemanha, assim nós também de Brasil saber de cultura deles, tem que adaptar, respeitar entendeu? Coisas assim.

Flavio: Verdade, quero que você saiba que o seu depoimento para nós brasileiros e para USP é muito importante, sua história como nigeriano falando da sua realidade e da sua vida é muito importante para nós.

Damaturu: Obrigado; então, sobre o Brasil... encontrei a minha pátria, eu gosto de Brasil porquê... eu não... Brasil tem problemas, tem problemas, mas o que eu percebe aqui... até povo de rua sabe falar esses dois palavras “obrigado” e “desculpa”, entendeu? Eu acho que povo do Brasil simples, comum... isso que eu consegui perceber do Brasil, o Brasil é... é um país alegre e porque alegria de verdade é quando você é alegre na situação difícil, entendeu? Não pode falar que país da Europa tá feliz, deixa eles ficar na dificuldade pra saber se tá alegre mesmo; então eu ver Brasil como um país alegre, aí eu encontrei minha esposa aqui também. Eu vi cultura diferente, até no... relação pessoal, eu fica muito triste falar sobre isso porque no meu país... não tem esse liberdade, fica livre pra conversar com outro, é contra o que você tem com uma pessoa, é uma oportunidade pra aproveitar, se você aberta você tá lá pra pegar outro, entendeu? Por isso que eu perceber no meu país, mas aqui você é tranquilo, a pessoa pode ajudar você sem conhecer seu nome, entendeu? E outra coisa, tá muito difícil aqui, mas ninguém passa fome... ninguém passa fome, povo tem assistência social fica muito emocionante com a ajuda, porque as vezes você vai escutar o povo falar “ele tá fazendo isso pra uma ganha”, mas mesmo se ele tá ganhando ele tá ajudando, entendeu? Ele tá ajudando, eu gosto muito disso, por isso que de manhã, a tarde, a noite dando cesta básica e tem

muito ovos pra ajudar, quem diz que tá passando fome aqui no Brasil é mentira, porque até mendigo joga comida fora.

Flavio: Ok, Damaturu, eu tenho a sua permissão para utilizar a sua entrevista para fins acadêmicos?

Damaturu: Claro que autoriza.

Flavio: Então, terminamos a entrevista com o Sr. Damaturu às 17 horas e 55 minutos. Damaturu, muito obrigado por tudo.

Damaturu: De nada.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Amaigbo, aqui, no centro da cidade de São Paulo, na Galeria Presidente, no dia 05/05/2021, às 16 horas e 15 minutos. Amaigbo, qual é o seu nome completo?

Amaigbo: É Amaigbo.

Flavio: Qual o significado do seu nome?

Amaigbo: Amaigbo é tipo “obrigado Deus”... Egbu, esse sobrenome é de vovó nome... no meu país nome de vovó... vovó é antigo.

Flavio: É um nome de família.

Amaigbo: É! Muita família, família grande, muita pessoa. Ele tem seis mulheres, grande casa.

Flavio: O seu pai ou o seu avô? Amaigbo: Meu avô.

Flavio: Você é Igbo? Amaigbo: Eu sou Igbo. Flavio: Quando você nasceu?

Amaigbo: Eu nascer... é, como se fala.... 1980... é 23 de junho. Flavio: Onde você nasceu?

Amaigbo: Enugu.

Flavio: Quais lembranças você possui da Nigéria?

Amaigbo: O que eu lembro é sobre política, problema... política não ajuda povo nada, é tudo ruim; antes é tudo boa, mas agora é muito ruim... não ajuda povo, não ajuda nada, nada, nada... o que acontece é que pessoa mudou, aí eu tem loja lá, eu tem vida lá, tá de boa, eu tem carro lá, eu tem casa lá.

Flavio: Você tinha?

Amaigbo: Tinha! É... casa, carro... eu tem grande duas lojas. Flavio: Ah, e do que é a suas lojas?

Amaigbo: Vende Roupa... é... material de cortina, vende também luz... é muita coisa... aí comecei problema de Boko Haram. Se você foi pra lá comprar coisa você não vai conseguir... você chegou... de dia você chegou tendo uma bomba, vai ter bomba... é... banco, 14 horas o banco fechar, pessoa não consegue come, nada... tudo coisa bagunceiro na rua, nada, nada, nada.

Flavio: Com o Boko Haram vocês não conseguem fazer nada?

Amaigbo: Nada! Ano 2012, 2013, 2014 é problema de nigeriano. Eu chegar aqui ano 13... aí é problema, coisa pra vender que coisa você tenha... sai correndo, mas meu mãe está lá, Deus ajuda meu família muito.

Flavio: Você tem esposa e filhos lá na Nigéria?

Amaigbo: Ela tá..., mas ela tá em outra país agora... já separada, a gente tá separada, mas meu mãe tá lá... meu família tá lá, meu irmão tá lá.

Flavio: Você ajuda eles?

Amaigbo: Sim, eles me ajuda aqui também, quando eu não tenho dinheiro aqui ele manda de lá pra mim.

Flavio: Um ajuda o outro?

Amaigbo: É. Porque quando eu tá na Nigéria eu ajuda todo mundo. Flavio: Então você decidiu sair da Nigéria por causa do Boko Haram? Amaigbo: Sim.

Flavio: O que você sabia sobre o Brasil antes de vir?

Amaigbo: Eu conhecer Brasil pra jogo, quando eu era criança eu jogo... quando era Nigéria versus Brasil eu assistia... futebol! Lembrei (risos). Eu jogava muito, mas com o Boko Haram não jogar mais, eles não deixa.

Flavio: Nossa, até isso. Mas você torce para algum tipo aqui em São Paulo? Amaigbo: Corinthians (risos).

Flavio: Perfeito (risos). Então, Amaigbo, você decidiu vir ao Brasil por causa do Boko Haram, você recebeu alguma ajuda financeira? Ou você veio por conta própria?

Amaigbo: Pessoas me ajuda... ajuda, porque eu chegou no Lagos para começar a viver, então quando começou a matança saí, chegou no Lagos para viver direito, eu encontrou uma mulher, ela trabalhar.... ah... no coisa de visto, aí eu ajudei ela trabalhar no... área dela... trabalhar, trabalhar eu fala "eu precisar viajar porque muito pessoa" chego lá

paga, ela fala “qual país você quer ir” eu “Brasil”, “eu tem Brasil agora, você vai?” eu disse “vai, tá bom da visto para mim”, mas eu vai correr dos outros... meu irmão me ajuda. Com um pouquinho de dinheiro meu irmão, meu família me ajuda.

Flavio: Muito interessante, então a sua esposa te ajudou a vir ao Brasil.

Amaigbo: É... porque meu coração não tá lá mais, é bom... quando pessoa coração não tá legal ajude ele, faz ajuda dele.

Flavio: Que bom que as pessoas te ajudaram, isso significa que você é uma boa pessoa. Amaigbo: Foi Deus... sem Deus nada, com Deus tudo.

Flavio: Muito bom, como foi a sua viagem? Foi tranquila? Você veio de avião ou navio?

Amaigbo: Avião.

Flavio: Você fez escala em algum país? Amaigbo: Não... chegar aqui no Brasil direto.

Flavio: Qual trabalho você exerceu quando chegou aqui no Brasil?

Amaigbo: Eu já trabalhar muito trabalho aqui no Brasil; eu já trabalhar na 25 , eu tá no Brás, agora você vê eu tá aqui na 24 , loja também... tem dia que eu vai e madruga na 25... porque muita conta pra pagar... pagar aqui, pagar de casa... ajuda mulher também, porque mulher... tem mulher de brasileira.

Flavio: Você tem filho aqui no Brasil?

Amaigbo: Tem filha de... meu mulher tem filho brasileiro... cinco anos agora, a gente mora junto... tá feliz, todo mundo tá feliz. Ela também é meu amiga... é ela aqui (risos). Flavio: Então, você já começou a trabalhar na Rua 25 de Março, no Brás e em várias coisas.

Amaigbo: Isso.

Flavio: Certo, Amaigbo, como foi a sua adaptação aqui? Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, culinária, religião etc.?

Amaigbo: Eu já foi pouquinho em escola de português, tipo três meses só, mas eu não fica para pegar papel, entendeu? No mesmo mês eu viajar, é porque meu pai tá doente... meu vovô tá doente, depois ele morrer... agora papai já morrer também, meu pai já morrer ano 14.

Flavio: Qual foi a causa? Amaigbo: Deus que sabe.

Flavio: Você sofreu alguma dificuldade com a língua? Você se comunica bem com os brasileiros?

Amaigbo: Português é pouquinho difícil... eu falar inglês com brasileiro, eu falar português, eu falar Yorubá tudo coisa... ele dá risada e depois me ensinar é o moleque que me ensinar português.

Flavio: Então é a criança que te ensina português? Amaigbo: É... a Juliani... porque ela falar inglês também.

Flavio: Certo, mas você teve dificuldade com a língua? Ou ainda tem?

Amaigbo: É... graças a Deus agora eu conseguir pagar as contas em pouquinho e pouquinho... agora eu fala, pessoa... eu falar pouquinho, pouquinho, não é muito, mas eu sabe, eu enfrenta, eu vai tentar completa.

Flavio: Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na sua terra natal? Amaigbo: Eu falar com eles todo dia, quando eu chego em casa eu vai falar com meu irmão, pergunta “tá tudo bem?”, se viaja pergunta pra onde... todo dia eu falar com pessoa direto, eu mandar áudio, depois ele manda para mim... ele responde... sempre assim, ele me ajuda, eu ajudo ele... sempre; quando eu não tenho dinheiro aqui eu chamei ele, ele me mandar dinheiro aqui, quando eu tenho eu dá pra ele... somos unidos sempre, graças a Deus.

Flavio: Certo. Como você faz, Amaigbo, para manter seus costumes, sua religião e sua culinária aqui no Brasil?

Amaigbo: Eu sou cristão e foi na católica... eu sou católica, porque muita católica aqui só vai numa igreja, eu comecei a ir... a mesma igreja que católica faz aqui é igual na Nigéria.

Flavio: E a culinária? Você come de tudo?

Amaigbo: Eu sou brasileiro... eu sou brasileiro agora... eu sou pai de brasileiro. Flavio: Entendi, você come arroz, feijão, banana... como de tudo?

Amaigbo: Sim (risos).

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora? Amaigbo: Porque eu já escutava de São Paulo... São Paulo, São Paulo, São Paulo... Corinthians São Paulo, Corinthians São Paulo... meu irmão falar “tem Rio de Janeiro, tem São Paulo”...

Flavio: Em qual bairro você mora? Amaigbo: Guarulhos.

Flavio: Você sabe se existe alguma associação entre imigrantes nigerianos em São Paulo?

Amaigbo: Ah... Nigéria ajuda dos outros, a gente tá aqui e ajuda os outros... uma ajuda outro... não há associação... ajuda mesmo... não associação aqui pra ajuda, porque não é brasileiro que me ajuda eu levantar as cinco, sabe? Nigeriano que me ajuda... que eu faz, dá dinheiro pra eu... depois eu dá pra ele... a gente é unido, pessoa ajuda. Tá aqui... meu irmão tá aqui, quando eu chegar aqui você vai e se não souber você vai conhecer o seu irmão, já vai conhecer a sua ajuda... ele não vai deixar você... um levanta outro, sempre... sempre vida lá, seu problema a gente tem... política, política é um problema, ele vai falar “é...” que ele entrar, que ele faz tudo, que ele vai mudou, tá bom... quando ele entrar... você vai morrer, você fala “por que esse governo vai mandar polícia?”, polícia vai começar a matar pessoas na rua... não protesto, se você faz protesto morrer. Eu chegar aqui no Brasil, vir pro Brasil faz protesto... policial “você não vai quebrar coisas de governo”, é... assim, é assim que funciona.

Flavio: Você acha que aqui no Brasil é assim?

Amaigbo: Aqui funcionar bem... lá não, direitos humanos não funcionar lá... polícia matar pessoa. Política usa polícia para matar o povo, se você vai e fala, polícia vai lá e pah! Pessoa vai correr, outro vai correr... é foda.

Flavio: Amaigbo, você já sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil? Amaigbo: Ah... pessoa faz racismo e eu vai perguntar o porquê “você é o seu o que? A onde sua vovó chegou?”, “cadê...”, “eu sou nigeriano, eu sou Igbo, eu ter vovó, mas você tem o que? Você só é brasileiro, e sua vovó é o que?” porque brasileiro aqui é estrangeiro.

Flavio: Você tem razão, meu avô é português.

Amaigbo: Você viu? Porque eu já ouvi as histórias... é, você conhece a cultura lá, quando pessoa falar comigo, se eu falar com ele, o que ele não sabe eu falar por você também... você não sabe da onde você veio... quando vai perguntar pessoa má, eu não tenho coisa para falar com você... sempre, porque eu não tá pra brigar com pessoa. Eu já sofrer aqui no Brasil, mas eu deixa pra lá.

Flavio: Você conhece o grupo Boko Haram? Você pode falar sobre ele de novo, por favor.

Amaigbo: Só... Boko Haram só problema de... é... política... foi política que trouxe o Boko Haram, quando é... é... outra pessoa... Igbo fica presidente, pessoa quer mandar

zona norte, vai mandar Boko Haram pra lá... ah... da problema vai destruir a política dele, vai destruir o cargo dele. Essa política, política que deixa Boko Haram para lá... destruir Igbo e Yorubá... Igbo é católica... Hauçá usar Boko Haram para destruir tudo.

Flavio: Você acha que o governo Hauçá protege o Boko Haram?

Amaigbo: Ele protege, ele protege... ele que dá tudo pra ele, compra tudo pra ele. A onde o Boko Haram vai comprar arma? A onde ele vai comprar grande coisa? Pessoa aqui chegou no Chad, aqui é outra país, ele deixa entrar aqui... ele deixa pessoa entrar aqui, norte vai chegar e falar “matar pessoa aqui”... porque aqui muita pessoa tá... Yorubá, muita pessoa tá... não tem pessoa no norte.

Flavio: Amaigbo, você tem alguma coisa para falar? Algo que eu não te perguntei. Amaigbo: Obrigado, todo mundo, eu aprecio o Brasil... desde quando eu vim para o Brasil eu estou feliz, eu acredito que todo mundo pode ser feliz aqui. Agora eu tenho minha esposa, eu tenho minhas crianças; eu não tenho muito dinheiro, mas eu sou mais feliz do que de onde eu vim... porque todo mundo falando em “dinheiro, dinheiro, dinheiro”, você sabe, né? Eu acredito que eu tenho um caminho e eu me sinto feliz. Um homem pode trabalhar, quando você trabalha pode ganhar dinheiro, sem trabalhar sem dinheiro. Graças a Deus, obrigado Flavio.

Flavio: Eu que agradeço, Amaigbo. Eu tenho a sua permissão para utilizar a sua entrevista para fins acadêmicos?

Amaigbo: Sim, tem.

Flavio: Ok, obrigado. Terminamos aqui a entrevista com o Sr. Amaigbo, às 16 horas e 45 minutos. Muito obrigado, Amaigbo, você foi muito simpático. Obrigado por tudo.

Amaigbo: Eu que agradeço.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com a Sra. Zaria, aqui na Bibli-ASPA, no dia 05 de julho de 2022, às 12 horas e 30 minutos. Zaria, qual o seu nome completo?

Zaria: Mary Zaria Alaese Nwafor.

Flavio: Ok, o seu nome tem algum significado?

Zaria: Mary Zaria significa Maria milagre, Alaese é filha de rei e o Nwafor nome eu não sei, acho que vem do Igbo, é bebê de Nwafor.

Flavio: Certo, onde você nasceu? Zaria: Anambra.

Flavio: É um lugar legal?

Zaria: É um lugar maravilhoso, é um lugar Igbo; eu nasci em Anambra, mas eu sou de Enegu. Meu marido também é de Anambra.

Flavio: Por que você escolheu São Paulo para viver? Onde você mora?

Zaria: Ah, porque meu marido resolveu morar aqui e eu adoro o carnaval, a atmosfera que eu vi na televisão é ótima. Lindo! E a cidade é cheia de prédios altos; eu não fui no carnaval, mas eu fui em um festival onde os japoneses moram . Ah, eu moro em Santana.

Flavio: Quais são as suas memórias da infância?

Zaria: Não é muito interessante, porque... sabe, na Nigéria é diferente daqui, principalmente crianças meninas... meu pai era pastor evangélico, eu nasci na igreja... então... ah... era muita disciplina, se você se comportar mal... era isso para você manter o sentido (Zaria, mostrou as marcas que tem no braço).

Flavio: Meu Deus!

Zaria: Se você sair ou tiver amigos homens... meu pai dizia “Zaria! Com quem você estava?”. Mas no lugar que eu nasci em dezembro havia muitas coisas tradicionais... desfile mascarados, é um carnaval cultura... muito tradicional... danças.

Flavio: Você era feliz na Nigéria?

Zaria: Eu era feliz, meus pais estavam lá, meus amigos...a gente sai, nadava, se divertir! É isso.

Flavio: Seus pais estão vivos? Zaria: Sim.

Flavio: Ok, obrigado. Com o que você trabalhava lá?

Zaria: Quando eu terminei a escola secundária e eu fui professora de Educação Infantil; depois eu fui para universidade... aliás, universidade não, faculdade de educação, precisamente para lecionar. Eu terminei para pegar o certificado, mas... depois eu deixei a Nigéria... o curso era Psicologia Infantil, na Nigéria antes de você tirar o certificado você precisa passar por um processo de liberação, de escritório em escritório para checar se você pagou as mensalidades, se você não pagou tem que pagar. É estressante! Mas eu tô meio que... se eu tiver outra oportunidade eu posso estudar mais.

Flavio: Você pensa em estudar no Brasil?

Zaria: Ah, eu adoraria estudar aqui, mas a língua ou o idioma... é só em português, é impossível, é muito difícil; é só isso.

Flavio: Por que você decidiu sair da Nigéria?

Zaria: Ah... primeiro porque era meu desejo ficar com o meu marido aqui, segundo por causa da crise que está acontecendo lá... crise econômica... hum... Boko Haram, guerra... matam pessoas e queimam as casas deles... não existe homem bom, a polícia pega uma pessoa que se destaca no grupo e mata, queima as casas... eles cobrem a identificação... é muita violência. Mas o Boko Haram não é muito no meu estado é de Abuja pra cima.

Flavio: O que você conhecia do Brasil antes vir?

Zaria: Não muito... carnaval e futebol... antes do casamento eu não planejava em vir, eu não pensava que eu ia sair da Nigéria. Mas quando eu casei eu comecei a ouvir sobre o Brasil, quando ele fala português eu pensava... “ái... quisera eu aprender esse idioma”.

Flavio: (Risos). Por que você decidiu vir para o Brasil? O que te encorajou? Alguém te ajudou?

Zaria: Meu marido, por causa do meu marido, ele me ajudou. Flavio: Como foi a sua mudança para o Brasil?

Zaria: Jesus Cristo! Eu passei boas 11 horas no avião. Dorme, acorde, dorme, acorda. O Brasil é frio, eu achei que ia morrer de pneumonia (risos), sabe, na Nigéria não é tão frio... lá era só botar uma blusa e beleza, lá duas, três quatro... socorro! É um frio!! Muito frio! Frio! (risos).

Flavio: Qual atividade de trabalho você exercia quando chegou aqui? Por quê?

Zaria: Atividade? Nada. Eu precisei me matricular em uma escola de idiomas, que eu fiz aqui na Bibli-ASPA... português é muito difícil! (Risos). Uma palavra tem três significados, como eu vou saber o que vocês estão falando? (Risos).

Flavio: Como foi a sua adaptação? Você teve dificuldades com o idioma, comida e cultura?

Zaria: Ah, Jesus... eu não diria muito sobre os costumes... tradições... as que eu vejo eles vão muito a igreja católica, é mais recessivo do que outras igrejas, mas eu vou a igreja católica porque eu casei com um católico. Aqui no Brasil não tem a igreja que eu vou... ao meu lado existem três igrejas católicas, é muito grande, é muito popular... a comida, eu estou provando, é meio difícil, mas eu estou tentando as vezes. Na minha casa eu só como comida nigeriana, eu faço comida africana... eu prefiro comida nigeriana (risos).

Flavio: Qual é a sua relação com a sua família aqui no Brasil e na sua terra natal?

Zaria: Eu falo com os meus pais com frequências... meus irmãos, se eu tiver dinheiro eu tiraria um visto para eles porque a Nigéria não é segura. Ah! A minha mãe me liga todos os dias; eu sinto falta dela... eu sou a garota da mamãe... eu tenho muitos irmãos homens... eu sou a única menina, eu tenho três irmãos. Ah, eu sinto falta dos meus pais, meus irmãos... sinto muita falta... e nadar, se divertir, sair, ir para restaurantes. Aqui no Brasil todo mundo cuida da própria vida, foca na suas coisas, mas se você não fizer uma coisa legal todo mundo vai falar. Aqui é só ir para casa, dormir... só eu, meu marido, meu bebê... minha bebê que me faz companhia (risos).

Flavio: Entendi. Há alguma associação de imigrantes nigerianos em São Paulo? Você sabe se já existiu?

Zaria: Eu não sei, eu só conheço a Bibli-ASPA, Bibli-ASPA é minha casa. Flavio: Onde você mora, Zaria?

Zaria: Eu moro em Tucuruvi... minha vida é trabalho e casa. Flavio: Ok. Você sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo?

Zaria: Eu não sei, mas sei que são muitos... ah, existem muitos na Galeria Presidente, eu só fui uma vez lá. Lá tem muitos que falam o dialeto Igbo... os nigerianos são muito falantes e não gostam de lugares frios.

Flavio: Você já viveu algum tipo de racismo no Brasil? Zaria: Hum... mais ou menos... eu prefiro não comentar.

Flavio: Eu tenho a sua permissão para usar está entrevista para fins acadêmicos? Zaria: Sim, pode, mas meu nome pode ser removido.

Flavio: Você gostaria de dizer algo sobre política e religião na Nigéria? Alguma consideração sobre o Boko Haram?

Zaria: Sim, sobre políticas, nas eleições existem três candidatos poderosos; as pessoas que estão no poder são Hauçás, na Nigéria, como eu te disse antes, existem várias questões religiosas... o líder atual é Hauçá e muçulmano... ele é Hauçá, precisamente muçulmano... e... um dos candidatos é Igbo, o outro é Yorubá. O candidato Igbo foi governador Anambra, mas o povo Hauçá não quer ele; ele foi governador de Anambra, tem muito suporte, apoio, mas quem apoia ele é perseguido e morto... eu gostaria que ele ganhasse. Não importa a religião, não importa o que você cultua, mas para os Hauçás não é possível. O Boko Haram não é um grande problema na minha região, é mais ao norte... Kaduna... os Hauçás deveriam se matar!

Flavio: Você gostaria de falar algo que eu não perguntei?

Zaria: Ah... o Brasil é um lugar bonito, brasileiros são amigáveis... imagina você está grávida entra no trem e as pessoas levantam para você sentar! Na Nigéria não é assim; não Nigéria não usamos muito cartão, usamos mais dinheiro em espécie... nos oramos por uma Nigéria melhor.

Flavio: Você pensa em voltar para Nigéria?

Zaria: Por que eu faria isso? Só para ver meus pais, se eu tivesse dinheiro eu os trazia para cá, inclusive minha cabeça ficaria em paz... é de partir o coração. Outra coisa, na Nigéria se você coloca semáforo ninguém obedece, apenas se houver um guarda para orientar o trânsito, mas aqui se estiver vermelho todo mundo para... aqui todo mundo dirige com cuidado; lá não tem controle se você beber e dirigir... há muitos acidentes... ah... minha prima morreu em dezembro, dia 27 de dezembro, ele e meu irmão sofrem um acidente, foi uma colisão frontal e o outro veículo estava em alta velocidade, a pessoa estava bêbada. Os dois foram hospitalizados, meu irmão teve alta, mas ela estava coberta de sangue, continuou inconsciente, lutou muito... meu irmão ainda está recebendo tratamento porque ele tem dores no pescoço.

Flavio: Lamento pela sua perda. Acho que é só. Bom, acabamos de concluir a entrevista com a Sra. Zaria, às 13 horas e 10 minutos. Eu agradeço a sua participação, obrigado pelo seu tempo.

Flavio: Eu, Flavio Luiz Landim, estou começando a entrevista com o Sr. Modakeke, aqui, no centro da cidade de São Paulo, no dia 11/07/2022, às 13 horas e 10 minutos. Qual o seu nome completo?

Modakeke: Meu nome é Modakeke. Flavio: Qual o significado do seu nome?

Modakeke: Modakeke significa grande conselho. Flavio: Quando você nasceu?

Modakeke: Ah... 12 de novembro de 1980. Flavio: Ótimo, onde você nasceu, Modakeke?

Modakeke: Ah... o meu cidade onde eu nasci se chama Akokwa... Akokwa é um pequeno cidade que tá num... um... local que se chama Ideascor, estado Imo, que originalmente era Biafra, mas hoje em dia chama Nigéria. Nigéria que domina porquê... eles conseguiram, conquistaram e tomaram o controle de todo lugar.

Flavio: Entendo. Que lembrança você possui da Nigéria?

Modakeke: Hum... o meu lembranças de todo dia é... o sangue que estão correndo nas ruas todo dia... essa que eu lembra quando eu vi no Nigéria o que eu vê é as pessoas que estão... se não estão morrendo, tá morrendo e ninguém está para ajudar ou para melhorar... isso meu visão que eu ver na Nigéria. Se tem outras coisas? Tem. As pessoas têm, os grupos também que estão... comendo, que estão vivendo, que estão jubilando, mas são as maiorias das pessoas que eu conheço estão morrendo ou já morreu ou tá no preso ou não tem para comer.

Flavio: Isso atualmente?

Modakeke: Esse segundo que tá acontecendo. Flavio: Ok, com o que você trabalhava lá?

Modakeke: Eu começar com um aprendizagem de... é... vendas e compras e eu graduar para importação e exportação também e... e eu entrar na agricultura, fazer um granja e outra... como chama? Ah... artes em geral.

Flavio: Certo, você trabalhava com muitas coisas lá, né. Por que você decidiu sair da Nigéria?

Modakeke: Então, esse não foram decisão que eu tomar um... só para sair da Nigéria; Nigéria eu já chegar num lugar no meu vida profissional que eu consegui sair quando eu quiser e entra quando quiser, mas para mim saiu finalmente vir para o Brasil foi algo que eu maioria de tempo eu gosta disso, que se eu gosto de não lembrar, não pensar porque traz muita dor... eu tava preparando pra vem no Brasil só para desfrutar, para conhecer o carnaval do Rio de Janeiro e fizeram todo preparado... mas se chega um choque pessoal de vida pra mim que... hum... derrubaram tudo, destruíram tudo meu ponto de vista de vivencia, de ser humano... e... eu decidir só sair da Nigéria, não importa onde eu vai, só sair! E com sorte eu já tenho visto do Brasil no meu documento, eu saiu... vem aqui e não consegui sair mais, não é que não consegue sair mais, mas não tem vantagem de sair, não tem vantagem de volta pra casa... essa vontade não existe no meu coração e o real é que eu quero voltar, mas não dá pra voltar... não dá pra voltar porque maioria das pessoas que eu conheço e as pessoas que estão conectado com... são mais requerido no país e não é porque eles fizeram algum crime ou fazer algo mal contra ninguém, mas porque eles querem que o mundo saiba que estão acontecendo no Nigéria, que muitos poderosos do mundo não querem que ninguém saibam; então se ir vem a ser muito perigoso... para voltar, para viver... até o mundo inteiro está enxergando que a gente não tá salvo em nenhum lado mais, porque as pessoas que

deixaram que a gente sair do país tá crescendo em poder agora e pode entra nos países do mundo e fizeram o que eles quiseram e ninguém tem poder para parar eles.

Flavio: É muito difícil isso. O que você, Modakeke, sabia do Brasil antes de vir? Modakeke: Não muito, mas eu sabia que o Brasil tem muito bem jogadores de futebol (risos), eu sabe que o Brasil é top do mundo e também o Brasil tem samba e gosta de dançar... eu gosto de dançar também (risos). O Brasil é bem combinado.

Flavio: (Risos) muito bom. Por que você decidiu vir para o Brasil você já falou... o que te incentivou? Você recebeu alguma ajuda financeira?

Modakeke: Não... não. Eu já mais ou menos... eu... eu... eu estar independente suficiente e naquele momento, não é mais, mas (risos) eu podia ir pra onde eu quiser, quando quiser e naquele momento eu já tenho... tava planejando para visitar o Brasil, só desfrutar a cultura do Brasil... já tem o visto no momento que eu precisa sair, então era muito fácil pra mim... pra sair e não olhar pra trás.

Flavio: Entendo. Como foi a sua viagem? Foi tranquila?

Modakeke: foi muito tranquilo... o meu chegamento aqui no Brasil era muito suave... muito com abraço aberto, isso que eu sentir no momento que eu descer aqui. Eu chegar no Rio de Janeiro e não conhece ninguém, não sabe ninguém, não tem contato de ninguém, mas eu ver algumas africanas lá no Rio quando eu chegar... gastar um ou dois dias lá e eles me falaram que tem o... população africano mais aqui no São Paulo e tem lugares pra comer comidas africanas... então tudo bem eu vou, to aqui pra conhecer o país (risos). Vai aqui no São Paulo e realmente eu encontrar muitas belezas que me deixaram não voltar... que vai ser o meu caso (risos).

Flavio: Ok. Que atividade de trabalho você exerceu ao chegar aqui?

Modakeke: Ok... eu fizeram... maioria mexer no... como chama... restaurante, porque é o ponto de encontro, era mais fácil para mim encontrar as pessoas como eu e também eu... não é trabalho, mas me voluntaria pouquinho na igreja também... só essas coisas antes. Eu também entro na escola, não tenho muito tempo mais para... correndo atrás desses serviços... ah... livres, então eu focar em estudar e...

Flavio: O que você está estudando?

Modakeke: Atualmente eu estou estudando Finanças Centralizadas, essa é uma... tem a ver com bloco de tecnologia financeira.

Flavio: Perfeito, parabéns. Você sofreu alguma dificuldade com os costumes, culinária ou com a religião?

Modakeke: Não, realmente não, porque tem... sempre tem opção de comer comida africana, as comidas que eu já tenho acostumo com... então comidas brasileiros foram é... como... tá eu vou aproveitar e ver como é (risos), então eu fui comer como aventura... experimentar... não tem limitação de nada.

Flavio: Certo. Modakeke, você sofreu alguma dificuldade com a língua?

Modakeke: Quando eu chegar não sabe nada, não sabe como falar, não sabe nada, então eu ficar calado (risos). Não tem o que fala e maioria não entende inglês então... tudo o que eu quero falar tá no meu cabeça e não sei como... foi um pouco difícil, até eu conseguir entrar numa escola é... Senac através do Sesc eu fazer meu primeiro modulo de português e depois desse eu consegui pelo menos falar “oi, tudo bem? Meu nome é” (risos)..., mas isso foi devagarzinho.

Flavio: Mas hoje você se comunica bem?

Modakeke: Pelo menos eu posso expressar um pouco... eu sei que eu não falar como brasileiro e alguém pode ter um pouco de dificuldade pra me entender, mas eu acho que eu posso, pelo menos passo uma informação.

Flavio: Qual o seu relacionamento com a sua família aqui no Brasil e na Nigéria? Modakeke: Aqui mesmo no Brasil não tem a... o meu família de família, mas tem pessoas que vem do mesmo lugar, mesmo comunidade que eu venho, a gente tá aqui como família também, juntos aqui... um ajuda o outro aqui, aqui temo uma organização, uma união e lá na Nigéria eu só... como eu conseguir falar com eles através do WhataApp, chamadas e só esses tipos de comunicação que temos e nada mais. Então, as vezes eu não tem coragem de falar com eles... porque eles querem me ver, eles querem... eles querem muitas coisas que eu não posso dar para eles agora e aquele momento que eu falar pra ele que... é como... ah... a gente estamos perdendo momento de ficar juntos e sermos feliz, mas...

Flavio: Você tem outros irmãos?

Modakeke: Eu tenho outra irmã, ela tem filhos também, tenho irmão e ele também tem filhos... tem primos, tem bastante família, muito. Eu ter mais uma mais nova que eu, eu não sou o mais velho.

Flavio: Ok, como você faz para manter a sua língua, religião e a culinária? A culinária você disse que vai nos restaurantes africanos.

Modakeke: Ok, ah... eu nasci no igreja católica, eu fazer o batismo, receber comunhão com formação da igreja católica e sair... não é que saiu, mas eu começar a buscar mais

espiritualidade; até chegar na evangélica, fazer um tempos com os evangélicos, mas eu continuar buscando, porque não sei, tem algo em mim que diz que a nossa espiritualidade não começa e acaba na igreja, tá dentro de nós mesmo, cada uma tem que buscar o que é... o que realmente significa ser o humano. Então eu acho que para... na verdade, para mim chegar aqui no Brasil ver muitas coisas diferentes, especialmente as coisas espiritualidade; não necessariamente precisa ir à igreja ou... ou religião organizada para manter a espiritualidade. Então, o que eu faz agora é eu tenho a minha espiritualidade, mas também eu tenho manter o meu relacionamento com essas organizações, igrejas que eu já frequentaram... eu aumentar o relacionamento com eles, vem de vez em quando para igreja católica, de vez em quando para evangélica, de vez em quando... (risos). Nada específico, mas sempre mantendo a minha espiritualidade aqui no coração.

Flavio: Por que você escolheu a cidade de São Paulo para viver? Onde você mora? Modakeke: Eu mora aqui no centro e na verdade eu não tenho opção de escolha, no começo eu chegou no Rio... ok, tem outro lugar melhor, eu vou conhecer lá... e vai lá... ah, e São Paulo era top e eu encontrar as pessoas aqui também que pelo menos tem alguns minutos para escutar. Foi esses que me fizeram ficar aqui e também como eu começo a estudar... eu não tenho a opção, fica incompleto o meu estudo. Eu já também visitei alguns estados no Brasil, mas nada deles me faz sentir... minha casa como São Paulo, então não importa onde eu fui, eu sempre retorna aqui (risos). Eu gosto muito... eu já viver em outras prefeituras, morar em Guarulhos, morar no... a... Guaianases também, mas sente mais em casa aqui no centro.

Flavio: Perfeito. Existe alguma associação entre os imigrantes nigerianos em São Paulo?

Modakeke: Sim, existe, tem a... tem organização, eu sou parte da nossa região... Imo State Association e também tem a Nicom .

Flavio: E você faz parte de qual? Modakeke: Todas dele, faço parte de todas. Flavio: Onde fica essas associações?

Modakeke: Estamos no centro aqui também... nós temos reuniões na Avenida Ipiranga. Tem vários associados, um deles é de nossa região e o outro do nosso estado lá na Nigéria; como a gente tá aqui no Brasil formamos um reunião do estado e da região também... e também outras organizações que eu fez parte... eu sei que tem muita gente

que não conhece, ah, eu também sou parte da IPOB , é uma organização aqui também que está na luta.

Flavio: Entendi, claro que fica próximo a Galeria Presidente.

Modakeke: A Galeria Presidente é uma dos primeiros edifícios que deixar os nigerianos tem espaço deles também; e ali tem muitas coisas, tem tudo... até comida nigeriana, você pode comprar qualquer coisa, é muita coisa ali. Ali tem pessoas como eu também que chegar aqui no Brasil sem noção de nada, que estão tentando... não sabem como e onde vai, como vai chegar. Então, ali é como centro de encontro, tá no centro e está perto de todo mundo, é onde todo mundo pode chegar, qualquer pessoas que está indo, não importa onde está indo ali e, mais ou menos, a gente sente como... segunda casa, é onde pessoas pode chegar e fica... Tranquilamente, não importa se tem algo, se tem loja ou não tem loja... pode ficar até quando quiser, quando quer sair, ninguém perturba.

Flavio: Entendi, é um lugar onde você se sente em a vontade. Modakeke, você sabe quantos nigerianos vivem em São Paulo?

Modakeke: Realidade? Não tem número defino, mas eu sei que tem bastante nigerianos aqui, se contamos bem... eu creio que passamos cinco mil pessoas. Passam. Tem muitas pessoas, a maioria estar no meio... não quero qualquer tipo de interação com os nigerianos que está aqui por vários motivos, mas tem bastante que não saí, que não junta com os nigerianos que se encontram.

Flavio: Mas quando vocês se encontram vocês gostam de conversar?

Modakeke: Sim, tem muitas coisas para conversar, tem muita coisas para reunião, mas também tem muitas como... a gente tem muitas problemas lá na Nigéria que nos afetam aqui no Brasil, mas a realidade é que a maioria que está aqui está fazendo o melhor possível para que as poucas coisas que nos dividiram não ser a maior parte de nossa vida, mas buscamos o que nós reunimos para poder formar pelo menos uma comunidade que... que vai conseguir resolver os problemas, porque nós nigerianos aqui também enfrenta vários problemas...

Flavio: Certo, Modakeke, você acha que a maioria que está aqui em São Paulo é Igbo ou Yorubá?

Modakeke: Maior... mais ou menos pode ser... entre Yorubá e Igbo... mais ou menos uma pode ser mais que o outro, mas não tem muita diferença. Estamos... a gente rirmos juntos (risos).

Flavio: Ok. Agora uma pergunta meio chata, você sofreu alguma experiência de racismo aqui no Brasil?

Modakeke: Na verdade, eu não sei, eu posso sofrer, mas não sei o que é... uma, eu não anda buscando quem vai me ofender ou esperando que alguém vai me ofender, se eu sei que tem várias maneiras de ser humanos na rua e qualquer coisa pode acontecer, mas esse não é o meu foco. E também eu não dá bola pra nada... não importa, pode pensar o que quiser sobre mim, isso não importa para mim... o mais importante para mim, o que eu pensa sobre mim, sobre ser humano. Então... ah... não, não percebe nada, alguém pode até tá fazendo, mas tá fazendo pra ele, eu... pra mim não.

Flavio: Ok. Modakeke, você falou que conhece o Boko Haram, né. Você poderia comentar algo sobre esse assunto?

Modakeke: Ok, Boko Haram é um grupo de religião e política, eles... o principal que eles estão querendo é para ter um país que concorda com os princípios muçulmanos, que chama Sharia , eles querem que a lei Sharia seja a lei principal que governa tudo, esse é o objetivo deles e porque eles estão brigando, matando e fazendo violência e tudo; eles querem colocar a lei Sharia para todos. Eles não estão fazendo sozinhos, eles tão com ajuda e proteção de muitas pessoas em política; o presidente da Nigéria atual... Flavio: Qual é o nome dele mesmo?

Modakeke: Muhammadu Buhari , ele foi um ditador na época de 1983; e quando o Boko Haram estava negociando com o governo anterior, que foi o governo do presidente Goodluck Jonathan , o Boko Haram chamar alguém para representar eles em negociação com o governo e ele chamaram Muhammadu Buhari, esse é o presidente atual que representa eles. Ok, na semana passada o Boko Haram chegar na capital da Nigéria que é Abuja e eles conseguiram entrar no... a... na prisão e libertaram mais de

300 pessoas, membros deles... ninguém fez nada; até hoje ninguém foi preso, foi capturado... até esse minuto que falamos, se ligarmos Nigéria agora aposto... sabe, quantas pessoas já foram matadas pelo Boko Haram. Agora não é só Boko Haram agora, tem o ISNA (Islamic State North African) , eles agora estavam tentando tomar o controle... eles não estão só brigando para tomar porção na Nigéria, eles agora querem tomar todo ocidente da África Ocidental... todo África Subsaariana, eles tão... eles já tem armar, tem pessoas poderosas, tem toda a riqueza da Nigéria para conquistar todo resto da África. Não tem só eles, tem o Fulani Handyman é... é o membros de tribos do presidente da Nigéria, eles é... como... eles... o esquadrão antiterrorismo do EUA

colocaram o Fulani Handymans como... eu acho que o terceiro mais perigoso do mundo. Então, agora temos o Boko Haram, tem ISNA e tem Fulani Handymans, tudo atuando... não só na Nigéria agora, está atuando em todo oeste da África.

Flavio: Os três são de origem muçulmana?

Modakeke: São muçulmano, todos. Eles estão acoberto por exército, presidente... Flavio: E a classe empresarial?

Modakeke: Ok, Nigéria tem a... esse tipo de... monopólio de... por exemplo toda semente que entra na Nigéria vem através de uma pessoa e Nigéria tem população de 200 milhões de habitantes e só uma pessoa que pode trazer... muitas coisas que foram, colocaram na mão de indivíduos e esses indivíduos maiorias deles são de monopólio. Muito problema que a Nigéria tem, poucas famílias dominam as riquezas do país.

Flavio: Entendo, muita corrupção também.

Modakeke: Essa é corrupção geral porque se você não trabalha ou... ou recebe através deles eles vai fazer tudo para se não corromper e se tirar da posição, todo dinheiro tá na mãos deles, todo... todo e nós sofremos.

Flavio: Sofrem com tudo, como educação...

Modakeke: Ok, agora você falar sobre educação, lá na Nigéria a instituição como a USP e universidade de todo país mais de um ano a estudante não está estudando porque eles não pagam para os professores, isso já aconteceu no... no... desde anos passados, eles gastam mais de seis ou sete anos sem estudos, com questão de condições dos professores por não receber pagamento; também universidade é caro... nada, nada é livre.

Flavio: Saúde também não?

Modakeke: (Risos) Se alguém tem acidente ou qualquer coisa acontecer, está sangrando para morrer se não paga ninguém vai tratar... horrível. Aqui no Brasil pelo menos tem Primeiro Socorros, tem saúde pública, tem tudo isso... todo mundo tem direito de saúde. Ok, eu vou falar uma coisa e vê se você pode compreender como é, aqui no Brasil todo mundo, até o bebê que nasce hoje tem CPF, esse é maneira para o governo um sabe quanto são a população e quem é quem, quem recebe o que, quem tem o que, quem precisa do que, tudo esses programas de cestas básicas, todo foi controlado através de CPF. Então, lá na Nigéria não tem nada como CPF, ninguém tem, ninguém tem nenhum tipo de identificação, nasce e morre e ninguém toma conta de nada...

Flavio: Nossa, como vai saber sobre a população assim?

Modakeke: Eu me pergunto isso. Nigéria como país foi fundado para governar as pessoas que encontraram no território que chama Nigéria, Nigéria foi formado para ser empresa dos outros, Inglaterra que vem para colonizar. Então, até hoje nada parece deliberadamente construção de sistema de governança... qualquer pessoa que tentar faz qualquer coisa para cambiar a situação, se não tá morto, tá preso, ou tá... um país tão rico... não tem tipo de riqueza que encontra no planeta terra que você não vai encontrar na Nigéria. Petróleo, gás, tudo... ouro, comida, até as pessoas, ser humanos que podem resolver problemas, que podem pensar. É novo... todo que esses... ah... desgoverno é para que o sistema de escravo contínua de outra maneira; se é pra fazer que as pessoas com inteligência deliberadamente decidem deixa o país. É jogo que eles fazem.

Flavio: Muito interessante e triste. Modakeke, você gostaria de falar sobre alguma coisa que eu não perguntei?

Modakeke: Ok, olha, Brasil eu acho que tomar uma posição no mundo que pode ser por causa de tipo de ser humano que encontrar no Brasil, pode ser como Deus ou Criador de tudo deixar no começo, para que o Brasil seja um país que não tem guerra com ninguém e não ser inimigo de ninguém no mundo hoje em dia, e ninguém tem muita coisa para acusar o Brasil sobre. Então esse é um posição que não é comum no mundo e eu acho que a esse é hora para Brasil levantar... e olha não é só interior, não é só aqui no Brasil, mas ver como pode influenciar o mundo para ser pelo menos mais um pouquinho mais feliz, um pouquinho mais divertido. Essa cultura de felicidade, de aberto que tem no Brasil eu acho que já é hora para chegar esse para outros países, isso só acontece se o Brasil toma decisão para olhar bem os países do mundo, especialmente na África, nos países africanos, o que está acontecendo lá e como pode ajudar a melhorar a situação. Porque eu sei que o Brasil pode sim, se tentar pode... até em questão de segurança... segurança é o mais problema da África hoje em dia e qualquer país, qualquer pessoa, qualquer organização que conseguir qualquer maneira para atrair segurança para África acho que ganharia muito mais. Cabe o mundo mudar o mundo para o bem, eu sei que o Brasil pode fazer, mas não vai fazer se não prestar atenção se não olha. Então, eu estou pedindo para o Brasil olhar mais o que está acontecendo na África e ver como pode melhorar.

Flavio: Espero que assim seja. Modakeke, eu tenho a sua permissão para utilizar essa entrevista para fins acadêmicos?

Modakeke: Sim, por favor. (Risos).

Flavio: Então terminamos aqui a entrevista com o Sr. Modakeke às 13 horas e 55 minutos.

Modakeke, muito obrigado por tudo.

Modakeke: Por nada.